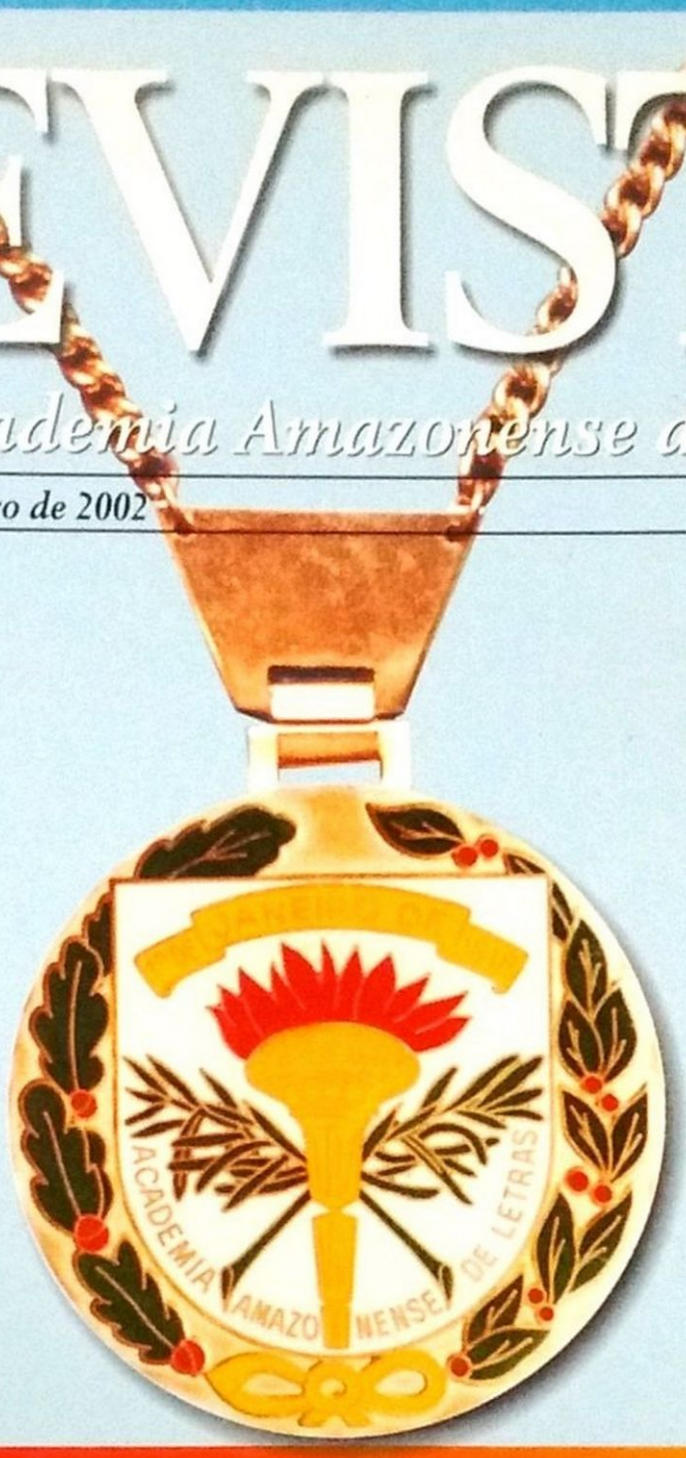
REVISTA

da Academia Amazonense de Letras

Ano LXXXIV - Novembro de 2002 Nº 24
Manaus Amazonas



Neste número

Alencar e Silva
Almir Diniz
Antonio José Souto Loureiro
Arlindo Porto
Armando de Menezes
Áureo Nonato
Carmen Novoa Silva
Cláudio Chaves
Dom Luiz Soares Vieira
Elson Farias
Francisco Gomes da Silva
Jorge Tufic
Lafayette Carneiro Vieira
Mário Ypiranga Monteiro
Max Carphentier
Moacir Andrade
Newton Sabbá Guimarães
Robério Braga
Ruy Alberto Costa Lins
Samuel Benchimol
Tenório Telles
Thiago de Mello

Colaboradores

Admilton Pinheiro Salazar
Almino Affonso
Renan Freitas Pinto

Quadro de Membros Efetivos da Academia Amazonense de Letras

Cadeira	Patrono	Titular
01	Pericles Moraes	José Bernardo Cabral
02	Euclides da Cunha	Moacir Andrade
03	Gonçalves Dias	vaga
04	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
05	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
06	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
07	Maranhão Sobrinho	Paulo Herban Maciel Jacob
08	Torquato Tapajós	José Jefferson Carpinteiro Peres
09	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Verissimo	vaga
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Jauary Guimarães de Souza Marinho
14	Barão de Sant´Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Áureo Nonato dos Santos
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	vaga
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Sousa	Joaquim de Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	Áderson Pereira Dutra
25	Araújo Lima	Gebes de Mello Medeiros
26	Rui Barbosa	Oyama César Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	vaga
28	Aníbal Teófilo	vaga
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	Ruy Alberto Costa Lins
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermanno Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamim Lima	vaga
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	Waldemar Baptista de Salles

REVISTA

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXIV - N.º 24
2002

Diretoria da Academia Amazonense de Letras - 2002-2003

Max Carphentier Luiz da Costa
Presidente

Jauary Guimarães de Souza Marinho
Vice-Presidente

José dos Santos Pereira Braga
Secretário-Geral

Gebes de Mello Medeiros
Secretário-Adjunto

Armando Andrade de Menezes
Tesoureiro

Arlindo Augusto dos Santos Porto
Tesoureiro-Adjunto

Áderson Pereira Dutra
Diretor do Patrimônio

R E V I S T A
D A
AC.ADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Ano LXXXIV - N.º 24
2002

Sede Própria: Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefax: (92) 234-0584
CEP: 69.010-120

Manaus - Amazonas
2002

Copyright © 2002 Academia Amazonense de Letras

Coordenação Editorial
Almir Diniz de Carvalho

Capa e ilustrações
Marcos de Paula

Assistente Administrativo da AAL
Antonio Norberto Urtiga

Acompanhamento Editorial
Editora da Universidade Federal do Amazonas - EDUA

Dados Internacionais da Catalogação
na Publicação

Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 84, n. 24,
2002. - Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2002.
v.: il.: 25 cm

1. Literatura - Periódicos

CDD 805 CDU 82(05)

Academia Amazonense de Letras
Fundada em 1° de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil
Sede: Rua Ramos Ferreira, n. 1009
Telefax: (92) 234 0584
Cep: 69010-120
Manaus - Amazonas - Brasil

Ao Leitor

A *Revista* vem cumprindo com brilho sua meta de divulgação do pensamento acadêmico. De congêneres e outras instituições culturais do País chegam-nos aplausos como os da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que nos cumprimentou "pela excelente revista com variados e substanciosos temas além do texto de fino lavor literário." A poesia, o conto, a palavra das posses, toda a vestimenta das letras integra com fervor esse *corpus* dileto em que a Academia se expande.

Esta edição guarda páginas de especial significado. Estávamos já na fase final de revisão, quando falece, na manhã de 05 de julho, o Professor Samuel Benchimol, que havia pouco tomara posse na Cadeira nº 11. Publicamos o seu discurso, proferido com a firmeza da serenidade na irretocável noite de abril. Thiago de Mello, a quem coube a honra de recepcioná-lo, destacou-lhe os contornos da personalidade e da obra, coroando o granito. A Academia chegara a tempo de recolher algo da duradoura herança de um dos mais excelentes cientistas sociais de nosso tempo.

Neste número, a *Revista* se desdobra e avança com a seção dos Colaboradores, em que recolhemos as contribuições inaugurais de Admilton Salazar, Almino Affonso e Renan Freitas Pinto. O Professor Salazar, Pró-Reitor da UEA, disseca as raízes do capitalismo. Renan, destacado mestre da UFAM, revisita a distinta contribuição cultural deixada por Djalma Batista. Almino, político amazonense de projeção também em São Paulo, conta-nos uma passagem de articulação criativa que teve com Oscar Niemeyer. Assim a Academia fortalece o diálogo com as Universidades e começa a romper a muralha das águas.

Mais de uma dezena de cultores das letras e da ciência estão aqui, em páginas que vêm do território das Musas, dos serões incansáveis, pela beleza da terra e pela verdade dos homens. Nossos leitores, que se concentram nos colégios, nas bibliotecas, nas cátedras, hão de encontrar neste veio um suplemento edificante de realidade, de pensamento e de vida.

Max Carphentier
Presidente

Sumário

Memória

Moacir Andrade - Manaus - Seus Clarins e Carnavais 1
Cláudio Chaves - Partiu o Estadista 5

Palestra

Tenório Telles - Carlos Drummond de Andrade - O Anjo Cético e o "Sentimento do Mundo" 6

Artigo

Arlindo Porto - Águas Assassinadas 11
Armando de Menezes - Ascensão Cultural 13
Jorge Tufic - Jáder de Carvalho - Cem Anos 17

Crônica

Carmen Nóvoa - A Avenida 19
Almir Diniz - As Bodas de Ouro da Poética de Thiago de Mello 21
Cláudio Chaves - O Dia Internacional da Mulher 23

Conto

Elson Farias - O Comprador de Novilhos 25

Ensaio

Newton Sabbá Guimarães - Eugênio D'Ors - Filósofo e Artista - Uma Apresentação à Tradução do Livro "Oceanografía del Tedio" 28

História

Arlindo Porto - A Revolta de 1924 34

Direito

Lafayette Vieira - Os Dez Mandamentos do Magistrado 36

Poesia

Alencar e Silva - Hino à Santa Luzia 38
Almir Diniz - Segredos 39
Invenções 40
De Pégaso pela Astralidade 41

Mário Ypiranga Monteiro - Rio Amazonas 42
O Louva-a-deus 43
Natal 2000 44
Tebaida 45
Áureo Nonato - Triste Narração 46
Carmen Novoa Silva - O Agosto de Meus Anos 48
Jorge Tufic - Cotidianos & Noturnos de Belo Horizonte 49

Discursos Acadêmicos

Samuel Benchimol - Discurso de Posse 53
Thiago de Mello - Discurso de Recepção 59
Antônio José Souto Loureiro - Discurso de Posse 65
Francisco Gomes da Silva - Discurso de Recepção 85
Tenório Telles - Discurso de Posse 91
Ruy Lins - Discurso de Recepção 98
Cláudio Chaves - Discurso de Posse 110
Robério Braga - Saudação Acadêmica 116
Dom Luiz Soares Vieira - Discurso de Posse 120
Max Carphentier - Discurso de Recepção 128

Colaboradores

Admilton Pinheiro Salazar - Contexto Histórico do Desenvolvimento das Forças Produtivas 135
Almino Affonso - Niemeyer e a Paixão da Leveza 140
Renan Freitas Pinto - O Pensamento Social de Djalma Batista 144

Noticiário Acadêmico 153

Manaus - Seus Clarins e Carnavais

Moacir Andrade

Até mais ou menos 1950, Manaus se orgulhava de ser uma cidade tranqüila, limpa e ordeira. E não havia, na época, a atual Zona Franca de Livre Comércio com os mortíferos alto-falantes instalados em automóveis, ônibus, caminhões e até em bicicletas, azucrinando os ouvidos e a paz do povo manauara.

Naquele tempo, a cidade só dispunha, para chamar a atenção e o interesse da população, das sirenes do *O Jornal* e *Diário da Tarde* e, também, essa popularíssima e requisitada figura do corneteiro, recrutado pelas casas comerciais, industriais, clubes recreativos, comícios políticos e outras promoções e eventos que necessitassem de grandes concentrações públicas, como era o caso do carnaval. Havia em Manaus uma pequena população desses simpáticos profissionais, egressos dos batalhões do 27.º BC e da Polícia Militar do Estado do Amazonas, que constituíam as suas bandas marciais, compostas de magníficos corneteiros que, ao darem baixa do serviço militar, iam emprestar suas atividades a particulares.

Por volta de 1937, quando a *Casa da Sorte*, situada na Av. Sete de Setembro, contígua ao edifício do BASA, com a finalidade de vender bilhetes da Loteria Federal, foi contemplada com o grande prêmio de Natal, o fato, de repercussão nacional, teve as suas comemorações transformadas num grande carnaval de rua, que percorreu, com muito barulho e animação, as principais artérias de Manaus. O evento foi prestigiado por uma eclética multidão de pessoas de todas as classes sociais, principalmente crianças, liderada por uma enorme boneca de papel e vime denominada *Tia Rosa*, já famosa em Manaus pelos desfiles que realizava. Tempos depois, foi parar na sede do Olímpico Clube, quando este era ainda instalado num velho edifício situado na esquina da Av. João Coelho com a rua Leonardo Malcher, antiga propriedade e sede do Clube Alemão, abandonada pelos seus sócios durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945).

Já de propriedade do Olímpico Clube, essa enorme e singular boneca passou a chamar-se Kamélia, símbolo da folia olímpica, só aparecendo nas vésperas dos grandes acontecimentos tradicionais ou inaugurando a quadra carnavalesca patrocinada pelo clube dos cinco aros, mas, agora, devidamente instalada num enorme caminhão todo decorado com motivos momescos.

Pois bem, naquele dia, além da *Tia Rosa*, que chamava a atenção sobretudo da garotada, cujo séquito engrossava à medida que ia passando, desfilavam à frente da multidão três ou quatro pares de exímios corneteiros, que sopravam galhardamente seus clarins, instrumentos de metal amarelo bem tratados, excelentemente polidos para essas exibições públicas, que até pareciam de ouro. Naquela manhã do desfile, sem dúvida um dia de festa para a provinciana capital e sua população limitada pela linha do bonde circular, que não ia além do Reservatório d'Água do Mocó, no bairro da Vila Municipal, mais co-

nhecido como Adrianópolis, em homenagem ao médico humanitário e intelectual Dr. Adriano Jorge, começava o renascimento do carnaval.

O desfile promovido pela *Casa da Sorte* era assunto gordo para os jornais de Manaus, entre eles o *Jornal do Comércio*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*, todos situados na Av. Eduardo Ribeiro. O *Jornal do Comércio* e o *Jornal*, eram matutinos, enquanto que o *Diário da Tarde* e a *A Tarde* eram vespertinos. O vespertino *A Tarde*, de propriedade do jornalista Aristóphano Antony, era o único veículo de comunicação escrita que mantinha uma belíssima coluna social, escrita pelo próprio Aristóphano que, naquela época, era presidente do Atlético Rio Negro Clube, o mais importante clube da cidade.

Ficaram inolvidáveis as monumentais festas de segunda-feira de carnaval, com seus clarins que animavam os foliões a partir das vinte e duas horas, cujo acontecimento, eminentemente social com fantasias de luxo e trajes a rigor, era registrado pela *A Tarde*, a partir da quarta-feira de cinzas. A redação e a oficina desse importante vespertino eram instaladas na rua Henrique Martins, esquina com a Lobo D'Almada. O *Jornal* e o *Diário da Tarde*, de propriedade da empresa Archer Pinto, mantinham uma lousa pendurada na parede da frente do edifício, para registrar os fatos mais importantes que vinham de outras parte do país, através do telégrafo.

Quando a Segunda Grande Guerra estava no auge, e os alemães puseram a pique o navio de propriedade da empresa *Loide Brasileiro*, *Baipendi*, a primeira vítima deste país, a notícia explodiu em Manaus como uma bomba. Anunciada pelo *O Jornal*, através de uma sirene instalada à frente do prédio, que tocava em alto som, chamando a população para ler o que estava escrito na tabuleta, convidava os leitores a comprar o jornal do dia seguinte, que traria detalhes do lutuoso fato. Essa sirene teve os seus dias de glória durante a guerra, principalmente a partir de 1940, quando a Alemanha iniciava as *grandes* invasões contra os pequenos países da Europa.

Nas ocasiões das liquidações de mercadorias nas casas comerciais, que exibiam preços abaixo da concorrência, o acontecimento era divulgado através de uma faixa esticada transversalmente à frente das respectivas lojas e, ainda, por corneteiros fantasiados de palhaço, que mostravam orgulhosamente todo o seu potencial de artistas do som, chamando os possíveis consumidores. Havia corneteiros que floreavam tão bem os seus instrumentos que, em conseqüência, reuniam multidões à frente das lojas, só para ouvi-los e aplaudi-los. Uma das casas comerciais, que anunciavam sua mercadoria através dos corneteiros, era a Casa 22 Paulista, ainda hoje existente, situada na Av. Sete de Setembro, esquina com a Rua da Instalação. Essa empresa comercial, um dos mais antigos e preferidos magazines de Manaus, não relaxava a permanência de bons corneteiros à porta de suas casas, todos os dias da semana.

Os comícios políticos organizados a partir de 1945, logo após a queda da ditadura de Getúlio Vargas e o fim da Segunda Grande Guerra, eram também divulgados pelos corneteiros que tocavam seus clarins com toda a beleza e magia de que eram capazes. Eles postavam-se sobre os palanques embandeirados, à frente da multidão de admiradores dos candidatos, como arautos dos líderes políticos, sempre acompanhados por uma bandinha muito simpática, que executava marchas carnavalescas da época, prendendo a atenção da grande concentração de curiosos e correligionários, e fazendo um coro uníssono em torno de seus líderes.

Quando anunciavam a fala do candidato maior, nesse caso o pretendente ao Governo do Estado, então os clarins dobravam o seu potencial, juntamente com a bandinha, acompanhados de um ensurdecedor pipocar de bombas e rojões. Era realmente uma verdadeira apoteose de beleza. Os mais importantes comícios realizados na capital eram organizados pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), União Democrática Nacional (UDN), Partido Democrata Cristão (PDC) e Partido Social Democrático (PSD).

Os carnavais, vale ressaltar, constituíam-se nas manifestações culturais populares que mais ocupavam o trabalho artístico desses arautos. Desse modo, todos os luxuosos carros alegóricos que desfilavam pela Av. Eduardo Ribeiro eram precedidos por corneteiros fantasiados. Estes chamavam a atenção da população manauara, que se concentrava, desde cedo, ao longo das calçadas, nas tardes de domingo, segunda e, principalmente, terça-feira gorda de carnaval, até mais ou menos à vinte e uma horas, quando terminavam os desfiles dos blocos, cordões, carros alegóricos e foliões isolados, ocasião em que a população se recolhia às suas residências.

Os corneteiros geralmente se postavam em lugares destacados e mais altos dos carros alegóricos. A cervejaria Miranda Corrêa, célebre em Manaus pelos seus produtos de larga aceitação popular, como a cerveja *XPTO* e a *Amazonense*, e o famoso *Gelo Cristal*, contribuía com os mais belos carros, arrumados em seus próprios caminhões que, decorados luxuosamente, desfilavam na Av. Eduardo Ribeiro, arrancando demorados aplausos da grande e eclética massa popular, que lotava todo o trecho daquela importante artéria, desde a Rua Ramos Ferreira, até a Rua Floriano Peixoto, em frente ao edifício da antiga Alfândega.

Os carros, a partir das dezesseis horas, começavam a desfilar, descendo a Avenida até a Floriano Peixoto de um lado e subindo do outro até a Praça Antônio Bittencourt, hoje Praça do Congresso, rodando sempre às vinte e uma horas, quando terminava a envolvente e encantadora festa popular. Era bonito ver as rainhas exibindo toda a sua beleza, sem mostrar a nudez dos dias de hoje, sempre ao lado ou um pouco atrás dos corneteiros.

Como sempre, cada corneteiro procurava mostrar a sua *performance*, com mais aprumo e técnica no sopro, arrancando belíssimas notas, que eram aplaudidas pela grande multidão postada nas duas longas calçadas. Clubes como o Rio Negro, Ideal Clube, Nacional Futebol Clube, Olímpico Clube, Luso Sporting Clube, União Esportiva Portuguesa, Independência, São Raimundo, Sul América e outros menores, não dispensavam a participação fundamental dos magníficos clarins, que enchiam de emoção e ternura toda a população, excitando os jovens carnavalescos a participar dos alegres eventos, chamando-os para os grandes bailes que ordinariamente tinham início às vinte e três horas. Eram momentos românticos e felizes, quando se ouviam os sons dos clarins, como uma mágica tentação para o ingresso nas grandes e inolvidáveis festas que estavam para acontecer em algum ponto da cidade.

Muitas casas de famílias da mais alta sociedade, durante toda a quadra carnavalesca, organizavam minuciosamente seus luxuosos bailes, com a indefectível participação dos seus blocos, contratavam sempre com muita antecedência, um ou dois corneteiros que animavam e anunciavam o início das inesquecíveis festas momescas. Da mesma forma, quando os blocos formados por jovens de ambos os sexos da sociedade saíam às ruas depois da meia-noite, montados nas capotas conversíveis dos automóveis em número de quatro ou cinco, desfilando pelas principais ruas até a hora do *assalto*, eram sempre anunciados pelos seus arautos simpáticos.

Bonito mesmo era quando o séquito do bloco chegava à casa que deveria ser *assaltada*, pois os corneteiros dos blocos e da casa do baile juntavam-se numa verdadeira apoteose de sons e cores, misturados pela música da orquestra que, nessa hora, recebia os visitantes com o formidável *Zé-Pereira* . Esses espetáculos noturnos, que só aconteciam nessa época, atraíam para a frente da residência onde acontecia a festa, grande multidão de pessoas, na sua maioria, famílias dos componentes dos blocos e admiradores que se postavam pacientemente nos arredores da casa, esperando o grande momento para assistirem a seus parentes e amigos, jovens luxuosamente fantasiados, com roupas profundamente coloridas, adentrando a festa e depois continuavam em pé, até alta madrugada. Esse comportamento era denominado de *sereno* e acontecia em todos os bailes da cidade.

À porta da casa do baile, decorada com figuras burlescas, os clarins continuavam tocando até mais ou menos as quatro horas da matina, quando o baile chegava ao seu final, deixando a todos muita saudade.

Tanto a Polícia Militar do Amazonas como o 27.º BC possuíam as suas escolas de corneteiros que, nas manhãs de todos os dias, com exceção dos sábados e domingos, faziam seus exercícios regulares, em grupo de dez ou doze soldados.

Esses grupos iam postar-se geralmente em certos pontos do Bairro dos Tocos, na Ilha de São Vicente, ou, na invernada, na Rua Leonardo Malcher, próximo ao Igarapé de São Raimundo, onde faziam seus ensaios com os intrumentos bélicos, ou ainda na linha do tiro, no Bairro da Cachoeirinha e nas proximidades do Bairro dos Bilhares, onde possuíam um vasto terreno.

Havia em Manaus algumas casas comerciais especializadas, que vendiam instrumentos musicais de todos os tipos, inclusive clarins de metal amarelo, como a *Casa Donizete*, na Rua Henrique Martins e *A La Ville* de *Paris*, na Av. Sete de Setembro, esquina com a Lobo D'Almada.

Os melhores instrumentos de sopro eram importados da França, Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Suas marcas eram já bastante conhecidas e preferidas pelos profissionais, verdadeiros emissários da alegria.

Partiu o Estadista

Cláudio Chaves*

Em agosto de 2001, a sociedade amazonense foi tomada com a pesada notícia da passagem para a eternidade de Plínio Ramos Coelho.

Perdeu o Amazonas um dos filhos mais ilustres e uma das figuras emblemáticas do Estado. O Dr. Plínio Ramos Coelho, que era advogado e político, nasceu em Humaitá (AM) e, na mocidade, veio para Manaus estudar Direito e aqui constituiu família.

Além de advogado militante, o Dr. Plínio foi uma das maiores expressões da política do Amazonas. Destacou-se Deputado Estadual, Federal e Governador por duas vezes. Foi também um notável intelectual da literatura e da Academia de Letras do Amazonas.

Somamo-nos à família enlutada e à sociedade amazonense neste momento de dor por esta perda tão irreparável, pois o Dr. Plínio representou o símbolo para a minha geração, além de um tio espiritual. Ele e meu saudoso pai, Professor Cleômenes do Carmo Chaves, eram amigos como verdadeiros irmãos.

Desta forma, a passagem do Dr. Plínio para a eternidade deixa uma lacuna muito grande para ser preenchida, tanto da moral, na política quanto no meio intelectual da literatura, no que concerne ao campo da poesia.

Na verdade, não tivemos o privilégio de poder chamá-lo, em vida, de par da Academia de Letras. Mas tanto na nossa posse na cadeira 14 da AAL, que tem como patrono o Barão de Sant'Anna Nery – a qual temos a honra de ocupar a partir de 14 de setembro –, quanto na nossa vida acadêmica na Casa de Adriano Jorge, teremos sempre o exemplo do Dr. Plínio como espelho e paradigma da amizade, da lealdade, de honestidade, da honra e da dignidade.

Político com visão de estadista, advogado, escritor e poeta, representava o Dr. Plínio Coelho um dos emblemas do povo amazonense.

Descanse em paz, Ganso do Capitólio!

* Cláudio Chaves é médico, membro da Academia Amazonense de Letras e presidente da Academia Amazonense de Medicina.

Carlos Drummond de Andrade

O Anjo Cético e o "Sentimento do Mundo"

Tenório Telles*

Somos órfãos de um tempo desentranhado da vida, das forças vitais que impulsionam o ser humano nessa busca interminável de suas fantasias. Os sonhos, as esperanças, as utopias, ainda não amanhecidas, pulsantes na memória silenciosa e impalpável do tempo, são as miragens que nos seduzem , que alimentam nosso ser e, quem sabe, nos salvam do abismo e da loucura.

Poesia

A poesia é uma forma de dizer não à barbárie, ao silêncio e frieza desses poderes que ultrajam e esmagam a força criativa e a imaginação dos indivíduos. Como nas *Mil e uma noites*, imaginar, tecer mundos, seres imaginários e histórias, é a arma de que dispõe o poeta para enfrentar a intolerância, a tragédia e o destino a que estamos todos condenados.

Ao refletirmos sobre os descaminhos das civilizações contemporâneas, não há como ignorar essa obsessão pelo imediato, pelo fugaz em que tudo parece e nada é. Essa percepção da inconstância da vida, do desencontro, do agônico e do próprio absurdo da existência não escaparam à sensibilidade poética de Carlos Drummond de Andrade, como se depreende da leitura do *"Soneto da perdida esperança"*.

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo
ou se é alguém que se diverte
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.
Entretanto há muito tempo
nós gritamos: sim! ao eterno.

Tempo e poesia

Sintonizado com os dramas, angústias e esperanças vividas pelo homem contemporâneo, Drummond constrói uma poesia sintonizada com seu tempo. Apesar de suas dúvidas e ceticismo, do tom melancólico e contido de seus versos, é evidente em sua obra o compromisso com a vida, com a condição do ser humano no mundo. O poema *"Mãos dadas"* é expressivo da obstinação do poeta diante da realidade, seu

* Tenório Telles é professor de literatura brasileira, poeta e ensaísta, membro da Academia Amazonense de Letras e autor do CD-ROM *O Amazonas em sua Literatura* e da peça *A derrota do mito.*

enfrentamento solitário do absurdo, desesperança e solidão que corróem a alma do homem. O texto é uma afirmação de seu inconformismo e generosidade:

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mão dadas.
(...)
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

A produção poética de Drummond tem como fundamento o humano, perpassada por intensa densidade existencial e profundo conteúdo filosófico. Soube traduzir poeticamente as inquietações de seu tempo, os dilemas de uma época marcada pela intolerância, pelo vazio, ameaçadora para a vida.

O poeta e seu tempo

A poesia de Carlos Drummond de Andrade está identificada com o espírito modernista. O autor é o mais destacado representante da geração que surgiu nos anos 30 do século passado, da qual fazem parte Murilo Mendes, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes e Cecília Meireles.

Drummond testemunhou os grandes acontecimentos que marcaram o século XX. Viveu as agitações que marcaram a década de 20, em particular a crise que se seguiu à quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, e que culminou no fim da República Velha. Sua obra teve como pano de fundo as movimentações políticas que resultaram na implantação do Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria. Nos anos 60, assistiu ao triunfo da intolerância política com o golpe militar de 64.

Como não se passa impunemente pela vida, o poeta não ficou indiferente a esses acontecimentos. A indignação e a consciência da necessidade de resistir à banalização da maldade e ao triunfo da barbárie, impulsionaram Drummond a um posicionamento crítico diante da realidade. O escritor aderiu à causa socialista, colocando sua arte a serviço da vida, da luta contra tudo que ultraje o ser humano. O poema "*Nosso tempo*", do livro "*A rosa do povo*", publicado em 1945, é uma evidência do seu comprometimento social:

Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é túmulo, e escreve-se
na pedra.
(...)
O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras ar-
[mas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme.

Diferente dos autores do primeiro momento modernista, mais ligados a uma postura irreverente e experimental, os poetas da segunda geração, que se firmaram na década de 30, fizeram uma poesia de componente reflexivo. Suas obras refletem uma profunda preocupação com o sentido da existência humana, o confronto do homem com a realidade, expressivo de seu *"estar-no-mundo"*. Esse modo de perceber a vida explica o conteúdo existencial

que perpassa a poesia dessa geração: *Não, meu coração não é maior que o mundo. / É muito menor. / Nele não cabem nem as minhas dores. / Por isso gosto tanto de me contar.*

Vida e poesia

Mineiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902. Fez praticamente a travessia do século que se encerrou, morrendo, em 1987, no Rio de Janeiro. Passou a infância na cidade natal, partindo mais tarde para Belo Horizonte, onde se iniciou no jornalismo, ao mesmo tempo em que participava da vida intelectual, ligando-se ao grupo modernista e publicando seus primeiros poemas.

Formado em Farmácia, o escritor dedicou-se à literatura. Durante anos colaborou em diversos jornais de Minas e do Rio de Janeiro. Sem poder sobreviver de sua arte, ingressou no funcionalismo público, atividade em que se aposentou. Sua estréia aconteceu em 1930, com o livro *Alguma poesia.*

Foi um dos fundadores, em 1925, do principal órgão modernista de Belo Horizonte, *"A Revista"*. Em 1928, ao publicar, na *"Revista de Antropofagia"*, seu célebre poema *"No meio do caminho"* provocou escândalo e acirrada discussão. O texto é expressivo do caráter irreverente que caracterizou a fase heróica do modernismo. Mais do que uma provocação, o poema é ilustrativo de uma das temáticas recorrentes na obra de Drummond – os obstáculos da vida. No seu caminhar, o ser humano encontra muitas pedras:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Testemunho poético

A poesia de Carlos Drummond é um testemunho vívido e humano sobre a vida e sua época. A leitura de suas obras deixa evidente sua inquietude e irresignação diante da realidade. Suas posições em face dos problemas que marcaram seu tempo.

Há escritores que não se lê impunemente. Drummond é um desses autores. Seus poemas são prenhes de questões, nos fazem pensar sobre o sentido de nossas vidas. Dentro de uma perspectiva didática, é possível determinar certas margens de sua produção poética. Os temas mais constantes em sua obra.

O desajustamento do indivíduo é uma marca fundamental de sua poesia. O poeta se sente um ser à margem, deslocado de seu tempo, um *"gauche"*, alguém que está à esquerda, isolado, como se depreende dos versos do *"Poema de sete faces"*:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser 'gauche' na vida.
(...)
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.
(...)

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Esse sentimento de fragilidade e impotência diante de seu próprio *"existir-no-mundo"*, perpassado por um tom melancólico, é característico de seu discurso poético. Em alguns poemas, como *"Confidência do itabirano"*, é expresso de forma nostálgica, em que recompõe através da memória a infância, a família, o pai, a cidade. O passado projeta-se, de forma dolorosa, no presente:

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida
[é porosidade e comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas,
[sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
(...)
Tive ouro, tive gado, tive fazenda.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói.

Da poesia e sua arte

A poesia de Drummond afirma-se pela riqueza temática. Sua obra é como um caleidoscópio em que o rosto estilhaçado do tempo se reflete, a vida em seu escoar contínuo. Captura no cotidiano a matéria com que compõe as malhas de seu canto.

Nada escapou ao seu olhar *"gauche"*, nem mesmo o fazer poético. É recorrente em seus textos a reflexão sobre a poesia, a linguagem, a magia de transformar o silêncio em canto, desnudando a face das palavras. A metalinguagem é um traço marcante de sua arte. O poema *"Procura da poesia"* é ilustrativo de sua alquimia poética:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Percebe-se assim que o fazer poético não é o exercício da inocência, do transbordamento de desordenadas emoções. A poesia é o espelho estilhaçado em que se reflete o mundo, a vida. Ao contemplá-lo, o poeta captura os fios evanescentes com que tece as malhas de seu canto. É um diálogo com o ser, com a alma fraturada dos homens. Como dizia o filósofo Martin Heidegger, em seu belo estudo sobre a poesia de Hölderlin: *A linguagem originária, porém, é a poesia na sua qualidade de instituição do ser.*

A vida é uma ordem

Drummond decifrou o enigma: a vida é uma miragem, um fio partido entre o silêncio e o abismo. Rio que caminha para o vasto mar da memória. É inevitável em seu fluir corrosivo e

nada escapa à voracidade do tempo. Tudo sucumbe ao destilar contínuo de suas águas. Resistir é o que nos resta – dizer não à vulgaridade, à morte da esperança, ao poder e à mentira. Defender a vida do lobo que a espreita avidamente. Ou como diz o poeta:

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
Prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas sem mistificação.

Águas Assassinadas

Arlindo Porto

Excusado procurar os reponsáveis. Somos nós mesmos, governados e governantes que, com a mais deslavada irresponsabilidade – com largas mãos cheias de ignorância e falta de sensibilidade para com a natureza –, deixamos que as coisas rolassem sem qualquer controle, para a realidade que hoje temos sob os olhos e que, só de castigo, entra também pelos nossos narizes. Pena é que vá repercutir de uma forma muito, muitíssimo mais cruel, num futuro não muito distante, sobre os nossos infelizes descendentes.

Onde estão límpidos, puros e até potáveis igarapés que povoaram os dias da infância da geração hoje a mais idosa de Manaus, aqueles cursos d'água maravilhosamente frios que somente ainda correm na lembrança dos que eram meninos naquele tempo? A cidade era, então, recortada de cursos d'água limpíssimos, nos quais a população costumava passar suas horas de lazer, em dias ensolarados que faziam o prazer e a felicidade da garotada ir aos píncaros. Hoje, todos eles são meros regos de água fétida, poluídos pelas fossas coletivas e aterros criminosos feitos irresponsavelmente em seus trajetos.

Só para dar um doloroso exemplo: corta o coração olhar-se hoje para o local outrora conhecido como Ponte da Bolívia, na rodovia AM-10. Ali, onde milhares de famílias se reuniam, sobretudo nos finais de semana, para um entretenimento sadio que incluía mergulhos em águas frias e puríssimas, o que se vê, agora, é uma hedionda poça de água aprodrecida pelo desleixo e pela irresponsabilidade coletiva. As pobres águas da Ponte da Bolívia foram assassinadas, em nome do progresso, por fileiras que criminosos deixaram ser semeadas nos terrenos em que elas corriam.

E o Tarumã? O formoso igarapé em que o manso rugido das águas límpidas caindo sobre as pedras formava uma cachoeira que proporcionava deliciosos banhos de ducha que ali recordavam o mundo como o bom Deus o fizera, também se transformou, por decorrência do desleixo dos responsáveis por isso, num pântano imundo, totalmente esquecido pelos que muito o amaram. O Tarumã vive hoje apenas na recordação dos seres felizes que o viram um dia, estuante de vida e beleza, formando um dos logradouros mais aprazíveis de Manaus.

Pintei dois quadros tristes que todos os da minha faixa de idade conhecem, apenas para mostrar a forma criminosa como foram tratados os preciosos bens naturais que o Senhor nos proporcionou, a nós, amazônidas, que vivemos no miolo dos 70 por cento de toda a água existente no Brasil. Agora pensem no resto deste país, onde até rios caudalosos já desapareceram, extintos pela predação assasssina!

Joelmir Beting escreveu que *"nos últimos 60 anos, a população mundial dobrou de tamanho. No mesmo período, o consumo de água ficou sete vezes maior"*. Apenas muito poucos e dentre eles exalto pela campanha incansável que vem desenvolvendo, como legítimo paladino em defesa das águas, o senador Bernardo Cabral, pouquíssimos,

portanto, estão pensando na catástrofe que um dia poderá desabar sobre este velho planeta em que vivemos, onde 97 por cento do líquido vital é salgado. Com outros 2 por cento do líquido (doce) formando as geleiras dos polos e adjacências, resta apenas 1 por cento da água disseminada em rios, lagoas e lençóis freáticos (depósitos susbterrâneos), que tem serventia para o consumo do ser humano, para beber, para lavar os corpos das pessoas, preparar sua comida, limpar suas vestes, regar suas plantas, banhar seus cachorros, arrastar seu cocô e xixi das latrinas etc. etc.

E o estrago continua. O desperdício prossegue em ritmo de loucura, parecendo que todo mundo acha que, *"quem vier depois que se lixe"* ou *"quem for podre que se quebre"*.

Durante muitas gerações, o ilusório cruel sobre a falsa inesgotabilidade da água começava na escola, onde nos mostravam um globo terrestre coberto com gigantescas áreas azuis, dizendo-nos que eram as águas do planeta. Não diziam que 97% daquela água toda era salgada, imprestável para o consumo imediato. Gerações cresceram na crença de que a água é inesgotável e eterna, podendo ser usada com total irracionalidade!

Há lugares no mundo onde a água que se usa é colhida do mar, para isso exigindo uma tal *"dessalinização"* (retirada do sal), a um custo operacional verdadeiramente fabuloso. Imaginem o preço final dessa água!

Enquanto isso, nós, aqui na Amazônia, continuamos vivendo com a mesma irresponsabilidade de sempre no consumo desse bem precioso, desperdiçando-o brutalmente, tal com sempre fizeram os nossos avós e ainda contribuímos, felizes e despreocupados, para estragar o que nos resta: quem ainda não viu as fotos, nos jornais, e cenas na TV, de dragas e *"amarelinhos"* retirando do leito dos igrapés que ainda restam, milhares de toneladas de lixo – lixo mesmo, caseiro – e de outras porcarias, daquelas águas que um dia foram limpas e potáveis?

Ande-se pela cidade e ver-se-ão calçadas sendo *"varridas"* com jatos de mangueira d'água, em porções que dariam para abastecer por um dia inteiro, uma casa de médio porte. Se isso, em Manaus, que se debruça sobre um verdadeiro mar de água doce, o rio Negro, já é um crime contra a natureza, imagine-se coisa assim e até pior acontecendo em cidade que já têm encontro marcado com a seca e onde os administradores sabem (mas se calam a respeito) que dia chegará em que elas se transformarão em sertão brabo, batidas pelo sol e pelo calor.

Esta é uma análise fria e que espero seja contundente e preocupante, de uma realidade que diz respeito a todos nós e que poderá fazer nossos descendentes um dia se verem mergulhados no inferno da sede e da falta de água para as menores coisas.

Quem então viver, verá. E sofrerá.

Ascensão Cultural

Armando de Menezes*

É muito comun saber-se de instituições de falso cunho cultural com existência camuflada porque inoperantes ou porque, criadas, jamais dizem a que vieram, isto é, nada produzem. Comumente são "fabricadas" para satisfação de egoísmos pessoais, ficando conhecidas somente por noticiário encomendado e pelo fato de haverem sido registradas em cartório de títulos e documentos. E nada mais.

Outras, porém, têm suas atividades desenvolvidas, entre altos e baixos, sempre na dependência de seus comandamentos.

E dentre as que, atualmente, se enquadram nesses parâmetros, com invulgar desempenho nas finalidades a que se propuseram, permito-me eleger, sob inusitada satisfação, o Instituto Geográfico doAmazonas - IGHA e a Academia Amazonense de Letras - AAL. O IGHA também é referenciado como a "A Casa de Bernardo Ramos", ilustre amazonense que foi um de seus fundadores a 25 de março de 1917 e seu Presidente, da fundação a 1920 e de 1923 a 1927.

Muito natural que transitaram por variáveis de atuação em suas vidas, mas, induvidosamente, nestes últimos anos marcaram, como ainda registram, um portentoso desempenho intelectual.

No IGHA

Na última administração (1999/2000) do jornalista e escritor Arlindo Augusto dos Santos Porto, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas ganhara a sua atual/nova estrutura física, pois que, *"caindo aos pedaços"* como bem avalia a sabedoria de conhecido jargão popular, foi, pelo eminente consócio, conseguida junto ao Governador Amazonino Mendes a muito esperada restauração do prédio-sede do Sodalício, de há muito reclamada.

Com o empossamento da atual Diretoria, sob direcionamento do ilustre historiador Robério dos Santos Pereira Braga, foi possível, ainda no plano material, a recuperação dos móveis, do Museu, da Biblioteca, que foi informatizada no seu acervo geral e, particularizadamente, no respeitante à Amazônia, e, mais, a aquisição de um prédio ao lado e pelos fundos da sede do IGHA, situado na Rua Frei José dos Inocentes nº 146, sendo que o antigo da Instituição, por aquela via pública, leva o nº 132, já sua fronteiriça, pela Rua de Bernardo Ramos, tem o 117 como numeração.

Na parte propriamente cultural, às reuniões mensais da Diretoria, com a presença de

* O autor integra os quadros do IGHA e da Academia de Letras.

muitos associados e convidados, são postos em destaque com sujeição a debate, acontecimentos e datas de nascimentos de vultos da nossa história, desde que ocorridos no mês da reunião e dentro do século de suas passagens. De outro lado, também para discussão geral, é apresentado trabalho intelectual por consócio designado, para tal, na sessão pretérita.

Também no correr de cada reunião é feita a distribuição do Informativo do Silogeu, que traz inserções históricas e noticiário sobre os atuais e antigos de seus membros.

Ainda neste mês de janeiro/2002 estará circulando a Revista do Instituto, valendo realçar que a mesma não vinha a lume desde 1976, portanto, há 27 anos.

Ponto alto nas comemorações dos *"332 anos de Manaus"* foi a edição, pelo IGHA, de livro com esse título, tornando inquestionável a comprovação de que no dia 24 de outubro/2001 a nossa bela cidade completara 332 anos de existência.

Como prova de reconhecimento, justo é que se ponha em destaque a ajuda oferecida ao ex-Presidente Arlindo Porto pelo pesquisador e historiador Abrahim Baze no trabalho de assistência à restauração e melhoramentos introduzidos na sede do Instituto, como, igualmente, é de anotar-se a grande contribuição ao Presidente Robério Braga por alguns consócios: Dr. Jaime Pereira, que, como Secretário substituto, vem realizando dedicado e excelente trabalho de intercâmbio cultural com as Instituições congêneres do país, além da execução do correto expediente nas reuniões do IGHA; Dr. Humberto Figlioulo, que, como Tesoureiro, amealhara recurso e por aguerrida iniciativa adquirira, naturalmente com assentimento do eminente Presidente Robério, o novo imóvel da Rua Frei José dos Inocentes; Cel. Manoel Roberto Lima Mendonça e bibliotecário Geraldo Xavier dos Anjos, preparados e incansáveis pesquisadores da história amazonense, com elogiável atuação na reorganização do Museu e da Biblioteca, além do cumprimento abnegado de expediente na Casa de Bernardo Ramos; e Prof. Ruy Alberto Costa Lins, homem de letras dos mais respeitados, em Manaus, a quem incumbe a tarefa de editar a vida literária do IGHA, por meio dos seus Informativos, Revistas e Livros. Por sinal, na consecução desse desiderato Ruy Lins conseguira, agora, a colaboração do talento jornalístico de Arlindo Porto.

Na Academia de Letras

Necessários foram ingentes apelos ao eminente escritor e poeta Max Carphentier Luiz da Costa a que aceitasse sua reeleição para a Presidência da Academia Amazonense de Letras.

Cumprindo, com brilho, o seu mandato no biênio 2000/2001, tornou-se confortante a seus pares reconduzi-lo, à unanimidade de votos, em reunião havida a 17 de dezembro de 2001.

A sua nova Direção na Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes cumprirá o biênio 2002/2003.

A reeleição de Max Carphentier contempla a consagração de uma das mais eficientes administrações da Academia.

Para medir-se tão aplaudido desempenho basta registrar, de passagem, algumas ocorrências que marcaram a vida daquele Cenáculo da cultura amazonense.

Novos acadêmicos ali ingressaram.

Em 24 de março de 2000, o escritor e poeta Almir Diniz de Carvalho passou a ocupar a Cadeira 05, da qual é patrono Francisco Pedro

d'Araújo Filho, sucedendo ao Dr. Paulo Pinto Nery. Recebeu-o o acadêmico José dos Santos Pereira Braga.

Ainda no mesmo ano, a 14 de abril, foi a vez do escritor Francisco Gomes da Silva que tomara posse da Cadeira 20, sendo João Ribeiro seu patrono. Foi saudado pelo acadêmico Robério Pereira Braga e o último ocupante da mesma foi o Pe. Nonato Pinheiro.

Preenchendo a poltrona 14, do patrono Barão de Sant'Ana Nery, tomou-lhe o assento, a 14 de setembro de 2001, o médico e escritor Cláudio do Carmo Chaves, que sucedeu ao Dr. Moacyr Rosas. Saudou-o o acadêmico Robério Braga.

No mês seguinte, em outubro, dia 26, chegava à Academia de Letras o escritor e poeta Tenório Telles. Foi sucessor de João Chrysóstomo de Oliveira na Cadeira 16, da qual é patrono João Leda. Fez-lhe o discurso de elogio o acadêmico Ruy Alberto Costa Lins.

Ainda no corrente ano irão transpor os umbrais do Silogeu o Prof. Samuel Benchimol e o médico/historiador Antônio José Souto Loureiro, eleitos que foram a 9 de novembro último. O Prof. Benchimol ocupará a Cadeira 11, de patronato de José Veríssimo, sendo seu anterior titular o Prof. Octávio Mourão; o Dr. Loureiro tomará posse da poltrona 34, ultimamente ocupada pelo Prof. Manoel Bastos Lira e da qual é patrono Ermanno Stradelli.

Quatro Saraus Acadêmicos foram realizados na gestão Max Carphentier, todos muito festivos, com palestras, declamações, tocatas e lançamentos de livros.

Muitos foram os acadêmicos que, dando vazão a seus talentos, produziram e editaram livros, dos quais apenas alguns poucos escolheram o salão nobre daquele Sodalício para seus lançamentos.

A 28 de outubro/2000, Almir Diniz de Carvalho deu a público os livros *"Plumas Humanas"* (poesia) e *"Nos Remansos da Saudade"* (crônicas), com apresentações feitas pelo poeta Elson Farias e pelo escritor Arlindo Porto.

Em dezembro do mesmo ano, dia 16, foi a vez de Elson Farias, com *"Romanceiro"*; Carmem Nóvoa, com *"Tributo à Violeta Branca"* (pôster-poema); novamente Almir Diniz de Carvalho, com *"Os Deuses"* e *"O Elogio do Caboclo"*; e Francisco Gomes da Silva, com *"Cronografia de Itacoatiara"* e *"A Igreja de N. S. do Rosário de Itacoatiara"*.

No ano seguinte, a 24 de agosto, retornava Almir Diniz de Carvalho para dar a lume *"Algemas de Ternura"* (poesia), com apresentação de Moacyr Andrade, e *"O Capineiro"* (esboço histórico), por mim apresentado.

Antes, porém, de dar-se seguimento ao surgimento de novas obras, anotam-se dois marcantes eventos: 1- do Dia Nacional da Poesia, ocorrido a 14 de março, sob expressiva programação, com palestras do acadêmico Elson Farias; apresentação pelos artistas do Núcleo Jiquitaia da *"Mínima Ópera Poética Amazônica"*; e homenagem póstuma ao acadêmico Anthístenes Pinto; 2- a 7 de abril, pela manhã, com a sede da Academia lotada por adultos e crianças, foram lançados pelo escritor e poeta Elson Farias os livros *"As Aves Pedem Ajuda"*, *"O Tupé Voador"* e *"O Romance dos Sapos"*, resultante de primorosa produção gráfica da Editora Valer, sendo de ressaltar-se que esses livros integram a série *"Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica"*.

A 6 de outubro/2001, Max Carphentier lança festivamente *"Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha"*, tendo feito uso da palavra o acadêmico Dom Luiz Soares Vieira para tecer comentário sobre a santa motivadora da obra.

Logo a seguir, a 22 de novembro, o acadêmico João Mendonça de Souza deleitara a platéia com *"Pedro Álvares Cabral no Descobrimento Intencional do Brasil"*.

E encerrando o ano de 2001, a 18 de dezembro, Robério Braga pôs no conhecimento público *"Euclides da Cunha no Amazonas"* e *"Símbolos do Amazonas"*, com discurso de apresentação pelo acadêmico Tenório Telles.

Também é digno de anotação o Sarau Acadêmico de 19 de agosto/2000 quando, após palestra do acadêmico e poeta Jorge Tufic, foram distribuídos livros ao grande número de presentes, devidamente autografados por seus autores, merecendo destaque: *"O Regatão da Saudade"*, de Arlindo Porto; *"Dueto para Sopro e Corda"* e *"Sonetos"*, de Jorge Tufic; *"A Trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas - de 1958/1976"*, de Ruy Alberto Costa Lins; e *"Aderson de Menezes - O Professor"* e *"Destaques e Vidas"*, de minha autoria.

Merecem ainda registro, a *"Lista de Acadêmicos"* elaborada pelo Prof. Ruy Lins; a reprodução, como edição comemorativa pelos 500 anos do Descobrimento do Brasil, de *"A Carta de Pero Vaz de Caminha"*, lançada pela Academia de Letras em março/2000 para o conhecimento e distribuição principalmente a estudantes, por intermédio das bibliotecas das diversas escolas do nosso Estado, com Apresentação do Presidente Max Carphentier e Introdução de minha lavra; e os lançamentos, muito festejados, depois de 8 anos, do número 22, em novembro/2000, e 23, em novembro/2001, da Revista da Academia Amazonense de Letras.

Outro instrumento de divulgação da Casa de Adriano Jorge e Péricles de Moraes são os seus Boletins Mensais produzidos e distribuídos pelo próprio Senhor Presidente, contendo registros sobre as atividades do Sodalício e de seus membros, abrangendo noticiário interno e externo.

É de exaltar-se também a conclusão da informatização da Biblioteca, que já se encontra franqueada a estudantes e ao povo em geral, no horário das 16 às 18 horas, em todos os dias úteis da semana.

Outro exemplo de tenacidade e devotamento à causa acadêmica é o que se colhe do procedimento do Presidente Max, que dá expediente semanalmente no Silogeu, entre 16 e 18 horas, às 2ªs, 4ªs e 6ªs - feiras.

Contudo, o mais de admirável que se pode louvar na administração Max Carphentier foi a abertura da Academia ao público, integrado de pessoas de todas as classes sociais, entre adultos e jovens, que passaram a comparecer com freqüência, sempre em maior número, às suas seguidas reuniões, causando contentamento a todos que, como ele – Presidente – vêm trabalhando pelo expansionismo crescente daquela que é, sem dúvida, a maior Instituição de cultura da nossa terra.

Manaus, 31 de janeiro de 2002.

Jáder de Carvalho - Cem Anos*

Jorge Tufic

Coincidências da minha com a vida espetacular de Jáder de Carvalho socorrem-me neste momento, quando se faz necessária a homenagem, de todo justíssima, pelos cem anos do seu nascimento.

Filho do interior como eu, jornalista por vocação e combatividade, poeta e ficcionista, é nessas teclas que batemos juntos, ele aqui em Fortaleza, eu em Manaus. Era-me então familiar o seu nome, lembrado sempre pelos conterrâneos de lá. Dentre estes, Sebastião Norões.

O ano em que cheguei, para ficar, na Fortaleza dos mártires da Confederação do Equador, marcaria o quinto de seu trespasse, contado este em pormenores por Angela Barros Leal numa reportagem que considero fenomenógica. Nesse ponto começava a delinear-se, diante de mim, esse rico panorama das letras cearenses.

A meu ver, senhoras e senhores, a contribuição de Jáder abre sulcos profundos na tentativa de solucionar os difíceis problemas do Nordeste, ao mesmo tempo em que se eleva, através da poesia, numa espontânea galáxia de personagens sofridos e metáforas do mais largo alcance lírico.

O que Jáder tinha de humano se filtrava, contudo, pelas vias do intelecto. É o sofrimento que ensina. Levado a estudar Marx com o objetivo de contestá-lo, delibera segui-lo. Uma temeridade para a época. Um exemplo de convicção que, pela extremidade da esquerda ideológica, se contrapunha à direita que só sabia rezar e bater palmas para o governo. Daí o ter elegido, para seus ídolos, enfibrados renitentes da cepa de João Brígido e Franco Rabelo.

Assis Brasil, in *"A Poesia Cearense no Século XX"*, dá-nos dele esta súmula perfeita:

"Jáder Moreira de Carvalho nasceu no Quixadá, na Serra do Estevão, no dia 29 de dezembro de 1901. Os primeiros estudos foram feitos na terra natal, com seu pai, Francisco Adolfo de Carvalho, que era diretor do Ateneu Quixadaense, e em Fortaleza, no Liceu do Ceará. O curso superior é feito na Faculdade de Direito, em 1931, época em que já militava na imprensa diária. Fundou alguns jornais, como *A Esquerda* e *Diário do Povo*.

Além da publicação de vários livros, Jáder de Carvalho ainda lecionou no Colégio Estadual do Ceará, pertencendo a várias entidades públicas, entre elas a Academia Cearense de Letras, Cadeira n.º 14, Patrono João Brígido. Faleceu o poeta em Fortaleza no dia 7 de agosto de 1985."

Era Jáder um verdeiro espartano. Não procurava saber quantos eram os seus inimigos, mas onde eles estavam. Confirma isso o episódio de quando foi sozinho à redação da *Gazeta de Notí-*

* Discurso pronunciado na Galeria de Sérgio Pinheiro, a 23.05.01, com a presença de Cid Carvalho e Maria Luiza Fontenelle.

cias, e empastelou o jornal. Campeador, antecipara ele a Cid, seu filho, os penachos do heroísmo, a espada do bom combate.

Foi-me exíguo, porém, o tempo, no sentido de poder reunir os elementos indispensáveis ao recenso e ao louvor. A biblioteca de Jáder é extensa, sua fortuna crítica, um tesouro de referências lapidares. Teríamos, assim, um capítulo para o romancista, outro para o poeta, e daí por diante, numa sucessão de batalhas positivas entre poucas derrotas, todas por conta do autoritarismo político e da covardia humana.

Na opinião de Francisco Carvalho *"todo o Ceará conhece, pelo menos, parte da obra poética de Jáder de Carvalho"*. Uma exposição de Audifax Rios leva o sugestivo título de *"Terra de Jáder"*. Na praça do Ferreira ouvem-se, com freqüência, trechos de seus poemas, extraídos de Terra Bárbara, convindo lembrar as providências tomadas antes de sua morte para que sua imagem e sua voz ficassem gravadas para sempre.

E os versos de Jáder? E a sua poesia?

Ora, verso e poesia se entrelaçam, aqui, aos motivos ligados à terra, as imagens urbanas e rurais se alternam com os nomes românticos de Cláudia, Lúcia e Maristela. Encontram abrigo também em seus poemas Tereza, Inês, Laura e Eurídice. Tudo dentro deste maior que é Fortaleza, a quem dedica talvez um de seus melhores sonetos. Podemos conferir:

Tu não possuis, ó lírica cidade,
o perfume dos séculos, o aroma
que é mistura do tempo e da saudade
pelas ruas de Atenas ou de Roma.

A mágoa do violão é que te doma
no encanto e sedução da tua idade.
Parti da praia onde o teu vulto assoma...
- Por que voltei sem a felicidade?

Calou-se a tuba do índio na Aldeota.
Jacarecanga, à luz do luar, parece
que vê partir a última nau da frota...

E o luar me conta que, na fortaleza
a sentinela indígena adormece
ao choro da guitarra portuguesa...

"Terra bárbara", contudo, é o poema que mais se declama. Ele pode ser ouvido, ao entardecer de qualquer dia, quando as ondas do mar quebram nas pedras da praia de Iracema, e o luar vai-se desatando, aos poucos, sobre edifícios, bairros distantes, fazendas de gado, casebres e favelas. É o que os ventos aprendem, com a força de ser dito.

A Avenida
(Impressões Apaixonadas sobre a Cidade que vi)

Carmen Novoa Silva*

A primeira vez que vi a Avenida tinha eu, uns cinco anos de idade. A década era a de cinqüenta. Como um recém-nascido a se deslumbrar com a luz primeira, assim descobri que na Avenida existiam mais teatros que em Paris, (para mim o Teatro Amazonas de tão grandioso, equivalia a dezenas dos da *"Cidade Luz"*) e que os enfileirados e artesanalmente podados benjamins, fincados nos dois lados e percorrendo toda a sua extensão, davam-lhe ainda mais o ar dos *"boulevards"* parisienses. Desde então, a Avenida ficou em meu coração. É certo que possuíamos outras avenidas importantes como a Sete de Setembro, a Getúlio Vargas, a Joaquim Nabuco, no entanto a que mais se destacava era a Avenida Eduardo Ribeiro. Esse, seu nome completo. Mas para nós, nascidos na Manaus-das-angélicas, ali era apenas a Avenida. Com letra maiúscula. E tinha caráter de monumento. Era substantivo comum, mas pela força de sentimentos simples e dignos adquiriu identidade própria, anulando o nome do homenageado. Era a Avenida, por antonomásia. E todas as festas e comemorações convergiam para si. Seu casario, tinha a fisionomia dos que passaram pela riqueza excessiva e de repente tudo perderam, no entanto sabiam conservar com dignidade uma índole nobre a inspirar o respeito tanto dos habitantes quanto dos forasteiros. Seu comércio, levava as marcas do fausto da falida economia da borracha, mas teimava em não demonstrar fraqueza nos anos de estagnação. Tinha incrivelmente um otimismo profético (quiçá antevendo outros anos de ouro) repetindo a Manaus como Jacó a Deus no Gênesis: *"Não te deixarei até que me bendigas"*. O que sentimos nos anos cinqüenta foi o Silêncio. O Silêncio e a Solidão. Encravada em plena selva amazônica, Manaus fora esquecida pelo mundo e pela nação. Somente a esperança, *"secreta voz da imortalidade"*, conferia a necessária força a reerguer os caídos. Contávamos apenas uns com os outros. Nós, somente nós e a grande Avenida. Ela, a síntese de toda a economia, de toda a sociedade, de toda a religiosidade, de todo o lazer, de toda a justiça. Sim, ao lado do Teatro, num palácio reinava a Justiça que à Avenida um dia deu a sentença de ser tão eterna quanto o ar e a água do universo. Em seu ponto mais alto erguia-se o Instituto de Educação, ladeado pelo Instituto Benjamim Constant. Ali, continuava-se a transmissão dos ensinamentos. A Avenida tinha a cátedra para indicar que a educação e cultura eram o sangue imprescindível nas veias de um povo desfalecido. E pelas adjacências vicejavam as livrarias: *"Clássica"*, *"Acadêmica"*, *"Escolar"*, *"Brito"*, *"Colegial"*... Nos anos cinqüenta, contávamos apenas uns com os outros. Nós, somente nós, e a grande Aveni-

* e-mail: novoasilva@yahoo.com.br

da. Esta ditava que a religiosidade da terra, essa força incalculável que se expressa em silêncio, deveria ter seu marco na Praça do Congresso, (assim denominada em homenagem ao Congresso Eucarístico ali acontecido em 1942) e sua apoteose na Catedral e Largo da Matriz, onde as andorinhas voavam em bandos por entre o verde, campanários e sons de um Ângelus secular. Tudo isso surgia na Avenida! E o relógio, o antigo Relógio Municipal, imponente compilando décadas em voltas intermináveis, dizia de uma gente heróica que sob a benção das horas soube transformar os áridos momentos em anos de esplendor. Enquanto os bondes morriam numa paisagem em preto e branco, os elegantes cinemas *"Avenida"* e *"Odeon"* apontavam com seus filmes fantasiosos, para um futuro em *"technicolor"*. A Avenida ficou em meu coração, no vaivém das pessoas rumando ao *"Roadway"*, em passeios dominicais. Tudo para ver o Negro em cheias e vazantes, navios chegando e partindo e o piedoso dormir do sol oficiado pelos acenos de lenços brancos soltos no ar... Descer e subir a Avenida... Eis a grande conquista! Os famosos, (misses, políticos, artistas e esportistas) tinham o direito de usá-la em carros abertos ou alegóricos, sob o aplauso da população. Quanto a nós, mortais comuns, descíamos e subíamos a Avenida a pé e devagar, pelas calçadas de pedra de Liós. Levávamos apenas o riso, a graça e um enorme sol escondido nas mãos. Na Manaus-das-angélicas, eram de propriedade exclusiva da Avenida, os carnavais e o desfile de Sete de Setembro: Batalhas de confete, rainhas, mascarados, lança-perfumes e os clarins dos bailes a rigor do Ideal, Nacional e Rio Negro; balizas, acrobacias, bandas, passos cronometrados, fardas de gala e *"rataplans"* eram bens particulares e inalienáveis do verbo amar, conjugado no imperativo do coração. Na memória olfativa – território de exílio das coisas irretornáveis – surge de repente o cheiro dulcíssimo dos caramujos da *"Confeitaria Avenida"*, que um dia o Criador levou de volta ao paraíso. A Avenida era o alfa e o ômega. O corpo e a alma. O ar dos pulmões. O princípio e o fim de nossas histórias de vida. O fato é que irmanados pela solidão geográfica, tornamo-nos gigantescos. Como a pequena bola de neve que cresce assustadoramente ao descer a montanha. Éramos gigantes na solidariedade, na criatividade, no sorriso estirado ao visitante, o que nos valeu o epíteto de Cidade-Sorriso. Estávamos sós. Contudo felizes. Tínhamos como monumento, a Avenida...

As Bodas de Ouro da Poética de Thiago de Mello

Almir Diniz

"Nesta casa morou o comendador Joaquim Gonçalves de Araújo (1860/1940), grande empresário do apogeu da borracha e Mecenas da cultura. SEC"

A casa, em cuja fachada se afixou a placa, com a inscrição transcrita, situa-se na Praça de São Sebastião (centro de Manaus), esquina com as ruas Costa Azevedo e D. Libânia. Casa transformada em Centro de Cultura pelo dinamismo de Robério Braga e visão cultural de Amazonino Mendes. Sede do Liceu de Ofícios, Galeria de Artes Renato Araújo, Oficina de Artesanato, Arena de Artes e Núcleo de Produção de Ópera do Teatro Amazonas!

Tinha que ser num palco assim, historicamente nobre, para abrigar a bela festividade literária do cinqüentenário poético de Thiago de Mello, realizada em a noite de 07.12.2001.

Recuperada pela ação revitalizadora do programa estadual de resgate da cultura amazonense, a casa de J. G. Araújo abriu suas portas vetustas para saudar a arte literária. E o fez, como se o fasto de outrora, de repente, se integrasse à realidade do nosso presente.

Os amplos salões, cheirando a tinta fresca, as escadas renovadas, o pátio transformado em oficina de talentos... e as placas rememorativas, estas sim, em tudo novas e atuais, homenageando a um homem dentro de sua época. E projetando a sua luz na modernidade indecisa de nosso tempo.

Um teatro! E só um teatro poderia compor, na atualidade, a integração entre o passado e o presente, numa autêntica simbiose histórica que o futuro cuidará de garantir e lustrar.

A casa do J. G. representa um marco importante da história comercial e industrial do Amazonas. Foi às suas portas que um negociante do Rio Negro, aviado de J. G. Araújo & Cia. e devedor contumaz, armou uma cilada ao titular da firma, o comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, para assassiná-lo. Mas resultou nulo o plano do candidato a assassino. Uma placa de ouro engastada na curva do cabo do guarda-chuvas pendurado ao pulso esquerdo, dobrado à altura do peito, salvou o comendador. O agressor foi preso, autuado, em flagrante e condenado. Mas a vítima do atentado, magnanimamente, o perdoou, porque se tratava de um chefe de família numerosa a quem devia sustentar. Que exemplo!

Era assim, esse notável capitão do comércio e da indústria que, juntamente com Isaac Sabbá formou na linha de frente do empresariado amazonense, durante muitos lustros.

Identificado com a cultura no seu tempo e agradecido à terra que fez sua (chegou ao Amazonas com 11 anos de idade, vindo da Póvoa, no barco do primitivo armador amazonense Nuno Pau

Brasil), foi um dos principais financiadores do filme de Silvino Santos – No País das Amazonas – , rodado em 1921. Precisa maior identidade?

E, agora renasce de um passado de glórias, numa noite de esplendor em que se escreve um capítulo novo e inédito da história da cultura desta terra – ciclo de luz nas letras e nas artes amazônicas.

Como dito anteriormente, não poderia haver melhor palco para as bodas de ouro do sacerdócio poético de Thiago de Mello – esse autêntico cidadão do mundo, esse poeta universal, representante maior da cultura amazonense na atualidade.

Parecia o poeta, na brancura imaculada de suas vestes a combinar com o algodão de seus cabelos, um anjo renascido, um menino de outro tempo quando, no entorno daquela mesma casa, viajava no tempo, preparando o seu amanhã:

Ei-lo menino, de cabelos brancos,
tingido de setenta alvoradas
e pores-de-sol de incríveis arranjos.
Ei-lo pássaro, em plumas alvacentas,
Simples e humilde – beijem-no bons anjos!
(.....)
Menino setentão que aos dez sorria
Aos sanhaçus em festa nas mangueiras
da Costa Azevedo, e nas andanças
pela Baixa e na praça do Teatro,
poeta inato, no sentido lato,
fiel a tudo – beijem-no lembranças!

(Do poema *"Poeta Setentão"*, para o príncipe Thiago de Mello, in andanças Poéticas, ao ensejo dos 70 anos do bardo).

Cercado de amigos, de confrades da Academia Amazonense de Letras, de intelectuais, de admiradores de todas as camadas sociais de Manaus e do Amazonas, porejando felicidade, Thiago autografou o seu *Silêncio e Palavra* (de 50 anos e na 4ª edição), e o seu mundialmente famoso Estatutos do Homem (3ª edição nacional), sob aplausos gerais.

Parodiando o decreto do vate de Barreirinha, em *Estatutos do Homem*, também decretamos, com a expressa autorização da Academia Amazonense de Letras:

Art. 1º - Fica decretado, Thiago, que tua poesia é imortal e universal.

Art. 2º - Que imortal, por igual, é a amizade e o carinho que te tributam os teus amigos, confrades e admiradores de todos os recantos do Amazonas.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

O Dia Internacional da Mulher

Cláudio Chaves

Os professores de história nos ensinam que a História da Humanidade pode ser resumida na luta pelo poder, nela incluído o relacionamento nem sempre amistoso. Entenda-se a palavra poder, aqui, não somente como expressão política, mas, com as muitas e diferentes aplicações a que se presta: poder familiar, poder social, poder profissional e mesmo poder pessoal, de seres que se destinam à felicidade individual e à realização humana.

Ao longo de milênios, as mulheres submeteram-se passivamente ao jugo masculino, como se destinadas à sujeição e à obediência, limitadas a dar à luz os filhos na dor e a viver sob o domínio do homem. Sequer debatiam a situação, pois eram educadas e preparadas para ser submissas, herança que, inconscientemente, era transmitida de mãe para filha, perpetuando uma relação injusta e discriminatória. Conformavam-se, pois, exclusivamente, aos deveres domésticos: cuidar da casa, criar os filhos e atender às exigências e necessidades do marido – mas apenas como parceira sexual sem direito à satisfação e ao prazer. Assim se mantiveram as mulheres, por centenas e centenas de anos, como criatura inferior e interditada, sem ter o direito do exercício pleno do poder. Pasmem, que absurdo!

Mas, o mundo mudou, e, por certo, para melhor. Hoje assistimos a vitórias no reconhecimento dos direitos da mulher, e, certamente, num futuro próximo, teremos a erradicação total de todo e qualquer preconceito e discriminação na sociedade, inclusive contra as mulheres. Aí então todos os dias serão: dia da mulher, dia da criança, dia do índio, dia do negro etc.

Entre os avanços que caracterizaram o século XX recém-findo e o início do 3º milênio, incluise, obrigatoriamente, a ascensão social da mulher. Do lugar discriminador ao longo do tempo, as mulheres, inclusive as brasileiras, em poucas décadas, conquistaram o espaço que lhes cabia ocupar, compartilhando com o homem dos direitos, responsabilidades e obrigações advindos do exercício pleno da cidadania.

Na Constituição Brasileira, no inciso IV do artigo 3º consta entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, o de *"promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação"*. *"Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações"*, estabelece o inciso I do artigo 5º.

No dia de hoje, 8 de março de 2002, o Amazonas e o Brasil também se aliam ao mundo e prestam homenagens às suas mulheres no Dia Internacional da Mulher.

Ensina-nos a fé, que Deus criou a mulher de um pedaço do homem. Não escolheu a sua cabeça para que a mulher não fosse sua soberana; tão pouco optou pelo seu calcanhar, para que a mulher não fosse sua escrava. Deus escolheu uma costela e uma costela bem perto do seu coração, para que homem e mulher, sempre juntos, se amassem e se respeitassem em condições de igualdade e com isso pudessem dar provas permanentes de terem sido feitos à imagem e semelhança de Deus.

Neste dia de 8 de março, queremos felicitar todas as mulheres do planeta e homenageá-las, simbolicamente, nas pessoas de 5 mulheres mara-

vilhosas que iremos referir como paradigma: a primeira é Maria, mãe de Jesus, que nos deu o Filho de Deus; a segunda é a senhora Joanita Chaves, nossa santa, querida e amada mãezinha, que com sua grandeza nos deu à luz, educou-nos e ensinou-nos as verdadeiras lições de educação doméstica e de vida. Saudando-a nos seus 86 anos, de iluminada existência, queremos homenagear todas as mulheres-mães.

A terceira mulher cuja lembrança invocamos é Florence Nightingale, fundadora da enfermagem e autoridade mundial em saúde pública. Florence representa o protótipo da mulher como trabalhadora da saúde. A quarta homenagem que queremos prestar é Carlota Pereira de Queiroz, a primeira mulher eleita para a Câmara dos Deputados do Brasil, no ano de 1932, a qual abriu caminho para a participação da mulher também na política. A quinta homenagem queremos dedicar à Maria Fernanda, nossa cara-metade: esposa, consorte, amante e amiga, em nome de quem pedimos vênia para homenagear todas as mulheres-companheiras espalhadas na superfície da Terra.

Parabéns, FLOR- MULHER!

O Comprador de Novilhos

Elson Farias

Genildo e Garibalde são inseparáveis. Aproxima-os a origem dos dois na região serrana do brejo nordestino. Na sua cidade natal, em Alagoa Grande, na Paraíba, são conhecidos pelo agrado de Nildo e Gári. Diferentes dos ditos homens comuns, pois possuem formação profissional de nível superior, nem por isso jamais se desligaram das raízes, vivendo-as com autenticidade, na matéria e no espírito. Sentados à margem da estrada, à sombra de um grande cajueiro abarrotado de frutos, os dois brejeiros contam vantagens da vida, rolando na prosa os temas do trabalho e do ócio. Acendem cigarros de palha e ficam ali cavaqueando preguiçosos como se o mundo um dia não tivesse de acabar. Passam bois, passam boiadas, e, lá embaixo, cabras e ovelhas pastam nos arredores do pequeno elevado de terras, onde descansam os dois. O céu permanece como sempre esteve, carregado de nuvens baixas cobertas por um azul profundo, clima próprio dos confins do brejo paraibano, onde o Nildo possui pequena fazenda, que, na sua modesta avaliação, nem fazenda é, mas um minúsculo sítio.

Cabra sabido e esperto, aproximando-se já dos oitenta anos, Nildo manobra como ninguém a qualquer gênero de montaria. Não há cavalo ruim para ele. Quando vi o homem solto no seu espaço, tirei logo esta conclusão. Passara a manhã toda a bom beber cerveja e aguardente e ainda conseguia montar um animal chucro e fazê-lo trotar com vivacidade. Meu conceito sobre o cabra acentuou-se, firmando-me a convicção de que aquele homem não era de brincadeira.

Nildo tanto domina a cavalgada como se deleita em exibir-se com o garbo de um rapaz. Puxando a prosa com o amigo para o lado de sua preferência, entra no tema eterno, mas recente naquelas paragens, da compra e venda e a troca e o sorteio de novilhos, carneiros e bodes.

Diz o Nildo ao Gári:

– Companheiro, para se fazer uma boa compra, é necessário que não se misture a quantia do dinheiro em espécie, com o valor do objeto a ser negociado.

Gári pede maiores esclarecimentos sobre a questão:

– Não estou entendendo. Como é que se faz isso, na prática?

– É o seguinte, – ensina o amigo: – você deve puxar para baixo o peso da moeda e preservar, proteger, o valor dos objetos negociados, deixando-o no seu devido lugar, isto é, lá em cima. Mas é preciso ter cuidado para não deixar o outro perceber o jogo.

Nas últimas linhas desse diálogo o velho Nildo já esboça um sorriso maroto, revelando o grau de malícia dominante em seu comportamento.

– Mas o amigo lembra de um caso concreto, ocorrido na prática sobre isso? – insiste o Gári.

– Tenho, sim, meu amigo!

E vai contando o acontecido com o genro farmacêutico, cientista bem sucedido, com laboratório de análises clínicas instalado na Zona Franca de Manaus.

Certo dia, o genro encontrou-se por acaso com um conterrâneo da Paraíba que estava em Manaus para adquirir equipamentos de um laboratório projetado na cidade de Ingá do Bacamarte. O genro do velho Nildo esmera-se em ter o melhor que há em matéria de tecnologia na sua empresa. Vai adquirindo os últimos lançamentos e encostando nos cantos ou passando em frente, aos neófitos, os obsoletos. Assim agiu em várias circunstâncias. Agora, lembrou-se da sucata de uns instrumentos laboratoriais superados e sem valor, tão imprestáveis que jaziam jogados num canil abandonado, na área de serviço de sua casa.

Aproveitou para livrar-se daquele trambolho com algum lucro. Passou a tralha ao matuto pesquisador, em troca de três novilhos e um carneiro. E pediu, lá de Manaus, ao sogro, que fosse ao sítio do colega de Ingá do Bacamarte, escolher os animais, objeto da troca.

O velho Nildo não se fez de rogado, informando de primeira ao genro que as peças não valiam nada, umas cabeças de bichos entanguidos, miúdos e raquíticos. Mas, como o negócio já tinha sido feito, ele providenciou o que o genro solicitara. Escolheu os três novilhos e o carneiro e os levou para a sua fazendola em Alagoa Grande.

Ao encerrar o relatório ao genro, informou o velho Nildo que a manutenção dos animais no seu sítio, custaria, em ração e outros cuidados para mantê-los de pé, o valor de dez reais ao mês por cabeça, isto é, a quantia mensal de quarenta reais.

O genro, após avaliar as despesas que se lhe anunciavam, achou mais prudente autorizar o sogro a vender os animais a quem os quisesse, afinal eram espécimes de baixo valor.

O velho deixou passar o tempo. Sem pressa. Paciência é essencial nesses lances. Depois, fleumático, informou ao genro que não tinha encontrado ninguém com interesse naqueles bichos.

O genro, então, caiu em campo à procura de comprador dos novilhos e do carneiro. Na estratégia montada na operação, segredou ao sogro, dissimulado, no intuito de instigar-lhe o instinto de posse, que encontrara comprador disposto a oferecer 460 reais por todo o lote.

Velho Nildo, em cima da bucha, propôs quinhentos, quantia a ser paga por 160 dólares e o restante em moeda corrente.

O velho Gári que se mantém calado, atento na estória do bom companheiro, puxa profunda baforada no cigarro de palha e indaga:

– Mas, onde você arranjou os dólares?

– É o seguinte: tenho um sobrinho nos Estados Unidos que vem à Paraíba de vez em quando. Numa dessas viagens de férias deixou-me esses dólares para comprar um boi que será abatido em sua próxima vinda. Deseja reunir a família em torno de uma churrascada. Como ele só vem no meio do ano e estamos ainda em janeiro, comecei a aplicar os dólares. Quando o meu sobrinho chegar, já devo ter adquirido para ele o animal, com algum lucro para mim.

Os dois brejeiros riem como crianças que acabam de bolar uma boa brincadeira.

Nildo prossegue narrando ao Gári o fato, salientando que o genro fez tudo aquilo no escuro, desatento às regras mais comezinhas dos bons negociadores. Comprou e vendeu os animais sem vê-los, sem ao menos conferir a veracidade das informações. Ademais, sentencia o velho, - o meu

genro entende de laboratórios; de compra e venda de bois entendo eu!

Mas, o genro não tinha observado, também, nesse aspecto do comportamento do sogro, confiando nele durante todo o episódio, certo de que realizara uma ótima transação comercial. Saiu cantando vitória, exibindo a todos o dinheiro recebido do sogro:

– Vendi os animais. Olhem aqui a grana!

A verdade é que o velho, na hora da escolha, no sítio do laboratorista de Ingá do Bacamarte, selecionou os melhores. De boa raça eram o carneiro e os três novilhos. Havia uma rês, representante legítima do plantel desenvolvido por técnicos do governo, que só ela, valia mais do que o montante aplicado nos quatro animais. Autêntico filé, disputado por qualquer fazendeiro da região.

Por fim, a verdade veio à tona. E com a verdade a confusão. A filha do velho Nildo procurou-o para reclamar:

– Painho, você teve coragem de fazer isso com a gente?

Nildo, ante a repreensão da filha, permanece calado e quieto, esboçando no rosto um ar de riso, com os olhos perdidos na distância, murmurando com os seus botões: sou um homem sério e honrado, não volto atrás nos meus atos. O que foi feito está feito.

E conclui a narrativa:

– Este é um exemplo claro de minha teoria na prática. No mesmo dia em que aplicava o dinheiro na compra, aquele valor já estava multiplicado por mais de três vezes na realidade dos animais em pé, devidamente ferrados com a minha marca, pastando no meu sítio. Só o carneiro já torrei por 200 paus.

O velho Nildo, na sua sabedoria, estava de consciência tranqüila. Enfim, na sua opinião, ninguém saiu perdendo na estória. O marido de sua filha desfizera-se de um lixo que estava entulhando as dependências de sua casa, com lucros auferidos em dinheiro batido, até em dólares; o laboratorista de Ingá do Bacamarte, ainda iria faturar uns bons trocados com o arcaico equipamento, apenas superado pela sofisticação do laboratório do genro; e ele próprio que saiu ganhando a maior parte, pois precisaria remunerar-se pelo trabalho que teve. Quem trabalha de graça é relógio...

A noite cai nos cumes dos montes cobertos de vegetação, na tranqüilidade das belas tardes do brejo paraibano. Os dois brejeiros acendem os últimos cigarros do dia. Nildo e Gári levam os chapéus à cabeça, montam em seus cavalos e voltam para casa. Necessitam dormir bem. Amanhã cedo, animais serão ferrados. Nildo comprou novos novilhos.

Quanto ao genro, o mais vistoso alvo desta estória, até hoje ainda vem sendo objeto de comentários bem humorados, sobre os eventos da transação.

Recife, 19 de janeiro de 2002.

Eugênio D'Ors – Filósofo e Artista
Uma Apresentação à Tradução do Livro *Oceanografía del Tedio*

Prof. Dr. Newton Sabbá Guimarães*

D'Ors e o *Noucentisme*

Diz-se que Espanha é mais uma terra de poetas e romancistas que de filósofos e que estes se contam nos dedos, o que é na verdade um exagero. Se a terra espanhola tem sido mãe fértil de bons poetas e ficcionistas, também tem sido berço de bons filósofos mesmo antes do *Siglo de Oro* e não podemos esquecer o autor de *Examen de Ingenios*, Juan Huarte de San Juan, cuja obra até hoje vem sendo estudada como exemplo de profundidade filosófica e visão humanística, além de ser um perfeito mostruário de leituras clássicas, ou antes, de variada leitura. Para só citar um dos mais antigos, mas quem já não leu ou não ouviu falar de Jaime Balmes, o conhecidíssimo autor de *El Critério*? E, mais modernamente, Ortega y Gasset, o de *La Rebelión de las Masas*, considerado, sem favor, dos grandes filósofos do século XX, cuja influência se fez sentir não apenas na Espanha de seus dias, mas ainda agora? Eugênio d'Ors situa-se, pois, entre esses poucos filósofos de expressão fora de Espanha, seja em sua primeira fase, chamada de *"catalanista"*, seja na segunda, a *"castelhanista"*. Mas é o primeiro filósofo-artista.

Há na sua vasta obra irregular duas fases, bem distintas entre si, porquanto D'Ors começa exaltando o catalanismo, no qual por longos anos acreditou como força de cultura para os filhos da Catalunha e só o estudo da sua obra catalã encheria centenas de páginas e até hoje – ou principalmente hoje com o uso da língua a pleno vapor – os estudiosos vêm-se debruçando sobre o autor enquanto criador e incentivador-mor do movimento *"Noucentista"*, quando manejava com arte e elegância o catalão e começa a escrever o célebre e discutido *Glosari*, fase que vai até a sua transferência para Madrid, em 1920, quando *El Glosari* passa a ser *El nuevo glosario*, já então em castelhano e o *noucentisme*, que ele cunhara na sua procuradíssima coluna jornalística, em 1906, para caracterizar a cultura catalã do século XX, dá lugar a uma visão que poderíamos chamar, sem exagero, de espanhola de uma nova Espanha. Ele que havia sido o eixo e o motor de um movimento nacionalista catalão, que delinearia todo um programa de renovação política e cultural para a Catalunha, passa a acreditar em uma estreita união da sua terra natal com o resto da Espanha, mas sem romper por completo os laços com o passado. D'Ors foi então acusado de abandonar os ideais catalanistas, que tanto defendera na mocidade, nos dias da *"Mancomunitat de Catalunya"*, inclusive por haver ocupado importantes cargos na instrução pública da sua região, acusações de resto inteiramente infundadas e injustas, pois o autor de *La ben plan-*

* Professor de Latim, Literatura Latina e Espanhol na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.

tada, uma das obras mais notáveis da moderna literatura catalã, permaneceria sempre um dedicado filho da Catalunha para onde se retira nos últimos dias e vai morrer, cercado do respeito e da admiração de todos, em Vilanova i la Geltrú, em 25 setembro de 1954, isto é, apenas três dias antes de completar 72 anos.

Xènius, do seu pseudônimo catalão, era senhor de um estilo em tudo e por tudo fascinante, que chegava por vezes a esconder a profundidade do seu pensamento filosófico, ainda que Albert Manent em belo e entusiástico artigo sobre *"La hora de las Obras Completas: La prosa catalana de Eugênio d'Ors"* (*"La Vanguardia Española"*, de 28 de junho de 1975), dissesse que não, que a beleza desse estilo afrancesado não prejudicava em nada a busca e apreensão do seu ensinamento:

> *No creo que pueda haber unanimidad al valorar el estilo dorsiano: há sido analizado mucho más su pensamiento, que es el que realmente influyó. Se diría que los jóvenes no hacían hincapié en el narcisismo, en los tics personales del estilo de Xénius, para buscar en las ideas que presentaba con una sugestión tan personal o para cerrar filas detrás de las consignas, "motes d'ordre", que Xènius prodigaba desde su Glosari* (art. cit., p. 11).

Pelo seu temperamento, um tanto pelo seu estrelismo, pelo seu extraordinário talento de *causeur*, D'Ors deu muito o que falar. Por vezes campava de excêntrico. Falava exuberantemente, sem nunca ter perdido aquele acento tão tipicamente catalão, que lhe emprestava um quê de simpatia e originalidade ou mesmo um certo distante acento latino-americano, que talvez ele cultuasse para acentuar a sua personalidade distinta. Gostava de estar cercado dos jovens, dos seguidores, dos discípulos e deleitava-se, se havia roda de falantes catalães e castelhanos juntos, em falar ao mesmo tempo nas duas línguas, com verve e extraordinária fluência, pois usava do castelhano com a mesma *aisance* com que usava a língua natal, perfeito exemplo do escritor bilíngüe, para quem as duas línguas não tinham segredos.

O factotum das letras

Jornalista dos melhores e dos mais atuantes, D'Ors deixou vastíssima obra periodística infelizmente ainda não reunida em livro, ou pelo menos não o havia sido quando se pensou na publicação de suas obras completas que, segundo dorsianistas de competência, estaria por cima dos cem títulos, entre livros escritos em catalão e os em castelhano. Foi filósofo, romancista, teatrólogo, crítico de arte, ensaísta dos mais brilhantes e Ángel Valbuena e Agustín del Saz na obra *Historia de la Literatura Española* (2. ed., 1956), escrevem que chega a dominar a prosa castelhana *"y es en ella un agudo crítico de arte, un hondo meditador y un gran artista del presente"* e que possui *"uma prosa reverberante que se renueva sobre las ideas y expresiones de la más joven generación"* (p. 293).

O seu factotismo levava-o a escrever um trabalho sobre *Guilhermo Tell*, que ele mesmo denominou de *"tragédia política"*, passando para um livro explicando a pintura e a vida de *Cézanne*, da qual teve perfeita compreensão, ou um agudo ensaio artístico e crítico, como *Tres horas en el Museo del Prado*, além das meditações filosóficas diluídas nos comentários que lhe deram fama, as glossas.

Uma obra irregular, diga-se de passagem, e que, pela vastidão, tem igualmente os seus altos e baixos. Increpa-se-lhe boa dose de sofisticação e francesismo sobretudo na primeira fase, a catalanista, no entanto não podemos esquecer que naqueles dias, quando D'Ors se lança de corpo e alma às atividades literárias, a Europa dos literatos passava por momentos de incerteza e inquietação e o decadentismo estava espalhado por quase todo o mundo que hauria nas letras de França não apenas os odores, mas a inspiração para a criação de novos modelos literários e, ser *décadent*, era modismo e era *tour de force*, era chique, era elegante. Xènius não escapa ao fascínio decadentista nem aos encantos da literatura francesa. Sabe-se que D'Ors era fluente na língua como o eram os grandes nomes da época em Espanha, à parte Ortega y Gasset que se germaniza pelos estudos e a longa convivência com as terras e a cultura da Alemanha, e não se havia ainda descoberto a influência americana, que chega depois, já por ocasião da guerra civil. Antes era o francês... No início era a França, de um novo *bereshit* literário.

Não se limita a uma dinâmica atividade literária, vai além e cria a *"Academia Breve de Crítica de Arte"*, promove as exposições dos *"Salones de los Once"*, dedicando ainda seus esforços à recuperação dos quadros do Museu do Prado, que se achavam depositados em Genebra. A sua atividade em todos os campos é incansável e ele goza da simpatia dos novos governantes espanhóis, mesmo porque, diferentemente da maioria dos escritores, artistas e de uma pseudo-elite acadêmica, por ocasião do conflito entre os nacionais que tinham à frente o Generalíssimo Don Francisco Franco y Bahamonde e os vermelhos partidários de uma república desintegradora e baderneira, o filósofo-artista bandeia-se para os patriotas que desejavam uma nova Espanha, una, estável e monárquica, e manter-se-á, em boa hora, partidário dos direitistas e conservadores até o fim da vida.

O mestre

Em artigo aparecido também nas páginas de *"La Vanguardia Española"*, Busquets Molas, que o conheceu pessoalmente, rememora-o com simpatia pouco depois de haver recebido o *"Prêmio Eugênio d'Ors"* de jornalismo, e o faz com ironia e carinho ao mesmo tempo, detendo-se, sobretudo, em aspectos da vida privada do discutido filósofo e glossador, como o chama, inclusive falando da simplicidade gastronômica desse trabalhador infatigável que tinha como um dos pratos prediletos um bife com batatas fritas, que chamava de *"frito monótono"*. Sentia-se como mestre e por tal era visto pelos jovens, lembra Busquets Molas, e gostava de receber no seu casarão da rua do Sacramento, em Madrid, em dias certos. *"Le gustaba rodearse de jóvenes – comenta Busquets – y aunque yo no lo era tanto, en cualquier momento encontré una afable acogida"*. Em outras ocasiões encerrava-se e não estava para ninguém. Era quando se punha a meditar e fosse isto anedota ou não, o colunista repete a estória que mostra esse lado estrelista de Don Eugênio: *"Por lo menos se decía que en determinadas horas no se le podía molestar. La sirvienta lo advertía: El Maestro piensa, no está para nadie"*. Verdade ou fantasia?

Era o mestre, primeiro dos catalanistas, depois dos seguidores de uma Espanha renascida sob as cinzas da guerra civil, que varrem para sempre os perigos de sovietização do país plurilingual e multiétnico. Manent, antes citado,

no começo desta introdução, ensina que Xènius teve *"admiradores, fieles seguidores"* e cita alguns nomes como Juan Crexelles, Josep Maria Capdevila, Joan Estelric, Agustí Esclasans, J. Ferran i Mayoral, todos eles catalães, mas somente este último seguir-lhe-ia as pegadas, em quem *"su estilo dejó escasas huellas"*, assim como na temática escolhida, isto é, *"en sus divagaciones, em la especialidad de 'ideas generales", de hechura dorsiana"*. Será que um artista e pensador como D'Ors, que, como Wilde, cria um estilo relampejante, vivo, epifânico, poderia facilmente encontrar discípulos que lhe seguissem também facilmente as pegadas?

Manent dedica-se a estudar sobretudo o D'Ors autor catalão e é dos textos em catalão que se refere como aquele em que

> *... resplandece en grandes momentos de auténtica belleza literaria, de luminosidad estilística, de una fineza de 'esperit' sin parangón. No en vano fue él quien predicaría la heliomaquia e insistió en los postulados del mediterranismo* (art. cit., p. 11).

Enric Jardí, que foi mais completo biógrafo de D'Ors salienta, igualmente, a supremacia da prosa catalã do filósofo, especialmente a obra publicada antes do advento da benéfica e honrada ditadura de General Primo de Rivera, entre as quais se podem citar *La Ben Plantada, Tina o la Guerra Gran, La Vall de Josafat, Gualba la de mil veus, El Nou Prometeu Encadenat*, que pela arte supremamente elegante que a literatura catalã jamais havia tido antes, não poderia deixar montões de discípulos. D'Ors teria muitos imitadores, mas não teria discípulos. Ele estava muito acima!

Mestre de gerações, terminaria, para sempre sem discípulos... Pelo talento de Escol, um solitário!

Catalão e universal

É ainda Manent quem escreve que D'Ors pode ser considerado como o autor de uma obra única, com isso querendo significar, decerto, na multiplicidade de temas e gêneros abordados *"la fórmula brillante, flexible, incitadora de la glosa"*, pois para sempre e em toda a sua obra ela estaria presente, pois não é de mais notar que inventor e cultor desse gênero, como Ramón de la Serna o seria das famigeradas e saltitantes *"greguerías"*, conseguiu não apenas criá-la mas dotá-la de outros espaços geolingüísticos quando as escreve *também* em espanhol e em francês, que do francês possuiu tão excelente conhecimento que nele escrevia *en maître*, fluente e versátil. No início a glossa foi, como ele mesmo a definia, *"curva, oblíqua i desigual història de l'esperit català del Noucents"*, fazendo-se instrumento da renovação literária e cultural da terra catalã, mas evoluindo, depois, para *"recollir palpitacions del tempos, fent propaganda de civilitat, construir uma "Metafísica usual"*, assim como rir de tudo e de todos, até mesmo do leitor, além de tratar de inquietá-lo, o que foi sempre a sua meta como filósofo: inquietar.

Abandona os temas puramente catalães e passa a pregar novos gostos estéticos e políticos tendentes a espanholizar a Catalunha e a europeizar a Espanha, com o que cai na simpatia dos leitores, primeiro os de língua catalã e, mais tarde, os hispano-falantes. D'Ors sentia com desespero que a sua terra natal, que amava entranhadamente, apesar das tinturas de cosmopolitismo, sofria, ainda, a perda da influ-

ência política e mercantil que tivera no passado. O autor sabia tocar na tecla sensível do leitor. Trazia um estilo *souple*, de refinada delicadeza e mesmo nas críticas mais agudas e irônicas, conseguia ser mais solene, abstrato, menos rude do que fora Josep Carner, outro que tentara alertar os catalães para a estagnação em que jaziam. Vale-se de tudo, desde períodos propositadamente barrocos e obscuros, até neologismos cunhados da linguagem popular ou de leituras dos clássicos e que lançava, ousadamente, aos leitores estupefactos, que logo os abocanhavam e passavam a usá-los no trato corrente. A sua *scriptura* fazia fé e tanto era o seu prestígio intelectual que o mesmo tantas vezes evocado e socorrente Albert Manent escreve:

> *Cuentan que el respeto por su persona era tan grande, que los primeros diccionarios normativos del catalán recomendaban el uso de "glossa", pero admitían por deferencia, la forma usual de Xènius "glosa"* – ibidem, p. 11. Grifei.

Haja deferência, temos de convir! Ele mudava a forma de palavras e os gramáticos seguiam-nas talvez não tanto docilmente, mas seguiam, os dicionaristas acrescentavam novos vocábulos ao já copioso vocabulário catalão do *Noucentisme*, palavras que Eugênio d'Ors havia cunhado com talento, inteligência e... capricho, também.

Tachavam-no de afetado e era-o pois chegava ao exagero de falar de si mesmo em terceira pessoa como os monarcas do passado ou os todo-poderosos ditadores (e abro aqui um parêntese para lembrar que os dinastas da família Duvalier, do Haiti, costumavam referir-se a si próprios com pronomes majestáticos escritos com maiúscula e falavam em terceira pessoa usando seus nomes completos, usança, aliás, muito a gosto de alguns ditadores africanos e fecho o parêntese para voltar a Xènius e sua afetação). Manent desculpa-lhe o vezo afirmando que tudo não passava *"de una espécie de filtro de su vanidad de pontífice de la cultura catalana en la que ejerció durante tantos años, con muchos corifeos y aplausos, uma espécie de dictadura intelectual"*. Sim, vaidoso e narcisista ele o foi em grande dose.

Quando rompe com a Mancomunitat e vislumbra na grandeza da Hespanholidade a proteção da própria Catalunha e o ressurgimento do Império, já sob outras capas, universaliza-se, ou como ele dizia, cosmopolitiza-se, europeizando a Espanha nativa, essa Espanha de tanto sangue e sofrimento, mas, também, de novas esperanças sob a direção honrada e bem intencionada do *"Caudillo de España por la gracia de Dios"*, como estava em todas as moedas. Daí a sua adesão ao franquismo redentor do país.

Na verdade sempre buscava o vasto mundo desde os dias em que pregava os pontos básicos em que cimentaria o movimento *Noucentista*. A busca de uma metafísica usual era já a busca do universal e a fuga dos perigos do regionalismo teimoso e pequeno que pouco ou nada acrescentava a não ser mais prisão ao local.

Oceanografía del Tedio. Jardín Botánico 1

O livro aqui apresentado, *Oceanografia do Tédio*, pertence ao início da sua fase dita espanhola e europeizante. É o primeiro livro de uma série de três que viriam a fazer parte de uma obra geral chamada de *Jardín Botánico*, *1*, *2* e *3*, título que teria sido sugestão de um

editor francês para acompanhar as versões de Francisco de Miomandre, Valéry-Larbaud, Mercedes Legrand e Jean Cassou, como escreve no prólogo que antecede dita edição. Os três livros poemáticos seriam este *Oceanografía del Tedio*, 1919, *El sueño es vida*, de 1922 e *Magín*, de 1923.

Autobiográfico, o livro é composto de meditações sobre aspectos corriqueiros da vida provocadas por um retiro médico forçado. Estirando-se em uma *chaise-longue*, deixa que os pensamentos vagabundeiem, pensa muito e tira muitas conclusões apesar das recomendações, severíssimas, para que não haja *"excursión; chaise-longue. No conversación; silencio. No lectura; letargo... En lo posible, ¡ni un movimiento, ni un pensamiento!"*

Ele não cumpre as recomendações e discreteia o tempo todo sobre mil assuntos palpitantes e até se apaixona de passagem e fica apenas três horas a descansar e a meditar mas tantas são as meditações que ele resolve deixar a casa de repouso e voltar para o bulício do asfalto e da vida citadina agitada. *"La verdad es que el hombre lleva consigo mismo paisaje y anécdota y drama"*, é uma das suas mais graves meditações e que carrega após sair do jardim onde estivera calmamente a descansar na cadeira de balanço, na sua preguiceira. Mas lembra La Bem Plantada, *"esa altísima Teresa"*, e conclui, filosoficamente, com uns versos de Horácio

> *Quid brevi fortes jaculamur oevo*
> *Multa? quid terras alio calentes*
> *Sole mutamus? Patria qui exsul*
> *se quoque fugit?*

Texto denso, por vezes desencontrado e muito hermético, *Oceanografía del Tedio* não é livro dos mais fáceis para ler às pressas e dele ter uma completa compreensão. A sua tradução requer boa dose de paciência e humildade para admitir que, algumas vezes, em trecho que pode parecer inteiramente claro, lá vem uma palavrinha, uma alusão que o tornam obscuro e quase ilegível. Aliás, era um dos segredos de D'Ors, em que um barroquismo (leia-se: hermetismo!) que desconcerta o leitor e o exegeta, fato já salientado por Albert Manent a respeito da sua prosa catalã e que se faz presente também nas suas melhores e mais conhecidas obras em língua espanhola.

Penso, porém, que vale todo o esforço, seja o do leitor, seja o do tradutor.

Na Ilha da Magia
Praia dos Ingleses, 9 de janeiro de 2002.

Bibliografia

BALMES, Jaime. *El Critério?*

D'ORS, Eugênio. *La Vanguardia Española*. 28 jun 1975.

MIOMANDRE, Francis de; LARBAUD, Valery; LEGRAND, Merces; CASSOU, Jean. *Oceanografía del Tedio*. 1919.

------- *Magín*, 1923.

------- *El sueño es vida*, 1922.

ORTEGA y GASSET. *La rebelión de las masas.*

SAN JUAN, Juan Huarte de. *Examen de Ingenios.*

VALBUENA, Ángel; SAZ, Agustín del. *Historia de la Literatura Española*. 2. ed. 1956.

A Revolta de 1924

Arlindo Porto

Há 77 anos, no dia 23 de Julho, conforme descrição do historiador amazonense Agnello Bittencourt, citado na bela obra da pesquisadora Eloina Monteiro dos Santos: *"Uma força do 27º Batalhão de Caçadores descia a Avenida Eduardo Ribeiro, conduzindo a artilharia. Os soldados marchavam na melhor ordem, em forma, como se fossem realizar uma parada. Mas o carro de guerra que puxavam, despertou a inquietação em toda a gente, que observava o desfile da tropa. Dez minutos depois, ouvia-se o ruído da fuzilaria e alguns disparos de canhão, em rumo do Quartel da Polícia".*

Assustada, a pequena população da capital amazonense entrou em pânico, trancando-se nas suas casas, cerrando as portas. O tiroteio durou cerca de uma hora, até que a tropa federal, sob o comando do capitão José Carlos Grabois, depois de ferir gravemente o comandante da Polícia Militar, coronel Pedro José de Souza, que resistira bravamente ao assalto, aceitou a rendição da milícia estadual.

Turiano Meira, que era presidente da Assembléia Legislativa e que se achava respondendo pelo governo, na ausência do seu titular, César do Rego Monteiro, que viajava pela Europa, escapou pelos fundos do Palácio Rio Negro, enquanto este sofria também assalto federal por uma tropa sob o comando do 1º tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior. De nada servira ao governo amazonense os avisos mandados pelo presidente da República, Arthur, de que estava sendo preparado um levante militar em Manaus. Nada fora feito para desarticular a ação armada, finalmente concretizada no dia 23 de Julho.

As lideranças revoltosas foram constituídas pelos oficiais: Ribeiro Júnior; 1º tenente Joaquim de Magalhães Barata; capitão comandante do 27º BC, José Carlos Dubois e os 1º tenente da Armada, José de Lemos Cunha e José Becker Azamor. Consolidando sua rápida vitória, os rebeldes efetuaram prisões de autoridades e de elementos ligados ao governo Rego Monteiro. Tomaram posse das estações telegráficas e telefônicas, assim como do navio *"Bahia"*, surto no porto de Manaus, vindo para levar tropas federais que deveriam ir dar combate a elementos rebelados, em São Paulo. Por um mês inteiro, até que o Governo Federal, com a intervenção de novas tropas vindas de outros pontos do país, retomasse o poder, as comunicações de Manaus com o Brasil estiverem cortadas.

Os rebeldes ainda procuraram compor um novo governo com os substitutos eventuais dos governantes depostos, mas nem o desembargador Antonio Gonçalves de Sá Peixoto, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, nem o vice-presidente em exercício da Assembléia Legislativa, Antonio Aires de Almeida Freitas, aceitaram o espinhoso encargo, o que obrigou os insurretos a colocarem à frente da administração um dos membros do grupo, o tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior.

Também passaram a editar, nas oficinas do *"Diário Oficial"*, o *"O Jornal do Povo"*, um órgão de imprensa que defendia as diretrizes do

movimento e atacava o nada popular governo derrubado, responsável por incontáveis tropelias e desmandos contra a população, inclusive um enorme atraso no pagamento dos vencimentos do funcionalismo e fornecedores.

Os rebeldes ainda tentaram levar o movimento ao Pará, mas não chagaram a passar de Óbidos, onde foram contidos por forças paraenses enviadas pelo governador daquela unidade federativa, Souza Castro. Para socorrer a população, Ribeiro Júnior criou o *"Tributo da Redenção"*, através de recursos obtidos com o leilão e venda de bens confiscados aos elementos do antigo governo, com o que pagava os atrasados do funcionalismo.

O governo de Ribeiro Júnior se estendeu até o dia 28 de agosto de 1924, quando os rebeldes foram dominados pelas forças federais vindas ao Amazonas, por ordem da Presidência da República, e que eram comandadas pelo general João de Deus Mena Barreto.

Os Dez Mandamentos do Magistrado

Lafayette Vieira

1° – A petição inicial inaugura o processo. Não quer dizer, entretanto, que deveis prossegui-lo, se virdes que ele não chegará a lugar algum. É vossa obrigação extingui-lo no nascedouro, a bem da justiça e da sociedade, que tendes o dever de proteger com o manto da lei.

Em julgando, ponde a pureza da vossa consciência acima da vaidade, que é própria da natureza humana. Assim, na hipótese de ser modificada a vossa decisão, não se instalarão na vossa alma nem o remorso nem o arrependimento.

2° – Não deixeis que a poeira do tempo tome conta de qualquer processo a vosso cargo. Julgai-o! A expectativa maltrata e fere muito mais a parte do que uma decisão desfavorável.

Jamais deserteis de um processo, por medo ou venalidade, como fez Pilatos no Julgamento de Cristo.

3°– Fundamentai qualquer decisão. Não apenas porque fazê-lo é imposição constitucional, mas, e principalmente, porque é na fundamentação que se reflete, pura e altaneira, a vossa imparcialidade.

4° – Todos têm a sua verdade e não se vexam de proclamá-la. A verdade jurídica, porém, nem sempre está na lei, ou no silêncio da revelia; e, às vezes, nem nas provas oferecidas, posto que muitas vezes são elas falsificadas ou produzidas.

Somente a perseverança, a pesquisa incessante e o estudo disciplinado, como virtudes milagrosas, são capazes de produzir o aclaramento perfeito da realidade judicial.

5° – Sede humilde no vosso ofício! Aconselhar-se com os mais experientes não é desdouro algum. Se alertado porque destes um despacho equivocado, não respondais jamais ao causídico que vos alertou, nestes termos: *Recorra, Senhor Advogado!*

Não existe humilhação no erro judiciário! Corrigi-lo ou repará-lo tanto é grandeza de humildade quanto princípio de sabedoria.

6° – Sempre deveis acreditar que nem Jesus, que é Deus, conseguiu, quando de sua passagem na Terra, contentar a todos.

Numa ação, o vencedor vos exaltará; mas, geralmente, não escapareis à censura ferina do que perde a causa. A este, mostrai as provas dos autos. Nelas é que o julgador demonstra a verdade de sua íntima e sagrada convicção. Com essa atitude, se não ganhardes a admiração do vencido, ganhareis certamente o respeito dele, que, em verdade, é um sentimento mais nobre e mais almejado do que o elogio.

7° – Não sois onisciente, mas também não sois o homem comum, cuja vida é tão livre quanto a dos pássaros alígeros, que povoam os ermos azuis dos nossos céus.

Não apenas uma lei de caráter constitucional nos dita normas de comportamento, mas

também a sociedade, que se encarrega, finalmente, de brindar-nos com a sua advertência. Jamais vireis as costas a tal vigilância, porque ela, sob qualquer circunstância, é útil e vos aproveitará. Segui, sempre que possível, os conselhos dos vossos pais. O lar é a Escola de Deus! A honra, a dignidade, a lealdade, a ética, a humildade, a honestidade e a coragem devem ser a vossa religião. Desconfiai, porém, dos que se acreditam ilibados, quando eles próprios se proclamam professores de ética e de moral. Não sejais hipócrita, como aqueles que buscam agradar a dois senhores. Ao final, não tereis o respeito de quaisquer deles, pela simples razão de que todos perdoam ao que erra, mas ninguém perdoa ao juiz pusilânime: aquele que somente se curva aos poderosos ou aos donos do poder.

Não atendais à ordem de *"imperium"*. Ordem ilegal não se cumpre, mesmo sendo ditada pelo vosso superior hierárquico. Lembrai-vos, enfim, de que o povo a quem julgais é que julga a vossa justiça.

8° – Nunca temais a verdade da lei nem acrediteis que estejais acima dela, ou que seja ela o anátema do vosso desamor. Quem se divorcia da lei não tem salvação; mas se tiverdes de escolher entre a lei e a justiça, deveis ficar com esta, que é dádiva de Deus.

9° – Maior do que a vossa condição humana é o poder que a lei nos outorga. Tão grande, que é necessário todo cuidado quando fordes exercê-lo. Um simples despacho produzido na pressa de um equívoco pode arruinar um inocente, levá-lo à loucura ou mesmo à morte; ou, ainda, escancarar presídios para dar liberdade aos presos irrecuperáveis.

Cuidai, juiz, para que a prudência, que é a virtude dos sábios, seja o lume do vosso veredicto, como um sol que enxugue o pranto dos órfãos e como a chuva que amenize a sede dos injustiçados! Que a vossa decisão, enfim, ao calor da lei augusta dos equilíbrios sensíveis, tanto fulgure nos castelos de luxo como nos casebres das mais rudes favelas. Em sendo justo, sereis bom! Sede justo!

10 – Certos procedimentos judiciais, como vós sabeis, autorizam o julgador a conceder *liminares*. Nas possessórias; nos mandados de segurança; nas cautelares; nas ações populares, entre outras.

Para concedê-las, deveis ter a máxima cautela! O despacho apressado ou descuidado não é mera temeridade, mas, com certeza, um possível produtor de catástrofe ou centelha capaz de produzir um incêndio.

Meritíssimo, despache logo esta inicial. É urgente! Tenho pressa!

Um perigo atender a um tal pleito do advogado. Ainda que seja este um profissional de notório saber jurídico ou colega de infância. É mais prudente escrever na peça exordial: *"A. À Conclusão"*.

Com tal despacho, se não salvardes o mundo, prolongareis a sua existência.

Todos acreditam que um simples atraso no pagamento de um título é motivo triunfal e invencível para requerer a falência de um comerciante. E alguns até usam o instituto falimentar como forma grosseira de cobrança. A quebra, pelas conseqüências malsãs que provoca, não passa de um processo odioso. Ela causa o desemprego de milhares de pais de família, produz a recessão e o caos.

Tudo fazei, meus preclaros juízes, para evitá-la.

Sede, enfim, no sacrossanto dever do vosso ofício, sempre prudentes.

Da humanidade e do acerto das vossas decisões, sempre dependerão a felicidade dos cidadãos e, naturalmente, a paz universal.

Hino à Santa Luzia

Alencar e Silva

Santa Luzia dos olhos tristes,
tristes de verem quem não os vê,
dá-nos, ó Santa dos olhos tristes,
a suma graça: dá-nos a fé.

Santa Luzia, deixa que fale
nesta cantiga meu coração:
são os teus olhos lírios do vale
desabrochando na escuridão.

No escuro mundo são os teus olhos,
Santa que os anjos chamam de irmã,
luz a guiar-nos por entre abrolhos,
pássaro, estrela, luz da manhã.

Ah, os teus olhos, Santa Luzia,
em tudo vertem doce clarão:
a escura noite – torna-se dia
e a própria morte – ressurreição.

Santa Luzia dos olhos tristes,
tristes de verem quem não os vê,
dá-nos, ó Santa dos olhos tristes,
a suma graça: dá-nos a fé

Segredos

Almir Diniz

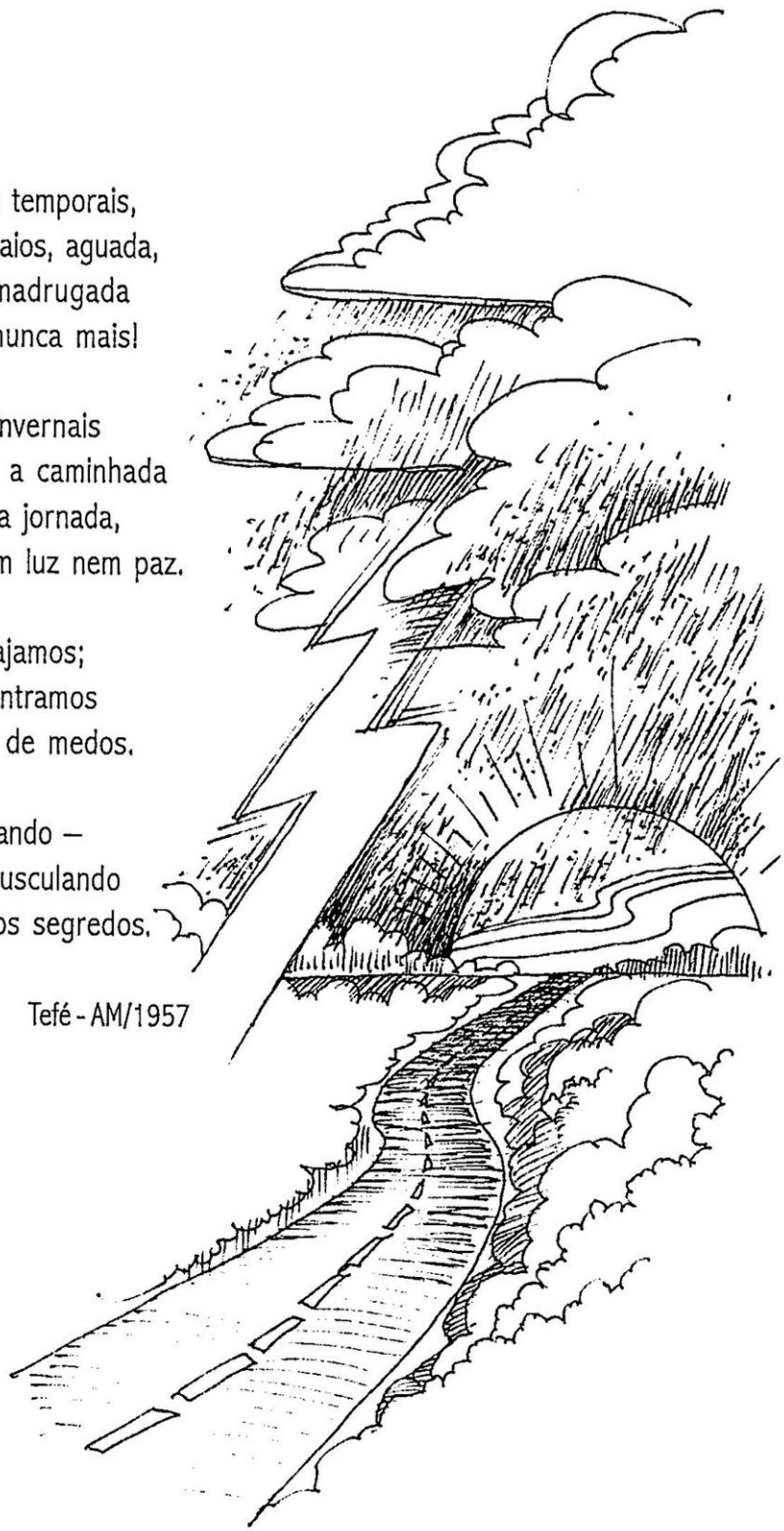
Num dia de trovões, de temporais,
de densa cerração, raios, aguada,
rompendo nossa insone madrugada
amargos, nos dissemos: nunca mais!

e partimos! Nas brumas invernais
escondemos um do outro a caminhada
feita de per si – da áspera jornada,
sem rumo – não ficou nem luz nem paz.

Passageiros do tempo, viajamos;
em florestas de dúvidas entramos
envoltos de lembranças e de medos.

E o entardecer... – veio voando –
e vendo nosso ardor crepusculando
sorriu luzes, dourou nossos segredos.

Tefé - AM/1957



Invenções

Almir Diniz

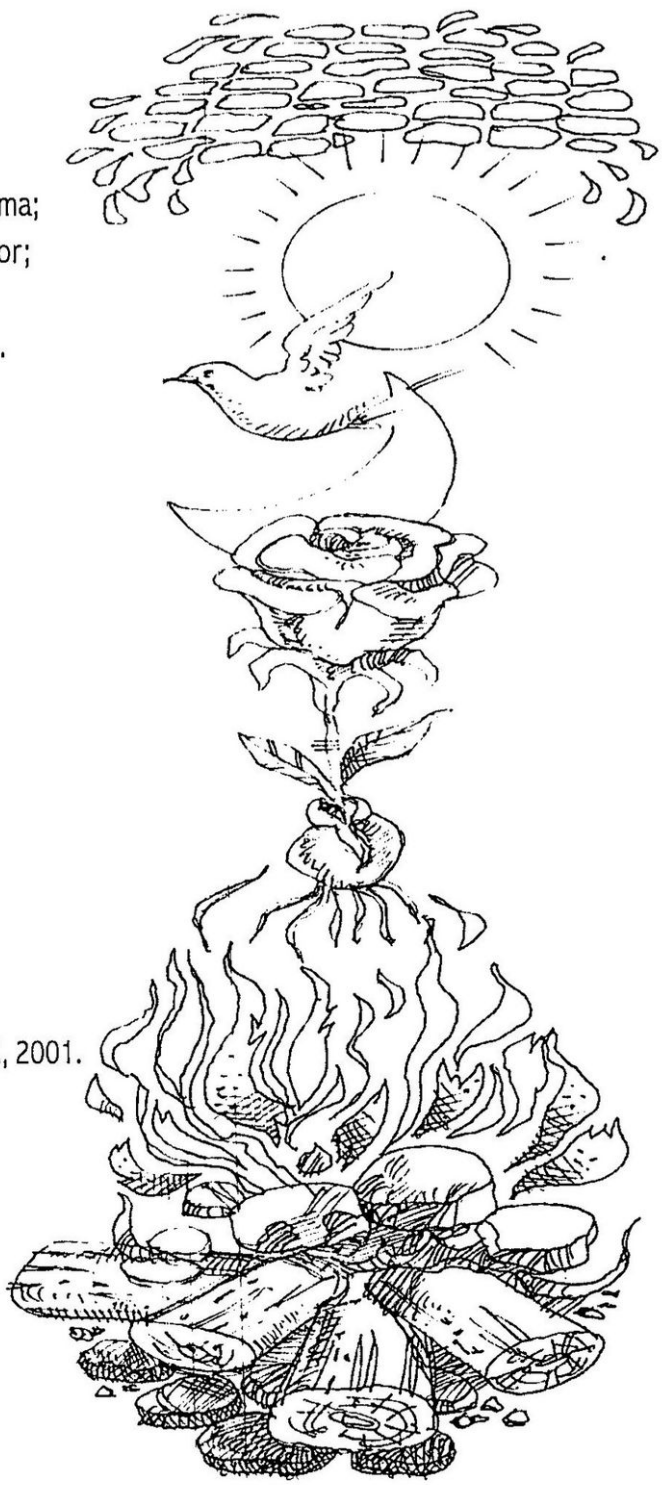
Do tição fez-se a brasa e desta, a chama;
do lenho fez-se o broto e deste, a flor;
da lua fez-se a paz; do sol, calor
e o calor transformou pântano em lama.

Com fios de esperança fez-se a trama;
dos sonhares desfeitos fez-se a dor;
do ciúme sem causa, o desamor;
da vaidade ferida fez-se o drama.

De seda e perfume fez-se a dama
e para seu desfrute fez-se a cama
com alvor sensual... – um esplendor!

Seduzindo a parceira, com carinho,
o homem a pôs, concorde, nesse ninho
onde, afinal, aos beijos, fez... o amor.

Lago do Paricatuba, Rio Purus/AM, 2001.



De Pégaso pela Astralidade

Almir Diniz

Solto as rédeas do tempo. Busco espaço.
Vou de pégaso azul. Parto ligeiro.
Audaz, galopo pelo mundo inteiro,
à procura de luz, nuvens trespasso.

Sonho globos carnais, beijo um regaço,
e pérolas recolho no roteiro...
em périplos febris, chego, primeiro,
antes que me domine ébrio cansaço...

E vejo níveas formas deslizando
entre galáxias pandas se atritando,
faiscando prazer – coisa de mito.

No rastro das estrelas, céu e lua,
acordo a madrugada que flutua
e vou beijar as musas, no infinito.

Blumenau, 1968.

Rio Amazonas

Mário Ypiranga Monteiro

– A lágrima de um deus – o Urutauí,
em ave transformada por Tupã,
verte pelas encostas sáfaras dali
dos Andes, e divaga na rechã.

É o rio, é o Amazonas, que à cunhã
banha o corpo odorando a patchuli,
as essências bravias que Rudã,
o deus do Amor, reserva para si.

A lágrima divina por ser triste,
transfere à gente boa o mal que existe
na linfa que origina os cataclismos.

Cascos senis de barcos naufragados,
corpos de crianças e de heróis tragados
vão aumentar a lama dos abismos.

O Louva-a-deus

Mário Ypiranga Monteiro

– Outro bicho que é mau mas quer ter bom conceito,
é aquele inseto verde – o Louva-a-Deus chamado.
Nada tem de exemplar e possui o defeito
de ser um traidor em santo disfarçado.

Não te iludas com ele, engana aquele jeito
de monja, mãos em prece. Ele está preparado
para agredir quem passa e possa estar sujeito
às tenazes ferais e no ato devorado.

É uma fera, o amor converte em drama gótico
quando ambas mãos estende ao que lhe dá o amplexo,
decepando o gogó de uma vez, o despótico.

E enquanto o macho espreme-se no entusiasmo
da cópula, e o torpor lhe entra pelo sexo,
ela o devora entre as convulsões do orgasmo.

Natal 2000

Mário Ypiranga Monteiro

— O inverno vem chegando e com ele o cortejo
de esperanças em que se ilude a alma cristã
com a forma singular e estrangeira em que vejo
apenas alusão à classe sua fã.

Causa tristeza e dor saber que o teu desejo
de transformar o mundo em alegre amanhã
encontre no momento o ódio malfazejo
não imposto por Deus mas pelo infiel Satã.

Inverno amargo. Em toda parte alastra a guerra,
como se um vento mau soprasse sobre a Terra,
anunciando o fim deste mundo revel.

Mas, apesar de tudo, e sobre a dor malsã,
em toda parte vejo uma esperança vã
e a alegria infantil de ver Papai Noel.

Tebaida

Mário Ypiranga Monteiro

– Parece-me que estou só numa ilha grega
cercada pelo azul translúcido do oceano
e tendo sobre mim um céu que me aconchega
à paz da primavera ao longo de todo o ano.

Nenhuma distração melhor, nenhuma, chega
a interferir jamais no meu pacato arcano.
Sou dono de mim mesmo e da alma heril galega
que vibra nas tenções de um escalda profano.

Na fachada do templo (a mata, obra de segres)
lê-se que sou feliz na minha reclusão,
cercado de asas e de popurris alegres.

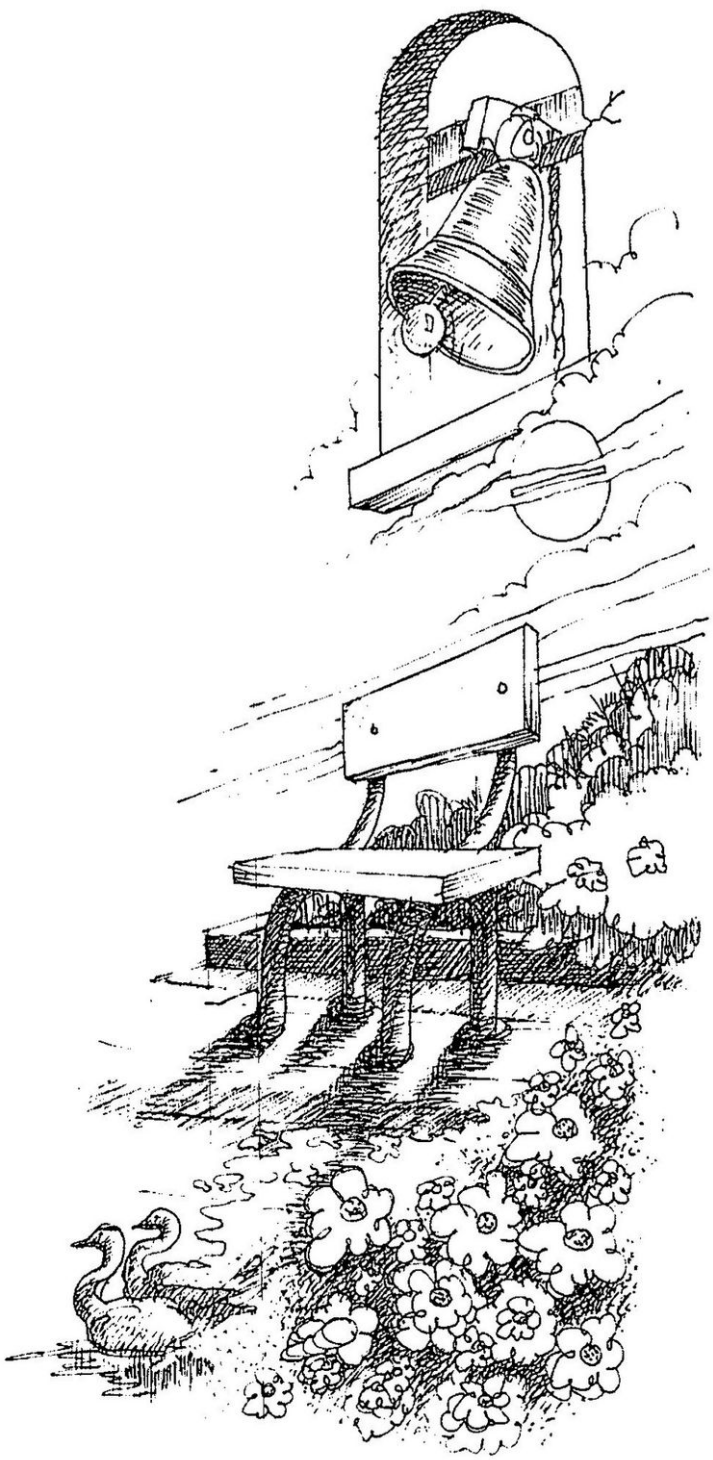
Tudo canta o esplendor da Natureza opima,
melhor que um menestrel faria num refrão
saudando o Amor gentil no áureo florão da rima.

Tamanduaí, 1932.

Triste Narração

Áureo Nonato

Sentado
num banco de jardim
estava eu ali
fugindo à vida
Era noite... e noite fria.
Tudo, tudo, parecia
triste e desolado.
Um sino ao longe
a quebrar o sepulcral silêncio,
fez ouvir
em som solene
doze badaladas...
E, do velho jardim
abandonado
começou então
uma voz surda e dolorosa
a elevar um brado
Uma queixa
e logo
um suspirar pungente...
Era o velho jardim
a relembrar
o seu passado
os seus primeiros anos.
E falou...
falou daqueles tempos
em que tratado com carinho
floria e servia de recreio
às criancinhas;
das suas flores raras
e dos seus contornos majestosos.



E, como que a mim se dirigindo,
continuou:
_ Vês o que aqui está?
Era antigamente
um lindo lago
onde brancos cisnes
a brincar viviam.
Levantei
olhei em volta...
Tudo, tudo parecia
triste e desolado.
E, continuou a voz:
– Vês em seu redor
o mármore quebrado?
Eram majestosos arcos
onde lindas trepadeiras
balouçavam ao vento...
E, por entre o arvoredo
a andar em passo lento
percorri por largo tempo
o jardim abandonado
a ouvir a triste narração.

O Agosto de Meus Anos

Carmen Novoa Silva

Para trás, ficaram
a velha casa de sobrado
os latidos da "Duquesa"
e um igarapé devasso, lambendo canoa
e barracos.

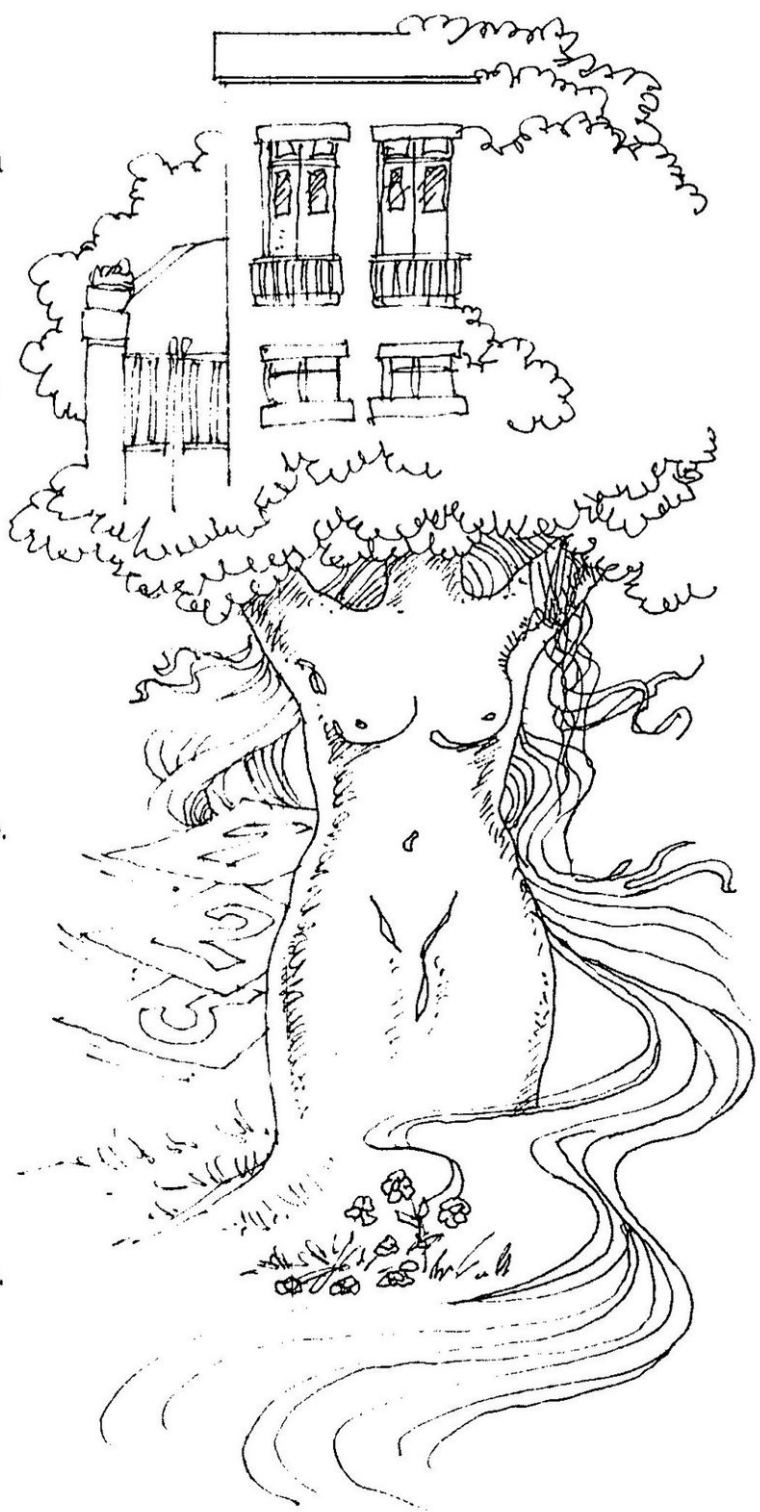
Ao longe, dois benjamins "voyeurs"
folheando calendários.
Neles, o corpo nu, exausto da memória
Pelas frestas,
violaram a inocência
e meus sete véus.

Deixei para trás
o "Éden".
Ponto de luz arfante
num leito de trevas.
Psiu! Passa aí "Asa Branca"!
Pecado em fuga do alto-falante solitário.

Deixei tudo.
O bem-te-vi da janela,
Laços rotos e curvas do afeto.
Até o dia de meus anos
que o sol lascivo de agosto acordava.

À distância, ficaram
lutas e lutos e angélicas
incensando portais de épocas decisivas.

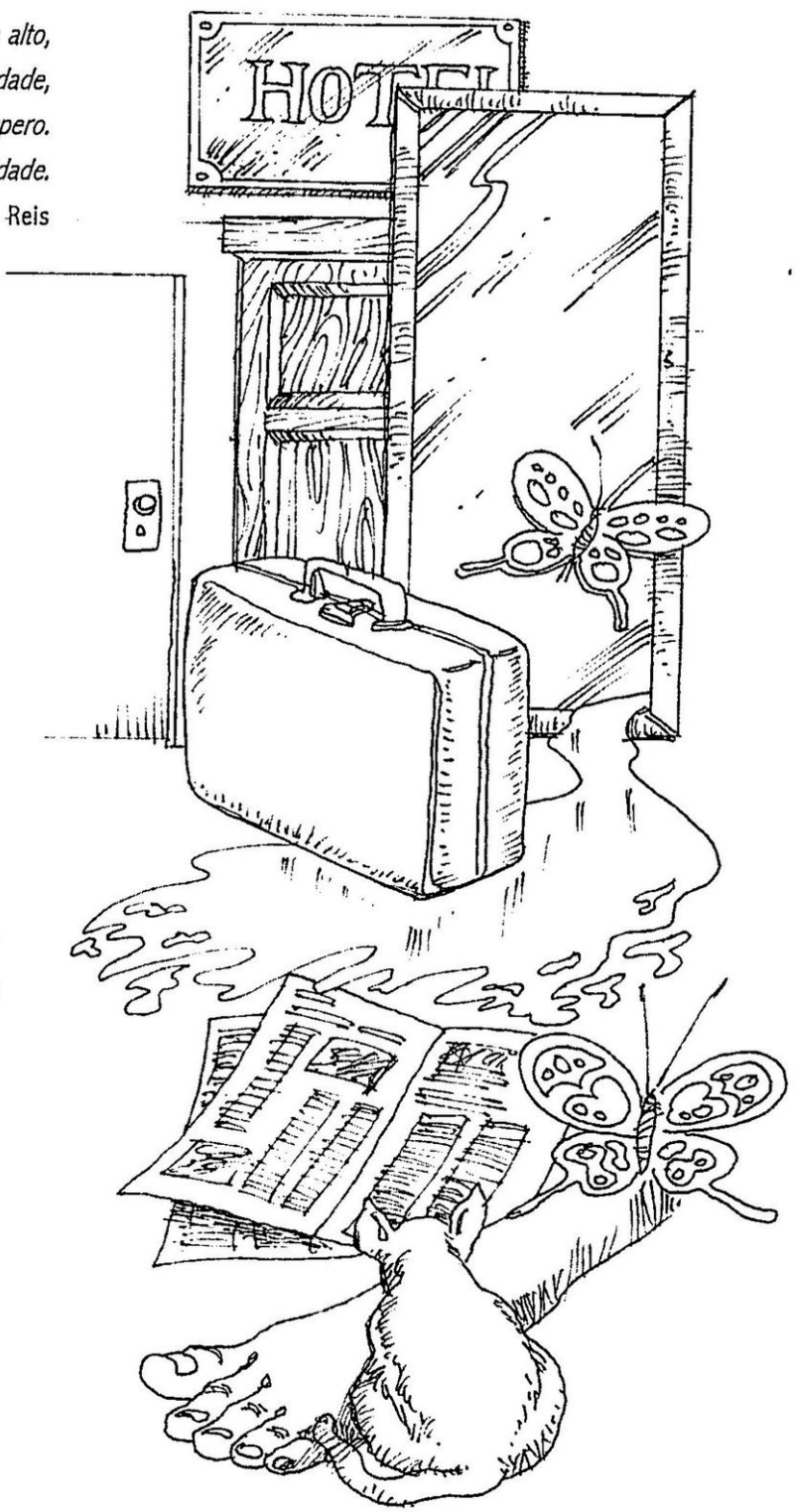
Sigo em frente! Teço parágrafos.
Enquanto o agosto de meus anos
esculpe em luxúria
minha estátua de sal.



Codianos & Noturnos de Belo Horizonte

Jorge Tufic

Esse prédio é bem alto,
É verdade,
Mas não chega ao desespero.
É a solidão da cidade.
Geraldo Reis



I

Com a escassa bagagem de mão,
eis que chego & me hospedo
neste quarto onde nunca estive,
mas que parece ter sido habitado
– ou continuava sendo –
pelas vozes & roupas
ainda intactas
no espelho abissal dos armários.

Em nome do tédio que pesa
sobre as águas sem brilho,
verifico, então, que um gato daqueles
que eu vira numa praça de Fortaleza,
se enrodilha em meus pés.

Leio, para não dormir,
os jornais desse tempo.
Repasso alguns álbuns, torno ao
quarto
onde, a um canto,
rala nesga do dia
separa uma asa de borboleta
das garras azuis de uma
outra borboleta.

Descubro que sonho
A placa de bronze desse hotel
fui encontrá-la, depois,
numa Loja de Antiguidades.

II

Numa livraria de Belo Horizonte,
buscando as estórias de Nasrudin,
me daparo com Dante Milano.

Já o tinha visto, antes,
num quadro de Portinari e na prosa lilás
do poeta Manuel Bandeira.

Tive-o, também, em Manaus
numa edição da José Olímpio Editora,
lá pelos anos quarenta.

No Rio de Janeiro, uma vez
também o vi quando olhava qualquer coisa
para tirar uma foto.

Agora, não. Neste livro póstumo
o sol que ele era não tem mais grades,
nem portas, nem gabinetes.

É um pássaro, e voa.

III

O que encontro neste terceiro milênio
quando retorno a Belô?

Paschoal Motta, Geraldo Reis,
José Afrânio Moreira Duarte, Fábio Lucas,
Armando Kawli, Yeda Prates Bernis,
o Mercado Central,

o edifício JK,
todos com a marca do antigo Suplemento Literário
dirigido por Murilo Rubião.

Isso foi bom.

Melhor ainda com Alice Spíndola
trazendo de Goiânia uma braçada de versos
para Stella Leonardos.

IV

Sou a luz que te inventa,
o ar em que somes
levando placas & nomes.

Sou aquele que volta
sem que nunca talvez tenha
descoberto tua senha.

Sou a pausa do fogo
no amor que te estrangula,
& o sopro que te anula.

Sou as águas da chuva
dos negros telhados
pela noite encantados.

Sou aquele que deixa
tudo tudo de si
para levar-te daqui

V

São Francisco de Assis
num mosaico de Portinari.

Quantas vezes repetido
nas calçadas de Belo Horizonte.

VI

A lágryma escrita em portuguêsa
– lá pelos fundões de 1920 –,
era lágrima preferida
para terminar um soneto

Pendurava-se na pena (com dois nn)
& dali, já impressa no papel,
de pingo de tinta
mudava-se em lyrio.

VII

De Adão somos o barro.
Das minas nada somos,
além dos brilhos que ficam,
doce orvalho sobre lajes,
mugido aberto ao silêncio,
catadura solitária
da pedra que por vingança
vai ser o pó do edifício.

Discurso de Posse

Samuel Benchimol*

Fernando Pessoa, um dos maiores artífices da língua, soube como poucos traduzir a condição humana, em que o transcendente e o humano se consorciam para gerar as realizações do espírito e fazer nascer a civilização. Deus, senhor da vida e do destino, quis que o sonho se fizesse verdade e, assim, pudesse estar aqui hoje para recebê-los e ser recebido nesta casa de homens de letras e de ciência.

Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras

Senhores Acadêmicos

Distinta platéia

[A todos minha gratidão pela presença e atenção neste momento significativo da minha aventura pelos caminhos do mundo – itinerário de uma existência que se cumpre após tantas viagens por rotas e portos desse vasto mar que é a vida. Mas, como dizia o bardo português: *"Cumpri contra o Destino o meu dever. Inutilmente? Não, porque o cumpri".*]

O sonho e a esperança são as estrelas que guiam o ser humano no seu itinerário pelos caminhos do mundo. Cumprir a travessia com altivez e nobreza – eis em que consiste o sentido da existência.

A vida é o milagre que nos desperta para os mistérios, desafios e beleza do mundo, em que traçamos o curso de nossas viagens e conduzimos nossos barcos rumo a portos e terras desconhecidas.

Navegador afeito aos perigos do mar, já quase cumprida a travessia do tempo que me foi dado viver, eis que chego a este porto – lugar de homens dedicados às letras e ao cultivo do saber. Ser recebido nesta casa de cultura é uma prova de reconhecimento por todos os esforços por mim empreendidos em prol da vida, do engrandecimento do ser humano e da prosperidade de minha terra e meu país.

É por acreditar na possibilidade do sonho e na virtude e espírito enobrecedor do trabalho que me impus a tarefa de contribuir intelectualmente com os estudos e reflexões sobre esse mundo ainda por ser devidamente pesquisado e revelado em todas as suas potencialidades, o que corrobora o ponto de vista de nosso saudoso Djalma Batista quando afirmava que "a Amazônia é um território por excelência para cientistas".

A Amazônia é, enfim, um enigma a ser decifrado, sobretudo por aqueles que tomaram para si, como esclarecia o estudioso Arthur Cézar Ferreira Reis, *"a responsabilidade de seus des-*

* Samuel Benchimol ocupava a cadeira n.º 11 da Academia Amazonense de Letras, cujo patrono é José Veríssimo. Tomou posse em 11 de abril de 2002. Faleceu na manhã de 05.07.02.

tinos como parte integrante e ainda por descobrir e possuir, do espaço físico-político do Brasil-continente e arquipélago, operação difícil que vai assegurar ao país uma posição toda especial no quadro das nações em condições de potencialidade".

Pensar a Amazônia, em sua exuberância e grandeza, constituiu-se numa tarefa e num desafio que, ao longo dos últimos cinco séculos, despertou a ambição de desbravadores e aventureiros, o fascínio de viajantes e naturalistas e a preocupação de cientistas e estudiosos que a perceberam como um rico ecossistema, vital na cadeia da vida que germinou nesse vasto território – habitado por bichos, plantas e entidades, que empolgaram o imaginário de seus habitantes.

A riqueza temática e o encantamento com esse mundo, metáfora viva do paraíso, não escaparam à sensibilidade dos poetas. Pereira da Silva, um dos precursores da vertente primitivista da moderna literatura brasileira, evocou poeticamente a origem mítica "da nação Canamari" – representação simbólica das origens dos diversos grupos nativos que habitaram e habitam as muitas margens dos rios da Amazônia. Os pajés, como guardiães do passado, rememoram, em seus cantos, essas lembranças que regurgitam na consciência do tempo.

E assim, entre o mágico e o real, a Amazônia foi assumindo diversas formas no imaginário da civilização. O estudo das crônicas históricas é revelador das concepções e idéias que foram sendo elaboradas por viajantes, cientistas e escritores que se aventuraram pela geografia imbricada desse líquido e incomensurável território verde. O espanto de Euclides da Cunha, ao contemplar o Rio Amazonas, como está descrito no seu surpreendente livro *Um Paraíso perdido*, é ilustrativo da força telúrica e fascínio desse universo sobre a sensibilidade desses homens que singraram seus cursos de água:

> *... subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi pela primeira vez, o Amazonas. Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era muito outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênese.*

Nessa linhagem de pesquisadores que elegeram o universo amazônico como tema de suas reflexões, destaca-se a figura do Barão de Sant'Anna Nery, com o seu célebre livro *O país das Amazonas*. O estudioso rompe com o exotismo e o caráter exterior e contemplativo das visões que predominavam sobre a região. Para ele, importava uma concepção operativa e racional sobre a realidade amazônica. Encarava a Amazônia como um desafio a ser vencido com trabalho e, sobretudo, com uma atitude inovadora, racional e pragmática: *"...resta-nos imprimir a resolução de ver e valorizar a mais bela, a mais rica, a mais fértil região do mundo, 'a terra da borracha, o El-Dorado legendário', as terras virgens que esperam a semeadura da civilização".*

José Veríssimo foi igualmente um estudioso preocupado com o destino da região que o viu nascer. Elegeu-a como tema de inúmeros textos e obras, como *Cenas da vida amazônica*, publicado em 1886; *A Amazônia – aspectos econômicos*, de 1892; e *A pesca na Amazônia*, de 1895. Resultado de sua dedicação à causa regional,

publicou, em 1915, *Interesses da Amazônia*. Como filho da região, serviu aos seus propósitos, como um de seus defensores, através de seus artigos na imprensa e de seus livros.

Homem do seu tempo e preocupado com o destino da terra a que consagrou grande parte de sua existência, antecipou perspectivas e situações sobre a Amazônia que se confirmariam ao longo dos anos. Tinha consciência de seu potencial, da diversidade e riqueza de sua biodiversidade. Embora soubesse, em função de sua complexidade, da dimensão e do desafio a ser vencido, bem como das implicações sociais, econômicas e ecológicas de qualquer empreendimento com vista ao aproveitamento de suas potencialidades.

Não se limitou aos estudos de caráter literário ou jornalístico sobre a Amazônia. José Veríssimo foi um homem que acreditou na possibilidade de construção de uma sociedade fundada no esclarecimento e num profundo sentido de cidadania. Espírito iluminista, acreditava que a educação seria o caminho para a redenção do país. A carta aberta dirigida ao presidente Wenceslau Brás, e publicada no Jornal do Comércio de 3 de dezembro de 1914, é expressiva dessa convicção:

> *A educação nacional, de há muito e cada vez mais convencidamente o penso, é a questão capital, a questão suprema, que nos cabe encaminhar com sabedoria se deveras queremos dar à nossa democracia o sólido fundamento de um povo esclarecido. Se não, esta apenas será o simulacro da República onde a massa popular ignara, inconsciente dos seus deveres e direitos cívicos ou indiferente à coisa pública, continuará a ser matéria inerte na mão dos políticos profissionais que tem sido.*

Ao que parece o presidente não prestou atenção às palavras de Veríssimo. Se tivesse observado suas ponderações talvez o destino do país fosse outro. Sua visão do processo educacional era ampla, fator imperativo para a transformação de nossa estrutura social e política. Afirmava que "a obra política da regeneração de um país supõe sempre a obra, prévia ou simultânea, de um sistema de educação nacional".

Espírito irrequieto e insubmisso, José Veríssimo era uma inteligência à frente de seu tempo. De caráter austero e inquebrantável, o escritor pagou o preço de sua lucidez – esbarrou na incompreensão e indiferença de seus contemporâneos. Ramiz Galvão traçou-lhe com precisão o perfil: "O homem de caráter, o cidadão íntegro que alentado pelas suas convicções e inspirado pelo seu patriotismo, não curvou a cerviz, em tempo algum, ao mando de interesses vis..."

Patrono da cadeira que passo a ocupar a partir de hoje, José Veríssimo foi uma das personalidades intelectuais mais importantes de seu tempo e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ao lado de Machado de Assis, Lúcio Mendonça, Rui Barbosa, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, entre outros. A bem da verdade, a idéia de criação de uma Academia, que animava os escritores no final do século XIX, tomou corpo nas reuniões que aconteciam na *Revista Brasileira*, dirigida por Veríssimo. E foi lá, como registra o Acadêmico Josué Montello, que aconteceu o seu nascimento: "Em 15 de dezembro de 1896, na sala da redação da revista, na Rua do Ouvidor, 31, Machado de Assis foi aclamado presidente da instituição..."

Espírito semelhante animou os intelectuais amazonenses que fundaram, no alvorecer do século passado, esta casa de cultura, da qual muito me honra fazer parte. A mim coube a responsabilidade de ser continuador de uma tradi-

ção iniciada com Coriolano Durand, membro-fundador deste silogeu. Filho de Tabatinga, dedicou-se ao jornalismo, à carreira jurídica e, como era comum em seu tempo, às letras. Pertenceu ao quadro de mestres do Ginásio Amazonense Pedro II, onde ocupou a cadeira de francês. Foi colaborador da revista Equador, editada pelo saudoso Clóvis Barbosa. Sua colheita literária inclui obras como *Aventuras policiais de Simão Cubas*, de 1909; *O Homem cambaio*, de 1909; *O Morto que riu*, 1925; *O Guaribano*, de 1929; e *O Carriça*, de 1931. Foram sucessores de Coriolano, Djalma Batista e Octávio Hamilton Botelho Mourão.

Bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade do Amazonas, Octávio Hamilton Botelho Mourão firmou sua reputação intelectual como professor de Física no Ginásio Amazonense Pedro II e na Universidade do Amazonas, de onde veio a ser reitor. Com longa folha de serviço prestada ao ensino, foi distinguido com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Maranhão. É autor de duas obras de conteúdo científico: *Cálculo de resistência interna de pares termoelétricos por método de Pontes*, de 1956, e *Estudos sobre medidas de grandezas físicas*, de 1956.

Alguns homens, pelo exemplo de desprendimento de ambições pessoais e dedicação ao saber e à sociedade, não passam impunemente pela vida, mas deixam as marcas de suas realizações e trabalho, colhendo, como recompensa, o reconhecimento de sua gente e a proteção da memória. Djalma Batista faz parte dessa linhagem de homens dedicados ao propósito maior de transformação da vida e das condições de existência dos seres humanos. Nascido em Tarauacá, no Acre, foi no Amazonas que encontrou as condições propícias para realizar o seu trabalho, como médico e pesquisador preocupado com os destinos da Amazônia.

Formado, em 1939, pela Faculdade de Medicina da Bahia, de cuja turma foi orador, retornou ao norte, estabelecendo-se em Manaus, onde ocupou diversas funções. Dedicou-se principalmente ao magistério e à pesquisa científica, com trabalhos importantes sobre saúde pública, como *Notas sobre a tuberculose em Manaus*, de 1942; *O Paludismo na Amazônia*, de 1946; *Da Habitabilidade da Amazônia*, de 1965; *Inventário científico da Amazônia*, de 1971. Incansável, publicou centenas de artigos e ensaios em jornais e revistas especializadas.

Djalma Batista era um humanista. Preocupado com o ser humano, colocou o seu saber e a sua inteligência a serviço do bem-estar da sociedade, preparando o espírito dos jovens, como dedicado professor, e cuidando dos enfermos como médico com profundas preocupações sociais e humanas. Destacou-se igualmente como estudioso e defensor da Amazônia, pois como dizia: "É preciso de qualquer maneira defender a ecologia amazônica contra o alargamento de práticas destrutivas, como o desmatamento desordenado, a agricultura itinerante, o esgotamento dos recursos da pesca, etc., que cedo acentuarão o desequilíbrio entre a água, a flora, a fauna, o ar e o próprio homem". Seu livro *Complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento* é um diagnóstico e um testemunho em defesa da região. Trata-se de uma obra de leitura indispensável por todos os que se preocupam com o destino da Amazônia.

Sinto-me parte dessa tradição de homens imbuídos de propósitos maiores e comprometidos com o presente e o futuro do ser humano e da vida. O compromisso, a fé e a crença na possibilidade de construção de uma sociedade esclarecida, criativa e próspera me moveram a vencer toda sorte de dificuldades e obstáculos. Aprendi com meu pai que o maior patrimônio

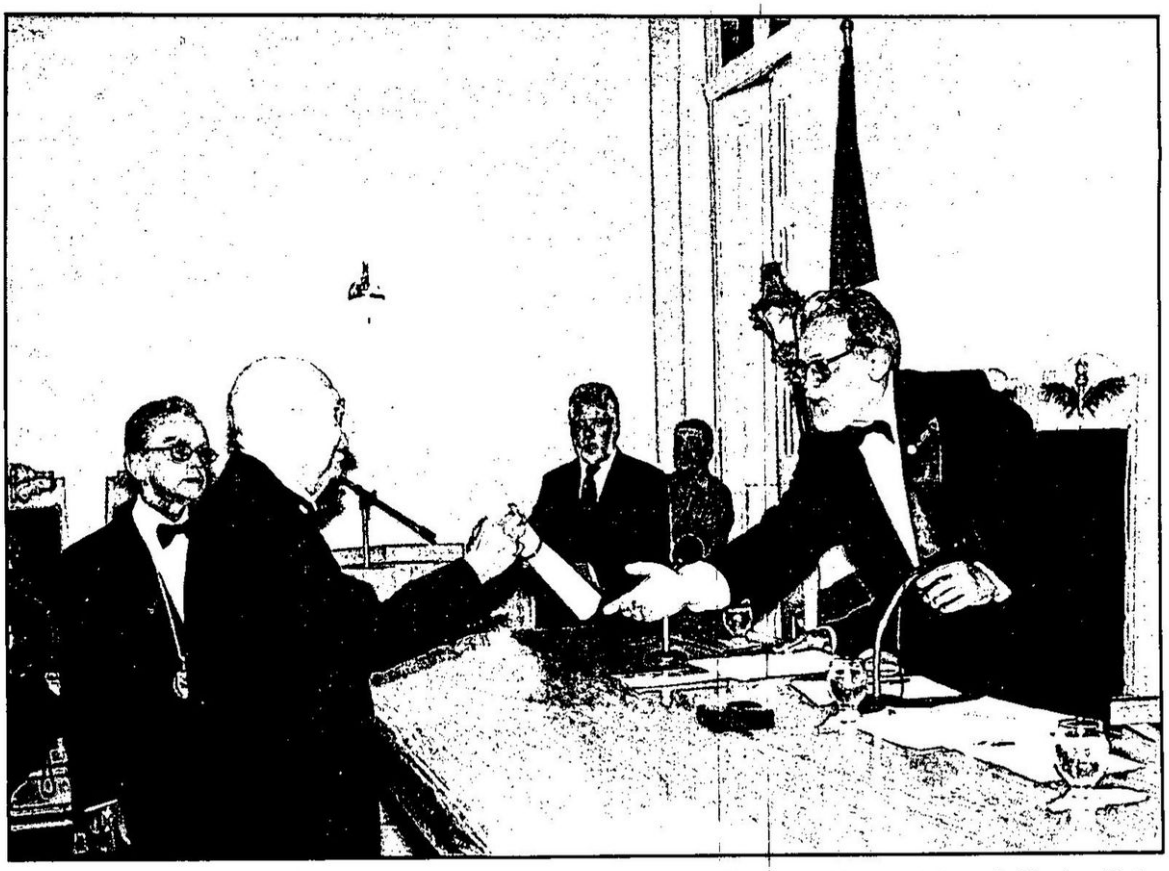
que um homem pode acumular na sua existência é o saber, porque dele dependem as outras conquistas. Velho humanista, meu pai acreditava no poder redentor do conhecimento. Ainda ouço seus conselhos e sua voz dizendo aos filhos que o que deixaria de mais valioso a todos era o estudo, pois é a única coisa que não nos poderia ser tirada. E foi exatamente esse o seu legado aos filhos, acompanhado do exemplo de trabalho e de grandeza humana.

Devo dizer-lhes que minha existência foi um exercício de compromisso permanente com o conhecimento e com a perspectiva de construção de uma nova realidade econômica e social para a Amazônia. Como Veríssimo, acredito que a educação é o instrumental necessário para mudarmos o destino de nossa terra e nosso país. Como professor, apaixonado pelo milagre da revelação do conhecimento e do despertar dos espíritos, trabalhei para forjar nos meus alunos uma nova consciência e a compreensão das responsabilidades e desafios que compete a todo cidadão esclarecido e cônscio de seu papel social.

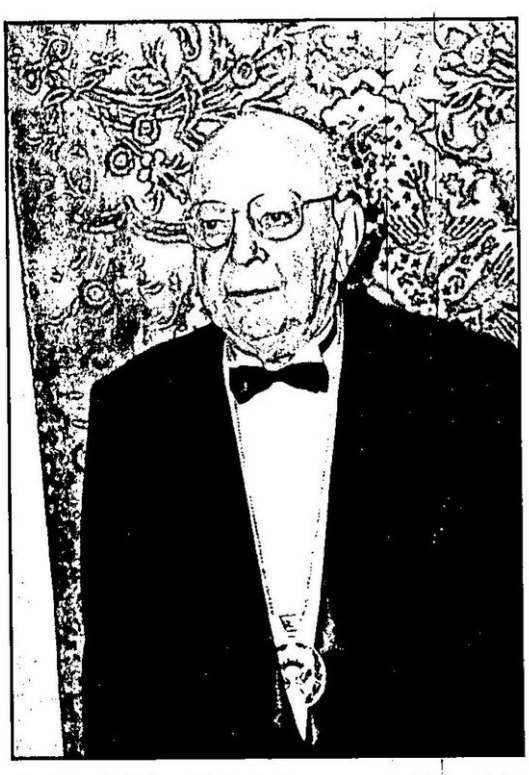
Por fim, não poderia deixar de dizer que cumpri bem até aqui a travessia, venci desafios, tempestades e não sucumbi às miragens, às vaidades tolas e à segurança do porto. Enfrentei o grande mar da vida, perscrutei seus mistérios e suas verdades – e aprendi que o cultivo das virtudes é o que nos salva do mal e da estupidez humana. Fui fiel às minhas verdades, à minha consciência e à terra em que finquei minhas raízes – como uma árvore frondosa e resistente aos temporais amazônicos. E tudo haverá de se cumprir e tudo haverá de caminhar para o grande, como nos ensina o poeta Thiago de Mello:

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir,
junto com outros sendo
e noutros se prolongando e construir o
encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.

É o que tinha a lhes dizer. Muito obrigado a todos.



Tendo ao lado o Acadêmico Jefferson Peres, o escritor Samuel Isaac Benchimol recebe do presidente o diploma de Membro Efetivo da AAL.



O escritor Samuel Benchimol, Professor Emérito da Universidade do Amazonas, publicou várias obras indispensáveis ao conhecimento da Amazônia, entre as quais: *Amazônia: Um pouco-Antes e Além-Depois (1977)*, *Romanceiro da Batalha da Borracha (1992)*, *Amazônia: Formação Social e Cultural (1998)*, *Zênite Ecológico* e *Nadir Econômico-Social (2001)*. Foi eleito em 09.11.01 para ocupar a Cadeira n.º 11.

Discurso de Recepção*
Saudação ao Acadêmico Samuel Benchimol

Thiago de Mello

Há pessoas que chegam a este mundo destinadas a encontrar o diamante da sabedoria, em cujo âmago ardente os espera a explicação do milagre da vida e o poder que protege a própria beleza da condição humana. A partir do instante em que o encontram, prêmio de perseverante procura, é missão e dever desses destinados repartir o diamante com todos. Melhor e mais justo é esclarecer: com todo aquele que tiver olhos para entrever a aurora que se aconchega nas trevas. Com quem não tem medo do resplendor do crepúsculo.

Um desses homens, caríssimo presidente da Academia Amazonense de Letras, poeta querido Max Carphentier – um desses homens, etnicamente hebreu e culturalmente caboclo, filho da nossa floresta – afinal ingressa hoje a esta Casa, trazendo na fronte a marca luminosa do trabalho de quem vem repartindo, há mais de meio século, em amoroso afã cotidiano, o diamante da sabedoria.

Mas quem é esse homem? O que o seu nome nos diz?

William Faulkner, notável romancista norte-americano, tem uma sentença de comovente beleza em seu livro *Luz de Agosto*, a respeito do personagem principal: *"Como a rosa tem o seu perfume e a cascavel o seu chocalho, cada pessoa traz no nome a sua própria advertência: ele se chama Christmas"*. Que quer dizer Natal.

O nome do novo acadêmico, o retardatário acadêmico, é Samuel. Que quer dizer: *"Está com Deus"*. Samuel Isaac Benchimol.

Acadêmicos confrades:

Deixei o meu Paraná do Ramos, o silêncio sonoro do meu rio Andirá, para vir recolher aqui em Manaus, nos porões claros da memória dos meus contemporâneos do Ginásio Amazonense Pedro II, alguns dados que eu desejava bem guardados pelo sal do tempo, para compor esta saudação, que faço por designação do nosso presidente, à qual não me posso esquivar. Confesso que depois de receber, desta tribuna, o historiador Armando de Menezes, irmão que a infância me deu, me disse a mim mesmo que aquela vez, a primeira em quarenta anos de Casa, seria também a derradeira. Sucede que não poderia desatender a quem nos ganhou o respeito na direção maior da Academia. De resto, ouvi mais de uma vez de minha mãe dona Maria que nunca me fizesse de rogado quando chamado para uma causa que valorizasse a vida.

Pois ora. Mais de uma ocasião, o motivo do meu interesse em remexer lembranças

* Discurso de recepção ao acadêmico Samuel Benchimol, em 11.4.2002.

ginasianas provocou dúvida. Houve até indagação espantada: – *"Mas o Samuel ainda não é da Academia?"* Não, não era.

O amor à verdade me pede que desfaça, sem ênfase, o rumor erguido, ao qual não tenho o direito de atribuir intenção, de que o professor Benchimol desconsiderava esta Casa. Fico no meu testemunho pessoal, dispenso outras vozes de bem. Há cerca de vinte anos, fui ter com Samuel a quem sugeri, a meio de conversa prolongada, o seu ingresso nesta Academia. (Lembro agora: foi depois da eleição do nosso Arlindo Porto). A sua resposta, de timbre ponderado, não me deixou insistir: era a mesma que dou a companheiros queridos que me querem ter entre eles na casa de Machado de Assis. Era a mesma razão que dei, tanta vez, a seu presidente, amigo meu dileto, Austregésilo de Athaide. Qual razão? A falta de jeito para cumprir as normas protocolares exigidas a um candidato. Razão que está longe tanto da virtude quanto da desvirtude. Falta de jeito que foi também, para trazer companhias ilustres, a de Gilberto Freyre e a de Carlos Drummond de Andrade. Desta vez, depois que tantas cadeiras em vão esperaram por ele – ia escrevendo esperaram sentadas – o notável amazonense, brilhante na sua simplicidade, decidiu cumprir a praxe acadêmica.

Pois então vivamos e sorvamos em grandes haustos este luminoso momento de felicidade da vida da Academia.

Samuel Benchimol: deixa que eu entregue, para todos os que aqui se encontram, um episódio antigo e comovedor. (Faço um parêntese, ou como Neruda me advertia, um ramo na árvore da minha fala, para dizer que, a meu juízo, não cabe na existência de Samuel a bela sentença poética de Fernando Pessoa, que ele traz para a abertura de seu discurso de chegada: *"Cumpri contra o destino o meu dever"*. Não. Ele cumpriu, em dia e letra, escrupuloso e fundo, o dever que o seu destino lhe dera. Sábio destino! Belo dever! Fecho o parêntese e narro).

Eram os começos dos anos 30, os mais negros da história do Amazonas, que mordia as migalhas da opulência gerada pela borracha. A pobreza se esgueirava pelas frestas. Aprendia-se a soletrar a penúria. O pai de Samuel, homem de posses virara guarda-livros. Enfrentava o que Platão chamava de dura contingência. Uma noite o velho patriarca teve com os filhos uma conversa, breve e definitiva, para a vida de todos:

> *Só há uma solução para sairmos da pobreza: vocês vão estudar. Todos vão se formar. É a herança que posso deixar e ninguém vai poder tirá-la!*

Todos honraram a herança paterna.

Poucos dias depois o adolescente Samuel iniciava, no Instituto Universitário Amazonense, de José Chevalier, os estudos para o exame de admissão ao Ginásio. Não me contenho e conto que também eu, alguns anos depois, cursava o Instituto do austero professor Chevalier, do qual guardo, nítidas, as melhores recordações, nenhuma mais suave do que o sorriso de Alaíde Said.

Os anos do Ginásio lhe são fundamentais. Dá gosto ouvir Samuel relembrar, feliz, o nome dos professores que teve ao longo dos cinco anos de curso. O nome e a cátedra. No seu semblante se estampa uma luz de gratidão. Foi no Ginásio que os fios do seu destino o levaram a instigar a intuição poderosa do mais querido mestre de todos nós ginasianos, Agnello Bittencourt. Abriu-lhe as portas da sua biblioteca e dos seus cuidados. Sabia a quem estava preparando caminhos. Por isso mesmo foi que lhe sugeriu participar do

concurso a realizar-se no Rio de Janeiro, promovido pelo Décimo Congresso de Geografia. Samuel não careceu de muita coragem. Enviou *O Cearense na Amazônia*, trabalho que já resplendia o fôlego do sociólogo. Que lhe valeu o prêmio do Concurso.

Isaac Israel Benchimol, Agnello Uchoa Bittencourt, Augusto Rocha, Mário Jorge Couto Lopes, André Araújo são nomes que desejo gravados no coração desta noite, porque iluminaram, confiantes, a senda que iria percorrer e que nela se prolonga o novo membro desta Casa. Nomes aos quais ele faz questão de acrescentar o do sociólogo norte-americano Read Bair, seu professor durante ano e meio, na Universidade de Miami. Diplomado em Direito pela nossa Faculdade, ali alcançou a sua pós-graduação, graças à bolsa de estudos conquistada através de concurso.

Para dois outros nomes tenho um lugar tecido de ternura e debruado pelo reconhecimento à dedicação competente. Um é o de Bernardino de Carvalho, abnegado organizador da preciosa documentação que Samuel reuniu sobre a formação política, social, econômica e cultural da nossa terra, desde os tempos em que Orellana percorreu o grande rio e o padre Gaspar de Carvajal viu, e conta como viu, as lendárias índias guerreiras. Bernardino já alcançou a outra margem da vida. Guardo na memória o cuidado com que tratava os papéis e microfilmes como se fossem flores orvalhadas.

O outro é o do professor João Renor. Numa tarde fria do exílio em Lisboa, encontro o jovem geógrafo dedicado à seleção de documentos da época da colonização amazônica, guardados na Torre do Tombo e no Museu do Ultra-Mar, posteriormente microfilmados com paixão pelo Costa Lima, profissional de primeira água. Todo esse trabalho, de valor inestimável, correu por conta do nosso novo confrade, cuja generosidade não se limitou ao custeio do trabalho. Anos depois, quando Professor de Introdução à Amazônia, da Faculdade de Direito, doou todo o riquíssimo acervo, devidamente codificado, à Universidade do Amazonas.

Samuel Benchimol, varão dos antigos, homem de bem, nasceu com o dom da amizade. Virtude que entra neste milênio como um pássaro molhado pela chuva e ameaçado de extinção. Não vou mencionar os seus amigos, tantos que dão para encher um daqueles paquetes da Booth Line. Todavia, não posso deixar de contar que seus olhos mudam de luz, sua voz inventa bemóis suaves, quando pronuncia o nome de Agnus, como carinhosamente sempre chamou o seu amigo de mocidade Agnello Bittencourt Filho, membro eleito desta Casa, que a vida não deixou tomar posse. Sei que Samuel sente nesta noite a falta do amigo entranhável que partiu deixando inconcluso um livro sobre o Amazonas já com mais de mil páginas.

Nos seus dias de Faculdade, Samuel formou um grupo de seis colegas, o *Jassamoary*, palavra formada pela reunião de fonemas dos nomes dos escolhidos: Jacaúna Maia, Manary Mendes, Wilson Zuany, Orange Mello, Moisés Israel e o próprio Samuel. Éramos como irmãos – me diz Moisés –, até hoje me sinto feliz de ter sido escolhido, Samuel é o "cluster" da amizade.

Cuido aqui tão-somente de fazer, a meu modo maneiro, a saudação ao Mestre, cuja amizade me enriquece. Não de tecer o seu elogio. Seria matéria para largas horas e extenso conhecimento. Sobretudo não seria labor para um pobre poeta do rio Andirá, cujos versos que conduzem a esperança foram abraçados pelas águas de outros rios do mundo. Trago a palavra de quem

é considerado um dos mais altos nomes da sociologia e da antropologia do nosso tempo, fundador de ciência nova: a luso-tropicologia, Gilberto Freyre. Dele ouvi, a propósito, na sua casa de Apipucos, pouco tempo antes de sua partida, esta pergunta simples, mas prenhe de significado:

– E o Benchimol? Como está o nosso Benchimol?

Leio contente fragmentos do texto de Gilberto, publicado *no Diário de Pernambuco* em setembro de 1981:

Meu caro Samuel Benchimol:

Sua presença no Recife, para comentar, na Fundação Joaquim Nabuco, a conferência de cientista ilustre, Henrique Bergamim Filho, não é uma presença qualquer. É preciso que todo recifense, e não apenas o erudito, ou o versado em estudos sociais, brasileiros em geral, amazônicos em particular, saiba quem o Recife está tendo o gosto e a honra de hospedar. Amoroso da Amazônia e, através desse amor, esclarecido, seu analista, seu estudioso, seu intérprete: Samuel Isaac Benchimol.

Quem, em qualquer tempo, maior conhecedor da Amazônia considerada nos seus aspectos socioeconômicos? Quem mais amazonófilo? Quem, ao mesmo tempo, mais objetivo, mais científico, mais idôneo, no seu conjunto de saberes sobre a Amazônia? Quem mais singularmente plural sem que sua pluralidade signifique dilentatismo? Quem mais lucidamente didático, na irradiação dos seus saberes?

Quatro anos depois Gilberto vem a Manaus para o II Encontro Regional de Tropicologia. E discursa na sessão de abertura:

> *– Venho falar a um inteligente público de Manaus sob a forte impressão de uma empolgante leitura recente: a do trabalho apresentado por um mestre insigne: o professor Samuel Benchimol, ao Encontro, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, em Manaus. Trata-se, a meu ver, de estudo monumental da Amazônia, em que, ao saber, se junta aquela camoniana experiência, que dá a um saber a dimensão magnífica da sabedoria. É obra que se situa entre os clássicos no assunto. Nasce obra clássica, como diria Roquette-Pinto. E a seu caráter de obra clássica, acrescenta a modernidade do arrojo futurológico.*

Comentando em artigo na imprensa pernambucana o *Romanceiro da Batalha da Borracha*, indaga o cientista social Sebastião Vila Nova:

Quem terá o direito de se aventurar a estudar sociologicamente a Amazônia sem a leitura do livro de Samuel Benchimol?

Guardo outro elogio, que ao mesmo tempo festeja e me morde a memória. Sempre lastimei que tantas obras notáveis de Samuel tivessem circulação restrita e fora do comércio comum. Uma tarde, em que ele me deu a ler os originais de *Guerra na Amazônia*, aí pelos anos 80, defendi veemente que seus livros pediam circulação e leitura nacional. Acabei por persuadi-lo. Levei os originais ao meu editor no Rio de Janeiro, o grande patriota Ênio Silveira, o fundador da Civilização Brasileira. Ênio leu os originais de Samuel (como fazia com todos os que lhe chegavam) e os encaminhou à gráfica. Por uma coluna literária, divulguei o lançamento do novo livro do Benchimol, sobre o qual o editor me dera, pela noite, uma opinião entusiasmada.

Eis que surge, na manhã seguinte, na sala do editor, um escritor amazônida, por sinal do meu apreço, cujo nome a delicadeza me favorece a omissão. Trazia a palavra espantada:

– Mas o Samuel é um capitalista conservador. Como pode ser editado pela Civilização?

Ênio foi o Ênio: – Este livro é de um sábio, preocupado com o futuro da Amazônia e a sorte da humanidade. Sofre como eu a dor dos injustiçados. E escreve muito bem.

São muitas as páginas, em idiomas diversos, que celebram o que ele diz e o seu jeito elegante de dizer. Não é o forte dos cientistas a redação clara, alguns textos escondem a competência do autor, de tão impenetráveis. Samuel trabalha com as palavras com tal intimidade que encontra, dóceis, as mais exatas para dar expressão ao seu pensamento. Bom de palavra escrita, o autor. Bom de palavra falada, o professor. Na palestra, no discurso, na conferência. Felizes os seus alunos universitários que souberam reter e florescer a sabedoria que Samuel semeou como quem semeia o trigo.

Confesso que me fortaleci de lágrimas quando vi aqui em Manaus o seu nome dado ao edifício da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Amazonas. Gratidão, intuí na hora, do seu ex-aluno Amazonino Mendes, o governador que mais valorizou a riqueza cultural do Amazonas. Minha irmã Maria Júlia o distingue como o mestre cujas aulas a deixavam simplesmente feliz. O escritor Tenório Telles me revelou há poucos dias que o olhar do professor Samuel brilhava, brilhava, no ardor de transmitir a seus alunos não só a ciência mas o amor ao Amazonas. O acadêmico Robério Braga me entrega o seu testemunho: *"Foi o professor mais brilhante que eu já tive"*.

Da proteção ambiental depende a continuidade da própria vida humana. Tanta a certeza de Samuel ao escrever esta sentença, epígrafe de meu livro *Amazonas, A Menina dos Olhos do Mundo*, que decidiu reclamar uma nova ordem para a vida do planeta. Partiu para a criação de um Imposto Internacional Ambiental já encaminhado às Nações Unidas.

As proposições de Samuel são claras, incontestáveis os seus argumentos, fundamentados na urgente necessidade de harmonizar a proteção ambiental com os fatores econômicos, políticos, sociais, com a visão estendida para o futuro não apenas da nossa floresta mas do porvir da vida dos homens deste planeta.

Talvez por isso mesmo é que caminhos defendidos por ele para evitar a desgraça ecológica são por alguns considerados utópicos. Ora, como este humano mundo, no trágico instante em que se encontra, ferido pela ferocidade e o medo, impõe a nós a opção entre o apocalipse e a utopia. Já faz tempo que me decidi pela utopia, quero dizer, pela Vida. Por isso estou com Samuel.

Estou pelo Imposto Internacional que obriga os países altamente poluidores (na frente de todos os Estados Unidos), a pagar, em dinheiro, pelo dano que causam à vida da humanidade. O valor do imposto seria fixado pela Assembléia das Nações Unidas e sugere a taxação apenas sobre o efeito estufa produzido pela emissão dos bilhões de toneladas de gás carbônico. Samuel calcula a arrecadação anual de 450 bilhões de dólares.

Quem polui, paga. É a nova ordem. São penalizados os países e indústrias que poluem o ar, a terra, as águas dos rios e oceanos e contaminam a vida. Através dos recursos arrecadados, serão incentivados projetos ambientais conservacionistas, o desenvolvimento de tecnologias tropicais adequadas para o manejo florestal, um programa de educação ambiental. *"Consciência ecológica é um dever nacional e uma obrigação social intransferível"*, avisa Samuel com o timbre forte de quem sabe o que está dizendo.

Benchimol vai mais longe, sonha ainda mais alto, porque com os pés fincados na verdade do chão. A Amazônia não pode mais dar de graça. O gás carbônico que sai das chaminés dos países ricos é absorvido em grande parte, e, gratuitamente, pela nossa floresta. Pois o Imposto Internacional acabará com tal injustiça. Os países ou regiões, como o Brasil e a Amazônia, que subvencionam ambientalmente os países mais ricos do Primeiro Mundo, através principalmente da absorção do gás carbônico – esses países devem receber *royalties*, contribuições financeiras, pagas pela comunidade internacional.

Parece que estou vendo o riso de mofa dos senhores que se pretendem donos do mundo. Para eles, o projeto de Benchimol não passa de loucura, de sonho de um louco. Pois somos muitos os que sonhamos o sonho de Samuel. Aprendi com Fernando Pessoa que *sem a loucura o que é o homem, mais do que besta sadia, cadáver adiado que procria.*

A todos recomendo a leitura do último livro deste autor de mais de cem obras, *Zênite e Nadir*, publicado pela Valer, a editora da qual se orgulham os homens cultos da minha terra, cujo labor, prestigiado pelo Governo, atrai a juventude para a felicidade da leitura. Livro essencial.

Vou concluir. Tão monumental é a obra deste caboclo que todas as palavras que aqui proferi não passam de um breve aceno feliz que lhe faço. Mas antes entrego duas breves dádivas florescidas da sabedoria do nosso acadêmico:

Hoje, homem culto não é apenas o que pode recitar Virgílio e Horácio, que tem de cor Camões inteiro, que conhece na exata a colocação de pronomes. Homem culto também, além do que conhece tudo isso, é aquele que se dedica ao estudo, investigação e interpretação dos nossos complexos de economia e de cultura, dos nossos problemas de raça, de sexo, de saúde, de alimentação e de técnica.

E esta advertência final:

A educação constitui o calcanhar-de-Aquiles capaz de iniciar o caminho de exclusão social das comunidades carentes. A ignorância e o analfabetismo formal e informal (pessoas que sabem ler, mas são incapazes de entender o que leram ou usar a escrita para se comunicar) são elementos de perpetuação do atraso.

Saúdo o professor catedrático, titular de várias cadeiras.

Saúdo o sábio em tantos ramos da ciência.

Saúdo o Professor Emérito da Universidade do Amazonas.

Saúdo também o adolescente professor primário.

Sobretudo saúdo comovidamente o moço despachante de bagagens da Panair do Brasil que decidiu estudar e chegar a ser o humanista. Sábio humanista, é o que ele é. E saúdo, deixei para o fim, o meu companheiro de poesia, autor da comovente *Saudação aos Soldados da Borracha*, mas que também sabia tanger as cordas da sua lira:

Sol poente,
Lua minguante.
É o nosso amor quase morrendo
À espera de uma nova estrela.

Vem, Samuel. Bem-vindo, Samuel Isaac Benchimol. Recebe os louros com que esta Casa te sagra e consagra por tudo que fizeste e fazes, pelo bem da nossa terra, pelo futuro da humanidade.

Discurso de Posse

Antônio José Souto Loureiro*

Senhores Acadêmicos,
Senhoras e Senhores,
Amigos, Parentes e Irmãos,

A data de hoje ficará marcada, nos anais da minha família, como a do coroamento definitivo da nossa presença e permanência, nesta terra, que tanto amamos, e onde vivemos há mais de cento e dezessete anos, quando aqui chegaram e se radicaram os nossos ancestrais, todos na busca de melhores dias, nesta Amazônia, que lhes acenava a saga do Eldorado, então renovada pelo Ciclo da Borracha.

Gente pauperizada pela máquina de fazer açúcar do Nordeste, consumindo florestas, terras, pessoas e cabedais, há mais de quatrocentos anos, como sempre ocorreu em todos os empreendimentos coloniais, ficando depois as populações que neles trabalharam, sem nada, mão de obra ociosa, pronta para a aventura da emigração, para sair do marasmo, da vida sem horizontes.

E primeiro vieram os rudes sertanejos da serra Grande de Ibiapaba, oriundos dos Pinto de Mesquita, Teixeira, Farias e Areal Souto, já misturados aos tremembés e tocarijus, gente nhengaíba, de língua travada, daquelas altas chapadas, em algum dia do século XVII, exterminados e riscados da lista dos povos deste planeta, quando já habitavam a Amazônia, nas proximidades do forte North, hoje Macapá. Dizem que o mais qualificado desses ancestrais, pelo lado civilizado, foi Francisco Frias de Mesquita, primeiro engenheiro mor do Brasil, sendo as suas maiores obras os fortes de São Marcelo, em Salvador, e dos Três Reis Magos, em Natal, a igreja e o mosteiro de São Bento, no Rio, e o traçado de São Luís. Mas os que para aqui emigraram, longe dessas grandezas, foram, na verdade, seringueiros das barrancas, meandros e sacados do Juruá, nas terras de Carauari, onde após anos de sofrimentos e pesados trabalhos, na extração, compraram um seringal e mandaram o meu avô Antonio estudar em Fortaleza, para se livrar das feridas dos piuns, apesar da obrigação de educar um filho do irmão mais velho, de quem tomara o lugar. Lá se meteu nas revoluções contrárias à oligarquia dos Accioly, sendo forçado a fugir para o Recife, onde se formou em Direito, em 1909. Foi promotor federal, jornalista, político, revolucionário e poeta, no Nordeste e no Acre, onde se fixou.

Depois os Accioly da Guaiúba, próxima de Fortaleza, parentes, mas não participantes da política do grupo oligarca do Icó, cujas raízes estão plantadas junto à Ponte Velha, no Burgo dos Santos Apóstolos, na bela Florença, chegados a Pernambuco, via ilha da Madeira, para a

* Antônio José Souto Loureiro ocupa a cadeira n.º 34 da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é Ermanno Stradelli, tomou posse em 23 de março de 2002.

luta contra os holandeses, no século XVII, e depois refugiados no Ceará, quando das perseguições aos republicanos da Confederação do Equador; os Santos, um dos nossos pés na África e os Menezes de Aracati, liberais por natureza, a ponto de termos avó, bisavó e primas chamadas Liberalina. Esses desbravaram o Javari, plantando seringais às suas margens, e onde meu bisavô o major da Guarda Nacional João Facundo de Menezes, que tinha queda pelas coristas do Teatro Amazonas, descansa em Atalaia do Norte, após Remate de Males, cidade de seis mil habitantes, ter sido engolida pelo rio, em decorrência de uma praga, ou de um fenômeno natural, ou pelos dois, não se sabe...

Mil oitocentos e noventa foi o ano da chegada, em um dos navios da Booth Line, do imigrante-menino José Augusto, de catorze anos, natural da Aguieira, em Viseu, Ibéria Alta, onde nascem as águias, ou onde os romanos plantaram as suas insígnias, quando da guerra contra Viriato. Região de antiquíssimos núcleos portugueses, povoados por cristãos velhos, posto que alguns convertidos ainda na Idade Média, muito antes da Inquisição ter sido instalada, em Portugal, na verdade gentes oriundas dos celtas lusos, montanheses da serra da Estrela e das terras altas entre o Mondego e o Dão, de judeus sefarardins e de mouros zuraras, que por ali tiveram um reino, com a capital em Azurara, hoje Mangualde, senhorio dos Cabrais, com Belmonte. Região cheia de antigas famílias, casando-se endogamicamente há séculos e entre elas algumas raízes nossas: Loureiro, Paes, Marques, Figueiredo, Amaral e outras aparentadas: Pedro, Fernandes, Cabral, Pinto, Silva, Loyo. Todas vivendo, no século passado e anterior, em uma região paupérrima e parada no tempo, daí a imigração dos jovens, em tão tenra idade. E o jovem Loureiro foi por isso *gato de armazém,* semi-escravo, trabalhando de dia, nas entregas e de noite, trancado e dormindo sobre os sacos. Apesar de tudo estudou o suficiente e participou do movimento anarquista de Manaus, como aconteceu com muitos dos imigrantes ibéricos, chegando a participar do atentado contra o governador Ramalho, com os ossos das galinhas assadas, roubadas do consistório da Matriz e jogadas do telhado sobre o governante, durante uma festa religiosa de domingo. Sem ser engenheiro, calçava as ruas de Manaus, com pedras de arenito rosa, construía rampas e escadarias, consertava o piso preto e branco, o mar alto da praça de São Sebastião, limpava as ruas do mato, que crescia entre as pedras, com a sua equipe de reco-recos, usando instrumentos feitos com fita de metal dobrado e teve muitas tabernas, sem jamais enriquecer. Lutou ao lado dos defensores do governo Bittencourt e ajudou a criar o Montepio Municipal. Teve duas manias, no final de sua sofrida vida: ler o jornal de domingo, debaixo das mangueiras do cemitério de São João e jogar bilhar.

Ainda falta a quarta origem. Esta veio da terra potiguar: Ferreira da Silva e Fernandes, parentes do monsenhor Távora, gente do sertão de Pau de Ferros, de onde fugiu, aos catorze anos, o meu bisavô Carolino, após ter dado um tiro de palanqueta, no padrasto, que lhe ameaçara com um relho, escondendo-se, por anos, na serra de Manuel Dias, Águas Verdes, Ceará, onde viviam os Filgueira, Brasil, Silva, Jorge e Cavalcanti, parentes da minha bisavó. O certo é que com o dinheiro da sua parte na herança da Casa Grande da Salamandra, comprou uma sesmaria, na serra, que mais tarde o meu tio Durval doou à parentela. Terra seca e produtora de urucu, incapaz de prender alguém que tenha

a vontade de enfrentar o desconhecido e, em uma estiagem maior, abandonada por seus filhos, rumo ao Amazonas, Acre ou Pará, para a colheita da borracha, tão fácil, que era só apanhá-la, pois as bolas, os seus frutos, nasciam das árvores, como informavam os arregimentadores da praça do Ferreira e depois, de navio, na terceira classe, até o laco. E o bisavô Carolino foi caixeiro de seringal, participando da expedição Rondon, no Acre.

O certo é que quando visitei Sena Madureira, quase que obrigatoriamente, pois escrevera o livro *"A Gazeta do Purus"* sem conhecê-la, fiz uma incursão ao seu cemitério, cheio de gigantescos monumentos do período áureo da borracha, a atestar a riqueza da época, e nele deparei-me inesperadamente com um retângulo de mármore, semi-enterrado, uma lápide sepulcral abandonada, que logo me chamou a atenção e ao virá-la vi gravado o nome deste bisavô, suas datas de nascimento e morte. Espantado com a ocorrência, localizei a sepultura de ferro batido inglês, onde no local apropriado fixei a pedra e a seguir mandei pintá-la, prometendo voltar, no ano seguinte, o que ainda não cumpri. Foi uma coincidência estranha que me obrigou a pensar na predeterminação dos fatos, embora, como um céptico em vias de conversão, ainda continue a raciocinar de outra forma.

Desses quatro costados, saíram meus pais – Thales e Chloé, ambos de nomes gregos. Ele, nascido em Manaus, estudou nos nossos grupos escolares, cursou a Escola Normal, foi professor do Dom Bosco, formou-se em Direito, venceu o concurso para a cátedra de Geografia e História da Escola de Comércio Sólon de Lucena, com a tese *Os Jesuítas no Amazonas*, conseguiu emprego no banco inglês e estava encaminhado para ser um funcionário de longa e tranqüila carreira burocrática, até a aposentadoria, o que não correspondia ao seu temperamento contestador, perante as injustiças, estampado na admiração que tinha pelo Sermão da Montanha e a sua fuga para a atividade comercial, que lhe daria mais liberdade individual, o senhorio de sua própria vida, embora fosse disciplinado, correto e honesto ao extremo, em seu dia-a-dia. O seu amigo João Crisostomo de Oliveira em uma crônica, fazendo-lhe um elogio fúnebre, muito bem o classificou como um calvinista, por formação e um espartano, por comportamento. E ela, em Sena Madureira, de onde veio acompanhando os irmãos, para os estudos. Mãe exemplar de nove filhos, hoje chefiando matriarcalmente a nossa grande família de mais de cinqüenta pessoas, sendo também escritora, com dois livros pioneiros sobre a culinária regional, onde as receitas entremeiam-se de memórias: Doces Lembranças e Ao Sabor das Lembranças.

Nasci deste casamento, nesta tricentária cidade, há sessenta e um anos, em um fim de tarde do dia seis de junho de 1940, filho primogênito do jovem casal. A minha história será contada pelo acadêmico Francisco Gomes da Silva, e este complemento é *o começo antes do começo*, a fermentação, o processamento biológico desta minha vida, até o momento em que somos escolhidos, ainda espermatozóides e óvulos, para nascermos pela primeira vez, perpetuarmos a espécie e morrermos também pela primeira vez, tudo para mantermos incólume a nossa cadeia de DNA, ao longo do tempo. E enquanto isto acontece, vivemos alguns anos entre pessoas ímpares, únicas, como todos nós aqui presentes, nesta noite memorável, em que estamos juntos, após mais de três bilhões de anos de misturas e experimentações genéticas, pois carregamos o facho da sobrevivência da espécie, e mantivemos ininterrupta a longa corrente da vida,

que é coletiva e não individual, como a da morte, e da qual não tratamos com o mesmo carinho, forjando o futuro das novas gerações, como costumamos a nos preparar, para o além.

Mas entremos agora no vórtice do nosso discurso, no seu ponto central, em que devemos as palavras amáveis e doces aos antigos ocupantes e patronos das nossas cadeiras, aplacando os seus espíritos e os mantendo felizes, tributando-lhes as homenagens pelos seus bons feitos e esquecendo definitivamente os seus erros, atraindo a sua complacência e proteção, evitando a sua indignação, como faziam os romanos, com os seus lêmures, lares, manes e penates, nas lemurálias e parentálias, as suas grandes festas propiciatórias aos espíritos dos mortos.

A duração real da vida de um homem é formada pela soma de tempos passados, presentes e futuros, marcada pelo momento em que recebeu as informações mais recuadas e contínuas de seus antepassados, até o futuro, enquanto alguém tiver a lembrança de seus feitos físicos e mentais, podendo ser aumentada com a atividade intelectual escrita. E assim, enquanto o indivíduo mediano raramente ultrapassa o centenário, quando os seus bisnetos já o esqueceram, os literatos maiores chegam aos dois séculos, sendo depois manietados por microbiografias e reduzidos textos antológicos. Quem se lembra dos nomes dos trovadores medievais? A imortalidade humana, mesmo dos que fizeram obras materiais grandiosas, como Queops, Quefrem e Miquerinos, mal ultrapassa os cinco mil anos, quando a idade da espécie e dos antropóides beira os vinte milhões de anos e a da vida já supera os três bilhões.

O nosso patrono e o nosso antecessor ainda estão na memória de todos, pelas obras em que registraram os seus estudos, suas pesquisas, seus sentimentos e seus gostos. Por isso vão cair mais tardiamente no esquecimento, e que esta seja a emulação, para cada vez mais produzirmos o belo, onde fixemos a limpidez dos nossos pensamentos, a alegria da vida, as cores da Natureza, a amizade pura, desinteressada e fraternal, o que só pode ser conseguido pela prática dos cinco tipos básicos do Amor e o exercício da Liberdade, sem os quais não se desenvolvem as Belas Artes, o Trabalho não dá frutos e as Ciências entram em estagnação, embora devamos evitar a cilada da Soberba, à semelhança de Nemrod, que tentou construir a sua Torre de Babel, para igualar-se a Deus. Também jamais poderemos ser semelhantes aos inertes da Divina Comédia, aqueles que nada fizeram de bom, ou de mau, em suas vazias vidas, sendo condenados a um penar eterno, sem direito ao Céu, ao Purgatório ou ao Inferno. E isto os meus antecessores não o foram, pois serão sempre relembrados pelo que realizaram, nem os que compõem esta maravilhosa casa, pela mesma razão e pelo que ainda vão produzir, nos anos próximos, pois o verdadeiro eleito está sempre procurando se tornar cada vez melhor, na busca da excelência.

Eu creio simbolicamente na Lenda da Escada de Jacó, toda feita de ouro, que Dante localizou na sétima esfera, pousada no planeta Saturno, por onde sobem ou descem os fogos e anjos, do ou rumo ao Empíreo, e pela qual todo homem pode chegar ao seu topo, desde que pratique as três virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade, e as quatro cardeais: Fortaleza, Justiça, Temperança e Sabedoria, enterre e reconheça os seus vícios, também catalogados pelo genial florentino, antes que seja tarde, para essa caminhada rumo à perfeição. E por ter Fé, peço a inspiração do Grande Arquiteto do Universo, que

é Deus, para que as minhas palavras, desacostumadas ao elogio fácil, sejam do agrado de todos.

Inicialmente falaremos do fundador da cadeira nº 34, o seu primeiro ocupante, inaugurando-a no dia 24 de abril de 1969, o meu antecessor, o professor Manoel Bastos Lira, nascido em Manaus, no dia seis de junho de 1913, filho de Manoel Rodrigues Lira e de dona Deolinda de Bastos Lira, ele espanhol, daí seu filho ter aprendido desde cedo a língua paterna. Estudou no Colégio Dom Bosco e sempre foi inteligente e precoce, tendo aos quatorze anos construído um rádio receptor e, aos quinze, ocupado a função de auxiliar, no laboratório do médico Wolferstan Thomas, mantido pela Escola de Medicina Tropical de Liverpool, localizado onde hoje está a Biblioteca Municipal, à Praça do Congresso. Esta deve ter sido a sua principal escola, de onde recebeu muitas influências, nos seus contactos diários com o Dr. Thomas, figura ímpar do nosso meio médico, que atendia aos empregados ingleses das concessionárias Manaos Harbour, Pará and Amazon Telegraph and Telephone, Manaos Tramways, Booth Line, Madeira-Mamoré Railway e outras, fazia pesquisas para a Escola de Liverpool, receitava com desprendimento a população carente de Manaus e ainda colaborava na Santa Casa de Misericórdia. Morava em uma chácara da Vila Municipal, onde hoje está a Faculdade de Enfermagem, sendo objeto de uma recente tese de doutoramento, em Brasília, onde se revelaram as suas qualidades profissionais, pois até ganhou um prêmio internacional, na Bélgica.

O professor Lira formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade Livre de Manaus, a primeira deste tipo, no País, fundada em 1909, pois até então só existiam faculdades e escolas independentes, sem vinculação a um organismo central. E a nossa Universidade possuía as Escolas de Farmácia, Odontologia, Agronomia, Obstetrícia, Direito e Medicina Militar.Mais tarde graduou-se em Química Industrial, pela Faculdade de Agronomia, foi titular de diversas cadeiras do ensino secundário público, em Manaus, até participar da fundação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e do restabelecimento das Faculdades de Farmácia e Odontologia da Fundação Universidade do Amazonas.

Pertenceu a diversas sociedades científicas nacionais e internacionais, publicou livros, centenas de comunicações e inúmeros trabalhos científicos, que aí estão para consultas e a conferir-lhe a glorificação póstuma.

Às vezes um currículo é apenas a lápide fria de um passado que escoou, uma coleção de galardões inexpressivos, para o senso comum. Para os que se foram, ele não terá mais qualquer valor, e melhor seria relembrar os seus feitos, a sua bondade, o que deixaram para a sociedade e a família, as suas qualidades, o seu desprendimento, o seu modo de encarar a vida. Para nós, que por aqui ainda estamos, é mais importante o estabelecimento de novas metas, a libertação dos fardos do passado e das más experiências, a reciclagem para os novos embates do futuro, a fim de podermos renascer ciclicamente, como a ave Fênix das lendas do Oriente Médio.

Acredito que o professor Lira se sentiu feliz quando se dedicou e publicou trabalhos sobre temas regionais, ai pelas décadas de 1940 e 1950: Aspectos Bromatológicos do Guaraná, O Leite de Manaus, Sobre o Valor dos Alimentos Aborígines do Amazonas, Protidemias em Amostras Populacionais de Codajás, Bromatologia das Farinhas de Mandioca Produzidas na Amazônia,

Monografia Sobre o Guaraná, além de trabalhos sobre o timbó e o pirarucu, com a composição protéica dos dois tipos – branco e vermelho, este com muito mais calorias, do que aquele. E também pelo seu pioneirismo, no campo da Hematologia, fundando os primeiros bancos de sangue de Manaus e fabricando até alguns materiais. O mesmo ocorrendo com os seus laboratórios clínicos, em que foi o pioneiro a desenvolver muitas técnicas, isto sem falarmos da primeira fábrica de soros da cidade.

Entre 1969 e 1985, como clínico da Previdência Social, atuando no Hospital da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, da qual recebi o título de sócio honorário, conversava quase todas as noites com o professor, através da segunda janela do andar térreo, da ala direita daquele hospital, onde ficava o seu laboratório. Falávamos sobre assuntos banais do dia a dia, avanços médicos, novos exames a serem implantados, aparelhos em aquisição, trivialidades e principalmente acerca dos doentes internados.

A sua chegada ao laboratório era sempre anunciada pelo toque de uma campainha e logo se acendia uma das alternativas gravadas sobre o vidro fosco de duas caixas, onde estavam as frases: O PROFESSOR ESTÁ – O PROFESSOR NÃO ESTÁ.

E as nossas conversas estendiam-se até mais tarde, quando havia tempo.

Estava ligado, pela parte dos Bastos, ao Javari, onde também viveu a família da minha avó paterna. Ali, um de seus antepassados fundara a cidade de Remate de Males, arrebatada pela correnteza do rio, como já citamos, em algum dia ainda não definido, entre as seis horas da manhã e as seis da tarde.

Fora amigo de um primo nosso, também químico, que viria a falecer, talvez de hepatite tóxica, por lidar com raízes de timbó, de onde se retirava a rotenona, a precursora natural do detefon, da qual a Amazônia era a única a produzir.

Falava de seu pai, como um dos grandes fotógrafos locais, que dirigira tecnicamente a empresa Manaos Arte, de J. G. Araújo & Cia Ltda, a galeria mais bem montada do norte do Brasil, agente e depositária exclusiva das máquinas cinematográficas Pathé Baby e Krupp Erhmann, também vendendo as bicicletas Humber, os pneus e câmaras Dunlop, os automóveis Willys-Knight e Willis-Overland, velas Bosch, acumuladores Varta e inúmeros outros produtos. E à boca pequena, informava que fora Manoel Rodrigues Lira o introdutor de Silvino Santos, na cinematografia.

Suas paixões, além do laboratório, foram o Atlético Rio Negro Clube, a quem legou um alentado volume sobre a sua história e a cultura e a ciência germânicas, sendo admirador de Goethe, Schiller, Freud e Mozart.

O professor Lira era de difícil abordagem, muito fechado, de raros amigos, e apesar de ser um dos poucos médicos com quem trocava idéias, não passamos das conversas da janela da Beneficente, sem maiores profundidades.

Amava extremamente a sua família, esposa, irmã, filha e netos, sofrendo demasiadamente a morte do genro. O diabetes agrediu-o impiedosamente nos últimos anos de sua vida, trazendo-lhe danosas conseqüências, primeiro para a sua circulação periférica, com o comprometimento dos membros inferiores. A doença evoluiu a seguir, mais rapidamente, com a redução da circulação cerebral e renal, vindo a falecer em decorrência desses processos patológicos. Sempre foi arredio aos médicos e aos tratamentos, morrendo aos oitenta e cinco anos, a 1º de setembro de 1998.

XXX XXX XXX

Agora tomemos novo alento, pois vamos acompanhar as peregrinações de uma figura

estranha, que viveu no Amazonas, no fim do século XIX e início do século XX, e aqui chegou cheio de ideais, mas acabou enredado, na grande malhadeira do destino, tendo um triste fim, longe da família, sem amigos. Ele que fora um dia jovem, saudável, um nobre e rico conde europeu, com um futuro garantido, se não ousasse redescobrir a Amazônia.

Durante a Semana Santa, nos meus tempos de criança, os cinemas projetavam infalivelmente a fita *Nascimento, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo,* em preto e branco, já muito emendada, em que sofríamos, ou nos alegrávamos, com as vicissitudes passadas pelo Sóter, nos seus curtos trinta e três anos de existência terrena. Só muito tempo depois é que compreendi a obrigatoriedade de todos nós, os nascido de mulher, passarmos por aqueles atos, na nossa trajetória de viventes, jamais alcançando o último, pertencente à divindade, embora a alguns seja dada a possibilidade de permanecerem, por mais algum tempo, nas lembranças de seus pósteros, no pensamento coletivo, pelos seus atos e qualidades, e somente por isso, dentro daquilo que chamaríamos de Glorificação, um adicional de lembrança póstuma. É dentro deste evoluir em cinco atos, que trataremos do nosso patrono o conde Ermanno Stradelli, este dedicado estudioso das coisas da Amazônia.

O Começo

Saídos da sua terra original, na Escandinávia, os lombardos foram para o baixo Elba, depois para a Morávia, até invadirem a Itália, constituindo um reino, a partir de 568 AD, com a capital em Pávia, abrangendo a Lombardia, o vale do Pó, com Piacenza ou Placência, Parma, Módena, Cremona - a Emília, além de Spoleto, Trento, Friuli, Benevento, Úmbria e o norte da Toscana, sendo que algumas dessas regiões formaram posteriormente ducados independentes. A Itália desde então ficou fragmentada entre os feudos lombardos, ao norte, substituídos sucessivamente ao longo da história pelos francos, que conquistaram o reino Lombardo, Sacro Império Romano-Germânico, gibelinos e Império Austríaco, e, ao sul, pelos Estados Papais, guelfos e principados normandos, estes reunidos sob a denominação de reino das Duas Sicílias.

No início do século dezenove, a Áustria ainda detinha as suseranias sobre Veneza, Lombardia, Parma, Módena, Luca e Toscana, como herdeira do Sacro Império, mantendo-as até o início da unificação italiana, feita sob a direção da Casa de Sabóia, do Reino do Piemonte.

A unificação da Itália já se tornara então irreversível, tendo o conde Benzo de Cavour, primeiro ministro do reino da Sardenha-Piemonte, como seu principal mentor, a partir de 1852, que, com a participação do reino, na Guerra da Criméia, obteve o apoio da França, na luta contra a Áustria, recebendo, em 1859, após as vitórias de Solferino e Magenta, os ducados de Parma, Módena, Luca e Toscana, e a Lombardia, em troca da Sabóia e de Nice. Seguiram-se a anexação das Duas Sicílias, da Úmbria e das Marcas, por Garibaldi, tornando-se Victor Emanuel II, o primeiro rei da Itália, quase unificada.

Em 1866, aliada à Prússia, contra a Áustria, a Itália, apesar de derrotada em Custozza, ganhou a Venetia e, em 1870, os Estados Papais foram ocupados, terminando a unificação, faltando apenas algumas terras irridentas, como o Tirol.

Foi no ducado de Parma-Placência, sob o domínio austríaco, que viveu a família Stradelli, de origem lombarda, instalada em uma localida-

de às margens do rio Taro, afluente do Pó, o Borgo Val di Taro ou Borgotaro, assim denominado desde 1229, já sendo citados como bons cidadãos, nos séculos XVII e XVIII. Aqui um deles recebeu da Imperatriz Maria Luíza de Áustria, entre 1815 e 1847, o título nobiliárquico de conde, e o castelo de Borgotaro foi a sua residência. Também foi após o nascimento de Ermanno, que a sua cidade natal tornou-se parte da Itália.

O momento mais importante de Borgotaro, no entanto, deu-se durante a Resistência, na Segunda Guerra Mundial, quando constituiu o Território Livre do Taro, antes da rendição alemã, e pelo sacrifício pago pela população do vale, a comunidade recebeu, em 1985, a medalha italiana de ouro de valor militar.

Esta a terra e a gente do aventureiro conde Stradelli.

Nascimento

Ermanno Stradelli, nasceu em Borgotaro, talvez no castelo, a oito de dezembro de 1852, em plena efervescência do movimento da unificação italiana, sendo o primogênito de uma família de três irmãos e quatro irmãs. Estudou no Colégio Santa Catarina, em Pisa, e cursou os primeiros anos de direito, na escola da mesma cidade. Gostava de ler narrativas de viagem, desde jovem, e incursionou na poesia, em 1876 e 1877, com as obras *Una Gita a Rocco D'Olgisio e Tempo Sciupato.*

Com a morte do pai interrompeu o seu curso superior, resolvendo ser explorador de novas terras, geógrafo, etnólogo, tudo a contra gosto de sua mãe, que o desejava perto de si. Para isto aprendeu topografia, farmácia, homeopatia, etnologia, botânica, zoologia e fotografia, pois estava vivamente interessado em conhecer a África, mas subitamente desistiu daquele continente e se voltou para o Brasil, no que foi apoiado pela Real Sociedade de Geografia Italiana, logo estudando o português e o espanhol.

Assim preparado, em 1879, seguiu para o Brasil, chegando a Manaus, em julho, então uma cidade de pouco mais de dez mil habitantes, que começara a crescer, dobrando de tamanho, a partir da praça Dom Pedro II, pela atual Sete de Setembro, rumo à praça 28 de Setembro (praça da Polícia); pela estrada Epaminondas, até o cemitério São José; para os Remédios, após a construção da ponte de ferro, sobre o igarapé do Aterro, e para a praça de São Sebastião, além de casas e chácaras esparsas, ao longo da estrada Correa de Miranda, hoje Joaquim Nabuco, tudo isto graças ao movimento comercial da produção da borracha, com os preços sempre crescentes, pois se descobriam mais e mais utilidades para ela e a oferta não acompanhava a procura.

Entre os seus prédios imperiais mais importantes estavam o Paço da Câmara, servindo de Paço Provincial, à praça D. Pedro II, o Palacete Provincial, atual quartel general da Polícia Militar, abrigando diversas repartições, o seminário, o hospital militar de São Vicente, o quartel em construção à praça Uruguaiana, o quartel do 3º Batalhão de Artilharia a Pé, que servira de alojamento às índias fiandeiras, no tempo de Lobo D'Almada, a Tesouraria de Fazenda, a alfândega e a nova Matriz. A cidade não possuía água canalizada, serviço iniciado, em 1883, nem telefones, serviços inaugurados bem mais tarde, em 1888. A iluminação noturna utilizava lampiões a gás acetileno e os dejetos humanos, recolhidos em carros adequados, só podiam ser despejados, no meio do rio Negro, após as dez horas da noite.

Manaus passara a centralizar o comércio de aviamentos dos seringais, tornando-se a única grande cidade do Amazonas, sufocando as demais, que passaram a ser meros centros administrativos, nessa troca do poliextrativismo dos sítios e praias, pelo monoextrativismo dos seringais. E as populações nativas e indígenas iam sendo substituídas pelos emigrantes nordestinos.

Foi aqui que começou a verdadeira vida de Stradelli, aquela que escolhera desde cedo.

Vida

Primeira viagem – ao Purus e afluentes

Poucos meses após a sua chegada, no ano seguinte, em 1880, Stradelli teria o seu primeiro encontro com a Amazônia, ao subir o rio Purus, no qual o explorador nasceria para a região. Esse rio já possuía muitos seringais, em seus médio e baixo cursos e mais para acima, fora aberto pelo sertanista amazonense Manuel Urbano da Encarnação, em 1861, que o navegara até o Aquiri, onde descobrira gigantescas ossadas fósseis e maravilhosas concentrações de Hevea brasiliensis, com algumas árvores chegando a dar dois litros de látex, em um corte.

Em uma segunda viagem, a bordo do Pirajá, com Silva Coutinho, chegou até Hiutanaã, e na terceira, ao Ituxi, na busca de uma passagem para o Madeira, além das cachoeiras, onde descortinou, acompanhado por Chandless, os campos do Puciari, pedaços de cerrado incrustados, na selva amazônica, hoje em fase de destruição, sem um estudo detalhado, pelos plantadores itinerantes de soja e arroz.

Foi na viagem de 1862, a segunda, que Silva Coutinho teve a inspiração da tese *Breve Notícia Sobre a Exploração da Salsa e da Seringa. Vantagens das Suas Culturas,* origem dos seringais plantados do Oriente, que não teve a devida atenção, no Brasil, mas aproveitada pelos ingleses.

Os franciscanos italianos, que desde 1870 haviam fundado missões no alto Madeira e do Solimões, dirigidos pelos superiores Samuel Mancini e, depois de 1877, por Jesualdo Machetti, estavam desistindo do primeiro rio e tentando atuar no Purus, em seus afluentes Tapauá, Mamoriá Mirim e Ituxi, com os missionários Venâncio Zelocchi, Francisco Sidane e Mateus Canioni, mas neles os índios estavam sendo rapidamente envolvidos pelos civilizados, desaparecendo o interesse em missioná-los, dali saindo os padres, em dezembro de 1880. Mesmo assim, com as suas ajudas, Stradelli percorreu o Mamoriá Mirim e o Ituxi, sofrendo um acidente nas corredeiras, ao regressar, onde perdeu todos os seus objetos científicos.

Estava feita a sua primeira viagem, a de sua iniciação aos segredos amazônicos.

Segunda viagem – ao Solimões e ao Juruá

Em julho de 1880, mal recuperado da sua acidentada viagem ao Purus, Stradelli subiu o Solimões, indo até Fonte Boa, onde conheceu o conde Alessandro Sabatini, um estudioso do nheengatu, a língua boa, o tupi do norte, segundo Cascudo, embora a língua ali falada, até hoje, esteja mais próxima do guarani, codificado por Montoya, uma vez que aquela região um dia pertenceu à missão jesuítica espanhola dos Maynas, enquanto que o nheengatu do rio Negro teve a sua origem, no tupi da costa brasileira, através do trabalho de Anchieta.

Nessa viagem deve ter visitado a antiga missão do Caldeirão, administrada pelos

franciscanos italianos, que se extinguiria, naquele ano, transformada na freguesia de Tabatinga.

Daí foi a Loreto, no Peru, e depois ao Juruá, onde acompanhou a extração do látex, a sua defumação, com o preparo das pélas e ao embarque, tomando nota de tudo, mas adquirindo a sua primeira malária, que o obrigou a voltar, para Manaus.

Terceira viagem – ao Uaupés (primeira vez)

Em abril de 1881, Stradelli subiu o rio Negro e o Uaupés, alcançando o Tiquié. A região estava alvoroçada pelo estabelecimento dos franciscanos, que haviam chegado, em maio de 1878, com frei José Vila, logo secundado, em dezembro, por Venâncio Zellochi, seguido por outros, após terem abandonado sucessivamente as missões do Madeira, Purus e Solimões. Aqui elas estavam em franco progresso, graças ao apoio dado pelo presidente da Província, o barão de Maracaju, durante o seu governo. Zellochi estabelecera-se em Taracuá, no Uaupés, em setembro de 1880, localidade já possuindo quarenta casas, uma escola e a igreja de São Francisco de Assis.

Stradelli pouco se demorou, no alto Uaupés, pois no início de 1882, já estava em Manaus, tratando de nova incursão, com a Comissão de Limites com a Venezuela, e as missões continuaram a prosperar.

Em 1883, ali estavam, em serviço missionário, os padres Zellochi, no Tiquié, Mateus Canioni, no Uaupés, e Iluminato Coppi, em Iauareté, onde conseguira as flautas sagradas de um pajé tariana, expondo-as ao público e chegando ao absurdo de espetar a figura do Jurupari, no alto de uma vara, por vinte horas, na praça do lugarejo tariana de Ipanoré, no dia 22 de outubro de 1883, para escárnio. Em seguida, não contente com a desmoralização, no dia 28, juntamente com Canioni, tendo uma cruz, em uma das mãos, e a máscara secreta do Jurupari, feita com pelos pubianos femininos, na outra, na igreja repleta de índios, perguntou a quem pertencia a Verdade, a Cristo ou ao Jurupari, disso resultando uma grande comoção entre os tarianos, que expulsaram os dois sacerdotes do seu povoado, que foram surrados e jogados no fundo de uma canoa, empurrada para a correnteza, e a tentativa de suicídio em massa das mulheres, que se jogaram ao rio, pois estavam tradicionalmente proibidas de verem a máscara, sob pena de morte de esquartejamento, a ser executada pelos seus parentes mais próximos. O trabalho das missões foi destruído, não se recuperando os franciscanos desta incompreensão, ao interpretarem o culto ao Jurupari, como demoníaco.

Quarta viagem – trabalhos na fronteira com a Venezuela

A 15 de fevereiro de 1879 chegara a Manaus a comissão de limites destinada a demarcar a nossa fronteira com a Venezuela. Compunha-se do tenente coronel Francisco Xavier Lopes de Araújo, depois barão de Parima, do major Guilherme Carlos Lassance, dos capitães Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel (falecido), Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira e Gregório Taumaturgo de Azevedo, do cirurgião Antonio de Souza Dantas, do farmacêutico Antonio Ribeiro de Aguiar e do alferes Francisco Xavier Lopes de Araújo Sobrinho (falecido), além de muitas outras pessoas.

Após um ano de trabalhos, a comissão já demarcara o trecho do rio Memachi ao cerro Cupi, voltando a Manaus, a 19 de janeiro de 1880, de

onde, a 10 de julho de 1882, seguiria para o rio Branco.

Stradelli tornara-se amigo de Dionísio Cerqueira e recebera o convite para acompanhar a comissão até o rio Branco, como adido amador.

Em março e abril estiveram no Padauari; em maio, em Tomar, a maloca principal dos índios manaus; em junho, em Carvoeiro; e em julho, foram ao rio Branco, voltando todos a Manaus, porém com o trabalho incompleto.

Nesta viagem deve ter conhecido Bernardo Ramos, que participava da expedição, como amanuense, e que mais tarde fundaria o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e possuiria uma das maiores coleções de numismática da sua época, tornando-se também um profundo conhecedor das antigas civilizações do Oriente Médio e o autor do célebre livro *Inscrições e tradições da América pré-histórica*, onde se excedeu na interpretação fantasiosa dos petroglifos amazonenses.

Quinta viagem – ao Uaupés (segunda vez)

Sem descansar, ainda em 1882, Stradelli foi ao Uaupés, até Iauareté-Cachoeira, visitando o Papuri, até a cachoeira de Piraquara, mas de novo prostrado pelas febres, voltou a Manaus, para tratar-se. Ainda não se dera a rebelião tariana contra Iluminnato Coppi.

Sexta viagem – a Itacoatiara e ao Madeira

Ainda doente, em 1883, foi para Itacoatiara e para o Madeira, antes animando a Barbosa Rodrigues, na sua idéia de fundar um museu botânico.

Regressou a Manaus, no início de 1884, pretendendo matar as saudades da Itália, mas as suas ligações com o botânico iriam atrasar o seu retorno à terra natal.

João Barbosa Rodrigues já estava há algum tempo na Amazônia, talvez desde 1872. Tratava-se de um jovem cientista irrequieto, empreendedor, arrojado, impetuoso, organizador e destemido, que não admitia a interferência de terceiros, em seus trabalhos, daí as suas constantes desavenças com as autoridades imperiais amazonenses.

A sua idéia do museu botânico foi oferecida ao presidente José Paranaguá, que logo a aceitou, providenciando a Lei nº629, de 18 de junho de 1883, regulamentada a 22 de janeiro de 1884, criadora do famoso Museu Botânico de Manaus. Ele foi instalado a 16 de fevereiro de 1884, no sítio Cachangá, na ilha do mesmo nome, que pertencera a Manuel Urbano da Encarnação, mas logo transferido, pelo presidente Teodoreto Souto, para a chácara do barão de São Leonardo, à rua Ramos Ferreira, hoje em parte ocupada pelo nosso sodalício.

Este Museu foi o maior centro científico-cultural amazonense e talvez de todo o norte do País, nesta época, sendo extinto, por medida de economia, em 1890, por autoridades sem a noção do seu valor. O seu fechamento representou, para os amazonenses, a impossibilidade de um local para desenvolver suas aptidões científicas, de trocas de idéias no âmbito das ciências físicas e naturais. Talvez tenha até sido uma interferência internacional, para deixar as pesquisas da Amazônia em suas mãos: a dos estudiosos turistas, temporários e viajantes, que sempre andaram por aqui e nunca se adaptaram à região, vivendo em apartheid e se apropriando das idéias locais preexistentes.

Daí para frente ficaríamos totalmente ligados ao pensamento artístico-literário predominante.

Ali, em 1884, devem ter trocado informações:

Antonio Brandão de Amorim, secretário do Museu, estudante até o segundo ano do curso

de Medicina, em Coimbra, abandonado com a morte do pai. Foi o autor das *Lendas em nheengatu e em portugues,* publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1926, e republicadas pela Associação Comercial, na Coleção Hiléia Amazônica, graças ao fundo editorial formado com a venda do meu livro *A Gazeta do Purus,* com trinta e cinco tradições verbais: mitos de origens dos povos uanana e tariana, história da ocupação do Uaupés, pelo tuxaua tariana Buopé, contos de amor e de ternura, e fábulas para crianças, colhidas ou copiadas de terceiros, em uma tentativa de registro local, somente retomada pelos próprios índios, já nos tempos atuais.

Maximiano José Roberto, que andou com Stradelli, pelo alto rio Negro, amazonense de origem manáo, por parte de pai, e tariano, por parte de mãe, sendo neto de Buopé, na nona geração, foi talvez o coletor primário da maioria dos mitos e lendas divulgados por outros, inclusive pelo nosso patrono, a quem entregou alguns originais. Morava no Tarumã Mirim, onde recebia índios de todas as procedências, de quem colhia suas histórias e fazia amizades. Dizem que teria a primazia no mito do Jurupari e na coleta das histórias de Buopé, traduzidas e divulgadas por Brandão de Amorim, Barbosa Rodrigues e Stradelli.

João Barbosa Rodrigues, o maior deles, famoso em geografia, antropologia, geologia, botânica, paleontologia e etnologia, que ao longo dos anos publicaria numerosos livros e descobriria novas espécies. Publicou *Vellosia,* revista científica com diversos números, a partir de 1885; *Sertum Palmarium, Orquídeas do Brasil, Poranduba Amazonense (1890), Lendas, Crenças e Superstições (1881), O Muiraquitã e os Ídolos Simbólicos (1884), Edogo Plantarum Novarum, Palmae Amazonensis Noxae, Les Réptiles Fossiles da l'Amazonie e Estudos Sobre a Língua Geral.* Descobriu o purussaurus, um gigantesco jacaré de mais de oito metros e uma colossal tartaruga, a Eny quaternaria. Descreveu o boto vermelho, a pirambóia, quatro gêneros novos de plantas e cento e cinco espécies.

E com eles o conde Ermanno Stradelli, disto resultando muito trabalho e muita inveja, até o fechamento do Museu.

Sétima viagem – ao Jauaperi

Como já citamos, em 1884, Stradelli quis voltar à Europa, mas foi interceptado por Barbosa Rodrigues, que o conseguiu levar para a expedição de pacificação dos crichanás, habitantes do Jauaperi, onde com eles conviveu.

Voltaram com muitas coleções etnológicas, botânicas e zoológicas. Esses crichanás seriam os uaimiris atuais, ou os hixicarianas do Nhamundá? Esta é uma pergunta sem resposta até hoje.

Só então Stradelli pegaria um navio de longo curso, para a Europa.

Oitava viagem – de volta à Itália

Stradelli voltou às origens em agosto de 1884.

De novo matriculou-se no curso de Direito, em Pisa, cumprindo, em 1885 e 1886, os dois anos que lhe faltavam para a conclusão, formando-se advogado, e exercendo a profissão, por pouco tempo, em Gênova.

Na Itália conheceu Augusto Serra dei Duchi di Cardinali, com quem combinou organizar uma expedição, para a descoberta das nascentes do Orenoco, e para isto começou os seus preparativos.

Nona viagem – de volta a Manaus, pelo Orenoco.

Nesta viagem, saiu de Marselha e desembarcou em La Guaíra, chegando a Caracas, a três de março de 1887. Cansado de esperar por

Cardinali, foi para Ciudad Bolívar, onde soube da descoberta das nascentes do Orenoco, por Chaffanjon, a dezoito de dezembro de 1886, o que lhe causou profunda frustração. Apesar disto considerou o fato como um erro, pois achava que o Orenoco nascia dentro do Brasil. Por isso subiu sozinho aquele rio, tendo alcançado Javitá, a dezenove de dezembro de 1887, passando por Cucuí, a dois de janeiro de 1888, e chegando a Manaus, a vinte e quatro de fevereiro de 1888. Todas as peripécias dessa viagem foram registradas em diversos fascículos dos anos de 1887 a 1889, do *Bollettino Della Societá Geografica Italiana.*

Décima viagem – ao Rio Branco (segunda vez)

Em maio de 1888, com a recomendação de Barbosa Rodrigues, Stradelli apresentou-se ao major Alfredo Ernesto Jacques Ourique, encarregado de fundar uma colônia militar nas fazendas nacionais do rio Branco.

Ali já estivera, porém não ultrapassara o paraná Extrema e o Remanso, contudo o presidente Pimenta Bueno autorizou-o a acompanhar a expedição, como adido, tendo chegado até a fazenda São Marcos.

No rio Branco registrou o mito do Cainamé, espírito vingador dos macuxis, ainda presente nas lendas da povoação do Cantão, às margens do rio Cotingo, hoje poluído pelo mercúrio, onde estive em novembro de 2001.

As anotações desta viagem foram publicadas, na edição de março-abril de 1889, do boletim já citado.

Décima primeira viagem – ao Uaupés (terceira vez)

Nesta viagem, que corresponde aos anos de 1890 e 1891, Stradelli percorreu o Uaupés, o Papuri, o Iapu, o Tiquié e o Querari, por centenas de quilômetros, mas foi desconsiderado por Bento Aranha, que o detratou em favor de Coudreau, no que teria sido contestado por Koch – Grunberg, desfazendo posteriormente suas errôneas opiniões, segundo Cascudo.

Apesar da revolta dos tariana, Stradelli continuara a ser estimado pelos índios do Uaupés, que o chamavam de conde e lhe atribuíam poderes mágicos, graças ao seu microscópio e à fotografia, sendo um dos pouquíssimos brancos que podiam percorrer livremente aquela região. Mostrava-se livre do preconceito eurocentrista e animado por um enorme respeito à cultura indígena, que o levou a considerar um exagero as posições de Iluminnato Coppi.

Dessa viagem talvez tenham resultado *L'uaupés E Gli Uaupés,* com descrições de hábitos e costumes indígenas da região e da sua paisagem geográfica, publicado em separata do Boletim de maio de 1890, da Sociedade Geográfica Italiana, e *Leggenda Dell'jurupary,* publicada nos boletins de julho e seguintes de 1890, da mesma Sociedade, em que trouxe a público, pela primeira vez a figura deste herói cultural e da existência das flautas da cobra grande celeste, sem as conotações de um demônio, como até então fora considerado, ele que transformara as sociedades indígenas das três Américas de matriarcais, em patriarcais, ele que foi chamado, conforme o povo, de Aiapec, na costa do Peru; Itzi, entre os tarianos; Mirin, entre os tucanos e Huitzipochtli, no meio dos azteca.

A Stradelli coube a fortuna de traduzir, para o italiano, o original, em língua geral, da lenda escrita por Maximiano José Roberto. Foi esta tradução que divulgou o mito, na América Latina, mesmo porque os originais de Roberto não foram até hoje impressos.

As publicações de Stradelli desencadearam grande interesse, na Itália, com a remessa de peças para museus italianos, que

passaram a se interessar, pela etnografia indígena brasileira.

Stradelli revolucionário

O governo do presidente Floriano Peixoto foi agitado por numerosas sedições militares, ocorrendo em 1892: a dezenove de janeiro, a da fortaleza de Santa Cruz; a seis de abril, a dos Treze Oficiais Generais, e a dez de abril, a manifestação de Deodoro, e em 1893, a revolta da Armada, a dez de abril, que se confundiu com a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul.

A Manifestação a Deodoro resultou na deportação de seus líderes, para os longínquos postos de fronteira do Amazonas, sendo embarcados às pressas nos navios Alagoas e Pernambuco, 12 do mesmo mês. A 28, os navios chegaram a Manaus, onde os prisioneiros foram bem tratados por Eduardo Ribeiro e encaminhados para diversos destinos:

Forte São Joaquim, no rio Branco – os tenentes-coronéis Antonio Adolfo Fontoura Mena Barreto e Taumaturgo de Azevedo, o barão Muniz de Aragão, Antonio Joaquim Bandeira Júnior, José Elísio dos Reis, Inácio Alves Carneiro e o general Clarindo de Queiroz, que por estar doente foi para Tabatinga.

Forte de Tabatinga – o almirante Eduardo Wandenkolk, o capitão Felisberto de Andrade, o alferes Alfredo Martins Pereira, o coronel Antonio Carlos da Silva Piragibe, José Carlos Pardal Mallet, o alferes Carlos Jansen Junior e o dentista Sabino Inácio Nogueira da Gama.

Forte de Cucuí – o marechal Almeida Barreto, o coronel Ernesto Jacques Ourique, o capitão Antonio Raimundo de Miranda de Carvalho, o capitão tenente José Gonçalves Leite, o capitão Gentil Elói de Figueiredo, os doutores J. J. Seabra, José do Patrocínio, Plácido de Abreu, Manuel Lavrador, Artur Fernandes Campos da Paz, o conde de Leopoldina e o major Sebastião Bandeira.

No grupo destinado a Cucuí estava Jacques Ourique, companheiro de Stradelli, na viagem de 1888, ao rio Branco, que neste momento se encontrava em Santa Izabel, no médio rio Negro. O conde conseguiu obstruir o fornecimento de barcos e remadores, para o prosseguimento da viagem, ficando todos ali até a anistia de cinco de agosto de 1892, evitando que aquele seleto grupo fosse para cucuia, termo adicionado à gíria brasileira, para indicar local distante e sem volta.

O brasileiro Stradelli

Em 1893 Stradelli tornou-se cidadão brasileiro e preferiu ser advogado provisionado, no Amazonas, a submeter-se às provas de reconhecimento de diploma. Seguiu a carreira jurídica sendo promotor público do segundo distrito, a 25 de julho de 1895, logo transferido para Lábrea, em setembro de 1895. Também esteve em Canutama, onde a dezesseis de novembro de 1896, terminou de escrever Pitiápo: Lenda Uanana e Leggende dei Tarie.

Última viagem à Itália

Em 1897, voltou pela segunda vez à Itália, de onde tentou trazer Pirelli, para o negócio da borracha, no Amazonas, mas o capitalista temia a instabilidade brasileira e recusou, embora, mais tarde, em 1906, tenha visitado Manaus, nada conseguindo com as nossas autoridades, acabando por instalar a sua fábrica de pneus, em São Paulo, que, para a ironia do destino, foi a causa da

vinculação economica da Amazônia ao Centro-Sul, quando acabou o interesse europeu, pela borracha natural.

Paixão

A dezoito de novembro de 1912 foi nomeado promotor público estadual, em Tefé, instalando-se naquela cidade. Ali, após onze anos, a quatro de julho de 1923, foi exonerado do cargo, no governo de Rego Monteiro, por ser portador de lepra, pois não existiam, à época, leis que amparassem os doentes deste de mal e as leis trabalhistas, hoje em desmonte, ainda fossem um sonho.

Seu irmão o padre Alfonso Stradelli mandou-lhe uma passagem, pelo vapor da Booth Line. Stradelli edemaciado, com o fácies leonino, não pôde viajar, impedido pelo comandante do navio e nem foi aceito nos hotéis de Manaus, sendo internado no Isolamento do Umirizal, situado na bifurcação da atual estrada da Compensa com a estrada do Bombeamento, entre as instalações da empresa Sanave e Compensa.

O Umirizal, um isolamento de doenças infecto-contagiosas, transformara-se em leprocômio, sendo constituído por barracões de madeira telhados e casas de palha, sem qualquer conforto, onde atendiam, em 1924, os médicos Alfredo da Matta e Antonio Ayres de Almeida Freitas.

A hanseníase começara a sua escalada, na Amazônia, que praticamente dela ficara indene, na época colonial, com o registro de pouquíssimos casos.

No início da década dos anos 1920, o ilustre médico Alfredo da Matta chamara a atenção de todos, para o número crescente de casos, do que resultaria uma verdadeira epidemia do mal, na região. E assim aconteceu, com as nossas estatísticas revelando números elevadíssimos.

Em 1924, o doutor Samuel Uchoa, da Comissão de Profilaxia, assegurava a existência de cinqüenta internados, no Umirizal; 17, no terreno do Tiro de Guerra; mais de cinqüenta perambulando pelas ruas de Manaus, ao todo quinhentos e dez, na capital e mais de mil em todo Estado do Amazonas, no Careiro, Cambixe, Manacapuru, Lábrea, Fonte Boa, Humaitá, Eirunepé e Antimari, entre outros municípios, os mais atingidos.

Em trabalho de pesquisa por mim realizado: *Aspectos geo-médicos da Lepra, no Amazonas,* entre os anos de 1968 e de 1969, encontrei uma prevalência extremamente elevada da doença, nos rios da borracha, enquanto os rios sem seringueiras apresentavam populações com índices mais baixos, levando-nos à conclusão de que a emigração nordestina e a imigração estrangeira foram fatores importantes na disseminação da moléstia, face ao alto número de doentes entre os migrantes em geral.

Fica aqui a pergunta ainda sem resposta: onde teria Stradelli adquirido a doença? No Amazonas ou na Itália, de onde vieram alguns doentes, para o Amazonas? Entre compatriotas, ou em Lábrea, um dos nossos municípios de mais alta prevalência?

O Leprosário do Umirizal, onde ele foi internado, começara a incomodar a cidade, pela sua proximidade ao local de bombeamento de água de Manaus, muito freqüentado pelos doentes, e pelas más condições de vida a que estavam submetidos os internados. Há muito se procurava um novo lugar, até ser identificada a ponta de Paricatuba, à entrada da baía da Boiaçu (Cobra Grande), onde todas as tardes, nos tempos míticos e até hoje, o sol poente é engolido

por ela, nos solistícios, e onde estava funcionando precariamente uma penitenciária, o que foi motivo da acalorados debates, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, sobre a possibilidade de que os seus dejetos, descarregados a montante de Manaus, pudessem contaminar as águas do rio Negro, assunto que ainda se discutia em 1968 ou 1969, quando fui diretor do Serviço Estadual de Lepra.

Morte

Câmara Cascudo registrou no seu livro *Em Memória a Stradelli,* que o velho sábio morava em uma casa, na verdade um chalé, mandado construir, pelo Estado do Amazonas, no leprosário do Umirizal, onde teria morrido, em 1926, aos setenta e quatro anos de idade, dos quais quarenta e seis vividos no Amazonas. Agnello Bitencourt anotou ter ele se mudado para o leprosário de Paricatuba, onde teria ocorrido a sua morte, o que seria impossível, pois na notícia da visita ali feita, em maio de 1926, pela comitiva governamental, acompanhada do embaixador japonês, não houve a citação da presença de doentes, naquela localidade.

Na realidade, os prédios ali construídos, para hospedar emigrantes, no final do século XIX, e que serviram de presídio provisório, foram desocupados, em 1925, voltando os presos para a Penitenciária da rua Sete de Setembro, onde estivera funcionando a Escola de Aprendizes Artífices, do Ministério da Agricultura, sendo a área e os edifícios entregues ao Serviço de Profilaxia, reconstruídos e reformados, com recursos de subscrição popular, para servirem de leprosário-modelo. As obras estenderam-se pelo ano de 1925 e até março de 1926, com a finalidade do Amazonas participar do plano nacional do higienista Belizário Penna, que compreendia a construção desses hospitais colônias, para o isolamento forçado de doentes, em todos os Estados, tendo em vista o gigantesco aumento do seu número, o que ocorria em todo o Brasil. Este, o de Paricatuba, receberia o nome de Hospital Colônia Belizário Penna, o do idealizador do projeto.

Mas veio a viagem do governador Efigênio Sales, da sua comitiva e do embaixador japonês Shishita Tatsuke, e ele, entusiasmado com a possibilidade da imigração em massa de poloneses e japoneses, resolveu transformá-lo em uma gigantesca hospedaria de imigrantes, com novos acréscimos e construções, o que se estenderia além de 1928, conforme a sua Mensagem ao Poder Legislativo, de julho daquele ano.

Em contrapartida, para compensar os valores da contribuição popular ali gastos, iniciou a construção de um leprosário, no Paredão, abaixo de Manaus, que mais tarde foi ocupado pela Escola Agrícola e atualmente pela Estação Naval do Rio Negro.

O isolamento do Umirizal só seria transferido para Paricatuba, por volta de 1930, sendo impossível o falecimento do nosso patrono, no Belizário Pena.

De qualquer forma a morte de Stradelli foi solitária, talvez sem testemunhas, seu enterro triste e humilde, até sem certidão de óbito, não a tendo encontrado, nos cartórios de Manaus, ele que fora rico e nobre, mas que não pudera escapar das garras da hanseníase, então incurável. Hoje, nem mesmo sua sepultura existe, pois todo o cemitério do Umirizal foi pilhado pelos coletores de metal e ferro velho, e a sua área terraplanada sem deixar vestígios, conforme pesquisa por mim feita no local, no dia trinta e um de dezembro passado.

Glorificação

Em janeiro de 1920 Stradelli já terminara o seu Vocabulário da Língua Geral, Português-Nheengatu e Nheengatu-Português e ansiava publicar esse seu mais importante trabalho, mas ninguém quis patrociná-lo, apesar de ser um dos mais completos, com uma gramática e dados enciclopédicos sobre a nossa região, por julgarem os editores desinteressante, por não ter público para a sua leitura, como se os assuntos científicos, disto necessitassem, o que só aconteceu, em 1929, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 104, volume 158 de 1928, dois anos após o falecimento do seu autor.

Entre suas obras Câmara Cascudo relacionou:

1) *Tempo Sciupato - Recolha de sonetos, canções, odes e madrigais.* Itália: Tip. Marchesotti, 1877. p. 143.

2) *Una Gita A Rocca D'olgísio:* em versos. Piacenza, Itália: Tip. V. Porta, 1885. p. 46.

3) *La Confederazione Dei Tamoi:* poema épico do Barão do Araguaia. Versão da portuguesa. Piacenza, Itália: Tip. V. Porta, 1885. p. 304.

4) *Ajuricaba.* Poema publicado no jornal *"O Correio Do Purus"* ,1898.

5) *Duas Lendas Amazônicas:* Ajuricaba e a Cachoeira do Caruru. Piacenza, Itália: Tip. V. Porta, 1900. p. 181.

6) *Pitiapo.* Poemeto publicado em 1900. Sem dados.

7) *Vocabulário nheengatu-português e português-nheengatu.* Publicado no Tomo 104, v. 158, 2º de 1928, da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1929.

8) *Dicionário nheengatu-italiano e italiano-nheengatu* - inédito.

Pequenos vocabulários. Grupo de Língua Tucano. Contribuição para o Estudo das Línguas Indígenas.

9) *Vocabulários de línguas faladas no rio Branco.* Separata do Relatório Geral do Congresso Científico Latino Americano. v. VI, p. 255-317. Rio de Janeiro, 1910.

No *Bolletino Della Societá Geográfica Italiana* foram publicadas as seguintes comunicações:

10) *La Spedizione Stradelli Alle Sorgenti Dell'orenoco.* Março e julho de 1887.

11) *Dall'isola Trinidad Ad Atures.* Outubro-novembro de 1887.

Contro L'immigrazione Nel Paesi Dell'alto Orenoco - junho de 1888.

12) *Note Di Viaggio Nell'alto Orenoco.* Agosto/setembro de 1888.

13) *Del Cucui A Manaus.* Janeiro de 1889.

14) *Rio Branco, Notte Di Viaggio.* Março/abril de 1889.

15) *L'uaupés E Gli Uaupés.* Março de 1890.

16) *Leggenda Dell'jurupary* . Julho/agosto de 1890.

17) *Leggenda Del Taria.* Março de 1896.

18) *Inscrizioni Indigene Della Regione Dell'uaupés* - março de 1900.

Realizou os seguintes mapas:

19) *Mapa Geográfico do Estado do Amazonas.* Piacenza, Itália: Tip. V. Porta Editore, 1901. Escala 1: 2.220.000.

20) *Mapa do Rio Branco.* Desenhado por J. Ourique. Esboço do trecho encachoeirado. Dresden: C.C. Meinhold & Sohne.

21) *Uaupés*: Rilievo alla bussola. Faz parte do ensaio Inscrizioni Indigene.

Publicou na *Revista de Direito* do Dr. Antonio Bento de Faria, Rio de Janeiro os seguintes trabalhos jurídicos:

22) *Os Contratos de Fretamento*. v. XLII. 1916.

23) *Contrato de Fretamento para Transporte de Passageiros*. v. XLVII. 1918.

24) *Da Letra de Cambio e da Nota Promissória de Conformidade com a Lei nº 2044, de 1908*. v. XLIX, LI, LII, LIII e LIV. 1918.

25) *Os Contratos de Fretamento* - Vol. LVI A LXXI - último trabalho de 1924.

Todos esses trabalhos marcaram sem dúvida a sua presença, no nosso mundo dito civilizado, e continuarão a repercutir por muitos anos ainda, como a publicação do Vocabulário, que um dia pretendemos fazer, mas para a maior parte das pessoas é uma figura que se esvaiu na névoa do tempo. Mas veio uma surpresa , e acredito que outras ainda virão de Stradelli, a nossa amiga Vera, da Secretaria de Cultura e Turismo, já ao término da elaboração deste nosso discurso, entregou-nos o livro Upíperi Kalísi - Histórias de Antigamente, narradas pelos índios tariana Kedali e Kali, e publicado pela UNIRVA/FOIRN, em laureté, São Gabriel, Amazonas, onde o nosso patrono transformou-se em mito. Lá no alto Vaupés ele faz parte das histórias transmitidas, ao pé das fogueiras, de geração a geração. Lá a morte de Stradelli ainda está em dúvida, como veremos no desenrolar do seu mito, onde ele é considerado um antropólogo, que dançava com os índios, fazia sempre as mesmas perguntas e procurava ouro.

Para os tariana do clã Kamewa-perisi, Stradelli foi o primeiro branco a chegar à maloca tariana, onde hoje está a alfândega colombiana, sendo apelidado de Jesuíno.

Sendo uma espécie de antropólogo, em todas as malocas sempre perguntava qual dos clãs era o maior e também tinha interesse nas danças, procurando aprendê-las. Por isso dançou na maloca dos tariana do clã Kamewa-perisi o Canto do Inajá; com os uananas do Caruru e Jutica, o Canto da Festa da Puberdade; com os cubeu do clã Paidano da boca do Querari, o Canto do Peixe, de novo repetido com os cubeu do clã Deeriminane, do Uaracapuri.

Depois foi para o rio Cuduyari, onde escalou uma serra, guardada pelo Lepi-inhe, o diabo da Noite, para buscar ouro, pois seu dinheiro acabara, deixando em troca objetos pessoais. Daí voltou ao Uaupés, onde galgou outra serra, também para apanhar ouro, mas foi abraçado pela mesma entidade protetora, saindo cheio de lodo.

Voltou então a subir o Vaupés, e foi parar na serra de Bogotá, cheia de ouro, de onde se dirigiu para um afluente do Apaporis, até La Pedrera, descendo o Japurá e daí para Manaus.

Jesuíno fez essa viagem três vezes, o que concorda com a realidade, e avisou que voltaria uma quarta vez, o que nunca ocorreu.

Dizem os velhos tariana, ainda duvidosos, ter ele morrido, pois os espíritos guardiães do ouro poderiam ter tomado a sua vida, o que não passa de uma suspeita, para quem conhece o seu verdadeiro final.

Final

Amanhã é o dia vinte quatro de março de 2002, o dos setenta e seis anos da data do falecimento do conde Ermanno Stradelli, de boa cepa italiana, dia em que morreu esquecido, pobre e isolado, em um leprosário de Manaus.

Hoje mandei rezar uma missa na intenção

da alma do velho e sofrido conde, na igreja de São Sebastião. Que Deus o tenha recebido após tantos sofrimentos, longe da pátria, dos parentes e amigos, embora o seu afastamento tenha se dado pelo seu amor à Amazônia, ao seu povo, aos seus índios, às suas florestas.

Descanse em paz Stradelli.

Ele viveu uma grande história. Foi um daqueles grandes iludidos, devorados pela Floresta Amazônica, que embora tenham realizado grandes feitos, ficaram neutralizados pelo vazio que se instalou, na região, após a crise da borracha e pelo etnocentrismo excludente do centro-sul do País, que considera fora do contexto nacional, tudo aquilo que ocorreu ou ocorra, além de suas fronteiras.

Minhas senhoras, meus senhores, agradeço a paciência de todos, mas esta é a oportunidade de fazermos justiça, relembrando os feitos de um homem dedicado ao estudo da Amazônia.

Ermanno Stradelli foi o Mártir do Ministério Público Amazonense. O mártir de uma época sem respeito aos que adoeciam trabalhando.

Para mim, ele virou estrela e hoje mora, lá em cima, nas Plêiades, junto com o mestre Jurupari e sua mãe Ceuci.

Bibliografia

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias*: Vultos do Passado. Conquista, RJ. 1973.

DINIZ, Almir. *Dicionário*: Imortais do Amazonas. Inédito.

LOUREIRO, Antonio. *O Amazonas na Época Imperial*. 2. ed. Manaus, 1990.

LOUREIRO, Antonio. *Síntese da História do Amazonas*. Manaus, 1978.

GARCIA, Adriano Manuel (KALI); IAURETÉ; BARBOSA, Manuel Marcos (KEDALI), ITAIAÇU. *Upíperi Kalísi. História de Antigamente. História dos Antigos Taliaseri. Puhukurana*. União das Nações Indígenas do Rio Vaupés (NIRVA)/ Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)-Iauareté. São Gabriel, Amazonas, Brasil.

MANERA, Danilo. *Yurupari*: As Flautas das Anaconda Celeste. 1999.

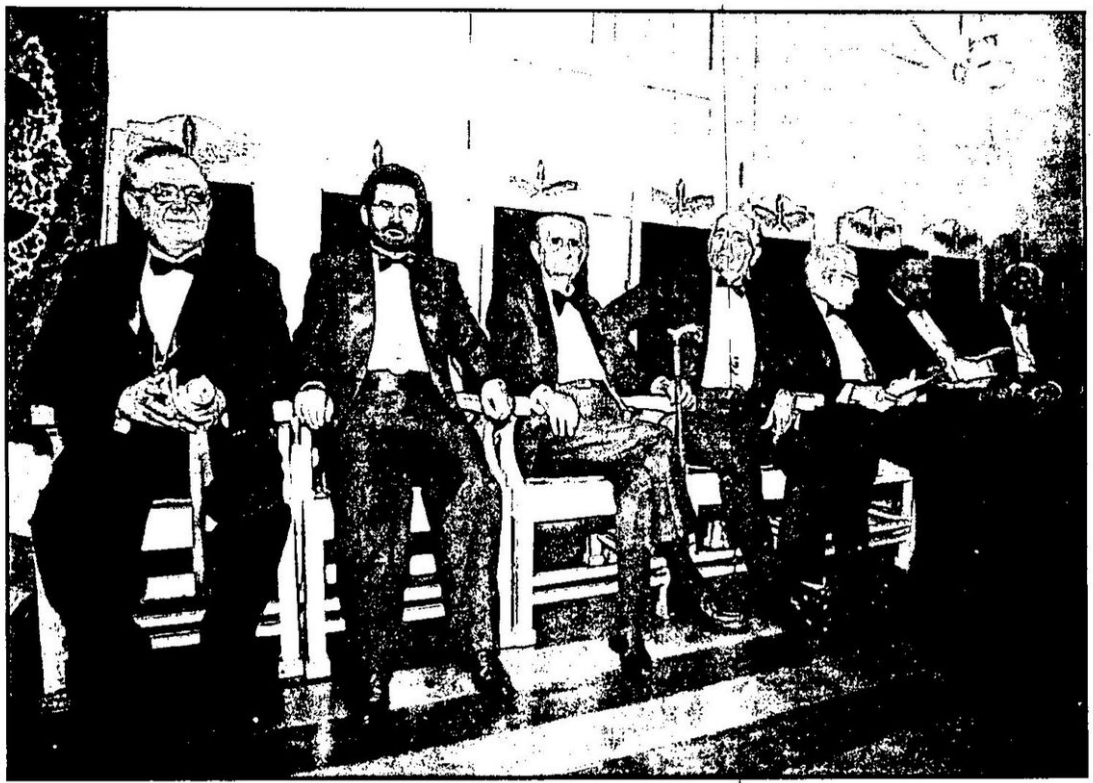
LEVAY, Emeric. *Ermanno Stradelli*: Mártir do Ministério Público Amazonense. Museu da Justiça, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, 2001.

SALLES, Ephigênio Ferreira de. *Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado do Amazonas Dr. Ephygênio Ferreira de Salles à Assembléia Legislativa e Lida Na Abertura da 3ª Sessão Ordinária da 13ª Legislatura em 1928*. Manaus, 14 de julho de 1928.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Em Memória de Stradelli*. Manaus: Ed. Valer, Coleção Poranduba. 3. ed., 2001.

WRIGHT, Robin M. História Indígena do Noroeste da Amazônia: Hipóteses, Questões e Perspectivas. *História dos Índios do Brasil*. Cia. das Letras. 2. ed., 1998.

UCHÔA, Samuel. *A Leprosaria de Paricatuba*. Manaus: Typ. Palácio Real,. 1926.



O escritor Antônio José Souto Loureiro (1.º da esquerda), eleito pela Assembléia Geral de 09.11.01 tem vários livros publicados sobre historiografia amazonense, destacando-se: *Síntese da História do Amazonas*, *Amazônia 10.000 Anos*, *A Grande Crise*. Na foto, Tenório Telles, Gebes Medeiros, Arlindo Porto, Armando de Menezes, Francisco Gomes da Silva e Áderson Dutra.

Acompanhado de sua mãe, a escritora Chloé Loureiro, o Acadêmico Antônio Loureiro entra no Ideal Clube, onde recepcionou os convidados à sua posse na AAL.

Discurso de Recepção*

Francisco Gomes da Silva

Senhor Presidente,
Senhores Acadêmicos:

"O discurso acadêmico é súmula de criação, convergência de caminhos, inventário de escolhas e legado-síntese. Não é a maior nem a menor obra literária de seu autor, é a especial, a que mais interessa ao convívio acadêmico".

Max Carphentier Luiz da Costa

Desejoso de cumprir bem e fielmente a missão que me foi atribuída, inseri propositadamente nesta fala as sábias palavras acima, do poeta místico e ilustre presidente desta Casa. Elas me confirmam que o discurso tem o objetivo de provocar determinado efeito nos ouvintes, carregando o poder intuitivo de compreensão das coisas. Intrinsecamente ligada à ação humana, a arte de discursar, segundo Platão, deve estar a serviço dos deuses. Indo mais além, Aristóteles dizia que o discurso deve estar a serviço da verdade. Peça transcendental de transmissão de mensagens e de informação de idéias, se vale para o cidadão comum mais valor tem entre os letrados.

A Academia Amazonense de Letras, consagrada como a instituição cultural mais prestigiosa do Estado, extrapolando de centro de reuniões de homens de letras e artistas, com fins meramente estéticos, e de cenáculo para o cuidado da língua e o fomento da literatura, estimula entre seus membros a prática da paz e da solidariedade e a experiência de simpatias mútuas. Isso reflete favoravelmente na sociedade como um todo, pois, inexistindo entre os acadêmicos o preconceito do tratamento formal, o que marca na confraria é o companheirismo e amizade recíprocos. Das sessões regimentais, dos saraus musicais e literários, dos chás acadêmicos resultam gestos concretos de união, compreensão, consideração e respeito. Na distância dos 84 anos de existência deste Silogeu, suas reuniões solenes impressionam pela emoção, onde cânticos de valoração à prosa e a poesia são entoados e bênçãos à beleza da vida são invocadas. Vasto murmúrio, aclamação estuante incendiando este templo, em hosana ao espírito humano e à criação literária e artística.

É neste clima de endeusação da vida e das virtudes da criação que o escritor e memorialista Antonio Loureiro ingressa na Casa de Adriano Jorge. Retribuímos sua promessa de fidelidade à instituição com protestos de veneração e respeito. É da praxe acadêmica, momento particularmente feliz para o homenageado e para quem homenageia.

Minhas senhoras e meus senhores:

A obra do historiador Antonio José Souto Loureiro, que o credenciou a ser escolhido para estar entre nós, é consistente e rigorosamente cronológica.

*Discurso de recepção ao acadêmico Antônio José Souto Loureiro, proferido pelo acadêmico Francisco Gomes da Silva, no dia 23.3.2002.

Em 1978 deu-nos *"Síntese da História do Amazonas"*, cujas pesquisas foram iniciadas ainda quando estudante de Medicina no Rio de Janeiro. O capítulo referente ao período colonial teve origem nos autores clássicos e nos do Maranhão e Pará. A parte que trata do Império e da República teve como fundamento os apanhados colhidos dos relatórios provinciais. Obra didática, farta de episódios e de lições, contém verdades que devem ser enaltecidas. Entre elas destaco a referência, apoiada em Barbosa Rodrigues, de que a primeira missão em território amazonense foi estabelecida em 1655, pelo padre Antônio Vieira, na ilha de Aibi, próximo da atual cidade de Itacoatiara. Essa tese contraria o ponto de vista do amazonólogo e saudoso acadêmico Arthur Cézar Ferreira Reis, segundo o qual a primeira povoação *"criada em plena selva, longe do Atlântico"* fora instalada em 1658 na foz do Tarumã, nas cercanias de Manaus. Definitivamente, o autor de *"A Amazônia e a Cobiça Internacional"* se equivocara: a missão dos Tarumãs não foi a primeira – e nem sequer a segunda – a ser fincada nestas bandas da Amazônia, mas a terceira, pois antes dela e após Aibi foi criada em 1657 a missão de Amatary, a poucos quilômetros da desembocadura do Madeira.

Três anos depois, os intelectuais amazonenses são brindados com *"A Gazeta do Purus"*, obra que rememora cenas do mundo acreano, baseada em jornal do avô de Antonio Loureiro, que circulou em Sena Madureira em 1918/1924.

Em 1982 ocorre o lançamento de *"Amazônia 10.000 anos"*. Esse livro fala da antigüidade do povoamento regional, abrangendo uma história simplificada da Amazônia e de seus povos indígenas. Demonstra preocupação de seu autor sobre o destino das populações amazônicas, que não estão sendo levadas em conta, e que devem sofrer um processo urgente de atualização, retirando-as da estagnação. Busca reorientar *"o pensamento colonizado"*, combate *"o endeusamento do colonizador branco"*, após séculos de martelamento doutrinário, e afinal procura enaltecer nossas raízes indígenas e negras.

Quatro anos depois é editado *"A Grande Crise"*, enfocando os fenômenos sociais e econômicos acontecidos durante a crise da borracha. Trabalho ilustrativo e forrado de dados estatísticos, cobre o período 1908/1916, em que a crise dos seringais combina com as lutas políticas características daqueles anos, desembocando nas sucessivas rebeliões do tenentismo.

Em 1989 aparece *"O Amazonas na Época Imperial"*. Conforme seu próprio autor, trata-se de um retrato da província do Amazonas, desde a data da sua instalação, a 1º de janeiro de 1852, até o advento do regime republicano, a 21 de novembro de 1889, período marcado por profundas modificações econômicas e sociais. Obra rara e de indiscutível destaque na bibliografia amazonense.

Em 1995 é distribuído entre os amigos de Antonio Loureiro o trabalho *"Tempos de Esperança"*, não lançado oficialmente. Retrata o período amazonense de 1917 a 1945 – para o autor *"tempo de transição entre um passado economicamente vigoroso e um futuro promissor, porém incerto e distante, mas alcançável, diante das potencialidades aqui existentes"*. Além do panorama político, o livro enfoca o tema da vinculação da Amazônia ao centro-sul do Brasil, o papel das interventorias e o drama das rebeliões tenentistas, as implicações da segunda guerra mundial nessa área, fala da proteção dos recursos naturais, indústrias, transportes e sobre o problema da

valorização da Amazônia. Nesse livro, Antonio Loureiro dá uma prova de que o historiador deve buscar a verdade com independência e audácia. No capítulo das rebeliões tenentistas, por exemplo, descreve em profundidade a chamada batalha naval de Itacoatiara, ocorrida em 1932. À época, estava o país em plena ditadura Vargas e não interessava ao oficialismo mostrar em minudência os fatos. Portanto, os números relativos a mortos e feridos foram de propósito omitidos. O falecido historiador e acadêmico Manoel Anísio Jobim, o primeiro a escrever sobre a tragédia, faz coro com os mentores do silêncio, contabilizando apenas dois mortos na batalha. O próprio comandante legalista Nelson Lemos Bastos, também é econômico ao comunicar o desfecho da operação ao interventor do Amazonas, Waldemar Pedrosa. Todavia, mais realista e corajoso, nosso homenageado desta noite preleciona que *"... até hoje a quantidade de vítimas decorrentes dessa batalha continua desconhecida. Para isso concorreram o intenso tiroteio, a largura e a correnteza do rio Amazonas em frente a Itacoatiara e a existência, entre os rebeldes, de muitos caboclos recrutados à força, sem identidade, sabendo-se de numerosos cadáveres levados rio abaixo e recolhidos pelos ribeirinhos, não computados nas cifras oficiais, além do silêncio que pairou sobre o assunto, após o acontecimento. Da tripulação civil do 'Andirá' desapareceram... (no total) 7 homens, além de 11 rebeldes, dos 21 que nele estavam embarcados. No 'Jaguaribe' levantou-se a perda de um foguista e de um marinheiro. Nele morreu o capitão comissionado Arquimedes Lalor, desaparecendo grande parte dos 40 revolucionários que transportava"*. Esclareça-se, por oportuno, que os navios acima mencionados, fundeados defronte a Itacoatiara, pertenciam às forças rebeldes.

Finalmente, em 1999, é lançado o primeiro volume de *"Dados para uma História do Grande Oriente do Estado do Amazonas"*, coordenado pelo autor. Trata-se de edição comemorativa dos 20 anos de fundação da Entidade Maçônica de igual título, onde Antonio Loureiro ocupa lugar de destaque.

Porém, a obra deste festejado historiador amazonense não se esgota nos títulos referenciados. Nosso mais novo confrade promete para breve: *"O Brazil Acreano"*, obedecendo a mesma diretriz do livro *"A Gazeta do Purus"*, abrangendo a história do Departamento do Alto Purus, pela ótica dos jornais locais; também projeta lançar *"Temas Maçônicos"*, tratando sobre trabalhos afetos à Maçonaria; e, por último, *"O Javari"*, interessante estudo acerca do povoamento daquele rio, no fim do século XIX.

Senhor Antonio José Souto Loureiro:

Vossa origem mais remota tem raízes em Portugal e no nordeste do Brasil. Vossos ancestrais, há mais de um século assentados na Amazônia e ocupados no extrativismo da borracha, ajudaram a desbravar rios e a plantar civilização. Marcaram presença efetiva no Acre, atuando na imprensa, no comércio e na política.

Primogênito de nove irmãos, herdastes de vosso pai, Thales de Menezes Loureiro – amazonense de Manaus, formado em direito, professor e homem de empresa - a têmpera da disciplina e o espírito contestador. Aprendestes de vossa mãe, Chloé Ferreira Souto Loureiro – acreana de Sena Madureira – o equilíbrio e o respeito às virtudes. Escritores, ambos, o primeiro desapareceu há 15 anos, e a segunda, para felicidade do Amazonas, viva ainda está, beirando os 78 anos, plena de saúde e espargindo simpatia.

Acontecimentos os mais significativos marcaram vossa infância e primeira adolescência. Nascido junto à praça de São Sebastião, na bucólica Manaus dos anos 1940, experimentastes as emoções dos passeios de bonde até Flores e

Vila Municipal e a pé, pelo centro da cidade com a família; o degustar dos produtos da Sorveteria Mimosa e depois Avenida; os banhos de verão no Parque Dez de Novembro; os jogos de futebol de bola de meia; as leituras de história, mitologia e revistas em quadrinhos; e o manuseio das coleções de filatelia e numismática. No interregno, vivenciastes a falta de luz, conseqüência da mal encaminhada estatização da empresa inglesa que operava no ramo em Manaus; sofrestes a experiência do estudo à luz de vela e o calor dos candeeiros a querosene; assimilastes o problema da carência de alimentos essenciais – pão, café, açúcar e outros – desviados pelo contrabando; ousastes experimentar nas horas vagas e durante as férias o aprendizado do comércio e sua burocracia; assististes às lutas entre PTB e UDN, pela posse do poder, enfileirando-se vossa família ao movimento trabalhista, dada a forte amizade ligando vosso pai ao ex-governador e extinto acadêmico Plínio Ramos Coelho.

É certo que nessa primeira etapa da vossa vida, além da orientação recebida em família, fostes fortemente influenciado pelos professores Mário Ypiranga Monteiro, Cândida do Areal Souto, Marion Menezes, Eunice Serrano Teles de Souza, Garcitilzo do Lago e Silva, Liberalina de Menezes Weil e Aristóteles de Alencar.

A fase da vossa existência que vai de 1954 ao final de 1966 foi de total ruptura com a anterior. Transferido para o Rio de Janeiro, concluiríeis, lá, o 2º grau e – suprema glória! – no Colégio Pedro II. Nesse famoso estabelecimento, os professores que marcaram foram: Lauro Pastor (matemática), Pinheiro Machado Filho (química) e Aurélio Buarque de Holanda (português).

Em seguida, a conselho de vosso pai e de dois tios médicos, daríeis ingresso no curso superior de Medicina. Curso extremamente difícil, aulas em diversos lugares e hospitais. Plantões e trabalho no SAMDU, para sustentar a família precocemente adquirida no 2º ano. Dos 21 aos 26 anos de idade, seríeis chefe de Secretaria e assistente de Divisão Médica.

Na então capital da República, diferentemente de tantos outros emigrados que esqueceram o Amazonas, talvez pelo fato de estarem em um centro mais desenvolvido que acenava para novas e melhores oportunidades, vivíeis em permanente sobressalto, desejoso de retornar para iniciar um trabalho em benefício da vossa terra. Além do interesse profissional, movia-vos a vocação de destacar a memória amazonense. Formado médico, e sem descurar das tarefas afetas à nova profissão, dos estágios, dos plantões, da assistência à Cadeira de Clínica Médica no Hospital do IPASE, ainda encontráveis tempo para aprofundar vossos estudos e pesquisas sobre esta região.

Ao vosso retorno, deveis ter ficado chocado ante a realidade encontrada. Um ambiente tumultuado envolvia Manaus. Conseqüência do regime autoritário, então vigente, o clima era de intrigas e futricas. Arthur Cézar Ferreira Reis saía do governo. Chamado por José Leite Saraiva, passastes a trabalhar na Secretaria Estadual de Saúde. Nesse período, que vai até 1970, servistes também no INPS, que absorvera o IAPI. Ainda dirigistes a Polícia Sanitária, o Serviço de Lepra, a SUSEMI e fostes secretário interino de Saúde.

Com passagem pelos serviços médicos da PORTOBRÁS, entre 1972 e 1975 dirigistes o IPASEA, e de 1970 a 1985 clinicastes pelo INPS, visitando diariamente vossos pacientes na Santa Casa e na Beneficente Portuguesa, tendo esta última, por vosso desvelo, agraciado-vos como seu médico honorário.

Patriota, trazeis no sangue o inconformismo e portais nos gestos a contestação. Essa tendência cívica que marca positivamente vossa biografia, trouxe várias dificuldades ao vosso caminhar. Num Estado onde

conterrâneos brigam e estranhos tiram proveito, recebestes a primeira punhalada por demissão sumária e sem defesa do cargo de Professor de Semiologia da Faculdade de Medicina. Também, graças à vossa discordância política, dirigistes sob tensão os serviços médicos do INPS e, ainda por cima, sem o aval do SNI, que protelou vossa aprovação como diretor efetivo. Afinal, optando pelo retorno às vossas raízes comerciais, de 1975 em diante não mais serviríeis a qualquer governo.

Abandonando definitivamente a Medicina em 1991 e passando a se dedicar aos trabalhos da Maçonaria, tendes empunhado o *Shofar* para despertar as pessoas da sua letargia espiritual. Publicação periódica com esse título, sob vossa direção, enfoca assuntos de natureza filosófica, religiosa, administrativa e geopolítica. Vosso artigo sobre a Retaliação do Amazonas (edição n.º 29/agosto de 2001) alerta as classes política e empresarial do Estado para o perigo que denominais de neocolonização.

Avalio em que dimensão chegou o vosso espanto quando retornastes, no final de 1966. A capital do Amazonas, diferente daquela que deixastes ao partir para o Rio de Janeiro, começava uma caminhada rumo à descaracterização. Logo, logo não seria mais a Manaus pacata cortada por igarapés de águas frescas, cristalinas, saudáveis, higiênicas. Não mais a cidade provinciana onde todos se conheciam e a tranqüilidade pública era aparente. Não mais o centro urbano médio que espelhava satisfação aos seus habitantes, com seu casario modesto, seus bons cinemas, sua boa imprensa, seu bom futebol, as famílias locais inteiramente unidas.

Nos anos seguintes ao vosso regresso aumentariam os contrastes. Aquilo que os burocratas oficiais pregavam – que a Zona Franca traria progresso e felicidade – resultou num quase embuste. Em pouco tempo, a Manaus de 200.000 habitantes, cálida, habitável, sorridente, passou a ser problemática: para alojar os milhares de interioranos forçados pelo êxodo, começaram as invasões, descambando para a especulação imobiliária. Em pouco mais de vinte anos se inverteriam as estatísticas: os habitantes desta cidade mal planejada já beiravam um milhão e o interior ficava rarefeito, sem rumo, sem vocação e sem futuro. A desordem urbana fomentaria o caos e a insegurança pública: desemprego, delinqüência juvenil, prostituição, latrocínios, trânsito desorganizado. No aspecto geral, a *fácies* da Manaus de hoje nada lembra a cidade-sorriso de outrora.

Vossas credenciais acadêmicas acabam de ser confirmadas em face do alentado discurso, que há pouco pronunciastes. Nele, destacastes a vida rumorosa e a obra meritória do patrono da Cadeira que passais a ocupar. Lembrastes, com esmerado acerto e indiscutível competência, a peregrinação pelas vastidões da Amazônia empreendida pelo cultor do direito, lingüista e etnólogo Ermanno Stradelli que, segundo o cientista e saudoso acadêmico Djalma Batista, viveu 43 anos nesta região.

Incansável, desprendido e, sobretudo, prenhe de idealismo, esse notável cientista de origem italiana, mais tarde naturalizado brasileiro, conviveu com o indígena e aprendeu-lhe os costumes e a língua. Varou rios, ultrapassou montanhas, percorreu florestas, aprofundou pesquisas, trabalho esse cujo resultado gerou interesse europeu pela etnografia dos índios brasileiros.

Com um cuidado excepcional, esgotastes o assunto e a mim nada restou para tecer outras considerações, senão a oportunidade de avalizar vossa palavra a respeito desse mártir

da Amazônia. Golpeado pela lepra, Stradelli terminou seus dias em 1926 no improvisado leprosário do Umirizal, aos 74 anos de idade. Conforme registrastes: trágico fim o desse notável cidadão do mundo; morte solitária, talvez sem testemunhas, seu enterro triste e humilde, até sem certidão de óbito.

Também esmerilhastes a figura do professor, farmacêutico e químico Manoel Bastos Lira, que vos antecedeu nesta Casa. Prestando-lhe as homenagens de estilo, discorrestes magistralmente sobre a vida, o caráter e a múltipla atividade profissional desse notável amazonense que, somando esforços, dedicou-se de corpo e alma à saúde pública, ao magistério e à pesquisa científica.

Concluo, plenamente convencido de vosso merecimento.

Reitero simpatia por vossa chegada.

Assentai-vos e sede bem-vindo!

Discurso de Posse*

Tenório Telles

Em nome da vida, da cultura e da utopia

Quem é belo
É belo aos olhos
E basta.

Mas quem é bom
É subitamente belo.

Como falar de beleza e bondade num tempo que se constrói sob o signo do silêncio, da barbárie e da morte? Ou será que o pensador alemão Theodor Adorno estava certo quando, atormentado pelos horrores da segunda grande guerra, proclamou a inutilidade da poesia e, por conseqüência, o seu fim? Se a poesia e os poetas não podem evitar as tragédias e o reinado da barbárie – resta-nos pelo menos um gesto: dizer não... *"dizer não a esses poderes que não contentes em dominar nossos corpos querem dominar nossas almas"*. A arte é uma forma de negação da perversidade, da resignação e da estupidez.

Consciente das responsabilidades do artista diante de um mundo ameaçador e refratário à nobreza e aos valores humanos, o poeta mexicano Octavio Paz situou com clareza sua condição de insurgente e guardião das conquistas da civilização: *"o poeta moderno não fala a linguagem da sociedade nem comunga com os valores da atual civilização. A poesia do nosso tempo não pode escapar da solidão e da rebelião, a não ser através de uma mudança da sociedade e do próprio homem"*. Esse profundo sentimento do mundo, essa irresignação, esse grito congelado na garganta – canto de revolta e sofrimento pulsa igualmente nos versos do anjo cético de Itabira:

Este é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.
Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento no vale.
(...)
O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras
[armas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme.

As tragédias, as guerras, o desperdício de vidas e as injustiças não foram suficientes para

* Discurso de posse do Acadêmico Tenório Telles na cadeira 16, de João Leda, solenidade acontecida no dia 21.10.2001.

nos ensinar que toda maldade é inútil, que o poder e o dinheiro não nos salvarão do fim irremediável. Nada disso foi suficiente para fazer florescer em nossos corações a flor da solidariedade e da compaixão. Tinha razão o velho mestre de Atenas. Há mais de dois mil anos, Platão, preceptor de várias gerações de filósofos e fundador de uma escola no Jardim de Academo, que deu origem a uma das mais importantes iniciativas no campo do conhecimento – a Academia –, afirmava ser impossível construir uma sociedade justa sem homens justos.

A propósito dessa reflexão sobre a bondade e a grandeza humana, é expressiva a opinião do mais destacado e genial discípulo de Platão: ... *a felicidade não consiste em adquirir muitas coisas, mas sim na maneira pela qual a alma é disposta. Pois podemos afirmar que não tem o corpo enfeitado com uma roupa magnífica quem é bem-aventurado, mas aquele que tem boa saúde e sérias disposições... Do mesmo modo, se uma alma foi educada, é semelhante alma e semelhante homem que devem ser chamados de "felizes" e não um homem magnificamente provido de bens exteriores, mas que não vale nada por si mesmo.* As palavras do sábio Aristóteles, para nossa vergonha, continuam atuais. As lições dos velhos mestres do passado parecem não ter sido ouvidas. Por isso, é necessário repeti-las sempre.

II

E o que pode a literatura contra os descaminhos do mundo? Se as palavras, os livros e a beleza não podem mudar a realidade, têm, entretanto, o poder de transformar a vida do ser humano. Afinal, a leitura é uma viagem pela qual não se passa impunemente. Penetrar no reino encantado das palavras pode ser uma experiência definitiva – abertura para um mundo de possibilidades, matizado de cores, formas e sons – prenhe de significados e sentidos. Território do sonho, da imaginação e da fantasia, lá jazem adormecidas a vida que anseia por nascer, e as idéias que latejam e ardem em luz à espera da colheita. Essa percepção dos poderes mágicos do verbo não passou despercebida ao escritor Carlos Drummond de Andrade, ao tematizar a criação poética no seu célebre texto *"Procura da poesia"*:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

A compreensão do ser das coisas e da essência que regurgita na alma das palavras é a chave para a revelação desse mundo impalpável e simbólico, evocativo das aspirações transcendentais e da condição existencial do ser

humano. Octavio Paz, ao refletir sobre as imbricações do fazer poético com o real, conclui que *"a poesia não mais se encarnará na palavra e sim na vida. A palavra poética não consagrará a história, mas será história, vida"*.

Fruto dessa relação irresignada e contraditória do artista com o mundo, a literatura se afirma como um testemunho do escritor sobre o seu tempo. Ao compor a tessitura de seu diálogo com o mundo, evoca seu compromisso com o ser humano e a esperança de um destino mais generoso e solidário para a civilização, como proclama Thiago de Mello no seu poema *"Estatutos do Homem"*:

Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida
e que, de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo VI.

Fica estabelecida, durante os séculos da vida,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Além do compromisso com o seu labor estético e com a vida, aos escritores cabe ainda a tarefa de manter a tradição, resguardando as conquistas intelectuais da civilização e, ao mesmo tempo, preservar do silêncio e da vulgaridade a maior de todas as realizações humanas – a língua. A humanidade é filha do mistério e da linguagem. Novalis, poeta alemão dos mais inspirados, tinha razão: *"A poesia é a religião original da humanidade"*.

III

Concebidas como casas do saber, as academias foram criadas para formar e assegurar a continuidade das realizações espirituais da civilização. Platão, ao percorrer os bosques de oliveiras nos arredores de Atenas, ensinando seus discípulos, acreditava estar contribuindo com o aprimoramento espiritual do ser humano e com a construção de uma sociedade esclarecida, fundada na nobreza e nas virtudes. Foi esse mesmo espírito que serviu de inspiração aos humanistas do século XV, quando criaram, em Florença, a primeira academia com o sentido e o significado que conhecemos hoje. Diante da situação de incerteza que se seguiu ao término da Idade Média, ansiavam pelo renascimento dos valores clássicos – de uma concepção artística que tinha no homem a sua referência e medida.

As academias são os refúgios dos sábios, dos artistas, dos artífices das palavras – da sociedade letrada. Daqueles homens que amam e consagram suas existências ao saber, que têm compromisso com a cultura, com a vida, com o belo e com a verdade. Herdeiros de Platão, são os guardiães da memória e da tradição. Espírito ilustrado, Péricles Moraes, ao acalentar o sonho de criação desta sociedade de homens de letras, não imaginava outro destino para esta Casa – que não fosse o de ser símbolo do compromisso com a cultura, com as artes e com os valores mais caros à civilização. O que pretendia, na verdade, era resguardar do esquecimento e da fúria das traças, as realizações espirituais dos homens de letras de nossa terra.

João Leda, pelo seu zelo e compromisso com a preservação do vernáculo, faz parte dessa linhagem de criadores e estudiosos comprometida com o enriquecimento espiritual da so-

ciedade e o engrandecimento do ser humano. Foi um defensor da elegância e correção do idioma. No dizer do acadêmico Leôncio Salignac e Sousa, *"um dos Soberanos da vernaculidade lusitana..."* O professor João Chrysóstomo de Oliveira, ao saudá-lo, quando de sua posse na mesma cadeira que devo ocupar, ressaltou-lhe os atributos e qualidades como mestre da língua:

> *A esteira magnificente de João Leda... rastro luminoso que me incumbe seguir, num justo e merecido panegírico, é a estrada luminosa do eterno enamorado da palavra, do extasiado prisioneiro do mundo vocabular, do beatífico cultuador do termo bem escolhido para um forte e contundente epigrama...*

Espírito irrequieto e polêmico, João Leda teve presença marcante na imprensa. Escudado no profundo conhecimento do idioma, não se intimidou diante da erudição e reconhecimento de Cândido de Figueiredo quando polemizaram a respeito da colocação dos pronomes na língua portuguesa. Transformou o jornalismo numa tribuna, de onde defendia suas idéias e opiniões sobre o vernáculo. Confidenciou, em uma de suas cartas, seu gosto pelo debate de idéias: *"... eu de bom grado dou uma costela por um bate-boca nas gazetas, desde que o adversário não suprima a gramática nem ultraje o senso comum".*

Segundo Leôncio Salignac, que privou de sua amizade, apesar do *"sangue nas guelras"*, era um espírito – *"Hiperemotivo, transitando rapidamente da serenidade para a exaltação, não aninhava, na alma cristã e no coração de excelsitudes, o ódio. Se agredido, saía à liça com ardor e honestidade e, defendendo-se, erigia os bastiões de sua defesa com os materiais, dentre os melhores, colhidos dos sabedores".*

O professor Agnello Bittencourt, reconhecendo-lhe os méritos, afirmava que *"João Leda foi, na Amazônia, o maior filólogo de seu tempo".* Apaixonado pelo idioma pátrio, elegeu-o como tema recorrente de suas reflexões, legando-nos algumas obras exemplares, que se impõem pelo rigor metodológico e seriedade de suas análises: *Vocabulário de Rui Barbosa*, de 1923; *Os áureos filões de Camilo*, de 1924; *Nossa língua e seus soberanos*, de 1928. Merece destaque especial *A quimera da língua brasileira*, de 1939 – em que combate *"com convicção, cultura e erudição os pregoeiros apressados da caracterização completa e delineada da língua brasileira em contraposição à língua portuguesa de ultramar".*

Nascido no Maranhão, a 16 de setembro de 1889, sua vinda para o Amazonas foi motivada por questões políticas. Segundo mestre Agnello Bittencourt: *"Seu pai, um professor particular, Mariano César de Miranda Leda, também jornalista de 'sangue nas guelras', incômodo ao governo, achando-se em dificuldades financeiras, aceitou sua nomeação para o Correio, contando que, logo fosse investido na função, seguisse removido para o Amazonas. E seguiu o seu destino, levando o jovem João Leda, que também era professor e escrevia para os jornais de São Luís. O governo do Maranhão também queria ver-se livre daquele impertinente e atrevido jornalista".*

Em reconhecimento ao seu talento e dedicação ao estudo da língua portuguesa, mereceu desta Academia, quando de seu falecimento, no dia 1°. de março de 1955, a honra de ser o patrono da cadeira No. 16, substituindo o saudoso José de Patrocínio.

IV

Coube ao professor João Chrysóstomo de Oliveira a responsabilidade de suceder a João

Leda na cadeira que hoje tem o seu nome. Nascido a 8 de junho de 1914, em Tefé, João Chrysóstomo firmou sua reputação como estudioso da nossa língua. O acadêmico Ruy Alberto Costa Lins, em breve estudo sobre o mestre, afirma que sua *"trajetória... foi um magnífico exemplo de inteireza de caráter, de perfeita dignidade e de amor ao próximo".*

E aqui estou... com a vacilação e o estonteamento, característicos ainda do caboclo pirralho, vindo, sem recursos e sem rumo, das matas de Tefé, cair no turbilhão da metrópole flumilandina cheia de trepidação e inundada de luz de arco voltaico, de 1924; aqui estou com o mesmo assombro de aluno caipira dos grupos escolares Ribeiro da Cunha e Saldanha Marinho a olhar tudo com ar admirativo e de meditação ante o impossível para olhos de horizontes curtos; aqui me encontro com o pânico do tímido estudante normalista que não teve recursos para ser ginasiano e ficava a contemplar, no mesmo casarão do Ginásio Pedro II, os *"heróis"* fardados a dirigir seus trotes e a comandar a revolta de 12 de agosto; aqui me acho enfim, com os sobressaltos de quem privou com os livros e com as letras por acidentes e desvios de uma vocação que sempre andou às apalpadelas pelas contingências da vida... Sim, senhores, aqui me encontro com estas apreensões e estas esquivanças...

V

Faço parte da legião de interioranos que abandonou as margens dos rios, cansados do sofrimento e do abandono, e rumou para Manaus em busca de melhores condições de vida, de trabalho digno, sobretudo da oportunidade de estudo para os filhos. É claro que o sonho de uma vida feliz na cidade grande era, na verdade, uma miragem. Os ribeirinhos abandonaram a selva, a calma da floresta, e aportaram na selva urbana, de ferro, cimento armado, labiríntica, violenta e individualista. Antes, perdia-se nos meandros silenciosos da mata, hoje, perde-se no vazio e anonimato das ruas.

Nasci no dia 02 de setembro de 1963. Guardo uma vaga lembrança do lugar, o rio, a mata, o canto dos pássaros e, durante a noite, o rugido das onças. Sinto saudade do canto estridente do alencor, das gaivotas, dos vaga-lumes que apagavam e acendiam a noite. Das arirambas e suas casas cavadas nos barrancos, do doméstico e jeitoso joão-de-barro, do voar capenga e do canto rouco das jaçanãs. Como era prazeroso navegar sob a copa das árvores dos igapós, ouvir o silêncio, contemplar a dança dos peixes sob a fímbria das águas, os fios de luz insinuantes que varavam a pele marrom do tempo, entre os galhos das árvores.

Vim ao mundo numa localidade do Rio Purus, no Paraná de *"São Tomé"*. Nasci no *"São Tomé"*, assim era chamada a colocação onde meus pais trabalhavam, num tempo que subsiste apenas na memória. Lá ficaram meus dois primeiros irmãos, enterrados sob a velha mangueira que protegia do sol os habitantes desse estranho mundo de esquecimento e silêncio para onde todos faremos a última viagem.

Passei a minha infância na propriedade de meus avós maternos, no Rio Solimões, num lugar chamado *"Costa do Cabaleana"*, em frente à *"Ilha do Marrecão"*, no município de Manacapuru. Lá aprendi as primeiras letras, os primeiros sons com o velho Gerdeão, o nosso preto Roque. Fiz as primeiras leituras. A escola era improvisada e funcionava na sede do lugar. Durante a cheia não tínhamos aula, por causa

das águas que tragavam nossa escola. O professor, que tanto esforço fez para que eu aprendesse a letra *"a"*, foi o meu tio *"Cré"*. Como eu achava estranha essa primeira letra do alfabeto, sobretudo sua forma como se estivesse acocorada. E o seu som que me soava tão surpreendente. Ficava tardes inteiras olhando seus livros, suas revistas, as estranhas ilustrações de cobras com chifres, dragões, animais pescoçudos, trombudos, gigantescos. Matutava se aqueles estranhos bichos eram reais. Nas minhas andanças pelas matas não tinha topado com nenhuma criatura daquelas.

Chegou o tempo de partir. Deixar pra trás aquele mundo de silêncio e distâncias. O motor parou no porto. O rio ia se esticando e tudo ia se perdendo no horizonte. Minha mãe tinha outros planos pra mim - queria que eu estudasse. Trabalhava numa fábrica de cigarros para me manter na escola. Cuidava de mim. É o momento em que tem início minha vida escolar: o primário, primeiro na escolinha da professora do bairro, depois no Grupo Escolar Antóvila Mourão; alguns meses após, na Escola Ouvidor Sampaio – onde concluí o primário e encontrei a professora Teresa Katsuko Sató Koba que me ensinou a amar as palavras, que me mostrou seus mistérios e sentidos; mais tarde, o ginasial no Senador Cunha Mello, concluído no Benjamin Constant; o 2 ° grau, no Colégio Normal Ajuricaba. O tempo é encantado, passa por nós sem que possamos detê-lo em seu pingar inevitável.

No início dos anos 80, iniciei o curso de Letras, dedicando-me especialmente à literatura. Com a conclusão do curso, dediquei-me ao exercício do magistério como professor de literatura brasileira e amazonense. Foi um período rico em lições, em que arrisquei os primeiros textos, os primeiros poemas. Até que em 1987 roteirizei a vida de Manuel Bandeira para uma encenação na faculdade. Em 1988, a primeira brochura com poemas, *"Primeiros fragmentos"*, financiada por um grupo de colegas, com uma tiragem de 300 exemplares. Em 1991, depois de vencer o medo e a insegurança, tem início a colaboração na imprensa, com a publicação de dezenas de ensaios sobre literatura amazonense, brasileira, teatro, cultura e educação.

A produção ensaística teve início na Universidade do Amazonas, nas aulas de literatura brasileira, ministradas pelos professores Marcos-Frederico Krüger, do Antônio Paulo Graça e da Artemis Veiga. Em 1995 foi publicada a primeira reunião de ensaios: *"Estudos de Literatura Brasileira e Amazonense"*; em 1996, a segunda: *"Leituras Críticas"*; e em 1997, *"Análises para o vestibular"*. O trabalho mais significativo, realizado com o patrocínio da Fucapi e apoio da Funarte, é o CD-ROM *"O Amazonas em sua Literatura"*, lançado no final de 1996.

Tenório Telles, na noite de sua posse, ladeado pelos Acadêmicos Bernardo Cabral, Jefferson Peres e Almir Diniz.

Em 26.10.01, Tenório Telles Nunes de Menezes sucedeu ao professor João Chrysostomo de Oliveira na Cadeira n.º 16, cujo Patrono é João Leda. Tenório estreiou em 1988, com o livro "Primeiros Fragmentos" (poesia).

Discurso de Recepção*
Saudação a Tenório Telles

Ruy Lins

Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras, acadêmico Max Carphentier

Senhoras e Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Senhor Tenório Nunes Telles de Menezes

I - Este recanto, berço semeador da cultura e da beleza, fertilizando as letras e as artes, é palco mais uma vez de uma cerimônia que se repete, há mais de oito decênios. Oitenta e três anos de glórias. Glórias que se traduzem no imperecedouro das ações e serviços prodigiosos prestados à comunidade manauense, às letras e às artes do Amazonas. Com esta ornamentação deslumbrante e festiva, não é a primeira vez que é promovida a imortalidade da lembrança, e, com certeza, não será a última promoção da lembrança da imortalidade. A continuidade é a marca da perenidade da nossa singular e nobre Instituição, do que se fez ontem e se está fazendo agora, como certamente se fará amanhã. A recepção a um novel acadêmico será sempre, motivo de júbilo coletivo de todos os ocupantes das cadeiras azuis, os imortais do passado e do presente. Creiam, minhas senhoras e meus senhores, não apenas os antecessores da cadeira número dezesseis, mas todos os acadêmicos de ontem e de hoje, estão regozijados com o ingresso do intelectual Tenório Nunes Telles de Menezes na Academia Amazonense de Letras, eleito que foi na memorável tarde de 27 de abril de 2001 em deliberação que contou com a presença de trinta acadêmicos. A espontaneidade da sua eleição não foi comprometida com nenhum movimento político urdido nos bastidores, modernamente utilizando a presteza dos eficientes instrumentos da telefonia, onde quer que se esteja, ou os mensageiros de plantão sempre prontos ao servilismo por trinta dinheiros. É resultado, apenas, do seu valor intrínseco, reconhecimento a um jovem escritor voltado para as literaturas brasileira e amazonense. Os seus êxitos são realmente incomensuráveis e estão registrados na publicação dos seus livros e na síntese de pontos acadêmicos divulgados na imprensa de Manaus durante anos.

II - Faço uma enorme tentativa para corresponder, por inteiro, à honrosa confiança depositada pelo nosso Presidente, acadêmico Max Carphentier, nesta recepção em que a Academia Amazonense de Letras consagra o preclaro estreante para realçar as suas verdadeiras e genuínas qualidades de operoso cidadão e ilustre literato. Desde já, asseguro ao mestre Tenório Telles que todas as velhas portas deste Silogeu estão escancaradas para que transponha, com serenidade, os seus umbrais, na infalível certeza de que todos os corações dos meus Pares estão

* Discurso de recepção ao acadêmico Tenório Telles, proferido pelo Acadêmico Ruy Lins, no dia 26.10.2001.

radiantes com o seu ingresso. Sentimo-nos, em realidade, envaidecidos com a sua fidalga companhia, que valoriza e enriquece esta Casa. Sempre abrigamos nomes extraordinários. Sim, nomes extraordinários que permanecem guardados na lembrança de todos nós e no registro das suas obras, cujo binômio espelha a mais cristalina imortalidade. É sempre difícil mencionar nomes, uma vez que podemos incorrer em involuntárias omissões. Aqui, estão emoldurados por essa imortalidade Heliodoro Balby, Alcides Bahia, Benjamin Lima, Agnello Bittencourt, Álvaro Maia, Arthur Cézar Ferreira Reis, Alfredo da Matta, Waldemar Pedrosa, Leôncio de Salignac e Souza, Aderson de Menezes, Huascar de Figueiredo, Aristophano Antony, Leopoldo Peres, Djalma Batista, André Araújo, João Nogueira da Mata. Além de Adriano e Péricles, sempre reverenciados por todos nós. Para não romper as regras do cerimonial em função da exigüidade do tempo, declino, a contragosto, do inarredável dever de mencionar outros gigantes das letras, das artes e das tribunas, cicerones do saber que, também, enalteceram este Sodalício os quais, como testemunhas da imortalidade pontificam, com raro brilho, a galeria dos adormecidos para sempre, a esboçar o sorriso prudente dos predestinados.

Paralelamente, saúdo a sociedade amazonense, aqui representada por tão qualificada, atenta, jovial, e inteligente platéia, a dar a sua bênção a este inesquecível acontecimento e a sua finalidade.

III - Senhor Tenório Telles! Conhecemos as dificuldades que enfrentou, no início da sua Jornada Terrena, que esperamos seja longa e venturosa, para alcançar o destino mágico dos sonhos. Os mesmos sonhos sempre difíceis e complicados para se transformarem em realidade. Por esta razão, o príncipe Bilac arrematou: *"o que realizamos nunca é tão belo como o que sonhamos"*. Essas dificuldades são inerentes ao primeiro caminho, trilhado com desenvoltura e coragem face aos perigos e às armadilhas preparadas pela própria natureza, obstáculos que lhe conferem o galardão de predestinado. Na divulgação de um breve memorial, com uma invejável sinceridade e comovente humildade, o emérito Tenório Telles escreve e compartilha a confidência:

> *Vim ao mundo numa localidade do rio Purus, no paraná de 'São Tomé'. Nasci no 'São Tomé', assim era chamada a colocação onde meus pais trabalhavam, num tempo que subsiste apenas na memória. Lá ficaram meus dois primeiros irmãos, enterrados sob a velha mangueira que protegia do sol os habitantes desse estranho mundo de esquecimento e silêncio para onde todos faremos a última viagem. Nasci no dia 2 de setembro de 1963. Guardo uma vaga lembrança do lugar, o rio, a mata, o canto dos pássaros e, durante a noite, o rugido das onças. Sinto saudade do canto estridente do alencor, das gaivotas, dos vaga-lumes que apagavam e acendiam a noite. Das arirambas e suas casas cavadas nos barrancos, do doméstico e jeitoso joão-de-barro, do voar capenga e do canto rouco das jaçanãs. Como era prazeroso navegar sob a copa das árvores dos igapós, ouvir o silêncio, contemplar a dança dos peixes sob a fímbria das águas, os fios de luz insinuantes que varavam a pele marrom do tempo, entre os galhos das árvores.* (sic)

Entre a beleza da descrição e a comovente realidade da completa ausência de perspectivas, no sentido de que os devaneios sonhados se concretizem, temos a dureza daquele primeiro caminho repleto de dúvidas e incertezas, mesmo com a pavimentação dos gestos de ternura da sua família e do largo sorriso ambiental. Assim, encontramos a nossa ilustre personagem já no segundo caminho, quando nos transmite outra confidência:

> *Passei a minha infância na propriedade de meus avós maternos, no rio Solimões, num lugar chamado 'Costa do Cabaleana', em frente à 'Ilha do Marrecão', no município de Manacapuru. Lá aprendi as primeiras letras, os primeiros sons. Fiz as primeiras leituras. A escola era improvisada e funcionava na sede do lugar. Durante a cheia não tínhamos aula, por causa das águas que tragavam nossa escola. O professor, que tanto esforço fez para que eu aprendesse a letra 'a', foi o meu tio Cré. Como eu achava estranha essa primeira letra do alfabeto, sobretudo sua forma como se estivesse acocorada. E o seu som que me soava tão surpreendente. Ficava tardes inteiras olhando seus livros, suas revistas, as estranhas ilustrações de cobras com chifres, dragões, animais pescoçudos, trombudos, gigantescos. Matutava se aqueles estranhos bichos eram reais. Nas minhas andanças pelas matas não tinha topado com nenhuma criatura daquelas.* (sic)

É necessário perfilar outras confidências do nosso louvado e jovem acadêmico. É quando penetra no terceiro caminho da Grande Jornada como um lídimo e denodado falcão:

> *Faço parte da legião de interioranos que abandonou as margens dos rios, cansados do sofrimento e do abandono, e rumou para Manaus em busca de melhores condições de vida, de trabalho digno, sobretudo da oportunidade de estudo para os filhos. É claro que o sonho de uma vida feliz na cidade grande era, na verdade, uma miragem. Os ribeirinhos abandonaram a selva, a calma da floresta, e aportaram na selva urbana, de ferro, cimento armado, labiríntica, violenta e individualista. Antes, perdia-se nos meandros silenciosos da mata; hoje, perde-se no vazio e anonimato das ruas.*
>
> *Chegou o tempo de partir. Deixar pra trás aquele mundo de silêncio e distâncias. O motor parou no porto. O rio ia se esticando e tudo ia se perdendo no horizonte. Minha mãe tinha outros planos para a minha vida: queria que eu estudasse. Trabalhava numa fábrica de cigarros para me manter na escola. Cuidava de mim. É o momento em que tem início minha vida escolar: o primário, primeiro na escolinha do bairro, depois no Grupo Escolar Antóvila Mourão; alguns meses após, no Grupo Escolar Ouvidor Sampaio, onde concluí o primário e encontrei a professora Teresa Katsuko Sató Koba que me ensinou a amar as palavras, que me mostrou os seus mistérios e sentidos; mais tarde, o ginasial no Colégio Senador Cunha Mello, concluído no Instituto Benjamin Constant; o segundo grau, no Colégio Normal Ajuricaba. O tempo é encantado, passa por nós sem que possamos detê-lo em seu pingar inevitável.*
>
> *No início dos anos 80, iniciei o curso de Letras na Universidade do Amazonas,*

dedicando-me especialmente à literatura. Com a conclusão do curso, dediquei-me ao exercício do magistério como professor de literatura brasileira e amazonense. Foi um período rico em lições, em que arrisquei os primeiros textos, os primeiros poemas. (sic)

IV - Estava assim o nosso mais novo acadêmico quase preparado para ensaiar os primeiros passos no quarto caminho, a trilha atual das retumbantes, prodigiosas e efetivas realizações, com outros pesados encargos e as responsabilidades daí decorrentes. Sem pompa, sem arrogância, sem vaidade. Com intensa seriedade, com brilho próprio, com extremado amor. E mais. Exercendo com dignidade e responsabilidade a sagrada e difícil missão do magistério. Estas definições se ajustam, com exatidão, à personalidade do iluminado literato, que, a partir deste momento radiante e memorável, tem o direito de ocupar a cadeira azul que pertenceu aos dois inolvidáveis e esplendíssimos Leda e Chrysóstomo, ambos João. Tal como o evangelista, beneméritos evangelizadores do bom trato do nosso belo e difícil idioma.

Veja então, confrade Tenório Telles, quão importante é a sua responsabilidade, ao ocupar a Cadeira dezesseis da Academia Amazonense de Letras, que eles, Leda e Chrysostomo, inundaram-na de Luz, Sabedoria e Glória.

V - Estou absolutamente seguro de que o nosso estreante vai se ocupar com brilhantismo destas importantes, ilustres e imortais individualidades, que formaram nesta Casa, um após outro, um rastro de raro brilho ainda hoje observado por todos os que aqui labutam. João Leda foi o fundador ao tempo em que a Cadeira era patronada por José do Patrocínio, o bravo jornalista, escritor e tribuno fluminense, que está inserido com muita justiça e muita glória na história brasileira. Depois do seu falecimento, ocorrido a 1.º de março de 1955, aos 76 anos, a Cadeira de José do Patrocínio passou a denominar-se João Leda. São bem reduzidos os casos em que membros da Academia Amazonense de Letras tiveram seus nomes adotados como Patronos das suas Cadeiras. Suprema e justa honraria. Para conhecê-lo melhor, sou compelido a usar os seus Pares, os nossos Pares, quando aqui mesmo neste recinto, nas homenagens fúnebres, nas tertúlias acadêmicas, nas assembléias gerais, nas reuniões de diretoria e no uso das suas penas, emitiam o tom dos seus conceitos de elevado teor literário. São as vozes e os escritos dos seus contemporâneos.

Do cronista, ensaísta e acadêmico Moacyr Rosas, em dezembro de 1955, no seu ensaio *"João Leda"*, transmite que o nosso vulto é

Nome nacional que desde a adolescência impressiona o cenário cultural do Brasil. Os seus escritos chamaram a atenção não só na parte erudita, como principalmente na elegante e superior contextura clássica, com que realça os períodos.

Além disso, o seu espírito, dotado de incomum poder de assimilação, assemelhava-se a um reservatório para onde manavam os ensinamentos glotológicos, espelhados nas páginas dos maiores vernaculistas da língua.

O livro, em todas as horas da sua vida e em todos os períodos de vicissitudes por que passou, foi-lhe o companheiro e o refúgio. Este insigne escritor em um meio que

não fosse tão restrito quanto o nosso, talvez não tivesse ficado somente o filólogo e o comentarista de alta visão que conhecíamos. Formulamos este raciocínio depois da leitura de sua conferência pronunciada em Belém, no tradicional Teatro da Paz, em 31 de maio de 1927: "Da psicologia do Padre Vieira". Trabalho de erudição que honraria, se o subscrevessem, os maiores clássicos do idioma, revela o arcabouço de uma cerebração talhada para os remígios do pensamento. O construtor desse monumento, que é "A quimera da Língua Portuguesa", além de tudo, foi verdadeiramente um grande pensador. (sic)

Do sempre citado e sempre lembrado, e assim será eternamente pelo fulgor da sua sublime inteligência, o cintilante Pericles Moraes, em dezembro de 1954, escreveu que

A figura de João Leda, um autêntico mestre da língua e do estilo, destaca-se como elemento da mais expressiva atuação. As suas diretivas filológicas têm outros roteiros e as suas preocupações lingüísticas cogitam deveras dos problemas sérios que interessam o idioma. Superior às contingências ambientes e indiferente à fanfúrria das mediocridades que nada sabem e tudo pretendem discutir e julgar, divorcia-se da estreiteza rotineira dos processos em voga, retardatários e anódinos, para transmitir um sainete original e atraente nos seus estudos de exegese glotológica. O seu livro "Nossa língua e seus soberanos" é a prova de tais assertivas. Aí, mais do que em qualquer outros dos seus estudos, a cultura clássica com o dogma gramatical, transparece com um traço de superioridade evidente, através do seu estilo, que não é o estilo árido dos ferrenhos anarquizadores da língua, mas uma forma de exposição enérgica e sóbria, de esquisita sutileza, índice dos escritores que lhe conhecem os segredos, nas suas minúsculas singularidades. (sic)

Por último, o testemunho do seu sucessor na Cadeira dezesseis, o sereno, cândido e culto professor João Chrysostomo de Oliveira. Assegura que

A obra de João Leda, repita-se, é o lavor do diuturno enamorado da palavra, do preliador que viveu com a palavra, da palavra, e pela palavra — da tribuna do jornalismo. E a palavra que mais o enfeitiçou foi aquela que sempre tem o efeito da espada bigúmea e penetrante, da brasa viva causticante e do ferro em candência crescente, ajustadas em libelos e doestos camilianos, feitos com arte e maestria, sem cair nos exageros do carbonário ou panfletário apaixonado e obsecadamente demolidor. É o que se confirma, quando declara em uma de suas cartas: ". . . eu de bom grado dou uma costela por um bate-boca nas gazetas, desde que o adversário não suprima a gramática nem ultraje o senso comum". E mais adiante, na mesma carta fala de "alguns palúrdios a quem tenho escorchado em quatro livros, pela péssima doutrina que ministram à mocidade estudiosa de nossa língua. (sic)

VI - Voltemo-nos então, neste momento, para a figura – com muita alegria repito – serena, cândida e culta de João Chrysostomo de Oliveira.

Tive o privilégio de conhecê-lo, de privar da sua amizade – que sublime amizade! – durante muitos anos. Nas visitas que amiúde fazia ao bondoso professor, em sua residência, sempre era recebido com fidalguia e sorrisos. Qual o samaritano, sempre derramou com as mãos e o coração, o bálsamo da conciliação nos conflitos, da harmonia nos confrontos e da compreensão nos momentos difíceis. Às instituições e aos segmentos da sociedade que teve sob sua responsabilidade, sempre dispensou ações e palavras de caridade cristã e alta sabedoria. Foi um homem também de extraordinária cultura humanística. Faleceu no dia 4 de junho de 1997, quando completaria, quatro dias depois, 83 anos. Quantas e enormes saudades!

No já distante dia 5 de dezembro de 1959, por ocasião da sua posse nesta Academia, foi saudado pelo ínclito e luminoso acadêmico Leôncio de Salignac e Souza. Estas são as suas palavras:

> *Consagrou-se V. Exa. professor e jornalista, pensador e analista, porém, antes, penetrou nos ínvios caminhos que levam às belezas do idioma e, como um pescador de pérolas perfeitas ou faiscador de gemas de excepcional valia, emergiu no oceano atraente e perigoso dos eruditos, para conhecer muito mais e melhor as maravilhas da língua que, nascendo, crescendo e perpetuando-se no "Jardim da Europa à beira-mar plantado", se transmutou neste pedaço soberbo das Américas.* (sic)

Mais adiante, com total segurança, prossegue:

> *O culto da palavra, através do estudo de nosso formoso idioma, é o culto permanente de V. Exa., no ângulo da Religião do Pensamento. É mesmo o apanágio de sua personalidade de intelectual, fazendo do verbo, na oralidade ou grafado, o relevo de um legítimo sacerdócio à Estética. Daí, o vigor e o encanto de suas idéias que, desabotoando-se de sua mente, exercem, de logo, a ação dominadora e frutífera sobre quem o ouve ou quem o lê. É, à evidência, o prestígio do vernáculo e as lucilações da cultura humanista.* (sic)

Prestes a finalizar, asseverou que

> *A Academia Amazonense de Letras, elegendo-o para a cátedra que tem o nome de João Leda a cingulá-la de perenes e sugestivos dilúculos, teve, aliás, como sempre, divina inspiração, porque também V. Exa. é exímio ourives da palavra e, semelhante a Leda, falsca o veio sempre opulento da "última flor do Lácio", flor, digo eu, de pétalas de rubis sangrentos e de cálice de ouro esmeralda.* (sic)

VII - Não posso continuar. Não devo continuar porque estou indo longe demais nas obrigações que não me pertencem. É tempo de deixar ao nosso jovem estreante, acadêmico Tenório Telles, as melhores, mais justas e profundas apreciações aos seus antecessores. Melhor do que qualquer outro, neste momento encantador, ele saberá apreciar as ponderáveis qualidades dos probos e ilustres homens das nossas letras, sempre presentes, Leda e Chrysostomo. Assim é a praxe nesta Casa de Luzes.

Volto-me, então, com redobrado entusiasmo, porque ansioso para registrar e transmitir a todos os que estão ouvindo, e mais tarde, a todos que irão ler, à apreciação dos trabalhos literários realizados pelo intelectual Tenório Telles.

Ainda na juventude dos seus trinta e oito anos e na condição de professor de literatura brasileira e amazonense, os seus ensaios produzidos como coordenador editorial – lá se vão mais de cem títulos lançados – são marcantes e edificantes. Precisamos então continuar avançando na peregrinação do senhor Tenório Telles. Que trilha é esta? Precisamente a trilha das suas apresentações aos numerosos trabalhos resultantes da sua coordenação editorial. Mesmo sabendo de antemão ser impossível conhecer toda a extensão de tão fecunda caminhada, devido aos limites do nosso tempo e ao respeito que devo honrar a tão ilustre platéia, é possível colher e apresentar algumas pérolas de rara beleza. Eis o registro de algumas dessas apresentações.

VIII - A propósito do livro *"O lago e outros poemas"*, da poetisa Aurolina Araújo de Castro – lembro seu pai, o acadêmico Antônio Mavignier de Castro – em sua apresentação, denominada *"Cotidiano e Poesia"*, o senhor Tenório Telles escreve:

> *A verdade é que a despeito das guerras, da violência, do vazio, das tristezas e da solidão, a vida, insinuante e misteriosa, renova-se todos os dias como uma promessa permanente de redenção e reencontro do ser humano com o sentido essencial de seu estar-no-mundo. E a arte, em especial a poesia, é o antídoto à barbárie – uma anunciadora da esperança num tempo sufocado pelas sombras* (sic)

Mais adiante, com extremado esmero, assegura:

> *Encantar a existência com suas palavras mágicas é o ofício dos que se dedicam à carpintaria do verso. "O lago e outros poemas" é um exercício delicado de expressão poética de vivências e fatos cotidianos, de reminiscências e sentimentos adormecidos nos escaninhos da memória – e tecidos numa linguagem simples e nostálgica.* (sic)

Com o sentido exato da precisão, finaliza:

> *Outra marca que distingue sua poesia é o despojamento da linguagem e a leveza das imagens, descritas com simplicidade e num tom suave como se fossem cenas impressionistas – esboçadas em cores límpidas e luminosas que nos remetem à pintura de Monet. Seus versos são tecidos com os fios evanescentes da memória e a infância é um porto imaginário a que sempre retornamos.* (sic)

IX - Vamos conhecer, agora, alguns trechos do seu trabalho em *"Tempo e Poesia em Luiz Bacellar"*, o nosso bravo, premiado e estimadíssimo poeta com as suas obras reunidas em o *"Qu4rteto"*, de 1998. Porque estudada em minúcias, o senhor Tenório Telles considera que

> *A obra poética de Luiz Bacellar traduz esse compromisso com o elevado e o essencial. O rigor e a nobreza de seus versos são os índices que melhor definem seu fazer poético. Identificado com os valores de uma época refratária à superficialidade e ao circunstancial, o poeta, embora aberto ao novo e sintonizado com o presente, busca na tradição os fundamentos para enformar sua poesia.* (sic)

Prossegue valorizando à evidência:

"Sua poesia funda-se no compromisso com uma nova percepção da realidade e do homem. Bacellar, num esforço de reminiscência, volta-se para o passado, sua infância e juventude, de onde escolhe a matéria com que elabora seus poemas. Suas palavras dão às coisas mais insignificantes e ordinárias nuanças coloridas e fosforescentes. Sua obra completa é um mosaico expressivo de seu itinerário como criador. (sic)

X - A profundidade do seu trabalho de organização e estudo crítico denominado 'Primitivismo e Memória na Poesia de Pereira da Silva', na 3.ª edição de 1998, do livro *"Poemas Amazônicos"*, publicado inicialmente em 1927, é mostrada com rara intensidade e competência, na sua forma e conteúdo. Pereira da Silva é o acadêmico Francisco Pereira da Silva, que ocupou nesta Academia a Cadeira n.º 9, cujo Patrono é Machado de Assis; ou ainda, o nosso Deputado Federal Pereirinha, idealizador do projeto brasileiro Zona Franca de Manaus, em 1957, implantado dez anos depois. Eis o competente trabalho crítico do senhor Tenório Telles:

'Poemas Amazônicos' é uma obra evocativa dos mistérios e encantos do universo primitivo e edênico que retrata, perpassada pelo maravilhoso, o que a aproxima de outras obras de componente mítico da estética modernista. A exemplo do que ocorre com 'Macunaíma', 'Martin Cererê' e 'Cobra Norato', o livro de Pereira da Silva tematiza o mito da viagem, no tempo e no espaço, e tem como pano de fundo o mundo amazônico.

A Amazônia, sua paisagem exuberante e suas lendas, exerceu fértil influência sobre a sensibilidade modernista, fascínio que já vinha desde o tempo de Raul Pompéia e, em especial, Euclides da Cunha, para quem a região era um mundo que ainda estava se fazendo. Vivia-se o segundo dia da criação, o que tornava possível a convivência com esse espaço e tempo primitivos. Concebia-se esse universo como depósito inesgotável dos mitos brasileiros.

A opção pelo atemporal, pelo passado e pela terra, faz parte de um grande esforço dos artistas modernos para assimilar esteticamente o folclore, o popular e a 'ingenuidade' narrativa das lendas indígenas brasileiras. Aprofundando-se, assim, a ruptura com a linguagem e temas parnasianos. (sic)

XI - Em *"Evocações Líricas e Transição Modernista em Violeta Branca"*, colocado no seu livro *"Ritmos de inquieta alegria"*, 2.ª edição, em 1998, o proeminente Tenório Telles destaca na

dicção poética modernizadora, as vozes dissonantes de Pereira da Silva e Violeta Branca. Não havia, entretanto, um sentido de grupo, com um propósito estético claro. Suas obras se afirmavam como manifestações isoladas do que se denominava 'arte nova'. Se faltou-lhes uma profunda compreensão do espírito moderno e alguma disposição para enfrentar o passado, não escaparam-lhe a percepção do novo e da realidade.

A poesia de Violeta Branca é evocativa desse estado de latência, de inquietude diante das velhas fórmulas e conceitos, do sufocamento dos sentidos e da atmosfera de emparedamento vivida no ambiente

inóspito da província. Seus versos são marcados pela ânsia de liberdade, de fascínio pelo infinito e pelo imprevisto, na volúpia de transformar todas as distâncias! e chegar ao sonho da perfeição. (sic)

Em seguida, completa com um faro de comprovada autoridade na matéria:

Seu discurso poético é fluido, despojado de qualquer pretensão acadêmica. Seus poemas, estruturados em versos livres, são líricos e prenhes de intensa musicalidade, embora seja perceptível certa oscilação no ritmo dos textos, sobretudo ao fechá-los, quebrando a tensão poética. Nota-se em sua linguagem fortes ressonâncias românticas, em tom, grandiloqüente, o que contrasta com a lírica moderna. (sic)

XII - Em outro ensaio, intitulado *"Poesia e Compromisso com a Liberdade"*, preparado para o livro de Farias de Carvalho *"Pássaro de Cinza"*, 2.ª edição, de 2000, o acadêmico Tenório Telles analisa:

Farias de Carvalho é um pescador debruçado sobre a superfície silenciosa, desbotada do rio da memória. Seus poemas têm ressonâncias supranaturais, evidências da dimensão transcendente do ser humano. Mário Ypiranga Monteiro, estudioso da cultura e da literatura amazonense, na apresentação que fez para a primeira edição de "Pássaro de Cinza", evidencia esse caráter imaterial, agônico da poesia de Farias de Carvalho: 'Na sua poesia convém assinalar períodos de fuga, de transfigurações, que se traduzem em termos de compromissada mensagem, e um espírito eminentemente humanista.

Mesmo em "Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar", seu livro mais engajado e político, é possível evidenciar ressonâncias subjetivas. Farias de Carvalho o escreveu sob o influxo dos anos agitados no final de década de 60.

XIII - Procuramos observar com muita cautela todo o desenrolar do imenso e cuidadoso trabalho crítico elaborado pelo escritor Tenório Telles. Essa atividade, é evidente, foi desenvolvida em cima de alguns dos mais importantes nomes da literatura amazonense e brasileira. Não é possível negar o elevado grau de aprovação, digna dos melhores e mais respeitados especialistas. E mais. Como antes já foi dado destaque, os seus estudos não estão limitados aos nomes aqui mencionados. Nos cinco volumes da sua obra *"Leituras Críticas"*, quando apresenta uma brilhante constelação de densos, belos e acurados estudos críticos, que, do firmamento fechado e escuro mas transparente e com traços de forte luminosidade, brotam naturalmente na representatividade dessas obras, é possível extrair fulgurantes estrelas da literatura brasileira e amazonense, nas suas diferentes fases, a exemplo de outros dos seus estupendos trabalhos. Referimo-nos aos títulos

1) *"O Mito do Amor Romântico"*, sobre *"O Garimpeiro"*, de Bernardo Guimarães;

2) *"Da Política e outras Miragens"*, sobre *"Triste Fim de Policarpo Quaresma"*, de Lima Barreto;

3) *"Memórias da Infância Perdida"*, sobre *"Menino de Engenho"*, e *"O Romance do Ciclo do Açúcar"*, sobre *"Fogo Morto"*, ambos de José Lins do Rego;

4) *"Crônicas da Vida Cotidiana"*, sobre *"O Tocador de Charamela"*, e *"O Fantástico e a Realidade"*, sobre *"O Navio e outras Estórias"*, ambos de Erasmo Linhares;

5) *"Relatos da Vida Interiorana"*, sobre *"Várzea dos Afogados"*, de Antísthenes Pinto;

6) *"Poesia e Fé"*, sobre *"O Sermão da Selva"*, de Max Carphentier;

7) *"Loucura e Verdade"*, sobre o *"O Alienista"*, e *"O drama da vida cotidiana"*, sobre *"Quincas Borba"*, ambos de Machado de Assis;

8) *"Da outra Margem da Vida"*, sobre *"Os Ratos"*, de Dyonelio Machado;

9) *"Poesia e Resistência"*, sobre *"Malária & Outras Canções Malignas"*, de Aldísio Filgueiras;

10) *"Relatos sobre o Oficio da Criação"*, sobre *"Tigre no Espelho"*, de Adrino Aragão;

11) *"A Poesia como Metáfora do Cotidiano"*, sobre *"Fragmentos de Silêncio"*, de Zemaria Pinto;

12) *"O Amor como Redenção"*, sobre *"Senhora"*, e *"O Romance Indianista"*, sobre *"Iracema"*, ambos de José de Alencar;

13) *"Crônica da Vida Sertaneja"*, sobre *"O Quinze"*, de Rachel de Queiroz;

14) *"A Poesia como Experiência e Elaboração"*, sobre *"Morte Vida Severina: Auto de Natal pernambucano"*, de João Cabral de Melo Neto;

15) *"Telurismo e Transcendência"*, sobre *"Luar Amazônico"*, de Mavignier de Castro;

16) *"Poesia e Liberdade"*, sobre *"Romanceiro da Inconfidência"*, de Cecília Meireles;

17) *"O Homem que Virou Onça"*, sobre a narrativa *"Meu Tio, O Iauaretê"* que aparece no livro *"Estas Estórias"*, de João Guimarães Rosa;

18) *"Sonho e Revolta nos Trópicos"*, sobre a *"Terra de Icamiaba"*, de Abguar Bastos;

19) *"Poesia e Fé"*, sobre *"Frontões"*, de Hemetério Cabrinha;

20) *"Relatos da Vida Ribeirinha"*, sobre *"Banco de Canoa"*, de Álvaro Maia;

21) *"Histórias Urbanas"*, sobre *"Mundo Mundo Vasto Mundo"*, de Carlos Gomes;

22) *"Uma Mulher e seu Destino"*, sobre *"A Hora da Estrela"*, de Clarice Lispector;

23) *"Uma História de Crime e Poder nos Trópicos"*, sobre *"Tango Selvagem"*, de Paulo Graça;

Há mais. As súmulas sobre literatura que escreveu e publicou na imprensa amazonense, ao longo de muitos anos, são saborosas e magníficas. É fácil perceber a predominância da figura do professor, meticuloso e abrangente. Sou tentado a perpassar algumas dessas sínteses, apenas algumas delas, também devido aos seus títulos extremamente elucidativos:

1) *"A Literatura como Sentimento e Paixão"*, fase do Romantismo, citando Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Gonçalves Magalhães, Manuel Antônio de Almeida e Visconde de Taunay;

2) *"A Literatura como Expressão da Realidade Brasileira"*, fase do Pré-Modernismo, mencionando Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos;

3) *"A Literatura como Crítica e Liberdade"*, fase do Modernismo, abrangendo Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Graciliano Ramos;

4) *"A Literatura como Expressão do Mundo"*, fase do Realismo, excursionando com Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo, Domingos Olímpio, Franklin Távora, Adolfo Caminha e Inglês de Souza;

5) *"A Poesia como Expressão do Sagrado"*, fase do Simbolismo, analisando os versos de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

Estas súmulas contemplam, ainda, a poesia gerada no ventre da floresta, o que quer dizer, o cheiro de gente nativa, bicho pequeno e grande bicho, flores e espinhos, sonhos e pesadelos, visões e ilusões, grandeza e riqueza do meio ambiente e o seu péssimo estado, desafios, sofrimento e pobreza dos humanos, mesmo assim heróis e heroínas, com o sabor da terra, da mata, das águas; muita terra guardando sonhos, muita mata sufocando visões e muita água afogando ilusões. Os pesadelos continuam. Eis algumas das inconfundíveis súmulas amazônicas do bravo Tenório Telles:

1) *"A Poesia como Evocação do Tempo"*, sobre Luiz Bacellar e sua importante obra;

2) *"Do Tempo e outros Cantos da Memória"*, com Astrid Cabral, sobre o seu livro *"Rês Desgarrada"*;

3) *"A Poesia como Metáfora do Sagrado"*, com Hemetério Cabrinha, sobre o seu livro *"Frontões"*;

4) *"Primitivismo e Memórias"*, com Pereira da Silva, sobre o seu livro *"Poemas Amazônicos"*;

5) *"Evocações Líricas e Transição Modernista"*, sobre Violeta Branca e sua obra;

6) *"Infância e Memória"*, sobre Farias de Carvalho e sua obra;

7) *"A poesia – Arte e Magia"*, sobre a obra de Anibal Beça e Luiz Bacellar.

XIV - Toda essa inimitável e laboriosa atividade é seqüenciada em 1996 com a produção de um *"compact disc"*, a moderna forma de divulgação da cultura, com o título de *"O Amazonas em sua literatura"*. Trata-se de um painel exibindo o Modernismo brasileiro e a sua influência no movimento literário amazonense. São vinte e cinco escritores, romancistas e poetas falando das suas produções literárias, em uma autêntica viagem de ver, ouvir e sentir, deslumbrante e sedutora como a Amazônia.

Deve ser refletido, como ensinamento de vida e o despertar de grandes conquistas culturais, como de fato está acontecendo, que essa magnificente atividade teve início, modestamente, com a produção independente lançada em novembro de 1988, uma despretensiosa brochura mimeografada, profeticamente intitulada *"Primeiros Fragmentos"*. De fato, são os primeiros fragmentos. No seu Esboço I, entra fundo nos rigores e na insensibilidade da sociedade moderna, preconceituosa, conflituosa, cobradora e apressada. Com a simplicidade dos autênticos, sem dramaticidade, mas com visão-de-mundo, eis o seu poema *"Seu Raimundo"*:

Ontem
O seu Raimundo morreu
Morreu
Consertava o telhado
Despencou
Fraturou algumas costelas
O ventre perfurado
Os jornais
Não noticiaram
Afinal
Era apenas
O seu Raimundo
Homem do povo
Substantivo comum
Sem nome
E sem pistolão
(Ia me esquecendo: deixou mulher e cinco filhos)

XV - Estamos prestes a concluir. Falta lembrar e mencionar um outro segmento importantíssimo na atividade literária do notável Tenório Telles: o teatro.

"A Derrota do Mito" é uma peça escrita em 1996, encenada inúmeras vezes aqui mesmo em Manaus, com enorme sucesso, de público e de crítica. O grande cenário é uma paisagem ao mesmo tempo mitológica, trágica e simbólica, os homens e os deuses brincando com o tragédia, com o sofrimento, mas prevalecendo os sonhos e as esperanças, diante do imponderável que é a marcha do tempo. Os personagens são sublimes: a própria vida representada por Gaia, lutando pela sua sobrevivência; o Mendigo e o Anjo; o Discípulo e o Pastor; o Diabo e o Padre, Sócrates, Ninguém e Mênon. Na opinião do próprio autor,

> *A Derrota do Mito é uma metáfora da queda do homem, sua angústia diante do sofrimento, de seu destino trágico, sua impotência diante da inevitabilidade do tempo. Mas, em meio às ruínas de sua tragédia existencial, tece com os fragmentos de seus sonhos a esperança de um futuro menos doloroso para a humanidade.*

Ainda no campo da dramaturgia, o seu mais recente trabalho foi a peça *"Rebelião do Soldado"*, extraída de um quadro político bastante doloroso, a conhecida revolução do tenente Ribeiro Júnior, que pagou um preço muito elevado pela sua heróica atuação. O Estado do Amazonas atravessava uma fase de grande dificuldade financeira, na verdade o estopim da questão, e de gravíssima crise política, na verdade desvios de conduta devido a torrente de paixões dos homens e a sua incorrigível vaidade. Nesta peça é possível conviver com Pedro Bacellar, Silvério Nery, Thaumaturgo de Azevedo, Guerreiro Antony, Monteiro de Souza, Lima Bacury, Rego Monteiro, Turiano Meira, que fizeram com a força das suas personalidades e das suas lideranças políticas ou ambições pessoais, para o bem ou para o mal, por amor ou por ódio, pela matéria ou pelo espírito, parte importante da nossa terra, tanto que entraram para a sua história, não importa se pela porta da frente ou pela porta dos fundos.

XVI - No início da nossa fala, tomei a liberdade de alertar o acadêmico Tenório Telles para o significado e a responsabilidade da sua missão nesta Casa, ao ocupar a Cadeira dezesseis, que eles, Leda e Chrysóstomo, inundaram-na de Luz, Sabedoria e Glória.

Estou convencido, diante de tudo que foi registrado e transmitido nesta modestíssima saudação, – sinceramente gostaria de tê-la feito inesquecível e sublime – por tudo o que foi verdadeiramente possível compilar e transmitir, estou absolutamente seguro de que o eminentíssimo Tenório Telles, no calor da sua juventude, está suficientemente preparado, não apenas pelo muito que já produziu até aqui, mas sobretudo pelo que certamente venha a produzir no porvir, com as ferramentas da sua inteligência, com a ajuda de Deus e o reconhecimento da sociedade. Já possui as credenciais para o exato cumprimento da sua missão que, a partir de agora, levará avante, com luminosidade, dignidade e competência.

O Colar Acadêmico é seu, aceite-o. A Cadeira Azul dezesseis é sua, ocupe-a. Festejamos a sua presença, entre nós, com muito júbilo. Seja bem-vindo! Deus o abençoe.

Discurso de Posse*

Cláudio Chaves

Senhor presidente, autoridades, nobres acadêmicos, senhoras e senhores

Machado de Assis, o patrono da Academia Brasileira de Letras, sabiamente disse: "O Acadêmico faz apenas um discurso na vida, no dia em que toma posse, o outro farão por ele no dia em que passar para o outro lado da vida". Fazendo nossas as palavras do insigne escritor, pedimos a vossa indulgência para usar o tempo que for necessário para expressar o nosso pensamento e externar o nosso sentimento neste momento tão importante em nossa vida em que passamos a integrar os quadros da Academia Amazonense de Letras.

Na tarde de 27 de abril do ano em curso, após a reunião deste Sodalício, convocada para eleger dois novos ocupantes de suas poltronas vagas, os nobres acadêmicos Jauary Guimarães de Souza Marinho, Lafayette Carneiro Vieira e Paulo Hérban Maciel Jacob comunicaram-nos que fôramos aceito, de acordo com o processo eletivo, para ocupar uma cadeira (a de n.º 14) desta Academia de Letras.

O fato muito nos alegrou, pois passar a pertencer a este Silogeu representa sermos considerado par de expressão da cultura amazonense, o que nos gratifica!

Iniciamos a nossa oração, procurando definir o que é ser acadêmico. E, de pronto, procuramos responder à pergunta: ser acadêmico é ter por objetivo discutir, em alto nível filosófico, como fazia Platão em *Academus*, as questões maiores do conhecimento da humanidade. Ser acadêmico é ter o porquê como palavra de ordem, o saber como meta e o servir como propósito. É ter um bom coração, é ser filósofo, enfim, é estar a postos sempre para servir.

Portanto, as Academias de Letras são sítios daqueles cultivadores da literatura de todos os campos do saber, sejam os que se dedicam tanto a escrever romances, contos e poesias, quanto aos que se prestam à ocupação da literatura científica, todos preocupados com um ponto comum, o de servir e fazer história.

Desde criança, quando ainda aluno do Instituto de Educação do Amazonas, passamos a nutrir por esta Instituição grande admiração e respeito, tanto pelo correr da vida de seus integrantes, quanto pela causa aqui debatida o engrandecimento cada vez maior da cultura da nossa terra.

Durante nossa vida de estudante, tivemos a honra de ser discípulo de festejados mestres, membros deste Silogeu, como: Armando Andrade de Menezes, Djalma da Cunha Batista, João

* Discurso de posse do acadêmico Cláudio Chaves na cadeira n.º 14, cujo Patrono é o Barão de Sant'Anna Nery, em 14.09.2001.

Chrysostomo de Oliveira, José dos Santos Pereira Braga, Mário Augusto Pinto de Moraes, Mário Ypiranga Monteiro e Moacyr Couto de Andrade. Também nos consideramos sempre aprendiz de lições de vida de Jauary Guimarães de Souza Marinho, por quem temos um carinho filial desde os idos dos anos 70, quando nós éramos aluno do Curso de Medicina da Universidade do Amazonas, e ele, o magnífico reitor da nossa Universidade. Ainda nos bancos escolares, fomos brindados pela amizade de companheiro de colégio de um não menos ilustre membro desta Academia, o seu ex-presidente Robério dos Santos Pereira Braga, hoje a grande alavanca da Pasta da Cultura do Estado do Amazonas, cuja boa querença, sempre mais sólida, estende-se por quase 40 anos. De igual maneira, a honra não é menor em passarmos a integrar a Academia Amazonense de Letras e recebermos as vibrações de tios espirituais, como Josué Cláudio de Souza e Plínio Ramos Coelho, amigos-irmãos do meu saudoso pai, o prof. de Matemática Cleômenes do Carmo Chaves.

Como médico, o décimo segundo na história da Academia Amazonense de Letras, sentimo-nos privilegiado em pertencer a esta Casa de Cultura que tem nos seus anais a participação de notáveis profissionais das ciências da saúde, como os esculápios Alfredo Augusto da Mata, Aurélio Waldomiro Pinheiro, Cláudio de Araújo Lima, Djalma da Cunha Batista, Jorge de Moraes, José Francisco de Araújo Lima, Manoel José Ribeiro da Cunha, Mário Augusto Pinto de Moraes, Vivaldo Palma Lima e Walmiki Ramayana Paula e Souza de Chevalier, o farmacêutico e professor Manuel Bastos Lyra, os odontólogos Jonas Fontenelle da Silva e Moacyr Gonçalves Rosas e do grande asclepíade e augusto, inclusive de nome, Adriano Augusto de Araújo Jorge.

Como protagonista de histórias médicas, ensaísta de artigos científicos e co-autor de livros de medicina, sentimo-nos radiante em integrar este Silogeu e ver o nosso trabalho nas ciências médicas reconhecido pelos imortais da cultura do Estado do Amazonas. Desejamos que outros profissionais da saúde, em especial os nossos pares da Academia Amazonense de Medicina, todos com contribuição reconhecida na literatura, venham juntar-se a nós e aos demais pares da Casa de Adriano Jorge.

O correr da nossa vida, ao longo de vinte e seis anos de exercício da profissão de médico e professor de medicina, tem sido todo dedicado em prol das causas sociais, tanto no atendimento de pessoas que precisam dos nossos préstimos para recobrar o dom divino da visão, quanto no ensino da medicina, na área da oftalmologia, aos jovens da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Amazonas (Curso de Graduação em Medicina) e no Instituto de Oftalmologia de Manaus (Residência Médica e Mestrado em Oftalmologia). Além das atividades de médico e professor, também temos nos dedicado, nessas quase três décadas, aos trabalhos da pesquisa científica, produção literária e programas de extensão rural. Jamais queremos nos constituir em exemplo e sim queremos que todos aqueles que conosco buscam aprendizagem sejam exemplos de bem-servir à sociedade.

A poltrona 14 que, de agora em diante, passamos a ocupar, tem como patrono o amazônida Frederico José de Sant'Anna Nery, figura emblemática da cultura brasileira, cuja vida e obra são sobejamente conhecidas do público. Com a finalidade de deixar registrado em nosso discurso de posse a contribuição de Santa'Anna Nery à cultura, procuramos resusmir no texto que se segue, extraído da obra *Dicionário*

Amazonense de Biografias, de autoria do também imortal desta Casa Agnello Bittencourt, uma síntese de sua biografia.

"Frederico José de Santa'Anna Nery nasceu em Belém em 1848, fez seus primeiros estudos no então seminário de São José, em Manaus e aos quatorze anos, em 1862, sob inspiração e patrocínio de D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, seguiu para Paris, onde obteve o grau de Bacharel em Letras, em 1867, e depois o de Ciências. Viajou para a Itália, doutorando-se em Direito pela Universidade de Pádua, retornando, posteriormente, em 1874, para residir na capital francesa.

A contribuição literária de Sant'Anna Nery é imensa e vai desde aquela quando membro correspondente da *Republique Française*, até a de conferencista, homem de imprensa, orador de grande jaez, a de autor de obras primorosas da literatura como *Les Pays des Amazones*; *Lettres sur le Brésil*, *Le Pays du Café*, *La Bataille de Riachuelo*; *Folk-lore Brésilien e De Paris* e *Fernando de Noronha*".

Ainda como enfatiza Agnello Bitencourt "Chegou Sant'Anna Nery a usufruir de uma posição de prestígio no meio intelectual de Paris. Certa feita, em uma sessão pública presidida por Victor Hugo, depois que Sant'Anna Nery falou, o grande poeta levantou-se e veio beijá-lo".

Tal sua importância e respeitabilidade no meio literário que chegou a ter o seu nome incluído no *Sacramento Blake*, o *Who's Who* daquela época.

Os ocupantes da cadeira de nº 14 foram na ordem cronológica: Genésio Cavalcânti, o primeiro, jornalista e escritor, que atuou na imprensa de Manaus e Belém e deixou, além de numerosos artigos e ensaios, um livro de poesia intitulado *Oiro e Cinzas*, sendo sucedido por Araújo Neto, de passagem efêmera por esta Academia de Letras, visto que, logo após o seu ingresso, foi transferido para a categoria de membro correspondente e, na ordem sucessória, nos anos cinqüenta, a poltrona 14 da A.A.L. teve como seu ocupante, por mais de quatro décadas, o saudoso e festejado homem das ciências da saúde e intelectual, o odontólogo Moacyr Gonçalves Rosas.

Moacyr Gonçalves Rosas nasceu em Manaus em 8.4.1918 e faleceu na terra que lhe serviu de berço em 16.12.1998. Odontólogo, cronista e ensaísta, atuou na imprensa de Manaus durante muitos anos, tendo sido autor de numerosos artigos, colaborando no Jornal do Comércio, sob o pseudônimo de Pablo Cid. Seus principais livros são: *As Amazonas Amerígenas*; *Pablo Cid na Conceituação Planiciária*; *Palavras*; *Cidades, Homens e Livros*; *Ervas Medicinais da Amazônia*; *O Tapiri* e *Viagem a Buenos Aires*.

Identificamos pontos de convergência entre nós, tanto com o patrono Frederico José de Sant'Anna Nery quanto com o último ocupante da cadeira de nº 14, Moacyr Gonçalves Rosas, a qual passamos de agora em diante a ocupar. Com o Barão de Sant'Anna Nery, a identificação se dá no interesse pela causa indígena, que é um assunto ao qual nos dedicamos, há dezessete anos, como médico e pesquisador, tendo sido esse tema objeto de vários trabalhos científicos que desenvolvemos, inclusive a tese de doutorado "Oncocercose Ocular na Amazônia Brasileira", estudo entre as etnias ianomâmis, na fronteira do Brasil com a Venezuela, defendida na Universidade de São Paulo em 1994; com o Dr. Moacyr Gonçalves Rosas, pelo fato dele ter sido um profissional da área da saúde, de exemplar conduta ética e sentimento humanitário, é para nós, protagonista de histórias médicas, um paradigma,

no dia-a-dia da nossa prática, ao longo dos vinte e seis anos de exercício da medicina no Amazonas.

Nossa oração serve também para saudar a todos os nobres e ilustres pares desta Casa: Aderson Pereira Dutra, Almir Diniz de Carvalho, Amadeu Thiago de Mello, Arlindo Augusto dos Santos Porto, Armando Andrade de Menezes, Áureo Nonato dos Santos, Carmen Nóvoa e Silva, Dom Luiz Soares Vieira, Elson José Bentes Farias, Francisco Gomes da Silva, Gebes de Mello Medeiros, Jauary Guimarães de Souza Marinho, João Mendonça de Souza, Joaquim de Alencar e Silva, Jorge Tufic Alaúzo, José Bernardo Cabral, José dos Santos Pereira Braga, José Jefferson Carpinteiro Peres, Lafayete Carneiro Vieira, Mário Augusto Pinto de Moraes, Mário Ypiranga Monteiro, Max Carphentier Luiz da Costa, Moacyr Couto de Andrade, Newton Sabbá Guimarães, Oyama César Ituassu da Silva, Paulo Herban Maciel Jacob, Robério dos Santos Pereira Braga, Rosa Mendonça de Brito, Ruy Alberto Costa Lins, Waldemar Batista de Salles e William Antônio Rodrigues, dizendo-lhes da nossa satisfação em passar a ser um dos pares deste Sodalício, na certeza de que tudo faremos para que esta Academia e a causa da cultura por ela tradicionalmente abraçada sejam engrandecidas.

Nossa palavra de ordem como membro desta Academia de Letras é procurar fazê-la cada vez mais elevada e nunca nos preocuparmos com o que a entidade poderá nos proporcionar.

Agradecemos a Deus que, na sua infinita bondade, nos deu muito mais do que merecíamos e fazemos nossas reflexões voltando às origens daquele menino, filho de família humilde, que estudou com muita dificuldade e sempre em escola pública, morador do, à época, longínquo pedaço de Manaus o Boulevard, filho de D. Joanita Cetraro do Carmo Chaves (nossa professora de educação doméstica e de lições de vida) e do professor de Matemática Cleômenes do Carmo Chaves (nosso maior amigo, mestre e conselheiro), que um dia pensou em concluir o hoje ensino fundamental (à época cursos primário e ginasial), sonhou em completar o então segundo grau (curso científico), imaginou graduar-se em medicina e mais tarde ousou tornar-se um especialista e professor de uma especialidade médica. Tudo isso já seria além do imaginável e nos tornar membro da entidade maior da cultura de nossa terra parecia ser um sonho impossível, materializado na noite de hoje, após o julgamento isento e transparente a que fomos submetido pelos integrantes do sítio Academus Amazonense das Letras, depois de vencermos a disputa com o conceituado contista e artista plástico Anísio Melo, o que, aliás, deu maior valor à vitória dessa tertúlia.

Mas, parafraseando o poeta, ousamos dizer-lhes: Se as coisas parecem ser inatingíveis, ora, por que deixar de querê-las, pois só alcançam os astros aqueles que não levam a vida de rastros!

Neste momento, nossa mensagem, em forma de oração é dedicada aos jovens para que encontrem num futuro próximo os meios necessários para preservação do meio ambiente e que lutem na busca incessante pela paz. Que as guerras fratricidas, os preconceitos de todos os tipos e os atos de terror, sejam apenas registros de páginas infelizes do passado. Que o seu hino seja a canção de fé e de esperança preconizada pelo saudoso estadista e membro desta Academia Álvaro Botelho Maia. Que a sua bandeira seja a da fraternidade entre os povos sendo a pátria o planeta Terra e os conterrâneos o homem.

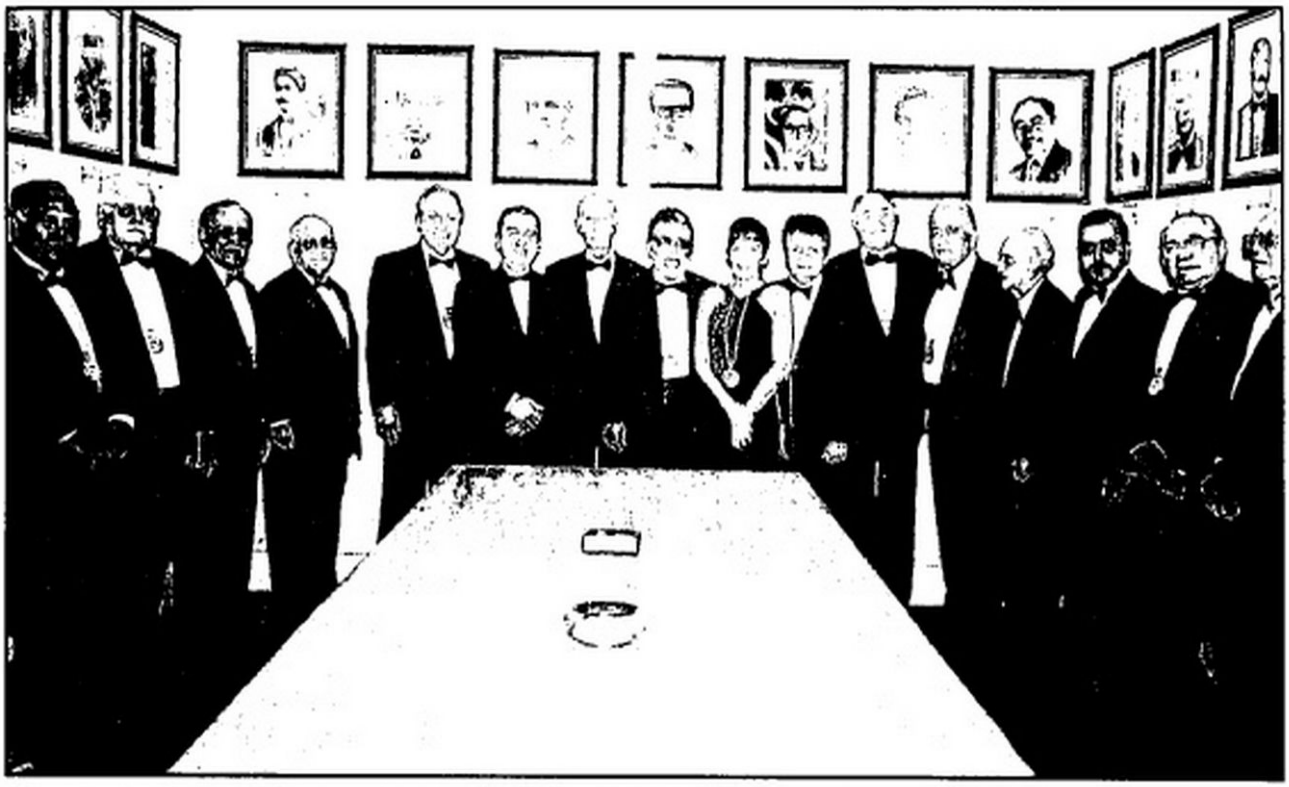
Ao encerrar queremos dividir este troféu dedicando os louros àqueles que sempre nos estimularam na busca incessante da nossa

inquietude pelo servir, partilhando esse galardão com o meu amigo-irmão Doutor Jacob Moysés Cohen, que comigo divide, há 26 anos, os árduos afazeres do Instituto de Oftalmologia de Manaus a nossa razão de viver, com meus pais professor Cleômenes (in memoriam) e D. Joanita (nossa santa e querida maezinha, aqui presente), com aqueles que me fizeram seu filho, meus sogros D. Eunice Osório e o empresário José Waldemar Osório (in memoriam), com meus filhos Cláudia Maria, Lara Simone e Cláudio Filho meu tesouro e com Maria Fernanda, pela ajuda imensurável, companheirismo e resignação em ser muitas vezes mãe e pai de filhos órfãos de pai vivo, quando ausente a serviço da ciência ou da política. Ela representa o ingrediente imperioso em todas as jornadas em que nos envolvemos. A ela, com a vênia dos festejados poetas e membros desta Academia, Amadeu Thiago de Mello e Áureo Nonato dos Santos, nos versos de Pablo Neruda, simbolizamos o nosso amor, a nossa gratidão e os nossos agradecimentos por ter existido na nossa vida. Fazemos nossos, neste momento, os versos de Neruda para sua Matilde:

Eu te nomeio rainha. Existem mais altas que tu, mais altas. Mais puras do que tu, mais puras. Mais belas do que tu, mais belas. Mas tu és a rainha. Pequena rosa, rosa pequena, às vezes diminuta e desnuda, parece que me cabes na palma da mão, assim vou te colher e te levar à minha boca, meço apenas os olhos mais extensos do céu e me inclino à tua boca para beijar a terra.

Agradecemos a Deus e, genuflexo, rogamos que continue a manter sob sua guarda a Academia Amazonense de Letras.

Muito obrigado.



Posse de Cláudio Chaves. Da esquerda para a direita: Francisco Gomes da Silva, Armando de Menezes, Almir Diniz, Jauary Marinho, Bernardo Cabral, Cláudio Chaves, Oyama Ituassu, Max Carphentier, Carmem Novoa, José Braga, Moacir Andrade, Arlindo Porto, Gebes Medeiros, Robério Braga, Alencar e Silva, Paulo Jacob.

O médico e político Cláudio do Carmo Chaves, titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Academia Amazonense de Medicina, com dezenas de artigos publicados sobre Oftalmologia, tomou posse na Cadeira n.º 14 da AAL no dia 14.09.2001. Foi recebido pelo historiador Robério Braga.

Saudação Acadêmica*

Robério Braga

Notável criatura são os olhos! Instrumento mais que admirável e prodigioso da natureza. São eles a fonte primeira da graça e da luz. São as víboras de que nos falam os mestres de antanho, são armas que podem ferir pelo silêncio e escudos que nos podem salvar. Podem ver e podem chorar. Dão o gosto, o sabor de tudo. Permitem que a alma sangre e o coração se expresse.

Eu vos digo, os olhos falam, clamam, proclamam, rejeitam, animam, deploram, sentenciam, absolvem, pecam, perdoam, massacram, encantam. Espelham a vida e os sentimentos.

Vede, senhor Cláudio do Carmo Chaves, ao tanto que vos tendes dedicado na profissão em que vos tornastes mestre e doutor com elogios e louvores.Vede do que tratais nos estudos que tendes publicado em especializadas revistas que repousam, por certo, nas bibliotecas mais exigentes dos médicos de nosso tempo.

E deveis saber que aos olhos já foram conferidos castigos quando causa e ocasião do delito.

Ao receber-vos na Casa de Adriano Jorge, pareço rever diante dos meus olhos, lido há tempos, o Sermão pregado pelo inolvidável Padre Antonio Vieira na segunda feira santa de 1669. É dele que recolho a expressão inaugural desta recepção. Por certo o conheceis.

Acadêmico e senador José Bernardo Cabral, representante do governador do Estado, dr. Amazonino Armando Mendes. Vossa Excelência é o bastião da democracia e orgulho do Amazonas.

Acadêmico Max Carphentier, poeta e presidente

Ilustrados expoentes da Academia

Deputado Manoel do Carmo Chaves Neto

Senhoras e senhores que honrais este silogeu

Rosa minha, encanto dos meus dias

Dou os meus olhos ao tempo e reconstruo os anseios da juventude que não vai longe, e posso ver sob a farda do ideal e o traje escolar, dentre outros que já se destacavam, Cláudio do Carmo Chaves aconchegar-se entre os mais atentos para as coisas do espírito, os versos, os debates históricos, as disputas das olimpíadas estudantis, a solenidade da marcha cívica, a imprensa ginasiana.

Sorrisos abertos, ficávamos a crer que a imensidão do infinito jamais seria alcançada, e sob o pálio da democracia não haveria vozes dissonantes capazes de encurralar o mundo, e confesso, tínhamos como eternas as figuras singulares de humanistas que vínhamos à distância no passar das ruas, pregar nas escolas, falar nos púlpitos, encantar com as palavras e as lições

* Saudação Acadêmica proferida pelo acadêmico Robério dos Santos Pereira Braga, 50 anos, titular da cadeira n.º 22, ao receber o acadêmico Cláudio do Carmo Chaves, proferida no salão nobre da Academia Amazonense de Letras em 14 de setembro de 2001, sob a presidência do acadêmico Max Carphentier da Costa.

de viver. Muitos quedaram, permitindo que o encanto dos desejos mais ardentes daqueles tempos juvenis não se fizessem realidade. Alguns poucos quedaram em silêncio diante de tudo que o tempo foi impondo.

Éramos todos, olhos postos no futuro, sonhadores de esperanças.

Olhos no presente, dou-me diante do Acadêmico Cláudio do Carmo Chaves

Cobre-se de luz a poltrona que em 1918, na bela reunião de fundação da Academia Amazonense de Letras recebeu o patronato de Adolpho Caminha, inaugurada por Genésio Cavalcante. A mesma a que Djalma da Cunha Batista, médico como vós, 50 anos depois rebatizou como Barão de Sant' Ana Nery e que ao correr dos anos foi honrada por Araújo Neto e Moacyr Gonçalves Rosas.

Estais na poltrona de Frederico José de Sant'Anna Nery. O patrono que escolhestes, há cem anos encantado, conheceu as ciências na Universidade de Paris, fez-se jurista na Universidade de Pádua, publicou intensamente em Manaus, Belém, Rio de Janeiro, Roma e Paris, foi célebre, verdadeiramente singular no seu tempo, e deu-se tanto às letras que para os seus deixou um nome emblemático, desprezando as riquezas e os dotes materiais que poderia ter auferido. E tanto, que todos sabemos logo depois, no mesmo ano de 1901, a baronesa de Sant'Anna Nery clamava ajuda do insigne Ruy Barbosa para merecer uma pensão do governo brasileiro.

O fundador da vossa cadeira aqui nascido, tendo estudado no Rio de Janeiro, foi dos mais irreverentes entre os seus. Era mais pensador que poeta, embora fosse parnasiano. Posto na toga de magistrado, serviu em Monte Alegre, em Afuá e Araguaia. Era afeito a conversas mais longas, imaginoso na palestra, e com um livro sempre em mãos, em Manaus, no Rio de Janeiro, em Belém ou Paris, perambulou em busca das musas que encantavam, vivia em estudos, mas sempre afeito à vida mundana da boêmia do seu tempo.

Era escritor bem recebido pela imprensa. E seus pendores de poeta e pensador, sua prosa ágil, livre de locuções adverbiais que tiveram prestigio ao tempo da influência lusa, fazem pensar em dois irmãos de temperamentos opostos, como definem os registros das revistas literárias.

Sim, era mesmo mais pensador e prosador do que poeta, posto que falando às musas refletiu a época artificiosa do seu apogeu mundano, inócuo, pedante. Na prosa, fez-se firme, satírico, cronista desabusado, envolvente crítico, destroçador. Irrequieto e afoito.

Ao depois, quando do seu encantamento, a Academia acolheu em janeiro de 1942, José Luiz de Araújo Neto, nascido em Boa Vista, o festejado autor dos poemas *Ânsia de Perfeição*. Era poeta em sintonia com a época, firme nas convicções e formas que vestiam o verso daqueles anos. Saindo de Manaus, e aberta vaga por imposição regimental, foi neste mesmo salão azul de fortes emoções e larga história que a 28 de outubro de 1950 a Casa recebeu Moacyr Gonçalves Rosas pele verbo cuidadoso de Felix Valois Coelho, com a fala firme e límpida que caracterizava a tribuna daquele respeitável mestre. Desde 1998 a poltrona azul do silogeu amazonense guardava-se para o eleito.

E se vindes para ocupá-la, devo receber-vos com versos de Genésio Cavalcante – o fundador,

Alma feita de amor e confiança,
Arando a gleba rústica, trauteias,
E horas de tédio, de amarguras cheias,

Vão se expandindo em trovas de esperanças.

.....

Semeias... E de súbito a miragem
Num vôo abrindo as asas radiosas,
Aos pés, em vez desta árida paisagem,

Vês pomares, ubérrimos outeiros,
Águas, vinhedos, searas ondulosas

.....

Eu vos digo. Vinde e deveis semear. Se tendes todos os títulos e honrarias nas ciências da medicina, e como operoso agente social, é para as letras da literatura científica que vos deveis devotar, semeando como ensina o mestre que vos deu assento na poltrona azul que acabais de receber.

Trazeis os dotes da ciência médica, não só os títulos. Professor como vosso pai e vosso irmão, bem sabeis que nos templos de estudo é que podeis dividir melhor o que tendes recolhido na experiência de aplicar a profissão que ilustrais. Médico, Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Medicina, a sedução que em certo tempo a política fez de vossos sonhos não foi tanta para subtrair-vos da destinação primeira de vossa vida.

Semeando em meio de nós, haveis de compreender com mais primor o que se faz nesta Casa, conservando os tempos, animando os espíritos,confabulando, estudando, estudando em busca de ser e conhecer. E assim saber porque a ela é preciso chegar mansa e lisamente, carregando sonhos, sabendo sonhar, e até ouvindo estrelas como Bilac, mas semeando sempre. E sempre mansa e lisamente, posto que é Casa para nela ingressarem com reverência incomum.

E quando ouvirdes as vozes que ressoam do passado, que se postam neste cenáculo em oração e cânticos permanentes, sabereis porque vos acolhemos em eleição de votos que se fizeram justos. É que vindes para recompor a seara dos estudiosos da ciência que começavam a ficar raros em meio de nós. E bem o dissestes na fala de ingresso que acabastes de proferir. Esta que chegou a ser tida como a academia dos magistrados como o acadêmico e padre Raimundo Nonato Pinheiro proclamava, é a que acolheu um exímio pesquisador dentre todos os estudiosos das doenças tropicais que foi Alfredo da Matta; o respeitável cirurgião Jorge de Moraes; a Araújo Lima que tanto se dedicou à saúde pública e aos estudos da Amazônia, e teve figuras mais reluzentes que se destacam ainda agora, como Adriano Jorge – o sábio, o augusto –, e Djalma da Cunha Batista – o mestre-escola, ambos alçados a presidência do silogeu.

É a este naipe que vindes unir-vos na história da Academia Amazonense de Letras.

E deveis saber que esta não é a casa do elogio-mútuo de que nos fala Camilo ao tratar da obra de Ernesto Biester e entre nós não há pacto de tal gentileza fútil. Aqui não só literatos puros foram acolhidos, nem historiadores somente, ou pensadores e filósofos, os cientistas tiveram assento e honra, e glorificaram a instituição. A Academia sempre se abriu aos talentos e aos operários do fazer que pudessem tecer em fios d'ouro as figuras do sentimento humano.

Tenho acabado o meu discurso. E não sei se era mesmo para ouvirdes em discurso ou em conversa de confissão para que pudésseis consolar as dores do mundo, abençoar os impuros, perdoar os incrédulos, ensinar aos ignorantes, aplacar as iras, seduzir pelo amor e pela luz dos olhos que abençoam o corpo e traduzem as razões da alma.

Não julgo que as dores possam ser inconsoláveis, mas sei que sempre carecem de

consolo e alivio. Vós o sabeis ainda mais, pois lidais a todo tempo com a dor humana e dela deveis ter extraído a síntese do sofrimento e a palavra de conforto. Não as guardeis convosco jamais. Deveis tê-las sempre postas nos lábios à disposição dos que vos procurarem. Deveis concedê-las, e concedendo-as, fazê-las quase sacrossantas.

E o que não puderam dizer-vos as minhas palavras, vede meus olhos e havereis de perceber que vos recebo nesta noite de reconhecimento e glória pelo que tendes feito da vossa vida e crente no que ides construir pois ela ainda se abre larga e vistosa diante de vós.

Atentai. Olhos do corpo e d'alma, para verdes depois de tudo que se deu convosco nesta noite de gala, os olhos plenos de aplauso que vos espreitam diante dos vossos, e os que, incrustados nas quase centenárias paredes da Academia, vos proclamam e acolhem.

Podeis ficar. Sois imortal. Tendes sobre o peito a insigne herança de Frederico de Sant'Anna Nery, vosso patrono na Academia Amazonense de Letras.

Discurso de Posse

Dom Luiz Soares Vieira*

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Senhores... Senhoras

Academia lembra Platão, o discípulo predileto de Sócrates. A busca da beleza e da sabedoria reunia em torno do gênio filosófico inúmeros curiosos. O mestre excitava o desejo do conhecimento e, à maneira da parteira, ia ajudando seus discípulos a darem à luz a verdade. A palavra passou a designar associações de cientistas ou de literatos que se reúnem para ampliar conhecimentos, trocar idéias, animar uns aos outros na tarefa da construção da beleza, e transformar a realidade.

A academia Amazonense de Letras surgiu em 1918 com altos propósitos de cultivar a literatura regional e estimular o aparecimento de novos valores. Por ela passaram nomes de expressão nacional e internacional, que honraram e honram as letras de nosso Estado. Inicialmente era constituída por trinta cadeiras. Por ocaslão de seu cinqüentenário, aos 25 de Maio de 1968, outras dez foram acrescentadas, entre as quais se encontra aquela que é consagrada a Inglez de Souza e de que honrosamente tomo posse.

O primeiro sentimento que de mim se apossa, é sem dúvida a alegria de participar de uma associação de alto quilate. Ensoberbece-me a possibilidade de conviver com os maiores literatos do Amazonas, pessoas a que admiro e merecem o respeito universal. Agradeço-lhes, senhores acadêmicos, a escolha de minha pessoa para colega e companheiro de jornadas literárias. Muito agradecido. Espero corresponder à confiança.

Por ocasião da posse nesta Academia, constitui praxe discursar a respeito do patrono da cadeira e de seus ocupantes. Não pretendo fugir à tradição. Inicialmente farei considerações mais longas acerca de Inglez de Souza; em seguida abordarei a pessoa do único ocupante, até este momento, da cadeira 36, o inesquecível Josué Cláudio de Souza.

Herculano Marcos Inglez de Souza nasceu em 1853 em Óbidos, Estado do Pará. Filho da Amazônia, onde passou seus primeiros anos e para onde regressou com relativa freqüência, conhecia a região de forma admirável. Daí provém a beleza de suas descrições de nossos rios e lagos, de nossas florestas e matas, de nossos animais e aves. Araripe Júnior atingiu tal grau de admiração por esses retratos escritos, que não se conteve em relatar suas viagens pela foz do Amazonas. Essa ousadia levou-o a descobrir mundurucus em regiões onde nunca estiveram.

Estudou Direito nas Faculdades de Recife e São Paulo. Entrou na política e foi presidente das províncias de Sergipe e do Espírito Santo. Foi

* Discurso de posse na cadeira 36, de Inglez de Souza, proferido em 25.11.1997.

sócio fundador da Academia Brasileira de Letras. Escreveu alguns livros que mereceram leitores. Saíram-lhe da pena, em 1877, *"O coronel Sangrado"*, em 1876, *"O Calculista"*, em 1888, *"O Missionário"* que é sem duvida sua melhor obra, em 1892 *"Contos Amazônicos"*.

Inglez de Souza foi um homem profundamente influenciado por seu tempo, em que o entusiasmo pelas conquistas científicas chegava às raias da loucura, em que o positivismo de Augusto Comte ditava normas ao pensamento filosófico, em que o determinismo de Hipólito Taine tentava explicar a unidade do cosmo. Como reação ao romantismo, surgiu precisamente naquela época o realismo. *"Tudo que não se reflete na retina está fora do domínio da pintura"*, dizia Coubert, um dos chefes do movimento nas artes. Na literatura Balzac, depois Flaubert, Zola, Maupassant, Dumas Filho foram os arautos da libertação dos excessos e lirismo e de imaginação de Goethe, Schiller, Chateaubriant, Byron e Musset. Foi a época em que Zola iniciara o naturalismo como frisagem do realismo. A realidade deveria ser posta às claras nua e crua, sem paliativos, mesmo em seus aspectos desagradáveis e feios. Eça de Queiroz entusiasmava os intelectuais portugueses e brasileiros. *"O Mulato"*, escrito em 1881 por Aluísio Azevedo, fora o início dessa fase do realismo no Brasil. Vieram depois *"A Carne"* de Júlio Ribeiro, *"O Missionário"* de Inglez de Souza, *"A Normalista"* e *"O Bom Crioulo"*, ambos de Adolfo Caminha.

À época de Inglez de Souza foi marcada por vários fatos que convulsionaram a política e o futuro do Império. De 1873 a 1875, o país foi abalado pela *"Questão Religiosa"*, que terminou com a prisão do Bispo de Belém do Pará, D. Antônio de Macedo Costa, e do Bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira. O fato acirrou o anticlericalismo brasileiro. O Império entrara em seus estertores graças ao descontentamento da burguesia rural e à militância de intelectuais. O positivismo fora abraçado entusiasticamente pelas diferenças militares e urdia o nascimento da República.

Dos escritos de Inglez de Souza depreende-se que ele comungava plenamente com as idéias do momento. Um dos personagens de *"O Missionário"*, Chico Fidêncio, mereceu carinho especial e apuro irrestrito. É uma das culminâncias do romance. Pois bem, Chico Fidêncio encarna ferrenho anticlerical, intelectual perfeito, vítima de perseguições injustas.

Devido à exiguidade de tempo e ao respeito devido aos presentes, não pretendo mergulhar em todas a obra de Inglez de Souza. Peço-lhes vênia e paciência para deter-me no romance *"O Missionário"*, seu primor e sobrevivente. Coloca-se este livro no seguimento de *"O Crime do Padre Amaro"* escrito por Eça de Queirós. Facilmente se percebem as semelhanças. O tema consiste basicamente na degradação de um jovem sacerdote. A trama, bem urdida, apresenta as minúcias do processo de transformação do personagem principal. A natureza, a cidade de Silves, as demais personagens, os vai-e-vem, tudo concorre magistralmente para enfeitiçar o leitor e entretê-lo até o final da história. Poder-se-ia afirmar que o aspecto descritivo, aliás maravilhoso e fotográfico, esconde o intuito principal de Inglez de Souza que consistiu em desnudar a interioridade de Padre Antônio de Morais. Sem dúvida alguma, estamos diante de um livro que mereceu permanecer na literatura brasileira.

Embora a presunção seja o conhecimento do romance em pauta por parte dos presentes, permitam-me apresentar-lhes breve resumo. Espero não blasfemar contra a inteligência

de quem quer que seja. Padre Antônio de Morais, recém-ordenado sacerdote, jovem de 22 anos de idade, é recebido pelos paroquianos de Silves na missão de suceder ao falecido e desacreditado Padre José. Cheio de ideais, o novo pároco consegue logo admiração dos fiéis e o respeito dos anticlericais chefiados pelo professor Chico Fidêncio. O entusiasmo inicial do pastor enfrenta a monotonia e a quase nenhuma resposta dos paroquianos. Os questionamentos começam a surgir. As lutas interiores naquele jovem lançado à solidão tornam-se fortes. O apelo à acomodação faz-lhe vacilarem os propósitos. Um repto, que lhe lança Chico Fidêncio (não teria coragem de evangelizar os mundurucus), leva-o à decisão de ir ao encontro dos índios bravios da região de Maués. Acompanhado do sacristão Macário, uma caricatura de subserviência e maquievalismo, por dois tapuias remadores, numa igarité, atravessa o lago de Saracá, entra pelo Rio Amazonas, sobe o Abacaxis. Os remadores, que haviam sido enganados pelo sacristão, ao perceberem-se fraudados, fogem levando a canoa e deixando os outros dois na cabana de um pescador. Obcecado pela idéia de evangelizar os mundurucus, o padre obriga Macário a subirem o rio em pequena embarcação. São atacados. Ao refugiarem-se numa entrada de terra a aparição de dois índios apavora Macário que foge. O padre ajoelha-se espera o martírio. Feliz ilusão. Eram amigos do padre João da Mata, pároco de Maués e moradores do sítio onde vivera e falecera. Levado à casa dos hospitaleiros mundurucus, padre Antônio convalesce de doenças e cansaço. Nos dias de ócio encontra em Clarinha o amor de sua vida. Chegam notícias de Silves, onde o sacristão aportara e inventara cenas minuciosas do martírio do padre jovem. Tornara-se o santo, louvado até por Chico Fidêncio. Regressa a Silves, levando consigo Clarinha, disposto a viver dupla mas ocultamente. Deixa a amante na casa de conhecidos. Volta, sonhando com fama e poder.

Como o romance de Inglez de Souza já foi analisado por vários críticos, entre os quais vale citar Sérgio Buarque de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda e Araripe Júnior, propondo-lhes que nos detenhamos no caráter de Padre Antônio de Morais e no processo de construção de sua personalidade como os apresenta o autor.

Filho de pai despótico e devasso, tinha mãe totalmente submissa. Viveu infância livre e feliz na fazenda paterna situada nos interiores de Igarapé Mirim. As cores do quadro da vida de Antônio neste período são atraentes, transmissoras da idéia do paraíso perdido. É como se Rousseau estivesse a sussurrar: *"O estado natural do homem, sozinho sem a sociedade, é bom, perfeito e feliz, porque tem poucas necessidades, que são rápida e plenamente satisfeitas, e porque faz a todos iguais. "A educação dada pela sociedade seria a causa da desgraça do ser humano. "Até entrar para o Seminário levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a meter as vacas no curral. Montava os bezerros de seis meses e os poldros de ano e meio. Acordava cedo, banhava-se no rio horas inteiras, e depois corria léguas à caça dos ninhos de garças e maguaris. Satisfazia o apetite sem peias, nem preocupação, nas goiabas verdes, nos araçás silvestres e nos taperebás vermelhos, de perfume tentador e acidez irritante"*. O menino tinha espírito indômito e meio selvagem. Justamente aí estão a natureza, o caráter bruto, a personalidade a serem desabrochados.

À educação dada no Seminário de Belém competia domar o xucro, desbastar as arestas,

corrigir os defeitos, ajudar a emergir o homem. Infelizmente, a obra foi tremendamente repressiva e castradora. *"Por outro lado, o seu espírito indômito e meio selvagem foi paulatinamente cedendo à influência suave do cultivo e da doutrina dos Padres-Mestres, mas não sem rebeldias bruscas e inesperadas que tonteavam o Padre Reitor e tornavam necessárias as valentes palmatoadas que lhe aplicava o carrasco do Seminário, um caboclo robusto e impassível, de olhar estúpido e gestos de bonifrate".*

Dois ardores instintivos lhe queimavam o corpo e a alma: as vontades sexuais, que procurava refrear com jejeuns e macerações, e a vaidade de suplantar os demais, de ter fama, que merecia a mão forte de seus mestres.

Ao final, do Seminário saiu um sacerdote dotado de esplêndida inteligência, cheio de ideais. Bem diferente do meninozinho do interior! A pergunta, que desde o início se propõe veladamente ao leitor, está na eficácia da educação seminarística. Em última análise, *"O Missionário"* é uma tese defendida por Inglez de Souza, a partir da visão de Rousseau. O Seminário estragou o selvagem.

No neo-sacerdote a educação parece ter vencido. A vaidade passa ao largo de sua existência. Seu bispo, a conselho dos mestres, propôs-lhe estudos de doutoramento em São Sulpício, Paris. Padre Antônio recusou e preferiu aceitar o paroquiato da pequena Silves, na Província do Amazonas. Sem dúvida um gesto altamente confortador para os que nele haviam apostado. Quanto aos anseios sexuais, o jovem clérigo pareceu irrepreensível, apesar das lutas e tentações. Tanto é verdade que todos ficaram surpreendidos, inclusive Chico Fidêncio, o chefe dos anticlericais. *"Só havia um assunto possível, em que poderia espraiar-se, lançando um belo artigo capaz de fazer sensação. Esse assunto era Padre Antônio de Morais. Mas, havia um mês que Padre Antônio chegara, e Chico Fidêncio ainda não pudera formar um juízo definitivo, nem achara motivo para um pequeno artigo. Bem não queria dizer do vigário, porque isso era contra os seus princípios. Para dizer mal era preciso uma base, um motivo, um pretexto ao menos, e essa base, esse motivo, esse pretexto não aparecia".*

O tempo prova o homem. A monotonia da existência, da sucessão bocejante dos segundos intermináveis do nada fazer ou do nada acontecer, vai arrancando máscaras, vernizes ou tinturas. Mais cedo ou mais tarde reaparece o *"númenon"*, a realidade profunda, fazendo desaparecer o *"fenomenon"*, o maia, as aparências. Padre Antônio, jovem vigário de Silves, encontrou-se, pela primeira vez em seus vinte e dois anos de idade, sozinho, frente ao desafio de viver sua verdadeira face. O início foi alentador, com boa freqüência de fiéis aos atos litúrgicos e à catequese. A rotina, paulatinamente, reduziu os participantes. A decepção relaxou-lhe as defesas. Da celebração diária passou, sem remorsos, à Missa semanal. Tinha preguiça até no atendimento dos doentes. Mas, era ainda o idealista de sempre. Aproveita-se da cerimônia do casamento da sobrinha do Neves Barriga com o Cazusa Bernardino, para fazer um sermão preparado com esmero a fim de atrair o rebanho rebelde. Nada aconteceu em resposta. A desilusão fazia-lhe sentir a inutilidade do trabalho em Silves. *"Aquela vida de obscuros e não apreciados sacrifícios, de virtudes negativas que os amigos de Silves resumiam em não beber, não jogar, não dar escândalos com mulheres - começava a pesar de modo insuportável, e Padre Antônio entrevia, cheio de profundo e íntimo desespero, um futuro vulgar de padre bem-comportado, pre-*

so à Igreja duma vila do interior, numa colocação perpétua, engordando na vadiação estúpida dum paroquiato aldeão, e acabando, esquecido no mundo, numa icterícia negra".

Foi nesse momento difícil que Padre Antônio recebeu um desafio de Chico Fidêncio e dos anticlericais da cidade. O capitão Fonseca "levantou-se, chegou à porta da rua. O vigário estava na ocasião de face para ele. No seu rosto calmo e sereno uma bondade reluzia. Falava afavelmente, em voz baixa, com o homem, um tapuio morador da beira do lago:

– Padre-mestre, faz favor? disse o coletor em voz alta.

– Estava aqui sustentando este senhor, continuou na sua voz autoritária e grave, quando o padre, largando o tapuio, chegou à porta da loja; estava aqui sustentando este senhor que no Brasil não há mais padres que façam a catequese de índios, porque na Mundurucânia os gentios queimaram a povoação de S. Tomé e assassinaram os habitantes. Eu, pelo contrário, sustentava que ainda há missionários, posto que isso seja mais próprio de itailanos. Que diz V. Revma.?

Padre Antônio olhou demoradamente para Fidêncio, para os dois rapazes, para a figura pascácia e grave do capitão Manuel Mendes da Fonseca. No olhar brilhou-lhe um relâmpago, com uma expressão de desafio e luta que Fidêncio estranhou, surpreso. Depois o padre sorrira e dissera:

– Este senhor tem razão; há muitos chamados e poucos escolhidos.

A catequese dos mundurucus fixa-se-lhes no pensamento e torna-se obsessão. Queria ir ao encontro dos índios e ser martirizado. Lembro que o desejo do martírio tomara conta da imaginação e dos corações dos jovens cristãos do século passado. Teresa do Menino Jesus, em seus escritos, é um exemplo típico da época. O romantismo apossara-se do imaginário religioso da segunda metade do século XIX. No pároco de Silves ressurgem os entusiasmos por grandes ideiais. Na evangelização de Mundurucânia estaria sua glória. Percebe-se intensiva e extensivamente que Inglez de Souza visualizou no desejo evangelizador de Padre Antônio de Morais uma fuga aos desafios maiores da vida cotidiana. "Os sinos repicavam, numa impaciência alegre. Padre Antônio continuou a caminhar lentamente, pensando que cem vezes estivera a cair, cedendo à fatalidade da herança e à influência do meio que o arrastavem para o pecado. O medo da condenação eterna, espantalho que para sempre aterrara a imaginação supersticiosa do matuto, o desejo de ganhar a vitória, e, por que não o confessaria na solidão da rua adormecida? O olhar suspeito e investigador do jornalista liberal haviam-no salvado da queda. Quisera lutar e vencer. Dominara o ímpeto das paixões, na certeza de que vencia também o insolente colaborador do Democrata de Manaus. Mas agora - pela centésima vez o pensava - à sua natureza forte não podia quadrar aquele viver mesquinho que o tanger dos sinos recordava. Forçoso era fugir a todo o custo às tentações da existência desocupada e fácil de pároco sedentário. Voltada novamente a desejar uma vida de tormentos e martírios da carne, sonho que esquecera por algum tempo no entretenimento do culto divino, mas que ultimamente se impusera como solução única do problema do futuro, prometendo sedutoramente na palma do martírio a glorificação desta vida e a segurança da outra. "Dizem os psicólogos que certas atitudes aparentemente firmes e seguras originam-se em inseguranças e busca de auto-afirmação. Padre Antônio vacilava diante dos fracassos e tremia ao pensar

no futuro. Sua formação seminarística tornara-o reprimido, recalcado; agora os fantasmas ameaçavam sair das profundezas do inconsciente, transformando-lhe totalmente o modo de viver. Faltava-lhe ao lado a presença do formador, do conselheiro, de alguém que lhe fizesse perceber a dimensão do real, que acordasse de devaneios. Estava sozinho, ainda meio adolescente, mergulhado em sua solidão... uma solidão de mais de mil quilômetros, o espaço que o separava de Belém, onde tinha seu bispo.

Da decisão passa à prática. Ao sacristão impõe a condição de companheiro na tarefa heróica de ir ao encontro dos gentios. Dois remeiros são enganados e conduzem o igarité ao padre. A pertinácia do vigário impressiona. Nada o desanima. Nem mesmo a desilusão de ver-se abandonado em cabana de pescador, sem canoa e sem alimentos, somente com o sacristão. A evangelização dos mundurucus torna-se loucura, idéia fixa, questão de honra, verdadeira doença, tudo mascarado pelo desejo de martírio. Neste ponto do romance, Inglez de Souza mostra o fracasso da educação recebida no Seminário. No auge do entusiasmo de Padre Antônio começa a emergir o menino de espírito indômito e meio selvagem de Igarapé Mirim ao mesmo tempo em que vai sendo vencido o jovem educado em Belém. A luta inicia-se no campo da vaidade e do orgulho. O autor aproveitou-se do espírito da época e colocou no jovem padre o sentimento religioso que envolveu os alunos dos seminários. Como já foi dito anteriormente, derramar o sangue pela fé tornara-se bandeira dos jovens do século XIX. Ir aos índios ou aos pagãos e ser assassinado na pregação evangélica era o maior prêmio que um cristão poderia desejar. É de notar que o autor demonstra em *"O Missionário"* bom conhecimento da Igreja Católica de então. Já nos trechos referentes à formação seminarística cita corretamente teses de patrística, de teologia dogmática, de teologia moral e de história da Igreja.

A personalidade de Padre Antônio de Morais aparece com maior nitidez no episódio do não acontecido martírio. Após o ataque de flechas lançadas por índios em pleno rio, o vigário e o sacristão escondem-se numa ponta de terra. Surpreende-os a aparição de dois mundurucus. O sacristão consegue fugir numa desembalada que o levaria a Silves. O padre, percebendo morte iminente, ajoelha-se à espera dos golpes finais. Entretanto, o entusiasmo pelo martírio cedera lugar a remorsos acerca "da vaidade, do orgulho, da ambição de nome e de glória, que, mais do que o Amor Divino, haviam motivado os atos de sua vida." Nada mais percebe. O cansaço e a enfermidade fazem-no perder os sentidos. Quando acorda, encontra-se num sítio aprazível, rodeado pelos carinhos e atenções do velho João Pimenta, chefe mundurucu convertido, por seu filho Felizberto e pela neta Clarinha.

A derrota total da educação recebida no Seminário de Belém acontece-lhe na convalescência. A solidão, os fracassos, o ócio trabalham o espírito do vigário de Silves. Devagar apaixona-se pela menina de quinze anos, a formosa mameluca, fruto da paixão de Padre João da Mata por Benedita, filha falecida de João Pimenta. Inglez de Souza traça vagarosamente o quadro da sedução exercida pela moça e a vida marital posterior. A evangelização dos mundurucus é esquecida em troca da vida à-toa.

Outro passo para devendar o caráter de Padre Antônio é a sua reação ao saber que, em Silves, o sacristão havia espalhado uma

fantasiosa história de seu glorioso martírio e que o bispo de Belém pretendia nomear um novo vigário para a cidade. A conversa de Felizberto com um regatão, com possíveis indiscrições sobre sua estada no sítio do falecido pároco de Maués, mexe-lhe o ânimo. De repente, põe-se de volta a Silves a fim de retomar as rédeas da paróquia. Leva consigo Clarinha na pretensão de continuar a viver secretamente suas relações amorosas. O final do romance joga à luz toda a grandeza da ambição que lhe ia dentro da alma. "Nas auras sopradas do mar lhe vinham os perfumes acres da cidade que entrevira uma vez ao cair da tarde, e que lhe deixara uma impressão confusa de luzes, de sons e de objetos estranhos, entre os quais se destacavam as mulatas de camisa de rendas impregnada de trevo e pipirioca, perfumes fortes excitavam o temperamento sensual, dando-lhe o antegosto duma infinidade de prazeres. Ao mesmo tempo na toalha larga, clara e movediça do rio, a perder-se intérmina no horizonte, parecia refletir-se a imagem dum esplêndido futuro, em que ofuscavam a fantasia as cintilações diamantinas da mitra episcopal duma diocese do Sul. "Fora vencido pelos prazeres e pela vaidade. A educação do Seminário ficara-lhe na pele, na superfície; as profundezas selvagens do menino paraense tinham irrompido fortes quando chegara a hora da verdade.

A personagem de Padre Antônio de Morais, como foi construída pelo autor, tem força e verossimilhança. A análise feita através de gestos e diálogos ou monólogos, impressiona. Parece alguém vivo e conhecido. Todavia é impensável ou dificilmente pensável que o Bispo de Belém tenha enviado para o interior longínquo um sacerdote de apenas vinte e dois anos, dono de um futuro intelectual prenhe de promessas. Mas, tudo é possível num mundo em que nada causa admiração.

Quanto às demais personagens do romance em pauta, a única que tem elaboração acurada e forte é Chico Fidêncio, o anticlerical e dono de atributos culturais. O sacristão é caricato e faz papel de bufão de autos medievais. Aliás, Padre Antônio e Macário lembram Dom Quixote e Sancho Pança. Ao contar a história de Totônio Bernardino, o jovem que morreu de amor, Inglez de Souza estava possuído por febre de romantismo. O rapaz não passa de cópia barata de Werther de Goethe.

Passemos agora ao primeiro ocupante da cadeira 36 desta Academia, o saudoso Josué Cláudio de Souza.

A oratória foi considerada, através dos tempos, uma das artes mais arrebatadoras. Demóstenes, Cícero, Agostinho, Churchil arrastaram multidões. Com a introdução dos meios de comunicação social aconteceu o processo especificamente contemporâneo de locutores de rádio, apresentadores de televisão que empolgam cidades e nações. Como não recordar o discurso de Churchil que significou a reviravolta da segunda guerra mundial? Como deixar no ouvido o discurso de Carlos de Lacerda que convulsionou o país e levou ao suicídio o presidente Vargas? Pois bem, Josué Cláudio de Souza notabilizou-se como jornalista da imprensa falada. Permita-me, senhor Presidente, tomar-lhe emprestadas anotações inéditas sobre a atuação desse saudoso membro da Academia Amazonense de Letras. *"Cronista de imprensa diária, por mais de 40 anos retratou o cotidiano da política, da sociedade, dos esportes, da magia da fé, dos mistérios que rondam os mundos de cada ser humano. Anos a fio a cidade se recolhia para ouvir a Crônica do Dia, em que traçava, na verdade, o comentário mais precioso sobre os principais assuntos do momento. Direto, em linguagem peculiar, ritmo e voz inconfundíveis, construindo marca pessoal indestrutível, na*

radiofonia amazonense. Fazendo escola, mesmo quando cuidou de assuntos mais ao gosto do grande púiblico, com indicações de horóscopo, de fé, de espiritualidade, ainda que apegado aos dogmas da Igreja Católica."

Infelizmente, não o conheci em pessoa, pois faleceu nos primeiros tempos de minha chegada a Manaus. Sua fama, entretanto, ultrapassou as fronteiras dos meses e dos anos. Até hoje seus ouvintes têm saudades de momentos emocionantes ao lado do receptor de rádio. Sua eleição para membro desta Academia fez justiça a um trabalho sério, que iniciou nos Diários Associados do Rio de Janeiro e atingiu seu clímax na Rádio Difusora de Manaus. Emociona o relato de sua posse nesta casa, feito por Vossa Excelência senhor Presidente. *"A posse foi simples. Alquebrado, depois de anos de eleito, resolveu assumir a cadeira quando parecia sentir o peso dos tempos. O discurso escrito para cumprir o ritual acadêmico, quer pela dificuldade de leitura imposta pela frágil visão, como e principalmente porque o cronista jamais se submeteu ao texto, deixou-o de lado, e pôs voz ao coração, tornando sua festa de consagração acadêmica em mais um ato de amor a Manaus e à crônica."* Josué Cláudio de Souza permanecerá na história do Amazonas como o radialista, o cronista, a voz.

Antes de encerrar estas minhas palavras, não poderia deixar de agradecer a todos os que me incentivaram às letras e à entrada nesta casa. Nunca pretendi a honra de literato. Escrevi por chamado. Escrevi para transmitir ao maior número possível de pessoas as boas notícias daquele em que acreditei e que é razão de minha vida. Escrevi para animar os desfalecidos pela falta de orientação ou de carinho. Procurei escrever da maneira mais simples para ser entendido por todos, o que constitui tarefa muito difícil. Agradeço que me compreendam. Nas pessoas de meus irmãos Amaury e José Celso, bem como de minhas cunhadas Antoninha e Neide, abraço a todos. Minha família é minha riqueza. Nela encontramos união, amizade e apoio em todos os instantes da vida. Nos amigos descubro cada vez mais tesouros para além da imaginação. Obrigado.

Aos membros da Academia Amazonense de Letras um agradecimento especial aliado ao compromisso de companheirismo na luta pelas letras de nossa gente.

Discurso de Recepção*
Saudação a Dom Luiz Soares Vieira

Max Carphentier

"Já sabes que te falo algumas vezes; não deixes de o escrever, porque embora a ti não aproveite, poderá aproveitar a outros".

Palavras de Jesus a Santa Tereza de Ávila

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Senhoras e Senhores
Excelência Reverendíssima
Dom Luiz Soares Vieira

Certamente ainda faiscavam os últimos relâmpagos do Calvário, quando, São Pedro, aquele Pedro algo temperamental que cortara a orelha de Malco, que antes não conseguira andar mais do que alguns passos sobre as águas e depois terá poder de ressuscitar Tabita, esse Pedro subitamente viu-se sozinho diante do rebanho interminável. Sozinho, não, os cajados tristonhos dos outros apóstolos o cercavam no primeiro de todos os concílios, feito ali mesmo, ao pé do ultimo minuto das três horas de agonia. Enquanto se afastava o soldado que ganhara no jogo o manto tecido por Maria, Pedro se perguntava, já sob o desafio da responsabilidade tremenda: o que fazer? A missão fundamental – dissera o Mestre – era apascentar as gerações por entre os séculos. Apascentar pela palavra, pelo exemplo e pelo sacrifício. Na construção da Igreja, a palavra é fundamento, o exemplo são colunas e o sacrifício, a cúpula. Desde aí, Senhores, essa missão de tríplice fervor orienta a cátedra de Pedro, cuja linguagem e construção, destino e graça são transmitidos de pontífice a pontífice por um fio interminável em que se alternam as texturas do mistério e da revelação. Na verdade, trata-se de uma herança deixada primeira pelo Verbo, depois pelos profetas, que foi consubstanciada pelo Filho, velada pelos apóstolos e santos e aberta a todos nós, herdeiros da salvação.

Há, felizmente, os administradores desse espólio santo, mãos que multiplicam as riquezas eternas e as distribuem às gerações dos séculos, e fazem disso a sua vida, a obra da sua vocação. São os artífices visíveis da graça que sustenta o mundo, os tecelões daquele fio da Providência que se originou no Verbo, que envolve e dá sentido à translação da terra dos homens, que circunscreve o universo e explica o espaço dos anjos como prefiguração do nosso território futuro dentro do coração de Deus. Entre esses homens, distintos pela palavra, pelo exemplo e pelo sacrifício, estão os pastores dos mais difíceis rebanhos, a exercerem uma dignidade su-

* Discurso de recepção ao acadêmico Dom Luiz Soares Vieira, proferido em 25.11.97.

perior de sacerdócio forjada como o bronze dos turíbulos, em altas temperaturas de aflição. Aflição de incenso que se consome em graças e arde em perfume pela salvação das almas. Eles nos chamam filhos, nós os chamamos bispos.

Ocorre então, Senhores, que nesta noite chega a esta casa um desses homens, o Arcebispo Dom Luiz Soares Vieira. Chega para nós com suas luzes que pertencem à linhagem dos claustros e ao magistério sagrado. Chega nos lembrando que por aqui passaram religiosos como Cônego Walter Nogueira e Padre Nonato Pinheiro. Mais uma vez, neste Silogeu, as letras sagradas convivem com as profanas, para uma feição completa da cultura amazonense.

Esse notável paulista da cidade de Conchas cursou o ginásio e o clássico já no seminário Diocesano de Botucatu. Sua vocação para sacerdote de Cristo cedo se definiu. Em 1960, formava-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Prossegue os estudos na Universidade de Mogi das Cruzes, graduando-se em Filosofia. Seu rigoroso zelo pelo preparo intelectual levou-o a mais de duas dezenas de países, da França à China, da Tailândia ao Chile. É sócio fundador da Academia Amapaense de Letras. Entre cargos que ocupou, destacam-se: vice-reitor do Seminário Diocesano de Botucatu; vigário ecônomo de N. S. de Guadalupe; vigário geral da Diocese de Apucarana, bispo diocesano de Macapá, membro delegado do Episcopado Brasileiro à IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. Sua atividade magisterial é eclética. Foi professor de Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Língua Italiana, Educação Moral e Cívica, Cultura Brasileira, Direito Canônico, Filosofia da religião. Como escritor, tem diversos artigos publicados em jornais e revistas do País e estudos inéditos como "Filosofia e Ciências Experimentais", "Síntese do Direito Processual da Igreja", "Aspectos Jurídicos do Matrimônio", "Matrimônio Misto", "O Problema da Liberdade". Arcebispo de Manaus desde 1992. Foi eleito para a Academia Amazonense de Letras em agosto deste ano, sucedendo ao cronista Josué Cláudio de Souza na cadeira patrocinada por Inglez de Souza.

Dom Luiz, declarais com humildade que escreveis por força de um chamado. Trata-se certamente daquele apelo divino que fundou a profecia no deserto, que fez de Débora o oráculo da palmeira; que vestiu-se de peles e alimentou-se de gafanhotos para aplainar as veredas do Senhor; que fez Semeão, alegre, despedir-se da vida, ao contemplar a glória dos séculos diante do rosto de uma criança. É o convite irresistível da palavra inspirada. Antes do início dos tempos, Deus era simplesmente palavra pura, impronunciada, uma solidão completa que nem lágrima tinha, e só tinha o nome de Verbo. Depois da Encarnação, o Verbo atingiu o apogeu de pronúncia máxima, incendiou os confins da terra com as línguas de Pentecostes, transformou toda a carne do Apóstolo Paulo numa epístola viva, invadiu as muralhas de Ávila e os campos de Lisieux para transverberar o coração de duas Teresas, para que a Palavra, descendente do Verbo, se revestisse de excelência suficiente para registrar na História as ultimas revelações de Deus. Eis a fascinação da palavra divina. Eis o impulso que torna o amém voz da Voz, palavra da Palavra, anúncio do Anúncio. Esse arrebatamento da inteligência, esse consentimento belíssimo da razão diante da fé, que nos faz pregar, proclamar e promover as verdades sagradas, toda essa paixão de reproduzir os gemidos do Espírito, todo esse alumbramento de linguagem que reduz a eternidade à palavra amor, essa

sedução tão honrada nos êxtases dos santos, tão inalcansável à busca dos cientistas, tão perdida na volúpia dos poetas, ela faz a noite das celas dos conventos, revela o numero impossível das equações, captura num verso o incomunicável, sustenta chama dos altares, faz catedrais enormes se equilibrarem sobre um frágil suspiro do Evangelho, e faz as encíclicas, e faz as homilias, é o fruto dos sacerdotes e o pão estendido pelos bispos. Eis o chamado, Dom Luiz, a que atendeis, eis a razão por que escreveis, eis como chegais até nós com vossa cruz existencial bordada por letras santas. É o apelo para que divulgueis as revelações do Verbo, para que não fiquem só convosco, como não ficaram só para Santa Teresa e tantos outros interpretes do Altíssimo, aquelas palavras de locução interior com que Deus visita cada coração dos eleitos. É por isso que, todos os domingos, pela imprensa amazonense, distribuis entre o vosso povo o que permanentemente ouvis das Escrituras, o que silenciosamente interpretais da vontade do Verbo. Repartis com todos as provisões de força e de graça que acontecem como peixes multiplicados novamente na mesa de vossa penitência.

Tendes, D. Luiz, a inclinação profética de transformar, em palavras peregrinas que procuram os homens, os dons que recebeis em vossa procura de Deus, já consumada. A imprensa amazonense acolhe essa palavra. Não falta ao povo e às instituições a vossa orientação, nas conjunturas complexas, nas encruzilhadas do cidadão, nas inquietações terrenas do Estado, nas atribuições supraseculares da Igreja. Partindo da leitura dessas crônicas, aventuro-me à síntese de dizer que vos equilibrais entre a Doutrina Antiga e a Futura, tornando-vos um condutor sagaz da evolução, que não adota o sofrimento inútil da sociedade como desígnio inarredável, mas elabora um pensamento de luta sistemática contra os males de todos os gêneros, para cumprir a plenitude do tempo inaugurado pela Encarnação e aproximar o Reino. É como se dissésseis nessas crônicas: nada que é humano é alheio à Igreja, mas nem tudo que é humano a edifica.

Vossa crônica é vossa oração, vossa conversa com a Providência. Nesse ponto ficamos sujeitos à seguinte indagação: quem pode saber o que se passa no diálogo de Deus com um seu bispo? Que flautas podem interpretar a prece de um pastor quando seus olhos, ao anoitecer, se levantam na direção da estrela Vésper? É certo, todavia, que a angustia dos pastores de alma deve ser a mais profunda por ser a mais sofredora diante da pior das perdas humanas, que é a perda da graça. Penso que o coração infinito de Jesus tem um lugar reservado para receber as orações dos bispos! Porque essas orações percorrem toda a terra, penetram nos lares desassistidos, visitam os hospitais, transpõem as grades dos cárceres, ouvem os lábios calados pelas desesperanças, e os que blasfemam, e os que pedem, e os que imploram, e carregam todas essas queixas, abandonos, culpas e pecados, e sobem essas preces dos bispos nas espirais dos sinos consternados, sobem em círculos que invadem as regiões só conhecidas de Deus, e depositam aos seus pés esses fardos gerais dos homens, e quem sabe essas preces não contenham a seguinte indagação: Por que persiste esse trânsito de dores entre a terra e o céu? Por que dores sobem e graças descem? Por que enquanto graças descem dores sobem? Os bispos ouvem as respostas, dizem-nas nos sermões, repetem-nas nos confessionários, e alguns, como vós, Dom Luiz, dividem-nas com todos, em crônicas do cotidiano, em libelos contra a perdição,

em palavras que são bênçãos sobre lágrimas, açoites contra o mal, beijos sobre as feridas.

Senhores, temos diante de nós um homem e sua fascinação pela palavra divina, temos um sacerdote e o seu novo púlpito no mundo. E ele escolheu a humildade para marca de seu pronunciamento nesta Academia. Se quisesse, teria encontrado espaço para pontificar com a sabedoria das Escrituras, teria interpretado os pontos mais difíceis da Doutrina, teria nos surpreendido com a poeira de ouro levantada pelas sandálias dos padres do deserto, teria nos impressionado com as cintilações da Tradição e da Mística. No entanto, ele abandonou hoje essas refulgências que lhe teriam sido tão fáceis, para trabalhar conosco as rápidas faíscas de nossas pedras brutas, para plasmar conosco essa matéria tão diferente daquela dos seus campanários, arriscando-se assim a também refletir o mundo através desse nosso cristal estilhaçado de equívocos. Então Dom Luiz voltou-se à Teoria Literária, às técnicas de abordagem do texto. Quem necessariamente exercitara, por exemplo, a exegese de São João, jamais deixaria de ter percuciência para desvendar os subterrâneos de qualquer construção literária. Nasceu daí o categórico estudo que acabais de ouvir, Senhores, sobre o romance *"O Missionário"*. As letras amazônicas ganharam nova invasão de luzes nos meandros temáticos e artísticos de Inglez de Souza. A crônica de Josué criou um corpo para Manaus; a crônica de Dom Luiz deu-lhe uma alma.

Quando recordo vosso magistério sacerdotal, Dom Luiz, penso que, com vossa chegada a esta Casa, dá-se um encontro de tribunas, um diálogo de cátedras. Possa eu representar diante de vós por alguns instantes, a tribuna dos homens e a cátedra do transitório. Diante de vós, que representa a tribuna de Deus e a cátedra do eterno. A cátedra ensina, a tribuna movimenta. Os homens ensinam a contingência da carne e a matéria finita; e movimentam o pensamento nas repetidas espirais das mesmas contingências. A cátedra inspira, a tribuna profetiza. Deus inspira nosso coração para o infinito e profetiza a consumação de tudo na matéria salva pelo Espírito. A cátedra obriga, a tribuna reivindica. Pela carne, os homens se obrigam a permanecer na morte, e reduzem a gloria da beleza ao limitarem-na ao império dos sentidos. A cátedra conforta, a tribuna proclama. Deus conforta a carne do pecado com as ânsias de perdão e proclama a beleza salvífica como âmago da glória. Então, o que chega até vós, na esteira de nossas vozes, são murmúrios de servidões antigas, luzes tresmalhadas na vigília do profano, e muita inquietação. O que nos chega, vindo através de vossa presença, é a lembrança daquela voz que clamava no deserto, é uma réstia do clarão daquele trigo repartido em Emaús, é a perplexidade de um dedo que se retira de uma chaga da ressurreição, para nunca mais duvidar. Se desejei ouvir de vosso discurso reminiscências de Antiga Aliança, devo dizer-vos, como se esta Casa de repente se transformasse em um confessionário, que qualquer angústia que oprima a minha alma encontra evasão quando me vem à lembrança aquela insubstituível exclamação de Isaías: *"Sentinela, quanto resta ainda da noite?"*. Essa pode ser a indagação de todo homem que acende a sua vida com uma lâmpada na vigília do sofrimento, e suspira pelo amanhecer da luz, do clarão interminável que o liberte de guardar a sua pequena luz! É principalmente a interrogação de quem atravessa a noite da fé, sim, porque desde São João da Cruz, a fé é uma noite escura que desaba na claridade, uma noite que devemos atra-

vessar como cegos guiados por mão poderosa. *"Sentinela, quanto resta ainda da noite?"* É a forma de perguntar: Quanto falta, Senhor, para que eu finalmente creia que a treva necessária da fé é rondada pelo alvorecer da Vossa Face?

Se soprou em vosso discurso uma aragem discípula daquela que arrepiou a montanha do Sermão da Nova Aliança, eu preciso confessar que o momento mais belo que encontrei na historia da salvação não foi o da estrela que resolveu cantar na vigília dos pastores quando as flautas já haviam silenciado; nem o daquela pedra que, levantada contra o pecado, parou no ar, e caiu vencida, a dez passos do arrependimento; nem aquele em que Lázaro, através do seu corpo, levou a voz do Senhor até a origem das trevas, e desde aí há um anseio de ressurreição no próprio coração da morte! O momento que mais me toca, Excelência Reverendíssima, é o daquele galo completamente insone que anunciou duas vezes a madrugada da consciência de Pedro: no primeiro canto, esse galo declara: se erraste, eu te perdôo; no segundo canto, proclama: se eu te perdôo, te salvo. O terceiro canto Pedro não mais ouviu: uma angústia santa já o transportara, e ele aceita compreender e amar a cruz que da inocente aurora se levanta.

Senhores, uma das funções mais antigas da noite é aquela em que ela anda, qual uma noviça, entre colunas geladas, a apagar um a um os círios dos templos. Aos poucos, junto aos altares calados, crucifixos e imagens de santos começam a adormecer entre as pálpebras pesadas dos serafins. Também os templos pagãos recolhem as duas divindades, e as Musas desaparecem para preparar as cores da alvorada. Também, eu tenho de calar a voz que ergui nesta saudação dignificada pela fraternidade. Estendo até vós, Dom Luiz, em nome de todos desta Casa, uma reverência unânime, um abraço de boas-vindas, um lírio noturno que se acende de alegria. Que sejais feliz em vossa nova Casa. Que as bênçãos que vos são reservadas permaneçam convosco e entre nós.

O calendário da Igreja celebra no dia de hoje a memória de Santa Catarina de Alexandria. Conta a tradição que Catarina, com argumentos da filosofia e da teologia, conseguiu converter cinqüenta sábios à aceitação do Cristo, quando do episódio de uma proposta espúria de casamento. Nós não somos cinqüenta, somos quarenta, e quiséramos ser sábios, e a conversão anunciada é aquela que proclama: Dom Luiz, já convertido também às letras dos anjos, entra na Academia Amazonense de Letras, já também convertido às letras dos homens.

Muito Obrigado!

Colaboradores

Contexto Histórico do Desenvolvimento das Forças Produtivas

Admilton Pinheiro Salazar*

Estudar o capitalismo é estudar a evolução histórica do regime de propriedade, mais especificamente a propriedade dos meios de produção.

O que distingue um homem do outro, uma classe da outra é o que este ou aquela tem ou não tem em relação aos demais.

Originalmente, o egoísmo inato ao ser humano levou o ser mais forte, ou mais inteligente, mais corajoso, mais astucioso, ou mais apto, a materializar essas qualidades diferenciais do ser em estoques do ter, isto é possuir coisas, propriedades, representações materializadas e coisificadas das diferenças qualitativas de ser, de existir.

Os homens primevos eram coletores de produtos da natureza - raízes, amêndoas e frutos - que apareciam e desapareciam obedecendo ao ciclo das estações. Para suprir os períodos de escassez e os rigores invernais o homem se tornou pouco a pouco predador de espécies animais menores e mais frágeis, de pequenos mamíferos e roedores que conseguia agarrar por meio de habilidade ou astúcia. Com o passar do tempo foi desenvolvendo instrumentos de caça e transformando-os em armas que permitiam a captura de animais de maior porte e a defesa contra os inimigos tribais. A fabricação e utilização de instrumentos de caça davam também origem a uma especialização de atividades dentro dos clãs que definia modificações estruturais musculares e ocupacionais que foram diferenciando o trabalho por idade e por sexo, separando as energias reservadas às habilidades da caça daquelas reservadas às atividades domésticas.

Os primeiros estoques acumulados no seio da humanidade primitiva devem ter sido de instrumentos e troféus de caça, armas, trombetas de chifre, peles e couros usados para a construção de abrigos ou proteção contra o frio. O aperfeiçoamento dos instrumentos de caça e sua transformação em armas de guerra deram aos mais hábeis caçadores ou a seus clãs a possibilidade de disputarem com seus vizinhos os melhores campos de caça, ou seus estoques de troféus, ou suas mulheres e assim os estoques foram crescendo nas mãos dos guerreiros mais hábeis e dos clãs mais aguerridos e prolíferos.

Com a escassez generalizada da caça – por dificuldades de reprodução das espécies ou por ação das intempéries (geadas, secas ou grandes incêndios) – o processo de domesticação dos animais passou lentamente a conviver com as atividades da caça predatória. O homem aprendeu a encurralar e conduzir as manadas selvagens, utilizando-as para fornecer além da carne

* Admilton Pinheiro Salazar é Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas.

e do couro, o leite e seus derivados como fonte de diversificação de sua pobre dieta, extraída diretamente da natureza circundante.

A busca de pastagens abundantes e de ricos mananciais para atender às necessidades dos animais deve ter conduzido as tribos pastoras e seus rebanhos às terras baixas, aos vales mais férteis em pastagens, em nascentes e cursos d'água ou às várzeas situadas às margens de grandes rios onde cresciam muitas espécies de gramíneas e de cereais selvagens. Junto a esses cursos d'água as margens eram infestadas de cereais nativos, como o trigo, a cevada e o centeio que favoreciam a alimentação e engorda dos rebanhos. Da observação da reprodução natural desses cereais veio a idéia de iniciar o seu cultivo e a introdução de seu uso na alimentação humana, primeiro in natura e posteriormente triturados entre duas pedras e cozidos sob a forma de pão. Tanto o criatório como a plantação, melhorando a dieta e elevando a taxa de reprodução da espécie, possibilitaram ao homem, ao mesmo tempo, aumentar mais rapidamente sua população, seus estoques e obter mais controle sobre eles. A agricultura introduziu os fatores favoráveis ao sedentarismo e à formação de povoados e cidades. A coleta desses cereais nativos e posteriormente a sua cultura nas várzeas férteis, com o tempo, possibilitou o aparecimento das aglomerações humanas que deram origem às primitivas civilizações nos vales dos rios Tigre, Eufrates, Nilo, Ganges e Yang Tzé.

A espécie humana, conhecida cientificamente como homo sapiens sapiens, teve sua origem na terra há cerca de 40 milhões de anos. É uma das espécies mais recentes nos vetustos 5 bilhões de anos do planeta. Nos dois a cinco milhões dos primeiros anos de sua existência os humanos constituíam uma ínfima população nos ecossistemas do mundo. Esta não chegava a 10 milhões de habitantes, aproximadamente a população hoje existente em Portugal.

A agricultura e a domesticação de animais são geralmente reconhecidas como o distintivo cultural que marcou a chamada sociedade neolítica que viveu de 10.000 a 5.000 anos a.C. e deixou seus vestígios arqueológicos em povoações em torno do Crescente Fértil, no Oriente Médio e em alguns sítios europeus nas proximidades do Mediterrâneo. É nesse período que a humanidade começa a crescer e se multiplicar. Um crescimento ainda lento, por certo, uma vez que se estima que nesse período a população mundial não excederia 100 milhões, o contingente brasileiro no início da década de setenta.

Na idade do bronze, de 5.000 a 1.200 a.C., a população mundial continuou seu lento crescimento. À medida que a tecnologia do ferro foi sendo introduzida (1.000 a.C.) essa expansão se acelerou e no começo da era cristã a população atingiu cerca de 250 milhões de habitantes, aproximadamente a população de hoje dos Estados Unidos.

A introdução de novos instrumentos de trabalho agrícola deu aos povos pastores os meios de restringir seu nomadismo e aqui e ali se foram estabelecendo povoados permanentes, núcleos de futuras cidades.

A necessidade de defender rebanhos, plantações e povoados, aumentou mais ainda os estoques de armas e especializou as funções tribais. Agora havia estoques de armas nas classes guerreiras, estoques de animais nas classes de pastores e estoques de instrumentos de trabalho (utensílios de cultivo, arados, carroças, silos) e reservas de grãos nas classes agrícolas. Nesse grau de evolução das estruturas sociais já se faz presente o embrião das classes sociais que surgi-

rão no futuro remoto (séculos XVII e XVIII). A acumulação de estoques de semoventes e cereais, juntamente com o aparecimento de uma certa especialização do trabalho de culto aos deuses (esculturas, ourivesaria, construção de templos e outros) criou um fluxo de trocas entre o produto do trabalho de pastores e agricultores e o produto do trabalho artesanal de artífices e construtores e assim o comércio surgia como uma alternativa mais interessante e mais civilizada em relação à expropriação pura e simples imposta pela guerra e pela força das armas. Contudo os métodos primitivos de produção e os instrumentos de trabalho precários não permitiam uma acumulação acelerada, mas uma acumulação lenta e secular que se processou intermitentemente nos 3.000 anos que antecederam a era cristã. Somente com o desenvolvimento da metalurgia do ferro, da escrita alfabética e do papel (papirus) que permitiram a emergência da civilização da Fenícia (1.200 a.C.), da Grécia (1000 a.C.) e de Roma (500 a.C.) é que o processo de acumulação deu um salto significativo criando naquela época o que poderia ser chamado de incipiente esboço de um comércio mundial, isto é, uma integração de áreas geográficas mais ou menos distantes, através das rotas terrestres de caravanas de mercadores que atravessavam o Oriente Médio e da navegação marítima que tinha como foco principal o Mar Mediterrâneo.

É preciso uma breve digressão para mostrar a contribuição que o papirus e a escrita deram ao avanço das forças produtivas. Basta comparar a evolução da escrita, do alfabeto e dos documentos escritos em geral. O alfabeto mais antigo que a história registra foi criado pelos sumérios há cerca de 3.250 AC, na Mesopotâmia (área compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, antes que estes se juntem formando o Golfo Pérsico e onde modernamente se situam a Síria e o Iraque), região do Oriente Médio próxima à Palestina. Usavam caracteres ideográficos chamados cuneiformes escritos sobre tábuas de barro com um estilete. Por volta de 2.670 AC a cidade de Ur (futura pátria de Abraão) foi transformada em capital da Suméria. Os caracteres cuneiformes foram aperfeiçoados e usados pelos Assírios e Babilônios, herdeiros dos sumérios, que se estabeleceram onde hoje é o Iraque. Com seu idioma, chamado acadiano, foram suplantando a língua sumeriana que não era mais dominante por volta de 1850 AC quando o rei Hamurabi da Babilônia derrotou o último rei sumério. A partir de 1200 AC sucessivas invasões de tribos caldéias entre as quais os arameus que habitavam o nordeste da Palestina, entre as montanhas do Líbano e o rio Eufrates (Síria atual) impuseram o aramaico como língua do império babilônico, eliminando pouco a pouco o acadiano. O aramaico, língua de Abraão, é por assim dizer a língua-mãe do hebraico que vai se estabelecer como uma espécie de dialeto aramaico a partir de 1700 AC. É a partir do aramaico e outras línguas semíticas que vai surgir o primeiro verdadeiro alfabeto (das duas primeiras letras Alef e Beth dos alfabetos semíticos) inventado pelo homem, com letras representando sons. Denominado de sinaítico, esse alfabeto se desenvolveu na região do Sinai (Horeb) entre o golfo de Akaba e o Golfo de Suez, por volta de 1800 AC. Esse alfabeto primitivo deu origem a todos os outros alfabetos fonéticos que conhecemos hoje no Ocidente.

Muitos pensam que os alfabetos chinês, sânscrito e egípcio são os mais antigos. Na realidade não o são. O chinês e o egípcio não possuem letras, mas ideogramas e pictogramas, figuras que representam coisas e idéias. Os hieróglifos egípcios surgiram cerca de 2500 AC e os ideogramas

chineses em 2000 AC. Já o sânscrito antigo possuía uma combinação de caracteres que representavam sons a partir de 1500 AC. Contudo, um sistema completo de letras representando sons somente foi evidenciado entre 1800-1700 AC com o alfabeto sinaítico, ou norte semítico, ou protocananeu, logo utilizado pela maioria dos povos semitas do Oriente Médio. Arameus, hebreus, fenícios, cananeus e moabitas utilizaram esse alfabeto de 22 letras que foi transmitido pelos fenícios aos gregos em 1000 AC e por estes aos romanos em 500 AC, sendo a origem de todos os alfabetos modernos.

Na evolução das forças produtivas e do comércio dessa época já se observa a nítida existência de hierarquização das estruturas sociais e de diferenciação e especialização do trabalho atribuído às classes sociais. Nesse estágio histórico coloca-se o problema do controle hierárquico e simbólico do conjunto de todos os estoques, isto é o problema do poder e da classe dominante. Embora a força das armas (o controle dos estoques de armas pelas classes guerreiras) possa ter desempenhado um papel importante, nesse aspecto ela entra mais como um dado do que como determinante do processo.

Geralmente, a extração de uma parcela crescente do valor dos estoques existentes será efetuada através de classes ociosas, isto é não produtoras de mercadorias, provedoras de serviços de intermediação com o divino e com o humano, estas últimas facilitando a troca de bens entre os produtores proprietários de bens estocados e entre estes e outros homens de lugares distantes. Essas classes ociosas representadas pelos sacerdotes e pelos comerciantes estarão quase sempre aliadas e dessa aliança se constituirá o núcleo primordial das futuras classes dominantes. Pelo tempo livre de que dispõem, pelas viagens que empreendem e pela riqueza que acumulam essas classes tornam-se depositárias dos conhecimentos, das técnicas e dos avanços culturais das civilizações de sua época.

O capitalismo, de uma forma embrionária e primitiva, já está presente nessa proto-estrutura, cuja evolução secular, talvez fosse melhor dizer, milenar, vai desembocar na primeira fase de formação do capitalismo moderno: o mercantilismo ou o capitalismo comercial. Este por volta de 1650 de nossa era vai ampliar e estender, de uma maneira sem precedentes, o intercâmbio de mercadorias em nível mundial, logrando obter uma apropriação de parcela significativa do valor relativo dos estoques de bens produzidos pelo conjunto das classes sociais do mundo conhecido e colocá-las sob o controle dos intermediadores mercantis. Em 1650 a população mundial havia dobrado em relação àquela do início da era cristã e tínhamos então meio bilhão de pessoas sobre a face da terra, um primeiro esboço de um vasto mercado planetário.

Na forma primitiva a apropriação se dava através da retenção física de parcela dos estoques e sua posterior conversão em alguma forma de moeda. Já nesta fase de passagem para a modernidade a troca de mercadorias se processa com elevado teor de representação simbólica, em termos de títulos negociáveis ou direitos de saque sobre terceiros. O estoque de direitos de saque (títulos e notas bancárias para o resgate de depósitos físicos em consignação) passa a autonomizar-se em relação aos estoques físicos de bens e a propriedade dos títulos passa a ser mais importante que a propriedade dos próprios bens. Inicia-se aí o desenho do capitalismo financeiro que precede o capitalismo industrial, mas vai potencializar-se através dele, acelerando sua marcha até os nossos dias.

A constituição dos serviços financeiros autônomos e das bolsas de mercadorias têm aí sua origem, com a subseqüente consolidação do sistema bancário privado resultante da concentração de grandes estoques em direitos de saque e moedas. Esses estoques disponibilizados através do sistema bancário irão permitir a ultrapassagem da fase mercantilista, revolucionando a forma de produzir, pela organização da produção e introdução de novos métodos produtivos, não mais para atender às necessidades e conveniências do produtor ou comerciante local, mas para atender às possibilidades de universalização das trocas em mercados cada vez mais elásticos. Os estoques de mercadorias que, em grande parte, se transformaram em estoques de direitos de propriedade, agora se metamorfoseiam em estoques de máquinas e fábricas que multiplicam aos milhares e milhões as quantidades de mercadorias produzidas, ampliando o poder dos financistas que detêm o controle das fábricas e do fluxo de distribuição da produção.

O lento desabrochar da sociedade econômica, passando pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção, pela criação de novos meios de transporte, pelo descobrimento de novas rotas comerciais e evidentemente pela acumulação dos estoques de meios de produção, de mercadorias e de títulos negociáveis, associados simultaneamente à introdução de novos métodos de controle social sobre os estoques, vai dar ao capitalismo mercantil, uma amplitude de caráter mundial a partir do início do século XVIII. As grandes navegações irão permitir uma redescoberta de todas as áreas geográficas do planeta e por assim dizer, partindo da Europa, promover um início de integração comercial de todas as partes do mundo. É o início do processo de integração dos mercados regionais que se voltam para fora e se ampliam ostentando assim sua vocação planetária que somente atingirá seu apogeu em nossos dias.

Por outro lado, o que acontecia em relação às classes não mercantis e não financistas, antes possuidoras de seus próprios estoques, à medida que esse processo de integração comercial e financeira se ampliava e se aprofundava, transformando as relações sociais de produção, de propriedade e de controle sobre os estoques de mercadorias?

Essas classes viam seus estoques mudarem de mão, sem poderem oferecer resistência. Novas relações de produção de um mundo que desconheciam impunha-lhes outras necessidades e outros interesses que faziam desabar seu próprio mundo. Como não mais detinham o controle sobre seus estoques, perderam a autonomia de produzi-los e portanto de possuí-los e se subordinavam à classe dominante. Como não mais dispusessem de estoques próprios passavam a sobreviver alugando aos novos possuidores de estoques seu potencial de trabalho.

Antigos agricultores, proprietários de terras e artesãos, agora expropriados de seus meios de produção, transformavam-se em imensos exércitos de trabalhadores, ansiosos de vender a única coisa que lhes restou, isto é, sua capacidade de trabalhar, ou como se costuma expressar em linguagem técnica, sua força de trabalho.

A pressão desse exército de desempregados, juntamente com as novas técnicas de produção baseadas na divisão, especialização e maquinização do trabalho ajudavam a reduzir o custo da mão-de-obra, reduzindo, portanto, os custos das mercadorias que se tornavam cada vez mais baratas. Enquanto as mercadorias se tornavam mais baratas, o trabalho por sua vez tornava-se também mercadoria, sujeito às leis da oferta e da procura. Pior que tudo, o trabalho – antiga e aureolada forma nobre de produzir – transformava-se celeremente na mais aviltada de todas as mercadorias disponíveis no mercado, perdendo cada vez mais espaço na sôfrega concorrência com a máquina.

Niemeyer e a Paixão da Leveza

Almino Affonso*

Voltando de viagem, antes de tomar pos se como Governador de São Paulo, Orestes Quércia teve um almoço comigo no Restaurante *"Massimo"*, regado por um generoso *"Barbaresco"*.

Em visita ao México, conhecera o Museu da Independência, onde se enfileiram, em estátuas admiráveis, as grandes figuras que lideraram a Independência dos países da América Latina.

Ali estavam, com a significação histórica de cada um, desde Simon Bolívar a San Martin, a Bernardo O'Higgins, a José Artigas e José Marti, Segundo revelou-me, a ausência de José Bonifácio de Andrade e Silva, o Patriarca da nossa Independência, no referido conjunto estatuário, irritou o recém-eleito Governador, ferindo-lhe o justificado orgulho nacional.

Nesse quadro, nascera-lhe a idéia de fazer erigir, em São Paulo, o memorial da América Latina, onde se homenageassem a todos os grandes vultos da Independência da Venezuela, da Argentina, do Chile, do Uruguai, de Cuba, bem como a José Bonifácio, que plasmou o ideário de nossa Independência e, ao lado de D. Pedro I, a consolidara.

Já trazia amadurecida a intenção de convidar Oscar Niemeyer para assumir o projeto do Memorial da América Latina; o que mereceu de mim entusiástico aplauso. E assim foi feito, tão logo Orestes Quércia tomou posse no Palácio dos Bandeirantes.

Por oportuno, tomei a liberdade de sugerir-lhe que incluísse no *"curriculum"* escolar, do curso Secundário, o ensino do espanhol como já tivéramos nos anos quarenta. A razão de minha proposta era óbvia, tanto pelo significado cultural em si mesmo, quanto pelas negociações diplomáticas que se faziam com vistas à instituição do Mercosul, que ampliaria a necessidade do conhecimento do belo idioma de Cervantes.

Acolhida minha sugestão, tive depois o prazer de vê-la convertida em Decreto, numa solenidade no Palácio dos Bandeirantes, com a presença de Cônsules da América Latina e, por feliz coincidência, do grande chileno – Jacques Chonchol, consagrado Ministro da Reforma Agrária no Governo de Salvador Allende, que estava de passagem por São Paulo.

A obrigatoriedade do estudo do espanhol em nossa formação ginasial, lamentavelmente, não prevaleceu. Um conjunto de obstáculos, até mesmo a falta de professores em número adequado, tornou inviável minha proposta. Mas voltemos ao essencial, ao Memorial da América Latina.

Niemeyer, ao aceitar o convite que o Governador Quércia lhe fazia, ponderou que seria desejável ouvir o Prof. Darcy Ribeiro, cuja visão humanista com certeza enriqueceria a concepção do Projeto. De imediato, o governante paulista aceitou a sugestão e promoveu um novo encontro, já agora com a presença do irrequieto homem público e consagrado cientista social, cuja agilidade mental fascinava a quantos o ouvissem.

Pois assim foi, no diálogo com o Governador Quércia. Pedindo vênia, de pronto Darcy Ribeiro articulou, em linhas gerais, o que lhe parecia devesse

* Almino Affonso é escritor e ex-Ministro do Trabalho.

ser o Memorial da América Latina, no qual se organizaria a mais completa biblioteca sobre a América Latina, ao mesmo tempo valorizada pelas obras, as mais diversas, dos escritores latino-americanos.

O argumento de Darcy Ribeiro era inquestionável: como continuamos a bater às portas das Universidades na América do Norte, toda vez que se quiser estudar a América Latina? Deveremos aceitar, passivamente, que nos Estados Unidos se reproduza o Arquivo Ultramarino de Lisboa, onde se acumulara, aos longo de 300 anos, a maior coleção de documentos sobre nosso período colonial?

As palavras brotando em catadupas – o que lhe era habitual – Darcy Ribeiro foi desenhando o Memorial da América Latina, onde se criaria, completando a grande síntese que a Biblioteca encarnaria, o Pavilhão de Arte Popular, rico de cores e de formas, com o artesanato mexicano, incaico, boliviano; e, como se não bastasse, distribuindo, a cada dois anos, o Prêmio de Literatura para a melhor obra de autor latino-americano...

Na sofreguidão que a criatividade lhe impunha, as palavras atropelando-se, Darcy Ribeiro ainda encontrou vaga para propor um Teatro Latino Americano, onde se encenassem peças de nossos dramaturgos, danças folclóricas, orquestras sinfônicas, um Teatro aberto ao povo para que, pela cultura, a integração latino-americana deixasse de ser um mero enunciado.

Desnecessário dizer que, com esta visão de conjunto, as estátuas dos grandes próceres latino-americanos perdiam significado: eles estariam vivos nos livros, nas artes, na beleza da obra arquitetônica que Niemeyer saberia criar. Como é óbvio, a exposição do Darcy Ribeiro fora assentada, previamente com Niemeyer, e portanto contava com seu apoio integral.

Tudo o mais foi conseqüência desse encontro luminoso de dois seres dotados pelos deuses, Niemeyer e Darcy Ribeiro. Mas, é de justiça ressaltar que o Memorial da América Latina não teria brotado do chão – como expressão da cultura nacional – se não houvesse contado com o entusiasmo do Governador Orestes Quércia, vencendo obstáculos de natureza financeira e resistências de setores de nossa intelectualidade.

Com efeito, por um lapso rigorosamente involuntário, ao entregar o comando da concepção e edificação da mais notável obra de seu governo, no plano cultural, àquelas duas personalidades inquestionáveis, o Governador Orestes Quércia não tivera o cuidado de constituir uma Comissão Consultiva, algo que permitisse à inteligência paulista ter um espaço onde opinar, onde pudesse sentir-se representada.

Compreensivelmente, esta omissão criou antagonismos, feriu suscetibilidades. Não quero julgar o episódio. Constato o fato. Mas, na realidade, isso foi-se tornando incômodo. A obra já se impunha em suas linhas arrojadas, esculturas e telas de artistas de renome nacional a complementar-lhe a beleza, e a intelecutalidade paulista, salvo exceções, simplesmente a ignorava.

Foi nesse contexto, que o Governador Orestes Quércia fez uma viagem ao exterior, em caráter oficial, o que me levou a assumir o Governo do Estado, interinamente, ao longo de quase um mês. Valendo-me de relações pessoais, promovi uma conferência de Oscar Niemeyer sobre o significado de sua obra mais recente e convidei a assisti-la, sabe Deus com que empenho, a nata da intelectualidade de São Paulo, arquitetos e engenheiros, as maiores figuras das artes plásticas, expressões consagradas da literatura, críticos de diversas grandezas, e jornalistas o quanto pude.

Foi um sucesso, sem precedentes, no que diz respeito ao Memorial da América Latina. Na sala de leitura da Biblioteca, improvisando um auditório, ao longo de um tempo sem limites, demos a palavra ao genial poeta das formas. Bastava o salão da Biblioteca, com seus 90 metros de vão – *"recorde em construção civil"*, como o próprio Niemeyer assinalou – para que se sentisse a grandeza do momento. Com a modéstia contrastante, Niemeyer fez uma retrospectiva de sua obra, quero dizer de suas características fundamentais.

O auditório parecia fascinado. À medida que expunha, Niemeyer ia desenhando, em traços rápidos, em enormes folhas de papel penduradas na parede, as linhas características, as curvas, os contornos, conforme a evolução de sua trajetória, desde Pampulha ao Parque Ibirapuera, desde Brasília ao Memorial da América Latina, sem esquecer o que deixara para sempre na Argélia, na França, na Itálida...

Comovedor, no entanto, era vê-lo arrancar da parede o papel desenhado, enquanto se aprestava a outros traços ilustrativos de sua exposição, um após outro. E à medida que o papel caia no chão, sobre ele se precipitavam admiradores ansiosos por guardá-los, num recordatório da beleza daqueles instantes. Tenho orgulho em poder dizer: daquele dia em diante, rendida diante da modéstia e da grandeza de Oscar Niemeyer, a intelectualidade paulista incorporou a seu patrimônio o Memorial da América Latina.

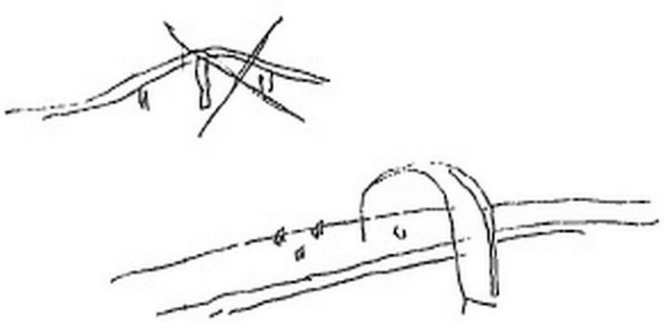
Feita essa digressão, com absoluta fidelidade, quero referir-me a um detalhe que ressalta, de uma maneira emocionante, a paixão de Niemeyer pela *leveza* de sua arquitetura. Naquela manhã, eu fora buscá-lo no Hotel César Park, onde estava hospedado. Sem rodeios, Niemeyer entregou-me a carta que eu aqui reproduzo, para não empobrecer-lhe o conteúdo com minha síntese:

Prezado Amigo Almino

O que caracteriza e entusiasma os que visitam o Memorial é o arrojo de suas estruturas.

Vãos de 90 a 60 metros, balanços espetaculares, etc. Sómente a passarela, que conta muito no conjunto, espanta os visitantes com colunas em demasia, uma delas, inclusive, espetando o eixo do vão maior.

No intuito de corrigir esse aspecto estruturalmente desagradável, propus ao Governador Quércia eleiminar esse apoio, transformando um detalhe negativo em mais um ponto de surpresa e interesse técnico do projeto.



"Estou de acordo. Você como arquiteto do Memorial tem o direito de lutar pela sua arquitetura" foi sua decisão.

Por outro lado minha idéia não oferece problemas maiores:

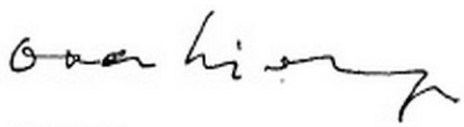
– já está detalhada

– garante ao conjunto a unidade indispensável

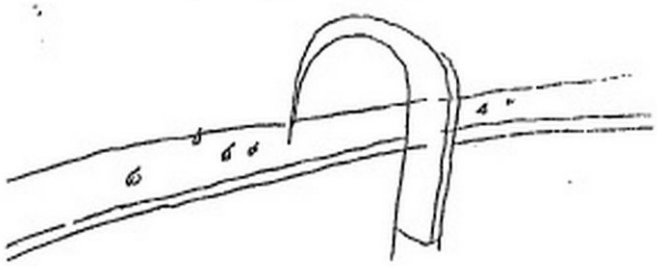
– será realizada fora dos outros prédios

– o custo que nada representa, considerando-se o volume da obra, é recompensado com a solução que propus reduzindo mais de 2.000m² de vidros e caixilhos no auditório.

Mas a obra precisa ser iniciada imediatamente e para isso, Almino, conto com a sua sensibilidade.
Obrigado,



Oscar Niemeyer
São Paulo, 13 de janeiro, 1989



Sensibilizou-me imenso o gesto de Niemeyer. O que pleiteava, já contava com a concordância do Governador Orestes Quércia. A mim só me impunha fazer com que se cumprisse o apelo do Artista, e esse compromisso eu assumi com ele que honraria, no curto tempo em que estivesse como Governador do Estado. Ao término da conferência, fui com ele até a passarela malsinada. Era evidente a feiura das colunas a espetá-la, para repetir os dizeres de sua carta. Reuni-me de imediato, em sua presença, com o Presidente do Metrô (empresa encarregada da Supervisão da obra, em nome do Estado) e com o Diretor da Construtora Mendes Júnior, em São Paulo, engenheiro Airton Brega, responsável pela edificação do Memorial.

Pedi ao Niemeyer que apresentasse sua alternativa: em lugar das colunas *"espetando"* a passarela, uma coluna lateral, que se projetaria como um braço para o outro lado da passarela, dando-lhe assim a sustentação devida. Já contando com a concordância do Governador Quércia, dei ordens terminativas: *"quero essa correção feita, antes que termine meu período no Governo do Estado"*.

Cada vez que passo pelo Memorial da América Latina e vejo a passarela, como uma serpente flutuando, de uma leveza que custa a acreditar, eu sinto uma ponta de vaidade por haver contribuído para que ela se fizesse assim, unindo os espaços do Memorial. Mas, sobretudo, me impressiona relembrar o quanto Niemeyer se entregara à sua concepção artística. A carta que ele me entregou, aqui reproduzida diz o essencial. Mas, não traduz a emoção com que ele falava, ao longo do trajeto do Hotel César Park ao Memorial da América Latina. Não atender-lhe o apelo, era ferir-lhe a sensibilidade com que via, na leveza de sua obra, um dos aspectos mais belos de sua criação de artista.

Ao dar seu depoimento sobre a sua obra, referindo-se às colunas dos Palácios de Brasília (sobretudo do Palácio da Alvorada, a meu ver) ele escreveu: *"e me esmerei nas estruturas procurando fazê-las diferentes e as colunas finas, finíssimas para que os palácios parecessem apenas tocando o chão"*.

Em seu belo poema, *"Lição de Arquitetura"*, Ferreira Gullar fez a síntese da obra de Niemeyer: *"que a beleza é leve"*.

No episódio da passarela, eu havia aprendido essa verdade.

São Paulo, 2 de janeiro de 2002.

O Pensamento Social de Djalma Batista

Renan Freitas Pinto*

Pretendemos destacar neste artigo a idéia de que o conhecimento dos intelectuais que são reconhecidos como organizadores da cultura de seus países constituem uma das chaves privilegiadas para compreendermos a formação sociocultural onde atuaram.

Isto significa que para compreendermos o Brasil não podemos deixar de considerar as idéias de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Octavio Ianni, Villa-Lobos, Portinari, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Cláudio Santoro, para não tornarmos esta lista por demais extensa.

Da mesma forma, para compreendermos a Amazônia é necessário considerarmos aqueles intelectuais que, não apenas se ocuparam de descrevê-la, mas que formularam interpretações de amplo alcance envolvendo sua formação sociocultural. É o caso de autores como João Daniel, Alexandre Rodrigues Ferreira, Euclydes da Cunha, Arthur Reis, Djalma Batista e Márcio Souza.

Tentar reconstituir o perfil intelectual de Djalma Batista implica, entre várias operações, a de examiná-lo como um dos organizadores da cultura na Amazônia.

A construção desse perfil implica em considerarmos elementos de sua formação, em combinar a experiência da medicina ao seu permanente envolvimento especial com as temáticas relacionadas com a Amazônia, e isto sem qualquer limite de natureza disciplinar. Dedicou, podemos afirmar com toda segurança, parte substancial de sua vida à leitura de tudo que estivesse a seu alcance sobre a região, desde a poesia até os textos pertinentes a matéria científica e técnica.

Sempre houve em sua obra, desde seus momentos iniciais, o compromisso de conhecer a Amazônia para poder formular um projeto capaz de torná-la uma região viável para aí se desenvolver uma sociedade em condições de determinar seu próprio futuro.

Entre as várias possibilidades de nos aproximarmos dos escritos de Djalma Batista está a de identificá-los a partir de sua contribuição ao pensamento social sobre a Amazônia.

A idéia de pensamento social correspondente em parte à constatação de que a riqueza dos processos sociais e culturais jamais é revelada plenamente quando utilizamos tão somente os métodos e recursos de uma determinada disciplina como a sociologia, a antropologia ou história. O pensamento social é construído transpondo barreiras e limites de disciplinas e cam-

* Renan Freitas Pinto é Doutor em Sociologia e professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Amazonas.

pos de conhecimento,combinando em muitos casos,dados empíricos e fatos com percepções extraídas da poesia, do romance, do teatro.

Muitas vezes foi um romancista e mesmo um poeta que conseguiu penetrar com mais profundidade na trama de processos sociais e espirituais de um momento particular da história humana. E muitas vezes acontece de estarmos diante de momentos da sociedade que não foram investigados por sociólogos, antropólogos ou historiadores, simplesmente porque, ou essas ciências ainda não estavam constituídas naquela região ou época ou simplesmente não foram capazes de perceber e decifrar determinadas situações e circunstâncias, mas que foram agudamente percebidas pelo olhar do viajante, do cronista ou do romancista. Dito de outro modo, há nessas obras elementos suficientes de compreensão e de esclarecimento sobre a sociedade e a cultura daquele espaço e tempo, e às vezes com uma agudeza que não iremos encontrar nas explicações e interpretações dos sociólogos e antropólogos.

A contribuição de Djalma Batista para a constituição do pensamento social sobre a Amazônia destaca-se entre as demais pelo fato de haver acontecido em dois planos que se completam e se combinam. O primeiro deles é a sua própria contribuição enfrentar questões relacionadas com campos de conhecimento como a sociologia, antropologia, geografia, economia e para todos eles estar propondo novas abordagens teóricas e de método, em particular o tratamento transdisciplinar dos problemas. A segunda contribuição igualmente importante está relacionada com a identificação do pensamento dos autores vinculados em algum grau à Amazônia e o que ele incorporou desde cedo ao seu horizonte de intelectual e pesquisador enquanto visão crítica dessas leituras.

A partir da sugestão que recebemos de Djalma Batista – em especial de seus dois livros *"Letras da Amazônia"* e *"O Complexo da Amazônia"* estamos nos propondo a identificar sua leitura de autores marcantes vinculados à Região, com o objetivo central de perceber e na medida do possível revelar o pensamento social que, em muitos casos é o próprio fio condutor dessas duas obras. É possível afirmar como uma preliminar que existe, em alguma medida, um pensamento social na maior parte dos autores que tomaram a Amazônia como tema e isso foi desde cedo percebido e trabalhado como a fonte principal de sua interpretação da Amazônia. Um dado que certamente não pode deixar de ser considerado é o de não possuirmos uma tradição sociológica, fato que amplia o significado da reconstrução de um pensamento social tal como ele se encontra em sua obra..

"Letras da Amazônia"

Djalma Batista produziu em 1938, aos 22 anos, um dos balanços críticos mais completos e criteriosos da produção literária da Região, que ele denominou de *"Letras da Amazônia"*. Ainda aluno de Medicina na Bahia, já demonstrava não apenas um interesse agudo pelos problemas da Região, como possuía uma familiaridade com os autores, seus estilos e temáticas,buscando valorizá-los sem entretanto abrir mão do rigor crítico que considerava necessário exercitar para situá-los de forma adequada no panorama literário traçado..

A leitura da conferência *"Letras da Amazônia"*, da série organizada pelo Centro de Estudos Amazônicos, proferida no anfiteatro Alfredo Brito, da Faculdade de Medicina da Bahia, em 27 de abril de 1938, transformada em livro, revela como o futuro médico trazia uma das mais origi-

nais contribuições para a formação do pensamento social sobre a Amazônia, pensamento que se expressará em toda sua abrangência e força em seu livro *"O Complexo da Amazônia"*, de 1976.

Na década de 30, a questão social assumira uma grande força no âmbito das atividades artísticas, culturais e políticas. O jovem conferencista expressa em seu texto os debates em curso na sociedade brasileira, em particular a situação das desigualdades apresentadas pelas diferentes regiões diante do processo de desenvolvimento. Djalma Batista adverte em várias passagens a situação desfavorável em que está mergulhada a Amazônia em relação ao processo de desenvolvimento nacional.

Dois elementos parecem orientar mais fortemente sua leitura das *"Letras da Amazônia"*. O primeiro é certamente o conteúdo social, a presença do drama humano, a Amazônia aparecendo como palco de um sistema social atravessado pelo arcaísmo das relações entre índios, caboclos e brancos. O outro elemento corresponde a uma valorização de elementos que estão no horizonte do modernismo, mesmo que a este movimento não haja referências explícitas, mas que se traduzem, por exemplo, na temática e na linguagem, pela incorporação das tradições culturais orais, da mitologia indígena e cabocla, no vocabulário local, enfim na valorização dos componentes de identidades culturais regionais e locais que tiveram naquele momento um papel fortemente marcado na busca de nossas origens profundas, mesmo quando essa busca implicava em soluções estéticas e percepções dessas raízes que se opunham frontalmente.

O "Complexo da Amazônia"

Em 1976, Djalma Batista lançava o *"Complexo da Amazônia"* (análise do processo de desenvolvimento), livro que além de sua contribuição para o pensamento crítico sobre o processo de desenvolvimento regional, trazia importantes contribuições para diferentes campos de investigação como a história política e econômica, história do cotidiano, antropologia, sociologia e ciências do ambiente. Além de todas essas contribuições particulares, trazia uma que foi inovadora e, por assim dizer, se tornou a marca principal da obra, a análise multidisciplinar dos processos socioculturais e de suas relações com o mundo natural.

A formação humanística de Djalma Batista, como recentemente anotou Marcus Barros em sua palestra sobre o perfil intelectual e profissional do grande médico, certamente foi o principal fator que possibilitou a articulação de todos esses campos de conhecimento para a análise dos processos do subdesenvolvimento regional.

Djalma Batista possuía como característica de seu perfil intelectual, uma incansável busca de conhecimento, em particular do que dizia respeito à Amazônia. A aquisição e acumulação desse saber, entretanto, era submetido a um rigoroso crivo crítico, através do que buscava assinalar nos autores que lia – autores que iam da literatura de ficção até os especialistas em saúde pública, geografia humana, antropologia, ecologia e ciência política – suas contribuições mais relevantes, assim como seus pontos frágeis e seus equívocos, tudo isso de uma forma tal que servisse de roteiro a outros pesquisadores e a seus leitores, na convicção de que uma ciência capaz de compreender e interpretar a Amazônia deveria ser produzida a partir dessa combinação de diferentes contribuições e de múltiplas métodos e processos investigativos.

Destacamos o fato de que, apesar de transcorridas quase três décadas de sua publi-

cação, *"O Complexo da Amazônia"* não apenas continua uma leitura essencial sobre a região, como se tornou um dos documentos mais valiosos do pensamento brasileiro sobre a questão regional e as relações entre a região e a nação. Um livro que, tendo sido escrito a partir de uma perspectiva regional e local, não se limitou ao horizonte do provincianismo mas, ao contrário, faz o combate a essa tendência que é tão forte na abordagem das questões regionais. Sua contribuição assim, continua viva, pois se constitui num daqueles poucos momentos em que a inteligência regional conseguiu realizar um processo de ruptura com as noções correntes e dominantes, criando um padrão de leitura das fontes históricas, das obras e autores que nos dá um exemplo de como buscar em cada um deles elementos de elucidação do objeto de investigação, que é principalmente o atraso relativo e o subdesenvolvimento da Amazônia. É portanto um livro capaz de satisfazer a diferentes interesses de leituras. O pesquisador em busca de dados sobre a história do cotidiano do mundo rural e do mundo urbano na Amazônia encontrará em sua leitura informações surpreendentes sobre a situação de subdesenvolvimento dessa parte do Brasil.

O processo de subdesenvolvimento

— Uma das idéias que orientam toda sua análise do processo do subdesenvolvimento é a de que nosso atraso não deve ser atribuído a fatores como o isolamento espacial, o clima e a natureza como fatores hostis à civilização e ao progresso, como habitualmente tem acontecido, mesmo na percepção de estudiosos e conhecedores notáveis. A razão principal do atraso e do subdesenvolvimento é fundamentalmente de ordem cultural e social. Os métodos de ocupação e exploração adotados nos diferentes ciclos foram predatórios e destrutivos não apenas em relação aos recursos naturais, mas sobretudo em relação à diversidade sociocultural representada pela existência das múltiplas etnias originais, que apesar de terem sido fundamentais — através de seu conhecimento da região — para o estabelecimento da colônia, não eram reconhecidas, como até o presente, como sujeitos culturais do processo, mas submetidas à condição de mão-de-obra escrava ou submetidas de algum modo à condição de excluídos da história

Da mesma forma, o surgimento de segmentos caboclos na formação social regional não representou o desenvolvimento de estruturas sociais que possibilitassem a afirmação de direitos civis capazes de garantir uma cidadania mesmo que embrionária que expressassem uma cidadania, mesmo que embrionária. Percorrendo todos esses ciclos através de ampla informação obtida nas fontes mais categorizadas, Djalma Batista vai identificar a marca principal do "processo civilizatório" na Amazônia com a violência política e a pequena ou nula importância que as elites e grupos dominantes em formação atribuíam aos direitos civis, produzindo-se assim uma situação social amorfa, onde permanece sobretudo no interior, "uma massa imensa, em completa desagregação social, vivendo em condições sub-humanas, embrutecida e aviltada". (p. 88).

A ruptura com esse quadro de atraso deverá ocorrer a partir de mudanças que venham se dar na esfera sociocultural, sobretudo com a democratização das oportunidades educacionais e culturais. Sua argumentação portanto é construída basicamente em torno da idéia de que o problema a ser enfrentado é o do *desenvolvimento dos homens.*

O desenvolvimento da Amazônia e sua integração definitiva ao Estado nacional brasilei-

ro seria acelerado pela execução de programas governamentais sobretudo de âmbito federal.

Essa idéia é compartilhada por Djalma Batista, com a ressalva de que sejam esses programas apoiados em um necessário conhecimento das particularidades do mundo natural e humano da região, sem o que se corre o risco de se cometerem ações desastrosas e irreparáveis como temos exemplo na própria Amazônia – o caso da região bragantina – e em outras partes do país e do planeta.

Restaria apontar ainda um último aspecto da contribuição do *"Complexo da Amazônia"* para uma nova maneira de interpretar a questão regional, a partir de um ponto de vista multidisciplinar. Aqui estão também elementos importantes para uma história da ciência e da pesquisa científica na Amazônia, da mesma forma que aspectos essenciais para a reconstrução do pensamento social produzido em torno dessa configuração geográfica e humana, como os que anotou em autores como Samuel Fritz, Alexandre Rodrigues Ferreira, Euclydes da Cunha, Charles Wagley, Arthur Reis e Nunes Pereira.

O *"Complexo da Amazônia"* pode ser tomado como um projeto de mudança cultural e de tomada de uma consciência crítica por parte das elites intelectuais locais e nacionais: e nesse sentido é inevitável reconhecer que as idéias principais que sustentam o projeto intelectual e científico de Djalma Batista tem sido em parte derrotadas pelo rumo que tem sido dado aos destinos da Amazônia.

Significa dizer que estamos em débito com sua consciência esclarecida em relação aos caminhos que deveriam ser abertos à sociedade para transformá-la numa parcela plenamente consolidada da nação e do mundo contemporâneo nessa passagem de milênio.

Precisamos reler essa obra que, segundo seu próprio autor, pretendia ser polêmica e proporcionar o debate amplo das questões essenciais da região como chave para a compreensão da *questão nacional.*

O livro, por sua amplitude temática, conseguindo abordar uma quantidade considerável de temas e problemas, forçosamente torna impossível o aprofundamento das análises. Apesar disso consegue selecionar as principais questões do que ele considera o Complexo da Amazônia e articula esses elementos entre si.

O objetivo parece ser exatamente esse. De mostrar o quanto é complexa a Amazônia, como é ampla a gama de seus problemas.

Uma das questões que conferem plena atualidade ao *"Complexo da Amazônia"* é o de apontar a sua diversidade natural e cultural como as suas características principais. Portanto todo debate da biodiversidade e da sociodiversidade nos termos em que está se travando hoje, já está plenamente contemplado na obra como sugere o seu próprio título.

O livro procura destacar a relevância da questão ambiental, buscando reunir argumentos no passado e no presente para demonstrar que continuaremos pagando caro se as experiências visando ao desenvolvimento regional não estiverem apoiadas em sólido conhecimento de sua diversidade natural e sociocultural.

Apoiado em sua experiência de vida e em seus conhecimentos sobre a Região, Djalma Batista fornece ao leitor inúmeros elementos da experiência que indicam a tendência predatória e destrutiva de todos os ciclos e processos que contribuíram para a construção do padrão de ocupação e exploração que caracteriza a história da Amazônia, desde o seu início até o presente. Ele lembra que "toda a história da Ama-

zônia tem sido até agora uma colonização desordenada" (p. 21).

Pan-Amazônia: diversidade natural e cultural

Certamente, Djalma Batista com o Complexo da Amazônia, foi quem expôs de maneira mais comovente a questão da diversidade cultural da Amazônia e de que modo esses componentes devem ser considerados nos processos de desenvolvimento. O primeiro ponto a ser tomado em conta é o fato de que há várias Amazônias, constituindo o que ele denomina de *Pan-Amazônia*, que esta não diz respeito apenas ao Brasil, mas envolve territórios, populações, etnias, línguas, economia de diversos povos e países localizados nesta parcela da América. Daí a dificuldade de se pensar a Amazônia a partir dos modos pelos quais ela tem sido percebida até o presente.

É no processo de sua formação histórica que Djalma Batista vai localizar as causas do subdesenvolvimento e da estagnação da Amazônia. O que, na maior das vezes, é atribuído ao povo e à natureza como determinantes do atraso regional, ele vai demonstrar que se deve às formas pré-capitalistas de exploração a que tem sido submetida a região por todos esses séculos e ao espírito irracional de nossas elites, que não foram capazes de propor e desenvolver um projeto de desenvolvimento regional. Ao contrário, submeteram a terra e o povo a uma série de experiências ou ciclos que afinal redundaram em fracasso.

Vai mostrar que a continuação de uma sociedade de tipo moderno, inspirada em elementos como uma sociedade civil forte e a garantia de cidadania para a maioria, foi algo sempre ausente em toda a experiência regional e que, bem ao contrário, sua marca dominante foi a escravidão, a violência e o genocídio. (p. 50).

As seguintes passagens são a nosso ver ilustrativas da importância que Djalma Batista conferia à complexidade cultural e natural da Amazônia.

"Apesar da aparente homogeneidade geográfica, caracterizada pela presença de rios caudalosos, e de uma floresta sempre verde (descontadas, entre outras, as áreas de cerrados, como existente ao norte do território de Roraima, os campos de Marajó e as caatingas do rio Negro), toda essa terra imensa, além de ter pouca gente, possui diversidade étnica e cultural, embora a economia não divirja muito. Cada Amazônia tem, entretanto, as suas características próprias."

Sugestões que merecem atenção

1) aproximar, da melhor maneira, os povos amazônicos;

2) criar uma política de fronteiras;

3) estudar questões correspondentes em medicina e ecologia, para que se estabeleçam normas preservadoras da natureza de toda a Pan-Amazônia, e evitando que se repitam os erros anteriores;

4) estabelecer nos diversos países mercado livre para progresso das várias Amazônias, estimulando, inclusive, a substituição de produtos de outras procedências pelos similares amazônicos;

5) apoio à navegação fluvial e aérea;

6) atrair estudantes dos países vizinhos para as universidades.

Um aspecto surpreendente da obra é a pesquisa das fontes animais que vão desde a bibliografia técnica e científica até as obras principais de literatura de ficção, todo esse material manejado com grande sensibilidade.

7. Incentivar uma política de cooperação que conduza, tão cedo quanto possível, à formação de uma consciência amazônica, extremamente importante que surja para que possamos progredir lado a lado." (p. 38-39).

Djalma Batista detecta elementos de irracionalidade na estrutura da burocracia que se implanta na Amazônia, quer nos organismos de Planejamento como a SUDAM e BASA, quer no caráter insipiente de instituições de pesquisa e ensino como o INPA e a Universidade.

Apesar de acreditar que o desenvolvimento regional depende da existência dessas instituições que deveriam se encarregar da concepção e efetivação das políticas públicas não deixa de se posicionar de forma crítica diante delas.

Umas da maneiras habituais de analisar a atuação de um programa governamental, da ação de um grupo institucional é apresentar os aspectos positivos da ação em contraposição aos aspectos negativos.

Uma das idéias que orientam toda sua análise do processo de desenvolvimento é de que nosso atraso não deve ser atribuído à natureza hostil como habitualmente ocorre na maior partes dos que escreveram sobre essa parte da América. Ao contrário, a razão principal do nosso atraso e subdesenvolvimento é fundamentalmente de ordem cultural e social.

Nenhum de todos os chamados ciclos de ocupação e exploração da Amazônia teve a preocupação de criar meios de desenvolvimento intelectual, técnico e político das populações, buscando apenas explorar de forma predatória tanto a natureza como o homem.

Percorrendo todos esses ciclos através de ampla informação fornecida pelas fontes mais categorizadas, ele vai acentuar que o que marca a presença da civilização ocidental na Amazônia é a violência política e a pequena ou nula importância que as elites que aqui chegaram ou aqui se formaram deram aos direitos civis, criando-se assim uma situação social amorfa, onde permanece sobretudo no interior *"uma massa imersa, em completa desagregação social, vivendo em condições sub-humanas, embrutecidos e aviltados"* (p. 88).

Entre esses direitos civis que assegurariam a existência de um padrão aceitável de civilização está em primeiro lugar a oportunidade ao homem da Amazônia do desenvolvimento espiritual, através do acesso à educação e à cultura. Djalma Batista a rigor constrói a base de sua argumentação central sobre idéia, ou seja, o problema principal a ser enfrentado é do desenvolvimento dos homens.

A questão é qualificar esse pensamento sob vários aspectos. Um dos principais é perceber qual o grau de sintonia e conexão do pensamento do autor e de seus temas com as experiências mais universais do campo da cultura, aí compreendidos processo como a história das idéias, o desenvolvimento de correntes de pensamento, movimentos estéticos, ideológicos, enfim perceber de maneira a região e aqueles que a vivem ou a pensam estão ou não em sintonia com o mundo. Em que grau a região se abre aos movimentos cosmopolitas ou se fecha em algum tipo de provincianismo.

Djalma Batista, mesmo sem fazer referência explícita, valoriza em sua análise das letras

da Amazônia elementos que estão no horizonte do modernismo como estética e como proposta política, que se traduza fundamentalmente na valorização das origens mais profundas da cultura brasileira, através da incorporação das tradições orais, da mitologia das coisas da terra.

O segundo ponto que é tomado por Djalma Batista é o contexto social e a revelação dos fundamentos das formas de socialidade que passam a identificar a Amazônia como uma parcela não plenamente integrada à nação, na terra onde predominam formas de trabalho próximas da escravidão.

Um dado que deve ser anotado em relação ao livro de Djalma Batista é que ele possui várias possibilidades de leitura. Ele pode ser lido como um diagnóstico crítico das causas que tomaram a Amazônia no espaço problemático no contexto da nação, marcado pela estagnação e pelo subdesenvolvimento. Através desse diagnóstico perspicaz e criterioso, somos levados a concluir com o autor que o subdesenvolvimento, o atraso e a desigualdade que marcam a região não são fatalidades, mas produtos históricos cujas raízes são desentranhadas passo a passo pela análise serena e corajosa de Djalma Batista.

Djalma Batista mostra de que modo se criaram os mitos em torno da natureza inóspita e agressiva e do clima infernal da Amazônia, como uma forma de encobrir ou de desviar o foco da atenção para as verdadeiras fontes dos males que estão nas formas de dominação social que prevaleceram até o presente e cuja marca principal é o esforço sistemático para impedir a emergência de uma sociedade fundada em valores que foram consagrados pelo desenvolvimento da civilização ocidental moderna.

É possível se reconstruir o pensamento social da Amazônia a partir de diferentes posições.

Isso é patente porque não dispomos de uma tradição sociológica, o que nos leva à busca da reconstrução de um pensamento social, tal como ele se encontra nos autores que a investigaram e a tomaram como tema para obras de ficção e de poesia.

Possui portanto sua obra uma dupla significação para o pensamento social da Amazônia. Em primeiro lugar, porque representa uma das contribuições mais expressivas ao pensamento social, no sentido mais amplo do tema, pois trouxe elementos esclarecedores para a sociologia, a antropologia, a economia, a geografia e a história. Em segundo lugar porque a partir de sua obra podemos reconstruir os principais processos da história das idéias na Amazônia.

Sobre *Euclydes da Cunha*: a análise do *"caucheiro"* é impressionante e fixa para sempre a história de uma época de devastação e de escravatura. Sob o influxo das idéias e seguindo a mesmo trilha de suas deduções, apareceram outros amazonólogos, entre os quais sobressaem Alberto Rangel e Alfredo Ladislau.

Sobre *"Terra Imatura"* de Alfredo Ladislau — *Arianda é o símbolo dos que vêm no abandono a que foi votada a Amazônia um crime de nacionalidade.* Para Alúna, todavia, *"não há propriamente ninguém responsável pelo atraso da Amazônia"*, resultando *"desde desequilíbrio entre o coeficiente do nosso povo e o próprio mundo amazônico"*.

Sobre *"Amazônia"* de Araújo Lima: defendido o homem sob a égide de princípios científicos modernos, fez Araújo Lima a defesa da terra — *"... não é inferno nem paraíso; não é terra misteriosa nem paradoxal. É simplesmente uma terra lastimavelmente fraudada e saqueada"*.

"... Contradiz então as idéias evolucionistas de Euclydes e de Oliveira Viana. O que Araújo Lima admite é a seleção social".

"... E por fim merecem destaque especial os três romances de Abguar Bastos – "Terra de Icamiaba", "Certos Caminhos do Mundo" e "Safra". Abguar é uma inteligência poderosa, servida por uma aguçada sensibilidade, e sua obra se inscreve entre as mais interessantes sobre a Amazônia.

"... Com o aparecimento de "A Selva" de Ferreira de Castro, a quem cinco livros anteriormente publicados já tinham consagrado entre os maiores escritores da moderna geração portuguesa, atingiu a literatura da Amazônia a um de seus pontos culminantes: no romance social, a "Selva" é indiscutivelmente o que de mais real, de mais notável, de mais dantesco, de mais belo, já se escreveu sobre a vida do homem na selva selvaggia.

Sobre *Ramayana de Chavalier*, que publicou seu livro de estréia *"No Circo sem Teto da Amazônia"*, analisando o fenômeno social dentro da Hiléia. Ramayana de Chevalier viu, na sua viagem ao Purus, o que muitos não viram – *A Amazônia de agora, pobre, obstinada na "neurose da borracha".*

Bibliografia

BATISTA, Djalma. *Letras da Amazônia.* Manaus, Livraria Palácio Real, 1938.

------- *Da habilidade da Amazônia.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-IBGE, 1965.

------- Brancos e Índios na formação da Amazônia. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Ano LV, dezembro de 1974, n.º 16, Manaus, Amazonas.

------- *O Complexo da Amazônia* (análise do processo de desenvolvimento). Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

Noticiário Acadêmico

Noticiário Acadêmico
De julho de 2001 a junho de 2002

Abelhas de Tufic

O livro *Poema-Coral das Abelhas*, do Acadêmico Jorge Tufic, é premiado com Menção Honrosa pela Academia Mineira de Letras, no concurso *"Prêmio de Poesia Centenário de Henriqueta Lisboa"* A distinção literária foi entregue no dia 12.07.2001.

A Revista Científica *Oftalmologia em Foco*

Publicou o artigo *"A Importância da Representação Política da Oftalmologia no Congresso Nacional"*, de autoria do Acadêmico Cláudio Chaves (jul. 01).

Centenário de Cecília Meirelles

A Academia Brasileira de Letras comemora o Centenário do Nascimento da poetisa com ciclo de palestras que tem início em julho (jul. 01).

O Acadêmico José Braga

Toma posse, no dia 27 de julho, como Juiz Togado do Tribunal do Trabalho da 11ª Região (jul. 01).

Informatização do Acervo

Começam os trabalhos de catalogação e informatização da biblioteca da AAL (jul. 01).

Falecimento de Plínio Coêlho

Falece o Acadêmico Plínio Coelho no dia 05 de agosto, às 9 horas. Plínio ocupava a Cadeira nº 21, cujo Patrono é Tenreiro Aranha (ago. 01).

Dois livros de Almir Diniz

Em manhã de autógrafos na AAL, o Acadêmico Almir Diniz lança os livros *Algemas de Ternura* (poesia) *e O Capineiro* (esboço histórico). Os Acadêmicos Moacir Andrade e Armando de Menezes apresentam as obras ao público (ago. 01).

Eleição de Acadêmico é louvada na ALE

O Deputado Mário Frota faz inserir nos Anais da Assembléia Legislativa do Estado voto de louvor e felicitações ao cientista amazonense Cláudio Chaves por sua eleição para a Academia Amazonense de Letras (ago. 01).

Homenagem a Arlindo Porto

Em 21.08, o Sindicato dos Jornalistas do Estado do Amazonas presta homenagem ao Acadêmico Arlindo Porto, dando o nome do jornalista ao auditório da entidade. Arlindo foi o primeiro presidente do Sindicato (ago. 01).

Homenagem póstuma a Plínio Coêlho

O programa *Literatura em Foco,* de Abrahim

Baze, gravado em 20.08.01, transforma-se em verdadeira homenagem póstuma ao Acadêmico Plínio Ramos Coêlho. Arlindo Porto, Ruy Lins e Max Carphentier comentaram os diversos aspectos da vida e da obra do eminente intelectual e líder político (ago. 01).

Voto de pesar no Senado

O Presidente interino, Senador Edson Lobão, encaminhou à AAL o Voto de Pesar do Senado Federal (proposta dos Senadores Bernardo Cabral, Jefferson Peres e Nabor Júnior) pelo falecimento do Acadêmico Plínio Coêlho (ago. 01).

Livro de Kideniro Teixeira

O poeta Kideniro Teixeira, em visita a Manaus, autografa ao presidente da AAL o seu livro de poemas *Iluminuras da Tarde* (ago. 01)

Posse de Cláudio Chaves

No dia 14.09.01, toma posse na Cadeira nº 14 o médico Cláudio do Carmo Chaves. Saudação pelo Acadêmico Robério Braga. A recepção aos convidados foi feita no Ideal Clube (set. 01).

Visita de Alencar

Acompanhado da esposa, dona Nair, o Acadêmico Alencar e Silva, residente no Rio de Janeiro, visita Manaus (set. 01).

A Academia é condecorada

A União Brasileira de Escritores homenageia a Academia Amazonense de Letras com a *Medalha Peregrino Júnior,* a mais alta honraria concedida por aquela entidade. A solenidade foi realizada no dia 05.10.01, no auditório da Academia Brasileira de Letras. Os Acadêmicos Almir Diniz *(Diploma de Mérito Cultural)* e Jorge Tufic *(Personalidade Cultural do Ano)* também foram homenageados. Almir Diniz representou o presidente da AAL (out. 01).

Homenagem a Jauary Marinho

O Acadêmico Jauary Marinho é homenageado pela OAB-AM, inclusive por ter a inscrição mais antiga da Ordem, no Amazonas. O Acadêmico Bernardo Cabral dedicou-lhe o IV volume de sua obra *Legislação Brasileira de Resíduos Sólidos e Ambiental Correlata* (out. 01).

Sarau de outubro

No sarau do dia 06 de outubro, o Acadêmico Max Carphentier lança o livro de poemas *Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha* (poesia), com apresentação ao público feita pelo Acadêmico Dom Luiz Soares Vieira. O Grupo de Teatro Jiquitaia, coordenado pelo músico Mauri Marques, fez um jogral da parte do livro intitulada *Coroa de Sonetos do Rosário Bíblico* (out. 01).

Eleições

Disputam a Cadeira nº 11 da AAL os escritores Abrahim Baze e Samuel Benchimol. O historiador Antonio José Souto Loureiro é candidato único à Cadeira nº 34. É constituída a comissão formada pelos Acadêmicos Armando de Menezes (presidente), Francisco Gomes da Silva (relator) e Almir Diniz (membro) para apresentar o relatório sobre a matéria (out. 01).

Colaborações de Newton

O Acadêmico Newton Sabbá Guimarães, residente em Curitiba, remete à AAL os seus artigos

A Leitura de Biografias e *As Repúblicas Monárquicas*, publicados no jornal *Folha de Irati* (Paraná) (out. 01)

Posse de Tenório Telles

No dia 26.10, toma posse na Cadeira nº 16 da AAL o escritor Tenório Telles, com saudação do Acadêmico Ruy Lins. Tenório sucede ao professor João Chrysóstomo de Oliveira (out. 01).

Obra parlamentar

O Acadêmico Bernardo Cabral doa à biblioteca da AAL o conjunto de sua obra parlamentar a partir de 1997, constituída de 22 volumes, entre livros e plaquetas, versando principalmente sobre o tema *água* (nov. 01)

Novo livro de João Mendonça

O Acadêmico João Mendonça de Souza lança, no dia 22 de novembro, na sede da AAL, a segunda edição, revista e aumentada, de seu livro *Pedro Álvares Cabral no Descobrimento Intencional do Brasil* (nov. 01).

Resultado das eleições

O amazonólogo Samuel Benchimol é eleito para ocupar a Cadeira nº 11, sucedendo ao professor Octávio Mourão. O médico e historiador Antonio Loureiro é eleito para a Cadeira nº 34, antes ocupada pelo cientista Manoel Bastos Lira. (nov. 01).

Diploma para Diniz

A Sociedade de Cultura Latina do Estado de Goiás confere ao Acadêmico Almir Diniz o Diploma-Prêmio pelo lançamento dos livros *Algemas de Ternura* e *Paiol de Lembranças* (nov. 01).

Lançamento da *Revista*

O nº 23 da *Revista* é lançado no dia 1º de dezembro, com a presença expressiva de intelectuais, professores e estudantes. Almir Diniz, membro da Comissão Editorial, ressaltou ao público o valor da principal publicação da Academia. A *Revista* é distribuída às principais escolas da cidade, bibliotecas, empresas de comunicação e academias de letras do País (dez. 01).

Homenagem a Mário Ypiranga

A Câmara Municipal de Manaus agracia o Acadêmico Mário Ypiranga Monteiro com a *Medalha de Ouro Cidade de Manaus*, pelo notável serviço prestado à cultura amazonense ao longo de décadas. O projeto de outorga foi de autoria dos vereadores Arthur Bisneto e Paulo Nasser. O presidente da AAL, num breve discurso, também homenageou naquela oportunidade o ilustre Acadêmico (dez. 01).

Canção de Carmen

O livro *Canção a Manaus*, da Acadêmica Carmen Novoa Silva, é lançado com sucesso na sede da AAL e tem boa repercussão nos meios culturais (dez. 01).

Símbolos do Amazonas

No dia 18.12, na sede da AAL,o Acadêmico Robério Braga lança os livros *Símbolos do Amazonas* e *Euclides da Cunha no Amazonas*, com a apresentação das obras ao público feita pelo Acadêmico Tenório Telles (dez. 01).

Biblioteca da Academia

Concluídos os serviços de informatização,é aberta para consultas a biblioteca da Sala Genesino Braga, com livros principalmente de Literatura Brasileira e Amazonense, História, Geografia e Amazonologia (dez. 01).

Diretoria do Biênio 2002-2003

Eleita pela Assembléia Geral de 17.12 a Diretoria da AAL para o biênio 2002-2003, assim constituída: Presidente: Max Carphentier Luiz da Costa. Vice-Presidente: Jauary Guimarães de Souza Marinho. Secretário-Geral: José dos Santos Pereira Braga. Secretário-Adjunto: Gebes de Mello Medeiros. Tesoureiro: Armando Andrade de Menezes. Tesoureiro-Adjunto: Arlindo Augusto dos Santos Porto. Diretor do Patrimônio: Áderson Pereira Dutra (dez. 01).

Tufic e livro raro

O Acadêmico Jorge Tufic doa à biblioteca da AAL um exemplar (fac-símile) do livro *O Egyto*, de autoria do coronel *Bernardo* de Azevedo da Silva *Ramos* (Imprimerie Paul Dupont – 4 , Rue du Bouloi, Paris, 1912). Trata-se da 10ª Conferência da Catedral de Manaus, que Dom Frederico Costa mandou imprimir (dez. 01).

Livro de Daisaku Ikeda

O livro *Paz*, de Daisaku Ikeda, Membro Correspondente da AAL, é distribuído aos Acadêmicos presentes à confraternização natalina (dez. 01).

Livro de Bernardo

Lançado no dia 05.01, no Studio 5, o livro *Agência Nacional de Água*, do Acadêmico Bernardo Cabral (jan. 02)

Visita de Áureo Mello

O poeta e orador Áureo Mello, membro de várias entidades culturais e um dos líderes da vida literária de Brasília, visita a sede da AAL (jan. 02).

Polimorfia de Newton

No dia 31.01, o escritor Gaitano Antonáccio lança o livro *Newton Sabbá Guimarães – a Polimorfia de um Humanista*, ensaio biobibliográfico enfocando a vida e a obra do Acadêmico. O prefácio é de Dom Luiz Soares Vieira (jan. 02)

Diniz no Nordeste

O Diário do Nordeste publica sonetos do Acadêmico Almir Diniz em seu suplemento cultural de 06.01 (jan. 02).

Elogios à *Revista*

A Academia Mato-Grossense de Letras e a Academia Pirenopolina de Letras, Arte e Música elogiam o nº 23 da *Revista* da AAL (fev. 02).

Tufic recuperado

Recuperado de acidente de trânsito que sofrera no início de janeiro, o Acadêmico Jorge Tufic faz nova doação ao acervo da AAL, incluindo produção inédita e comentário sobre sua obra, a reprodução de uma foto com Malba Tahan (datada de Brasília, 1970), além do excelente *Brasil 500 Anos*, a *Arte do Ciclo do Ouro*, organizado por Enock Sacramento (fev. 02).

Poeta visita Academias

O Acadêmico Elson Farias, em visita pelo Nordeste, visita as Academias de Letras do Ceará e da Paraíba (fev. 02).

Conta aprovada, bandeira adiada

A Assembléia Geral de 01.03 aprova a Prestação de contas de 2001 e o Plano Anual para 2002. O projeto, em quatro versões, de bandeira da AAL, apresentado pela Presidência, é substituído pela aprovação da idéia de concurso público para a escolha do símbolo (mar. 02).

Dia Nacional da Poesia

A Academia comemora o Dia Nacional da Poesia (14.03) com sarau que tem a seguinte programação: Palestra do Acadêmico Tenório Telles (*"Vida e Poesia de Drummond"*), em homenagem ao Centenário do Nascimento do poeta. Grupo de Teatro Jiquitaia apresenta poemas de Elson Farias, Drummond e Plínio Coêlho. Coquetel de lançamento do livro de poesia *" A Destruição Adiada"*, de Elson Farias (mar. 02).

Sala do chá

A tradicional Sala do Chá da AAL passa por reparos no forro e retoque na pintura (mar. 02).

Anuário da ABL

A Academia recebe dois exemplares do Anuário da Academia Brasileira de Letras, que reúne vasto material de pesquisa biobibliográfica (mar. 02).

Revista do IGHA

Sob a direção do Acadêmico Ruy Lins, a *Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas* circula em novo padrão gráfico. Alencar e Silva, Antonio Loureiro, Arlindo Porto, Armando de Menezes, Robério Braga, Ruy Lins e o saudoso Padre Nonato Pinheiro são os Acadêmicos publicados nesse número (mar. 02).

Posse de Antonio Loureiro

Na noite do dia 23.03, toma posse na Cadeira nº 34 da AAL o médico e historiador Antonio José Souto Loureiro. O discurso de saudação é proferido pelo Acadêmico Francisco Gomes da Silva. (mar. 02).

Coleção de Elson

No dia 23 de março, na Biblioteca Emídio Vaz de Oliveira, o Acadêmico Élson Farias faz o lançamento de sua coleção de literatura infanto-juvenil *Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica*, composta de 10 títulos (mar. 02).

Convênio

Objetivando um convênio, a presidência encaminha à SEC, a pedido do Sectretário Robério Braga, documento com especificações de medidas necessárias à expansão das atividades da Academia (mar. 02).

Corações em chamas no Nordeste

O Acadêmico Almir Diniz edita em Fortaleza o seu livro de poemas *Corações em Chamas* (mar. 02).

Rosa na Bienal

A Acadêmica Rosa Mendonça de Brito participa da 17ª Bienal do Livro de São Paulo, com o seu livro *O Homem Amazônico em Álvaro Maia*. A obra é o resultado de suas pesquisas no Projeto Busca da Identidade, desenvolvido pela SEC (abr. 02).

Posse de Samuel Benchimol

Na noite do dia 11.04, toma posse na Cadeira nº 11 da AAL o professor e amazonólogo Samuel Isaac Benchimol. O discurso de saudação é proferido pelo Acadêmico Thiago de Mello (abr. 02).

A *Revista* e a PUC

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul envia correspondência que parabeniza a AAL *"pela excelente revista com variados e substanciosos temas além do texto de fino lavor literário."* (abr. 02).

Homenagem a Robério

A Academia Amazonense de Medicina presta homenagem ao Acadêmico Robério Braga, outorgando-lhe o título de Membro Honorário (abr. 02).

Botão na lapela

O Acadêmico Cláudio Chaves doa aos seus pares na AAL botão metálico com o símbolo da Instituição (abr. 02).

Medalha para Cláudio Chaves

No dia 25.04, a Câmara Municipal de Manaus outorga a *Medalha de Ouro Adriano Jorge* ao Acadêmico Cláudio do Carmo Chaves. O discurso de homenagem é feito pelo vereador Francisco Gomes, autor da propositura (abr. 02).

Poeta no circuito

O Acadêmico Jorge Tufic é homenageado pelo projeto Rodas de Leitura do *Circuito Cultural Banco do Brasil-etapa Fortaleza* (abr. 02).

Sarau de Mendonça

No início da noite de 10.05, o Acadêmico João Mendonça de Souza lança na AAL o livro *A Amazônia no Século XXI (Entre o G-7 e os Novos Blocos)* e o CD *Sensações*, com músicas de sua autoria interpretadas pela cantora Nádia Maron. Após os pronunciamentos do autor e do presidente da AAL sobre a obra de Mendonça, a intérprete amazonense canta para a seleta platéia, transformando o evento em verdadeiro sarau (mai. 02).

Tufic ensina Arte Poética

O Acadêmico Jorge Tufic lança, pelas Edições Livro Técnico, de Fortaleza, o livro *Curso de Arte Poética* (mai. 02).

Doação de Francisco Gomes

O Acadêmico Francisco Gomes da Silva doa à biblioteca da AAL aproximadamente 100 títulos de obras de Literatura, História e Direito (jun. 02).

LITERATURA

EM BUSCA DA IDENTIDADE REGIONAL

O Amazonas vive um dos momentos culturalmente mais férteis de sua história. Em meio a tantas realizações do Governo do Estado, através da Secretaria da Cultura, Turismo e Desporto, que, por suas iniciativas, transformou-se numa agente importante de promoção da produção editorial no Estado, através de parcerias com as Editoras da Universidade do Amazonas e Valer, realiza um amplo trabalho de fomento à produção do livro e sua divulgação, com a participação em feiras, promovendo os seus autores, ao mesmo tempo em que tem estimulado a reflexão sobre o processo de constituição da identidade regional, que teve como conseqüência a edição da Série *Em Busca da Identidade Regional*, com diversos títulos sobre temas relacionados à complexidade da vida na Amazônia. Comprometida igualmente com a recuperação da memória, editou as Coleções *Resgate*, *Poranduba* e *Documentos da Amazônia*, a primeira com obras representativas da produção literária regional e a segunda composta de estudos e ensaios clássicos sobre a Amazônia. Neste caminho avançamos desde 1997.

SEC
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

GOVERNO DO AMAZONAS

MKT/SEC

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM